1956

ABRIL - N. 467

EU SEI TUDO

ANO 39 - Nº 11
ABRIL - 1956

Viaje nos trens

VERA CRUZ" e "SANTA CRUZ"

CARROS DE AÇO INOXIDÁVEL

COM AMORTECEDORES

HIDRÁULICOS

MODERNÍSSIMAS CABINES E

CARROS RESTAURANTES

COM AR CONDICIONADO

PREÇOS DE PASSAGENS E HORÁRIOS:

VERA CRUZ

IDA E VOLTA..... CR$ 405,00
IDA ..... CR$ 226,00

BELO HORIZONTE
SAIDA: 19,50 — CHEGADA: 11,00

RIO DE JANEIRO
SAIDA: 20,10 — CHEGADA: 10,15

SANTA CRUZ

IDA E VOLTA ..... CR$ 356,00
IDA ..... CR$ 198,00

SÃO PAULO
SAIDA: 22,40 — CHEGADA: 8,25

RIO DE JANEIRO
SAIDA: 22,30 — CHEGADA: 8,20

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música • Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 250.00

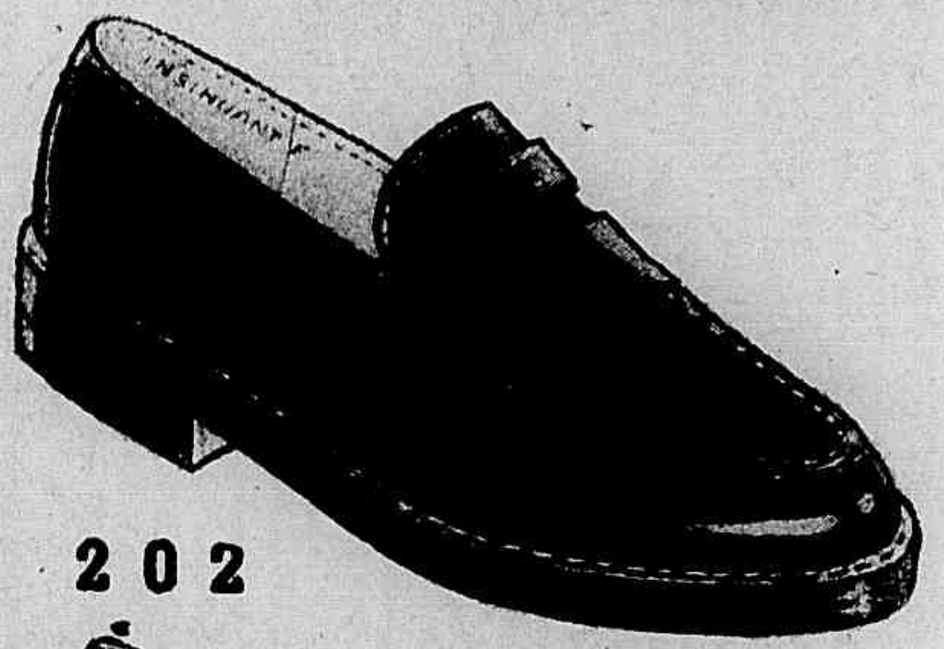
Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

Mande os seus filhos á ESCOLA!

201



202

203

204

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

201 — Cr$ 150.00: Um preço que só a Insinuante pode ter. Vaqueta preta, saltos de borracha, esportivo e cem por cento colegial. Numeração de 28 a 39.

202 — Cr$ 200.00: Passeio, esporte e colégio. Ótima vaqueta preta, saltos de borracha. Numeração de 28 a 39.

203 — Cr$ 150.00 e Cr$ 200.00 respectivamente de 23/32 e 33/44: Um sapato para andar e durar. Ótima vaqueta preta, sola dupla c/ponteiras de aço.

204 — Cr$ 200.00: Um grande sapato colegial. Bezerro prêto, saltos de borracha, cordonetes de couro, dois ilhoses (tipo oficial). Numeração de 28 a 40.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros.
Não fazemos reembôlso postal.

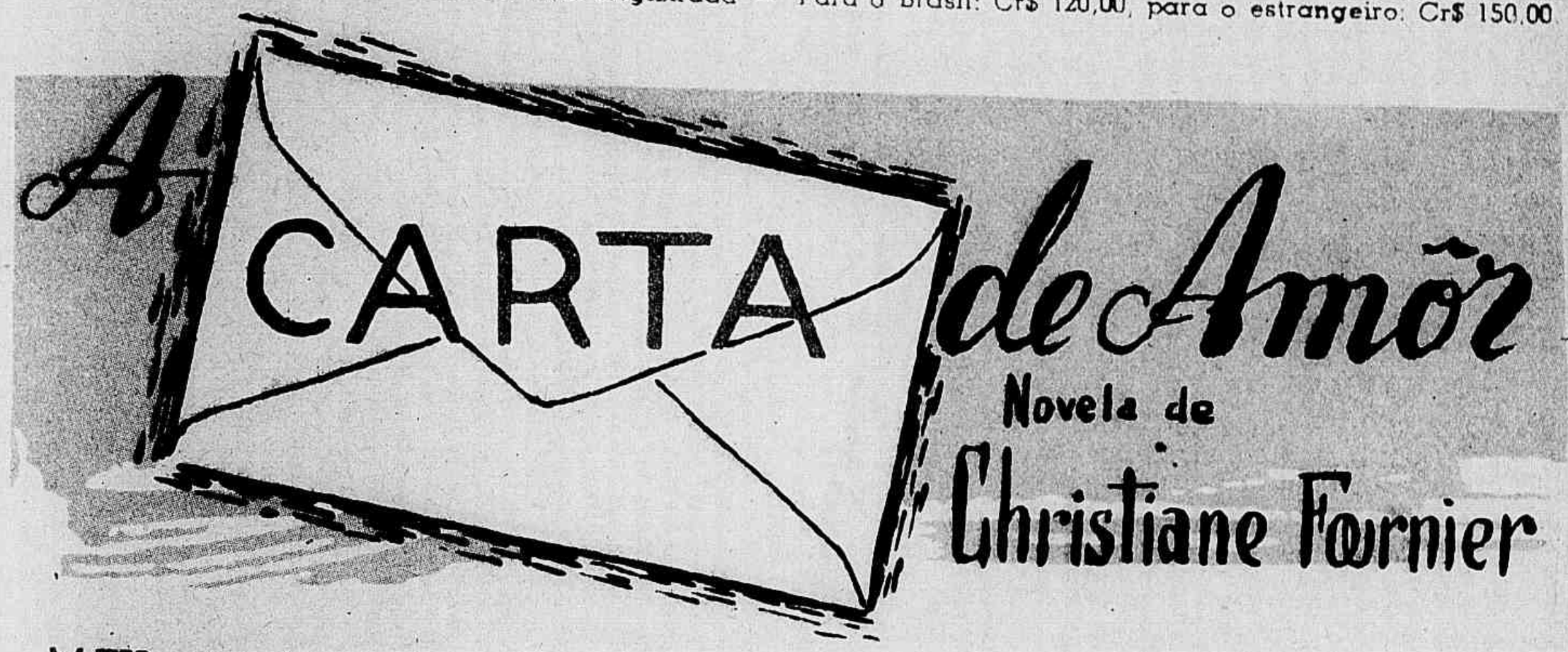
CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante
é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. S'EMOG

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO ARTISTICO HISTORICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÓRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em S. Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 10,00. Número atrasado: Cr$ 11,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 120,00, para o estrangeiro: Cr$ 150,00.



MEU amor! — os lábios de Frank Lenoir se contentaram em delinear as sílabas encantadoras. Sua mulher lhe respondeu com um alegre sorriso.

Tânia Tchenkov, a bailarina, da qual o mundo inteiro estava enamorado, havia desposado Frank Lenoir oito dias antes.

Após uma lua-de-mel original — **um verdadeiro passeio pelo paraíso** — Frank e Tânia tornaram a pousar os pés em terra, no seu novíssimo apartamento do parque Montsouris, **"que também era celestial, tal como nossa própria felicidade"** — segundo havia dito Frank.

Como se poderia acreditar nisto, especialmente partindo de Frank Lenoir o negociante de cerveja? Romantismo! Para êle, a presença de Tânia em sua vida era uma coisa realmente maravilhosa.

— Antes de encontrar v., eu não passava de um morto-vivo! — explicava êle.

Tânia o escutava e limitava-se a sorrir. Êste sorriso, mais que seus passes de "ballet" e suas piruetas, havia prostrado Frank e o mundo inteiro a seus pés.

Pela primeira vez, a "família Lenoir" reunia seus amigos no quadro que devia ser o da sua felicidade. Pessoas íntimas apenas; ao redor da mesa principescamente servida, achavam-se quatorze pessoas. Mas, a última hora, o ministro Lavaud apresentou suas desculpas e saiu, ficando, portanto, sòmente treze. Então, por sugestão de Tânia — e após uma tempestade de ciúmes — Frank permitiu que se convidasse Romain Gemmini. E chegou mesmo a dizer com um ar equívoco:

— Êste pobre Gemmini...

Todo mundo sabia que Gemmini era um bailarino sem dinheiro, sem muita classe, mas que outrora havia alimentado por Tânia um grande amor. Depois que dançaram juntos, na Ópera, divulgou-se que o casamento de Tânia representava um terrível golpe contra a fôrça dos seus sentimentos amorosos.

— É até provável que êle não aceite — disse Tânia. — Contudo, ficou de me telefonar agora.

E na realidade, Romain Gemmini telefonou; o convite foi feito... e imediatamente aceito.

Os lábios de Frank continuavam entreabertos, como se estivessem a pronunciar êste "meu amor" que sòmente Tânia devia ouvir e compreender. De modo que, quando os outros convivas sorriam, Romain baixava os olhos para o soalho como uma criança a quem se censura. O bôlo, do qual êle erguia um pedaço na ponta do garfo (bôlo feito segundo uma receita javanesa, de sabor exótico) deixava-lhe na bôca um gôsto de sal e lágrimas.

Terminado o jantar, todos se dirigiram para o salão. Ali fumaram, fizeram comentários sôbre os políticos e os atores em evidência, discutiram os segredos dos prêmios literários. Finalmente, passaram a admirar as fabulosas jóias que Frank havia presenteado a sua espôsa.

Sòmente Romain se deixava ficar isolado. Parecia absorvido pelos livros raros da biblioteca de Frank: escultura, bailado, o mundo de Tânia e o dêlo, o mundo inconquistável, mal grado todos os esforços.

De repente, Tânia deixou escapar um grito:

— Frank! É inacreditável. Um dos diamantes da minha pulseira...

Tôdas as cabeças se voltaram e todos os olhares se dirigiram para Tânia, que agitava o braço com veemência. — Oh, aquêle lindo diamante! Era um dos mais belos e maiores — uma pequena **obra-prima** da Rue de la Paix.

Alguém disse:

— Não, Tânia... Deve ter caído quando você o andou mostrando a cada um de nós. Certamente está no soalho, sob o divã; enfim, não se perdeu!

Recuaram o divã e olharam. O advogado Picard se agachou, e a seguir levantou-se reassegurando:

— Certamente há de ser encontrado!

Tornou a agachar-se, mas sua voz baixou de tom; finalmente, faltou-lhe a convicção; e quando se ergueu, centralizou em si alguns olhares de expectativa.

O ambiente se tornava mais e mais carregado, enquanto o silêncio caía sôbre os convidados de Frank Lenoir, como espêssa nuvem gelada. Então, a tímida Chantale falou em tom de censura:

— Mas, afinal de contas, Tânia, você é quem deve recordar... Sim. Que fêz você depois de nos mostrar êsse bracelete? Você estava aqui, neste mesmo lugar; vamos fazer um esfôrço...

Esta pequena reflexão veio piorar a situação, enervando alguns presentes e principalmente encolerizar a Frank.

— Não. Ninguém deve acusar Tânia. Todo mundo pode ser culpado. Não ela!

O amoroso romântico se transformou num senhor irado e num anfitrião indelicado.

— O diamente está aqui e tem que ser encontrado! Que ninguém saia da sala! — declarou, com olhar irado.

— Muito interessante... Um verdadeiro filme policial... — disse o advogado Picard.

E, levantando os braços, disse, em tom de desafio:

— Vamos; remexa os bolsos dos presentes, meu caro amigo!

— É esta a minha intenção — respondeu Frank. — Podemos fazer isto entre nós mesmos. Cada qual terá todos por testemunha, a menos que não prefiram a intervenção da polícia!

— Sim; entre nós — disseram várias vozes ao mesmo tempo.

O advogado foi a primeira vítima.

— Desculpe-me — disse Frank, sem se deter.

Picard revirou os próprios bolsos, esvaziou a carteira sôbre a pequena mesa de mármore, e sentou-se, afinal, sôbre o divã, fumando um bom charuto.

Êle, agora, era apenas um espectador. Um espectador encantado com a própria posição.

A seguir, a loura Chantale; depois foi a vez de madame Bergman — a mulher-

E, nas sombras alongadas do cais parisiense, ao alvorecer...

deputado; e, assim, todos foram revistados.

Finalmente, chegou a vez de Romain, que não permitiu remexessem no seu bôlso.

— Não consinto — disse êle, solenemente.

E dirigiu um olhar para Tânia; mas Tânia conservava, obstinadamente, o olhar voltado para as próprias mãos.

Alguns minutos mais tarde, atendendo ao chamado telefônico de Frank Lenoir, um inspetor apareceu. Lenoir teve o cuidado de contar-lhe o ocorrido, antes de fazê-lo entrar no salão. O inspetor parou, com duvidosa cortesia, diante de Romain Gemmini, que Frank Lenoir lhe havia designado com o dedo.

— É mais simples... — começou o inspetor.

Mas uma palidez mortal era agora como máscara no rosto do jovem dançarino.

— Já disse o que tinha a dizer — afirmou. — Não consinto que me revistem!

Gemmini foi levado ao Comissariado.

Em casa de Frank e Tânia, a festa durou até a aurora, embora num tom menos alegre. O incidente parecia quase esquecido.

No Comissariado, após as devidas investigações, falou-se em soltar Gemmini. Em seus bolsos foram encontrados 300 francos, vários esboços coreográficos, e, finalmente, uma carta, que o policial, muito sentimental, teve enorme prazer ao relê-la pela terceira vez sob o olhar triste de Romain:

"Romain, meu grande amor; acabo de me casar; mas sòmente porque, como se diz, é **preciso "viver"**. Mas só a você amo profundamente! E sempre hei de amar! Este segrêdo deve ficar entre nós. — Da tua Tânia."

No dia seguinte, Tânia ainda dormia, enquanto Frank, como um prestidigitador, retirava o diamante do bôlso interior do seu paletó. Contemplou a jóia por algum tempo. Estava sòzinho no banheiro com a pórta fechada. Pensou no artesão que seria capaz de colocar um diamante falso no bracelete, de modo que o verdadeiro ficaria com êle, depositado em seu banco.

Pensou ainda na dificuldade que tivera de esconder o diamante no encaixe do soalho, logo que todos os convidados saíram e que Tânia fôra dormir. E lembrou-se da maneira como a preciosa pedra piscava os olhos para êle.

Passou-lhe pela mente a idéia de telefonar ao Comissariado, a fim de mandar relaxar a prisão de Romain... Mas, por que razão o pequeno bailarino não permitira que se revistasse os seus bolsos? Sem dúvida — pensou Frank — visando ser o personagem central de um roubo espetacular e sair na primeira página dos jornais, para, em seguida, tudo ser desmentido.

Mas Romain não teria êste prazer: **o roubo não seria desmentido!**

Frank se sentia livre do seu terrível ciúme; desta vez havia vencido!

Fora, na aurora pardacenta dos cais de Paris, Romain Gemmini erguia a gola do paletó para proteger a garganta: êsse paletó já batido pelo uso, mas que continha sua única fortuna neste mundo: **a carta de um amor perdido**.

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

AQUI está uma nova maneira de preparar um biscoito muito gostoso, por um custo muito reduzido. A grande vantagem da receita é que, com pequenas modificações, apresenta duas variedades de biscoitos, uma não menos saborosa que a outra. Vejamos a receita básica e as duas variedades:

BISCOITOS DE DOIS OVOS

2 xícaras de farinha de trigo; 1 xícara e 1/3 de açúcar; 2 e meia colherinhas de fermento; 1 colherinha de sal; meia xícara de manteiga; 7/8 de uma xícara de leite; 1 e meia colherinhas de essência de baunilha; 2 ovos, sem bater.

Põe-se a farinha de trigo, fermento e sal dentro da vasilha menor da batedeira elétrica e junta-se, depois a manteiga, assim como duas têrças partes do leite e a essência de baunilha. Bate-se (baixa velocidade) durante dois minutos. (Se a leitora não possuir batedeira elétrica, misture primeiro o açúcar e a manteiga e mexa, juntando, alternadamente, os ingredientes secos, e o leite). Em seguida, devem ser juntados à massa os ovos e o resto do leite. Bata-se, na batedeira, não com muita velocidade, durante um minuto. Coloca-se a massa em fôrmas untadas, recobertas de papel impermeável.

Assa-se em forno quente, durante meia hora. ou pouco mais. Deixa-se esfriar durante cinco minutos, depois emborcam-se as fôrmas e deixa-se durante dois ou três minutos, antes de se tirar os biscoitos da fôrma.

PRIMEIRA VARIEDADE

A receita é a mesma que para os biscoitos de dois ovos, acrescentando-se uma colherinha e meia de canela, ¼ de colherinha de noz-moscada, ¼ de colherinha de cravo. Essas especiarias devem ser misturadas com a farinha, o açúcar, o fermento e o sal.

Os biscoitos devem ser assados em forno quente, durante uns 40 ou 45 minutos.

SEGUNDA VARIEDADE

A receita é a mesma para os biscoitos de dois ovos, juntando-se um maço de chocolate (uma onça) derretido, sem doce. Toma-se uma fôrma comprida, untada, e derrama-se nela, alternativamente, uma colher de chocolate derretido e uma colher de massa. Assa-se em forno quente, durante uns 40 ou 45 minutos.

O LEITOR, É CLARO, NÃO TERÁ QUE SE PREOCUPAR COM ISSO AGORA, MAS AS POSSIBILIDADES DE NASCER FORAM DE 299.999.999.999.999 CONTRA VOCÊ!

Leitor... você é um milagre!

QUAL foi a mais emocionante, difícil e extraordinária aventura de sua vida? Qualquer que seja a sua resposta, fique certo de que está errada. Pois, na verdade, a mais impressionante e dramática série de acontecimentos nos quais você tomou parte, ocorreu... antes do seu nascimento!

Realmente, o simples fato do nascimento de um indivíduo representa um grande, prodigioso milagre!

Senão vejamos como as coisas se passaram:

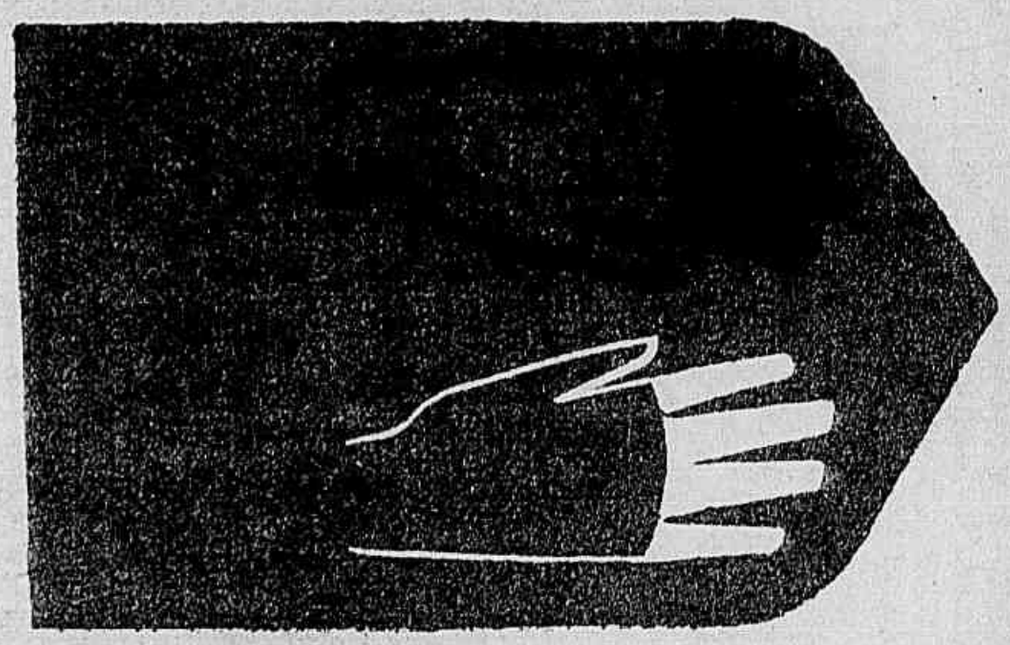
Em primeiro lugar, o leitor — um ser humano muito particular, que não se confunde com ninguém mais no universo — pôde ser engendrado por dois pais específicos, surgidos dentre bilhões e bilhões de sêres passados e presentes. Presumindo que o leitor tenha sido produto da vontade de um poder caprichoso, mesmo assim, maravilhosa é a coincidência que levou seus pais perante o juiz e aos pés do altar nupcial.

Mas, aceitando isso como um fato consumado, quais eram as probabilidades do leitor surgir como fruto dessa união? Em outras palavras, quantas diferentes espécies de filhos êles poderiam ter gerado, se o número fôsse ilimitado?

Esta pergunta não vem a ser nenhum disparate. Poderá até ser fàcilmente respondida, se calcularmos quantas diferentes combinações de cromosomos (genes — células sexuais responsáveis pela hereditariedade) dos pais poderão produzir em seus óvulos ou espermatozóides. Na realidade, o que cada um dos pais lega a seus filhos é exatamente a metade de seus cromosomos — um representativo de cada sexo, tomado por acaso. Nesse fato está a explicação do porque você e seu irmão são tão diferentes, ou porque dois filhos (exceto os gêmeos "idênticos") nunca possuem os mesmos caracteres hereditários.

Coloque-se o leitor no lugar de um pai, e pense, por um momento, em seus dedos (excluindo os polegares) como se êles representassem quatro pares de cromosomos, sendo que um herdado de seu pai e outro de sua genitora. Para fazer distinção entre os dois, estabeleçamos que a figura em negro representa a **herança paternal**, enquanto a maternal é representada pela figura em branco (ver o diagrama correspondente). Agora suponhamos que êstes cromosomos sejam separáveis e que o leitor possa conseguir um número infinito de duplicatas dos mesmos. Se, realmente, pudesse transmitir quatro a cada filho não haveria diferença se qualquer cromosomo fôsse retirado da mão esquerda ou da direita; em outras palavras: se êsses cromosomos tivessem sido transmitidos por seu pai e por sua mãe — quantas diferentes combinações poderiam ser obtidas?

Dezesseis (ver o diagrama seguinte), em que cada combinação difere uma da outra,



na proporção de um para quatro cromosomos. Mas isto se refere apenas a "quatro pares". Se acrescentássemos o polegar de cada mão, representando o "quinto" par de cromosomos, você conseguiria um número de combinações duas vêzes maior, ou seja: 32. Em suma, com o acréscimo de cada par

de fatôres, o número de combinações possíveis é duplicado. Assim, no caso dos cromosomos verdadeiros, que são 24 pares — onde um de cada par é legado ao acaso — cada pai pode, teòricamente, produzir 16.777.216 combinações de genes! E note-se que todos os 24 pares de cromosomos são diferentes entre si!

E ao falarmos dos milhões de espermatozóides lançados pelo homem, de uma só vez, ou do único óvulo desprendido pela mulher, a probabilidade de qualquer combinação específica seria apenas de uma em 16.777.216 vêzes!

Apenas um dos 16.777.216 espermatozóides, que representa a sua metade potencial, tem que encontrar o óvulo específico, que vem a ser a sua outra metade potencial. E tal fato acontece apenas uma vez em 300.000.000.000.000! Acrescentando a êste todos os outros fatôres, como veremos logo após, a probabilidade do leitor ter sido uma outra pessoa exatamente como é pode ser considerada virtualmente inexistente.

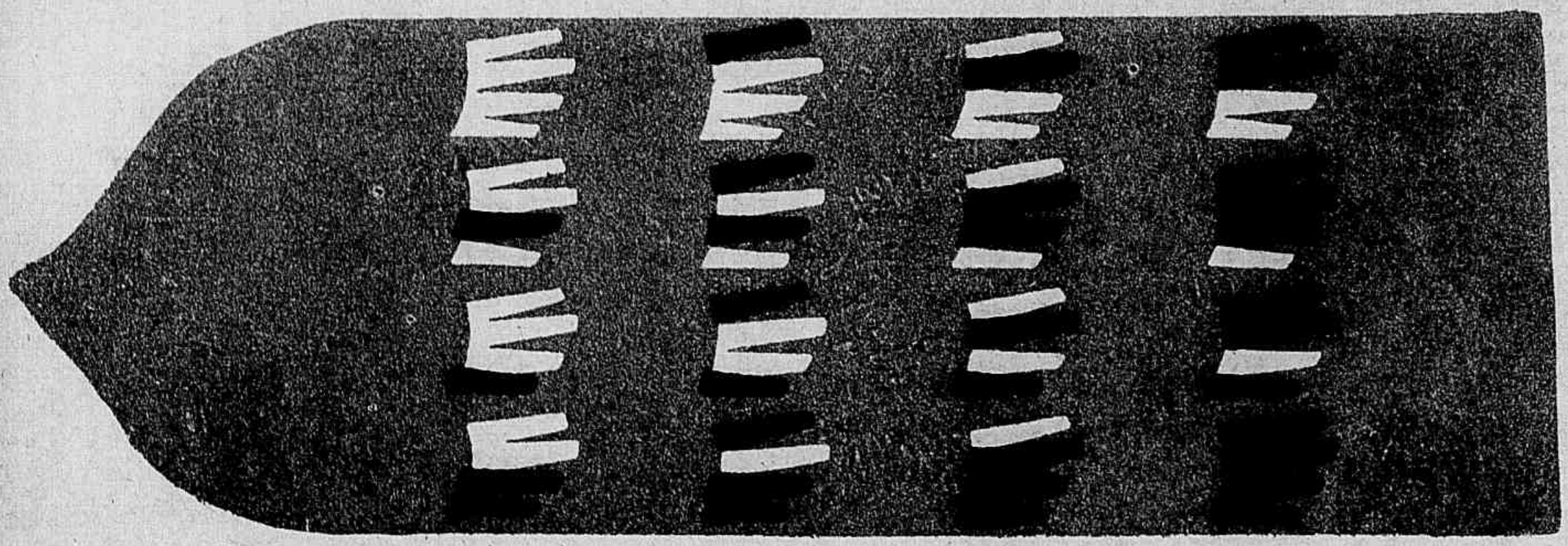
Com relação a êsse fato bem poderá o leitor perguntar: 'E onde está o interêsse?'

Bem, talvez não seja êste um motivo para alvorôço. Mas não há negar que foi devido a tal coincidência — o encontro de um espermatozóide específico com um óvulo específico e num tempo também espécifico — o nascimento de um Lincoln, de um Shakespeare, de um Edison, de um Rui Barbosa ou Osvaldo Cruz, ou de qualquer outro espírito genial. É esta mesma chance infinitesimal que pode dar lugar ao nascimento de um gênio ou de um tolo, de uma criatura extraordinàriamente bela ou lamentàvelmente feia! De uma Joana d'Arc ou uma Lucrécia Bórgia; de um Brummell ou de um Quasímodo... Contudo, esta primeira grande coincidência representa apenas o princípio. O feliz espermatozóide que venceu a espetacular corrida contra milhões de outros, penetra no óvulo escolhido e que se acha a sua espera na trompa de Falópio, da mãe. Imediatamente, o espermatozóide e o núcleo do óvulo desprendem sua quota de cromosomos, e assim o óvulo fertilizado começa a germinar.

E a partir dêste primeiro instante, o óvulo fertilizado já é um indivíduo com tôdas as suas capacidades inerentes delineadas. A criança terá olhos azuis ou castanhos? Cabelos escuros ou louros? Estas e milhares de outras características são predeterminadas pelos genes em seus cromosomos particulares. Porém, nesta fase, o indivíduo consiste de uma única célula, tal como o mais elementar dos sêres vivos, que é a ameba. Para se desenvolver e atingir a plenitude da forma humana, trilhões de células terão necessàriamente de aparecer. Os cromosomos partem pelo meio, e a célula se divide, transformando-se em duas, cada qual com os 48 cromosomos que existiam na unidade original.

Êste processo divisionário só precisa ser repetido 45 vêzes para atingir os 26 trilhões de células que, segundo as mais recentes estimativas, constitui o corpo de uma criança já plenamente desenvolvido.

E quando as células começam a ter características "especiais", algumas se multiplicam ou se dividem mais vagarosamente do que outras. Mas, como quer que as células se multipliquem ou se transformem, tôdas elas conterão em seu núcleo descendentes de cada um dos 48 cromosomos originais, provenientes dos pais.



MAIS NEGRO QUE O CORAÇÃO DE UMA MULHER DIABÓLICA É O CORAÇÃO DA ÁFRICA

A GRANDE SACERDOTISA

por Elynor Mordaunt

OS dois homens, um inglês e o outro belga, estavam na varanda da cabana do primeiro, cujo nome era Richard Grant. Maurice Dupré estava sentado com as pernas estendidas e metidas em duas longas botas de campanha. Tinha as pálpebras semicerradas, o rosto empalidecido por causa do calor, os cabelos desalinhados e a fronte molhada de suor: Com a maior boa-vontade e mesmo sem-cerimônia, êle ajudara a beber o uísque que o anfitrião havia colocado ao seu lado.

— Estou numa situação crítica — disse êle, com voz desmaiada.

Novamente Grant nada respondeu. Êste tinha o copo na mão; mas, no momento, não estava bebendo; preferia contemplar as planícies que se estendiam diante dos seus olhos.

A casa era como uma mariposa dourada pregada sôbre uma pequena colina, na mais baixa escarpa das montanhas. Por trás erguiam-se os picos azulados da montanha "Pai de Dentes", o início de uma cordilheira que forma o cabo de Uganda. Nas escarpas do lado esquerdo havia uma densa floresta de bambus, com quilômetros e quilômetros de extensão, onde viviam muitos elefantes.

Grande parte da floresta, a longa e estreita cadeia de montanhas e a colina sôbre a qual estavam situados o armazém e a casa de Grant, pertenciam à Inglaterra. As florestas mais longínquas, as enormes planícies que se estendiam para além do horizonte e todo o resto, pertenciam ao Congo Francês. Apanhando um binóculo, que se achava sôbre a mesa, Richard Grant caminhou para o gradil da varanda e começou a contemplar uma vila nativa, situada a umas três milhas de distância; uma mancha escura, perdida numa planície cintilante, era a vila de Karanga, com seus tetos encurvados.

Era ali a sede geral da célebre sociedade contra a raça branca, organização dirigida por uma tôda-poderosa e supostamente imortal Grande Sacerdotisa, que tinha muitos seguidores; representava um verdadeiro desassocêgo para as autoridades britânicas e francesas, além de constituir um contínuo terror para as tribos nativas e seus chefes.

— O ninho de vespas parece mais agitado que de costume — observou Grant. — Imagino que as coisas não andam muito boas.

Na realidade, êle percebera que tôda a aldeia estava bastante movimentada, com suas figuras negras cruzando de um lado para outro e as bandeirolas agitadas nervosamente.

— Se não tivéssemos nada mais além disso para nos aborrecer... — comentou o francês.

Evidentemente, havia muito exagêro na diferença demonstrada por Dupré. Quando Grant retornou à mesa, êle continuou apoiado na amurada, de costas voltadas para a planície.

— Por que não enforca a todos êsses tocadores de "mambo-jambo"? — perguntou, impacientemente; e acrescentou: Olhe aqui, meu velho, segunda-feira você vai a Kampala, não é certo?

— Não há dúvida — o outro homem o olhou atentamente. — Não foi o que ficou estabelecido? Iremos juntos, dividindo o cansaço.

— Sim, sim, foi o que ficou estabelecido.

Dupré voltou à mesa e serviu-se de outra dose de uísque.

— Mas ouça, Grant; como já disse, estou numa situação crítica. O meu criado deu o fora.

— Hein? Karambi?

— Sim. O que parecia impossível aconteceu! E agora tenho uma boa porção de mercadorias, sem contar que os meus homens estão à procura de marfim; e não haverá ninguém em casa, para ajudar, quando êles chegarem. Por isso, não posso me ausentar agora.

— E a moça — a moça que está a caminho daqui para casar com você na Catedral de Kampala? Você mesmo disse que ela embarcou na semana passada. É por isso que você não pode deixar de ir! — afirmou Grant afetando uma profunda surprêsa. — E, além disso, ela tem apenas vinte anos! É impossível que, após três ou quatro dias de viagem, uma criança como essa desembarque em Kampala e ninguém esteja à sua espera. Não; você não deve fazer isto! Se ela gosta tanto de você a ponto de enfrentar uma viagem estúpida como essa...

Dupré sorriu, mostrando sua dentadura amarelada.

— É estranho, não é? Mas vocês, inglêses não podem compreender tais coisas. Na realidade, a culpa é dos nossos antepassados, e não minha. As nossas famílias arranjaram tudo. Se o pai de Lis não houvesse morrido, eu teria esperado um pouco mais até poder voltar para casa. Mas agora é tarde. O problema todo reside na união das nossas propriedades. E quanto ao amor, é coisa que não existe.

Por um esfôrço de vontade, Grant não disse uma palavra; ainda permanecia sentado diante do seu colega, contemplando-o com ar prescrutador.

Dupré estendeu a gorda mão sôbre a mesa em direção de Grant.

— Meu amigo, ouça... — começou êle, persuasivamente. — Você irá a Kampala para receber minha noiva; e, como meu melhor e mais velho amigo, poderá pedir desculpas em meu nome e explicar o que sucede. Não, não! Não pode recusar! Além disso, somos os dois únicos homens brancos existentes no lugar. Resolvo depressa meus negócios aqui e vou encontrá-los em Kampala. E, se me atrasar por um dia ou dois, leve-a para o Convento.

— Se você se atrasar um dia...?

— Bem, você compreende por que digo isto; é que nunca podemos saber o que vai acontecer neste terra. Assim, você se livrará da responsabilidade. Poderá deixar Lis no Convento, e pronto! Eu mesmo arranjarei um padre para o nosso casamento. Procure o seu amigo do Distrito, fique com êle durante uma noite, e fale muito a respeito da Inglaterra — da sua querida Inglaterra. Sei perfeitamente que posso confiar minha noiva a você. Não há outro homem... mas reconheço que com você...

Ao falar, Dupré ergueu a cabeça, sorrindo nervosamente.

— Bem, está tudo acertado — continuou logo depois. — E agradeço-lhe profundamente, meu caro amigo. Agora preciso partir, antes de que a noite caia e a floresta fique muito escura. Segunda-feira nos veremos. Creio que já sabe o nome do navio — **Maridadi**; e, mais uma vez, muito obrigado!

— Vá depressa que já está começando a escurecer — aconselhou Grant. — Sim, sim, não esquecerei... Mas, como é mesmo o nome da moça? Acho que você deve entregar-me alguma coisa... que me identifique. Talvez ela não queira ficar aos cuidados de um estranho.

Dupré retirou um envelope do bôlso, escreveu nas costas "Mlle. Lis de Lacour", e entregou a Grant.

— Obrigado, meu bom amigo; muito obrigado.

Grant colocou o envelope dentro da carteira de notas, que guardou no bôlso.

— Vá andando antes que escureça.

— Adeus, meu caro; até segunda-feira, pela manhã. Não posso expressar integralmente os meus agradecimentos. Asseguro-lhe...

— Está bem, está bem...

Grant moveu a cabeça sem estender a mão,, e Dupré desceu os degraus da va-

varanda e pôs-se a caminhar acenando com a mão para o amigo; ao chegar ao fim do jardim, tomou a direção da floresta de bambus.

Grant, levantando-se, foi apoiar-se na grade e ficou a contemplá-lo. Dupré tinha mêdo de ser apanhado pela escuridão da noite, mas não teve a iniciativa de pedir uma lanterna. Contudo, à entrada da floresta havia um rapazola com uma lanterna a sua espera. Quando a luz desapareceu na floresta, Grant se retirou para um outro lado da varanda, acendeu o cachimbo e reclinou-se sôbre a amurada. Seu trabalho diário no armazém e no campo havia terminado; agora estava em paz: uma paz ligeiramente perturbada pela fraca luz de uma lanterna que, partindo da borda da floresta, atravessava, oscilante, a planície rumo à aldeia da Grande Sacerdotisa.

Depois de algum tempo, voltou para o interior da casa, ordenando ao nativo que preparasse o seu banho e, logo a seguir, aprontasse o seu jantar.

Na fria madrugada da segunda-feira seguinte, Grant enveredou pela floresta de bambus e saiu do outro lado, junto da casa de Dupré, que ficava perto da fronteira francesa.

Para surprêsa sua, tôdas as portas e janelas da casa estavam fechadas. Batendo e não obtendo qualquer resposta, Grant já se ia retirando quando seu sapato topou num pequeno pedaço de

Infelizmente, não sou Maurice Dupré — disse êle. — Meu nome é Richard Grant e Dupré pediu que lhe explicasse...

metal. Ao apanhá-lo, verificou que se tratava da mira de um rifle moderno. Afastou-se da casa, porém, alguma suspeita fê-lo retornar em seguida.

Ao chegar novamente a varanda encontrou um pedaço de pele de leopardo entre a amurada e o último degrau.

Quatro dias mais tarde, Grant se achava na confortável sala-de-visitas do seu amigo do Distrito, cheio de contentamento por causa do bom jantar, do bom vinho e da presença do velho conhecido. Falaram sôbre Dupré e sua noiva — essa estranha adição à equipe trabalhadora de Grant.

— Se quer saber a minha opinião, Rooke — disse êle repentinamente, interrompendo qualquer coisa que o seu anfitrião estava dizendo: — Creio que Dupré está associado a essa Grande Sacerdotisa; e acredito mesmo que esteja metido nessa história do culto ao leopardo.

— Hein ?

Rooke — um homem encanecido prematuramente, de olhos escuros, e tido como um profundo conhecedor dos nativos e de suas manhas — olhou fixamente o rosto do amigo, deixando que êle contasse sua história.

Grant retirou o envelope do bôlso, sacou do mesmo o fragmento da pele de leopardo e a mira do rifle, inclinando-se para o companheiro, com ambas as coisas na palma da mão. Ao vê-las a imaginação de Charles Rooke penetrou num mundo de negras florestas, com suas sombras de morte e as terríveis orgias de homens pintados e mascarados; homens vestidos com peles de leopardos com suas terríveis garras artificiais; o som dos tambores; a visão e cheiro de sangue; uma velha mulher, dançando e saltando, com seu colar feito de miras de rifles de homens brancos; enfim, coisas que muito poucos homens civilizados conseguiram ver e contar ao mundo.

Contudo, Charles Rooke não parecia surpreendido com a narrativa de Grant. Limitou-se a dizer: "Tem razão, talvez."

PELO barco que aportou em Kampala chegaram alguns missionários juntamente com suas espôsas, dois ou três homens de negócios que vinham de Nairobi acompanhados de seus criados nativos e mais um casal. Grant se meteu por entre

A porta foi aberta com estrondo, a cabeça de Dupré apareceu, enquanto êle gritava: Saia daqui!

o pequeno grupo; a princípio julgou que não houvesse mais passageiros. Mas, em seguida, uma jovem mulher saiu de dentro de uma das cabines e parou ao lado de uma pilha de bagagens.

Grant se dirigiu a um funcionário da companhia de navegação e perguntou por **Mademoiselle de Lacour**. O funcionário indicou a moça alta, que se achava de pé próxima da pilha de bagagens. Grant se aproximou e falou:

— Mademoiselle de Lacour ?

— Sim — a moça o fitou com curiosidade, alteando as sobrancelhas. — Mas você... **você não é Maurice Dupré?**

— Infelizmente não! Meu nome é Grant. Dupré teve que tratar de um negócio urgente e pediu-me que viesse recebê-la...

— O senhor vai me desculpar — interrompeu a moça. — Mas, como deve saber, eu ainda era muito pequena quando vi Maurice pela última vez. Nossos pais — o dêle e o meu — queriam muito...

Hesitou um instantes, antes de prosseguir:

— De qualquer maneira, eu mesma decidi — disse num tom orgulhoso, e acrescentou: — Suponho que não fica tão distante a casa dêsse... dêsse **senhor** que está atarefado a ponto de não ter podido vir receber a sua noiva! Se assim fôr podemos ir caminhando.

— Um momento! Então... não sabe? Ninguém lhe contou?

O rosto de Grant ficou avermelhado de raiva só ao pensar no que Dupré havia feito.

— A viagem dura dois dias, no mínimo, para a sede do Distrito, onde Dupré a encontrará... mais tarde; e, daqui para onde êle mora, são cinco dias através de montanhas e vales.

O rosto de Lis ficou pálido; mas os lábios e os olhos não apresentavam qualquer alteração visível.

— E quando podemos chegar lá? — perguntou, com voz neutra.

— Oh! A viagem é maravilhosa — um encanto mesmo! Poderá ter tôda a África diante dos olhos...

— E quando podemos chegar lá? — insistiu ela, com firmeza na voz.

— O lugar é excelente — um lugar maravilhoso para um homem porque conta com uma imensa variedade de animais para caçar; mas para uma mulher... Não há uma só, em tôda vizinhança! Nenhuma mulher... branca e nenhum outro homem branco, além de mim e Dupré.

Um grupo de nativos, segurando a bagagem, esperava que os dois acabassem de conversar.

— Parece-me — disse Lis, falando vagarosamente — que é melhor deixar essas

caixas aqui, por enquanto. Há muita coisa de que talvez eu nunca venha a precisar. De qualquer maneira, poderei mandar buscar mais tarde. Agora o senhor gostaria de me dizer de que maneira devo sair daqui?

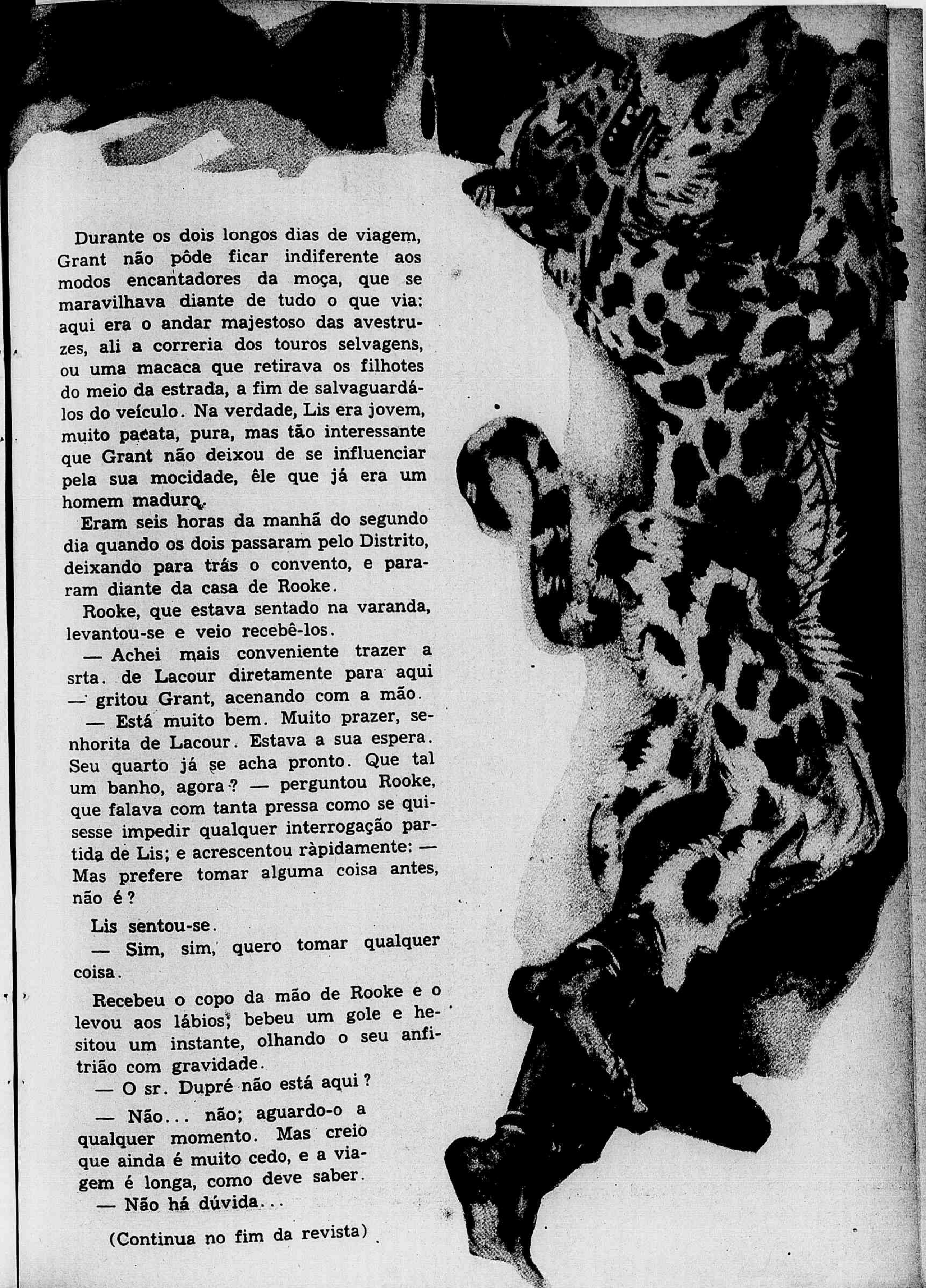
— Eu tenho automóvel — disse Grant. — Acho que, se formos para o hotel e partir amanhã de madrugada será mais vantajoso.

Ao dizer isso, hesitou, imaginando como a moça devia estar receiosa pelo fato de ter que confiar em um homem completamente desconhecido.

Contudo, a moça se mostrava calma, embora Grant se esforçasse por penetrar em suas possíveis suspeitas.

"Bem; creio que sou perfeitamente capaz de cuidar dela, e da maneira mais fria" — pensou êle, ao passar pela varanda do hotel; ali observou atentamente o modo como a francesinha não dava importância aos homens que se achavam sentados na sala-de-jantar, bebendo seus uísqueis; todos êles murmuravam, admirados: **"Quem é ela? De onde veio? Quem vem a ser êste tal de Grant?"**

Sòmente quando ela sentou à sua frente na mesa da sala-de-jantar do hotel foi que Grant pôde contemplar a beleza de Lis; seus cabelos eram castanhos tendendo para o louro; muitos brilhantes os olhos, se contraíam e dilatavam com grande rapidez; e a expressão do seu rosto refletia certa calma interior.



Durante os dois longos dias de viagem, Grant não pôde ficar indiferente aos modos encantadores da moça, que se maravilhava diante de tudo o que via: aqui era o andar majestoso das avestruzes, ali a correria dos touros selvagens, ou uma macaca que retirava os filhotes do meio da estrada, a fim de salvaguardá-los do veículo. Na verdade, Lis era jovem, muito pacata, pura, mas tão interessante que Grant não deixou de se influenciar pela sua mocidade, êle que já era um homem maduro.

Eram seis horas da manhã do segundo dia quando os dois passaram pelo Distrito, deixando para trás o convento, e pararam diante da casa de Rooke.

Rooke, que estava sentado na varanda, levantou-se e veio recebê-los.

— Achei mais conveniente trazer a srta. de Lacour diretamente para aqui — gritou Grant, acenando com a mão.

— Está muito bem. Muito prazer, senhorita de Lacour. Estava a sua espera. Seu quarto já se acha pronto. Que tal um banho, agora? — perguntou Rooke, que falava com tanta pressa como se quisesse impedir qualquer interrogação partida de Lis; e acrescentou ràpidamente: — Mas prefere tomar alguma coisa antes, não é?

Lis sentou-se.

— Sim, sim, quero tomar qualquer coisa.

Recebeu o copo da mão de Rooke e o levou aos lábios; bebeu um gole e hesitou um instante, olhando o seu anfitrião com gravidade.

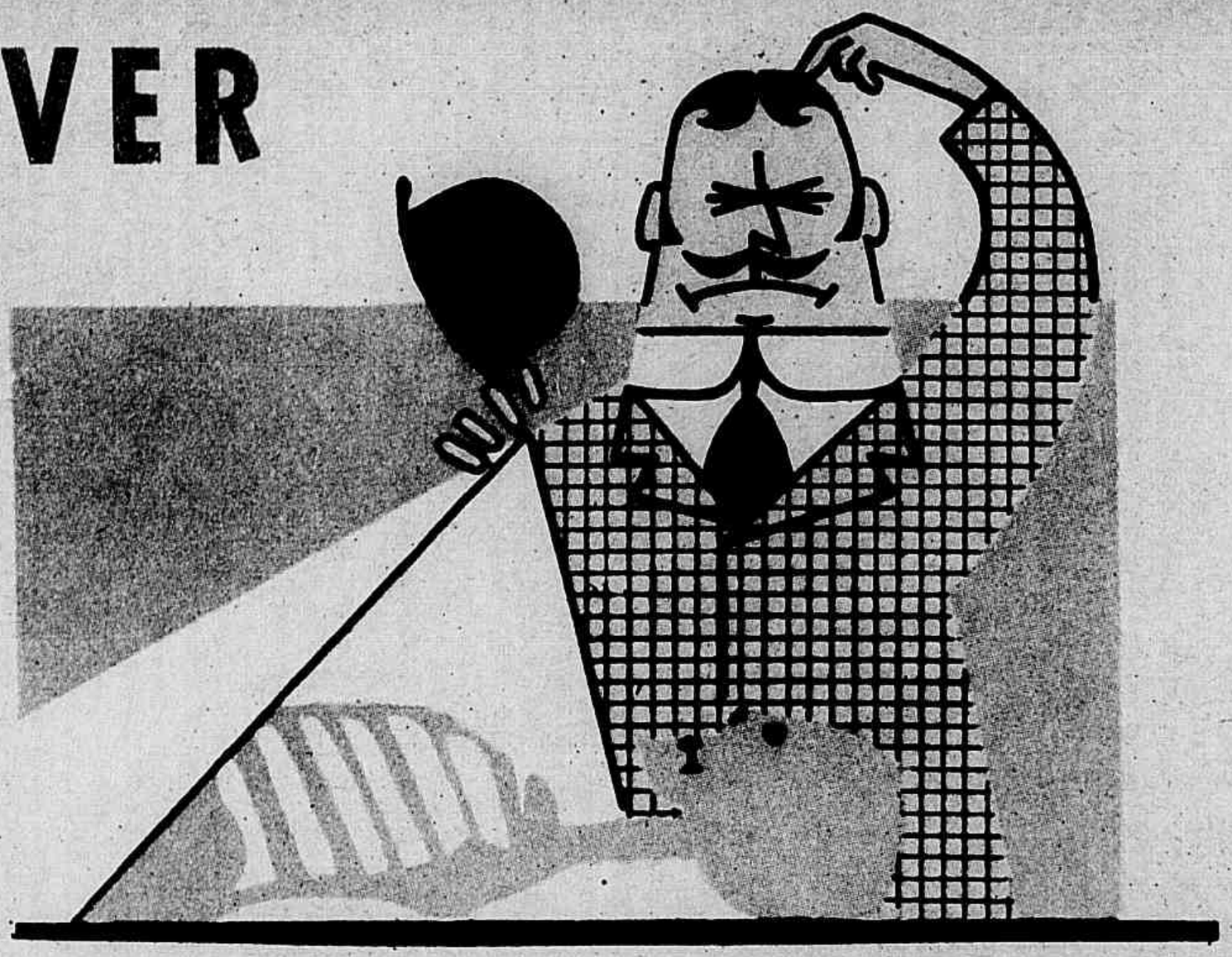
— O sr. Dupré não está aqui?

— Não... não; aguardo-o a qualquer momento. Mas creio que ainda é muito cedo, e a viagem é longa, como deve saber.

— Não há dúvida...

(Continua no fim da revista)

O CADÁVER DE JOÃO NINGUEM



EPISÓDIO REAL

DURANTE o verão de 1916, Dominick Rosa desapareceu repentinamente, como que tragado pela incalculável multidão que diàriamente se agita nas ruas de New York. Todos desconheciam o seu destino. Rosa não comunicou à seus amigos se havia deixado a cidade ou apenas mudado de residência. Simplesmente desapareceu, e de uma maneira misteriosa.

Mas, em setembro do mesmo ano, a polícia, atendendo a uma queixa, entrou em uma casa situada no bairro de Brooklyn, e descobriu, no interior de um quarto, o esqueleto de um homem. O cadáver, que ainda estava vestido com uma roupa azul-escuro, não trazia qualquer identificação. Apenas um cachimbo e um saco para guardar fumo foram encontrados em um dos seus bolsos. As duas pistas positivas que a polícia tinha eram a altura do cadáver e os dois dentes de ouro que haviam na bôca do mesmo.

Vasculhando os arquivos referentes à pessoas perdidas, a polícia encontrou alguns tipos que se assemelhavam ao do cadáver; mas como desconhecia a descrição atual do mesmo, não pôde chegar a uma conclusão certa.

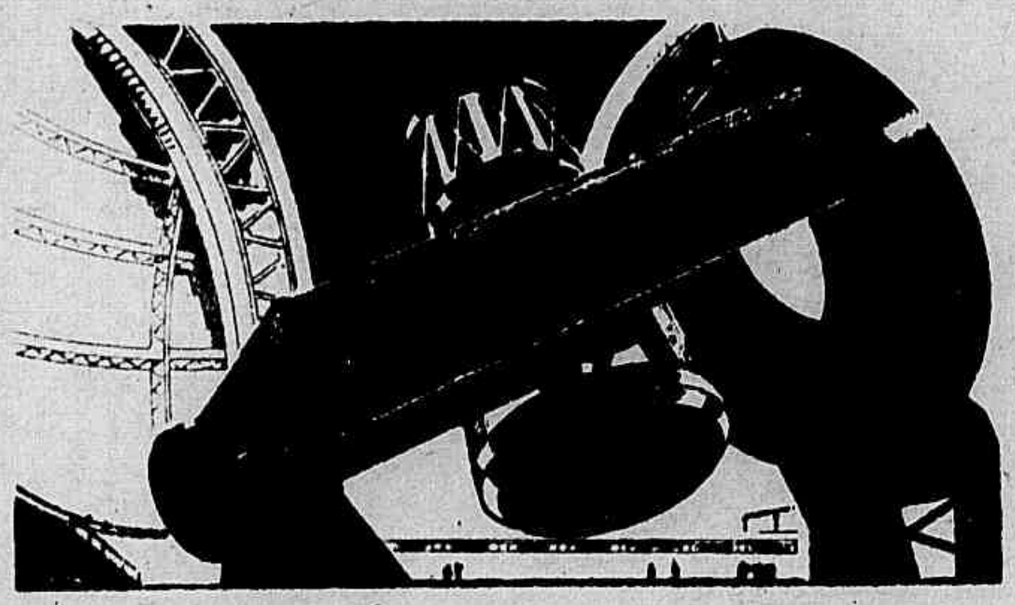
O esqueleto foi conduzido para o necrotério e recomendou-se ao laboratório da polícia que **criasse uma identidade para o cadáver de "João Ninguém"**! Os laboratoristas estudaram o corpo sob todos os ângulos; procuraram fraturas nos ossos, evidências de moléstias, sinais de identidade. Mas nada encontraram. Ao examinar o crânio, verificaram que se tratava de um assassinato. Alguém lhe havia desferido golpes com um objeto pesado. As quatro pancadas que determinaram a morte estavam visíveis na superfície do crânio fraturado. Com a informação concreta de que se tratava de um caso de homicídio, os laboratoristas decidiram realizar algo dramático. Resolveram reconstituir o cadáver e . . **recriar o homem.** Talvez êsse empreendimento trouxesse algum indício da identidade do esqueleto. Em primeiro lugar, um cuidadoso exame de laboratório demonstrou que o morto tinha entre 25 e 30 anos de idade e que era, presumìvelmente, de descendência italiana. A estrutura óssea — e especialmente os dentes — não deixava qualquer dúvida a respeito da idade. A determinação da origem racial do morto baseou-se em conhecimentos científicos da estrutura e dimensões do crânio. O problema, agora, era utilizar os conhecimentos científicos e técnicos da Polícia de New York. Assim, fêz-se a reconstituição, seguindo minuciosamente a estrutura óssea. De uns fios de cabelo encontrados na roupa do morto e identificados como sendo humanos pelo exame microscópio, um cabeleireiro desenhou uma cabeleira para simular o estilo do cabelo que João Ninguém usava quando vivo. **A reconstrução** foi completada, restando, porém, a identificação. E esta, todavia, teve que esperar vários meses até que se cometesse um outro homicídio parecido. Quando parentes e amigos da segunda vítima foram chamados para identificar o cadáver, depararam com o corpo ainda não identificado de "João Ninguém". E por uma espantosa coincidência os visitantes haviam conhecido muito bem Dominick Rosa. A reconstituição levada a efeito pelos técnicos de laboratório era tão perfeita que Rosa foi logo reconhecido... **à primeira vista**! Seu corpo foi identificado por seus amigos como sendo o do homem que havia desaparecido repentinamente e sob circunstâncias misteriosas.

Assim, graças à fantástica habilidade dos laboratoristas da Polícia de New York, um anônimo foi arrancado à obscuridade e sepultado com seu próprio nome. Embora o assassino não haja aparecido, não se pode negar que êste caso foi um dos mais espetaculares que a história policial já registrou.

PODE EXISTIR VIDA FORA DA TERRA?

OS quatro grandes planêtas — Júpiter, Saturno, Urânio e Netuno — são lugares pouco hospitaleiros. Suas respectivas atmosferas não contêm oxigênio como a nossa. Além disso, as temperaturas das capas exteriores de suas atmosferas são extremamente baixas, variando desde os 115 graus centígrados abaixo de zero, de Júpiter, aos 150 graus centígrados abaixo de zero de Netuno. Vênus possui uma atmosfera de espessura idêntica à da Terra, porém sem oxigênio respirável.

Marte é o planêta que mais se assemelha ao nosso, no que diz respeito às possibilidades de vida. Diferentemente de Vênus, a atmosfera de Marte é transparente. Os telescópios deixam ver linhas finas na superfície do planêta: são os discutidos "canais", que foram objeto de ampla publicidade quando Percival Lowell sustentou que eram aquedutos artificiais. Lowell elaborou a teoria afirmando que **eram obras realizadas por sêres inteligentes para transportar água dos pólos marcianos para as regiões mais férteis, situadas em ambos os lados do equador dêsse planêta**. Dois pontos brancos que podemos divisar nos pólos de Marte mudam de tamanho segundo as estações. São muito provàvelmente, capas de gêlo ou neve. À medida que se aproxima a primavera em um dos hemisférios de Marte, uma onda de calor se estende do equador para o respectivo pólo, a côr cinzenta se transforma em verde salientando-se em contraste com a côr avermelhada do resto do planêta. Os canais se obscurecem e destacam com maior nitidez. Tanto por meio de fotografias como por observações visuais, foram comprovadas sensíveis mudanças na estrutura e tonalidade das áreas obscuras de um ano para outro. A explicação dêste fenômeno repousa no fato de que existe vegetação no planêta Marte.



Exatas medidas da côr indicam como provàvel que não existam plantas possuindo um desenvolvimento completo como as da Terra, pois não se observam rastros de clorofila. A flora de Marte parece manter certa semelhança com os nossos liquens. Se existissem sêres inteligentes em Marte, seria possível que houvessem inventado aparelhos semelhantes aos que são de uso corrente na Terra, tais como a radiotelefonia, radar, etc. Durante muitos anos os cientistas discutiram as possibilidades de nos comunicarmos com Marte por meio do rádio. Estamos agora em condições de poder falar com habitantes de outros mundos, se tais sêres existem. Hoje é possível emitir ondas-curtas capazes de atravessar a nossa atmosfera e a de Marte. O problema seria, no caso de receber mensagens extraterrestres,

poder decifrar e responder; a solução, ainda que difícil, não é impossível. Suponhamos que recebemos uma mensagem de Marte, consistindo de pontos e traços. Gravamos a mensagem e transmitimos a resposta. Poderão compreendê-las? É certo que podemos ouví-los, mas, como proceder para nos comunicar com sêres que nada têm em comum com os habitantes da Terra?

Nada em comum? Evidentemente, esta afirmação é falsa. Se nos pusemos em comunicação quer dizer que ambos possuímos rádio. E, se assim é, significa que compartilhamos o conhecimento de princípios matemáticos. Vejamos se os marcianos podem contar: enviaremos a nossa primeira mensagem que consiste em um ponto, dois pontos, três pontos, até chegar a dez. Pois bem, uma criança de seis anos de idade compreenderia que êsses símbolos representam vários números. No primeiro ensaio, escolhemos a letra "n" (—. em código de ponto e traço) para representar "mais" ou "y" e a letra "r" (.—.) para representar "igual", "é" ou "são". Logo enviamos esta mensagem:

1 + 1 = 2

. —... —...

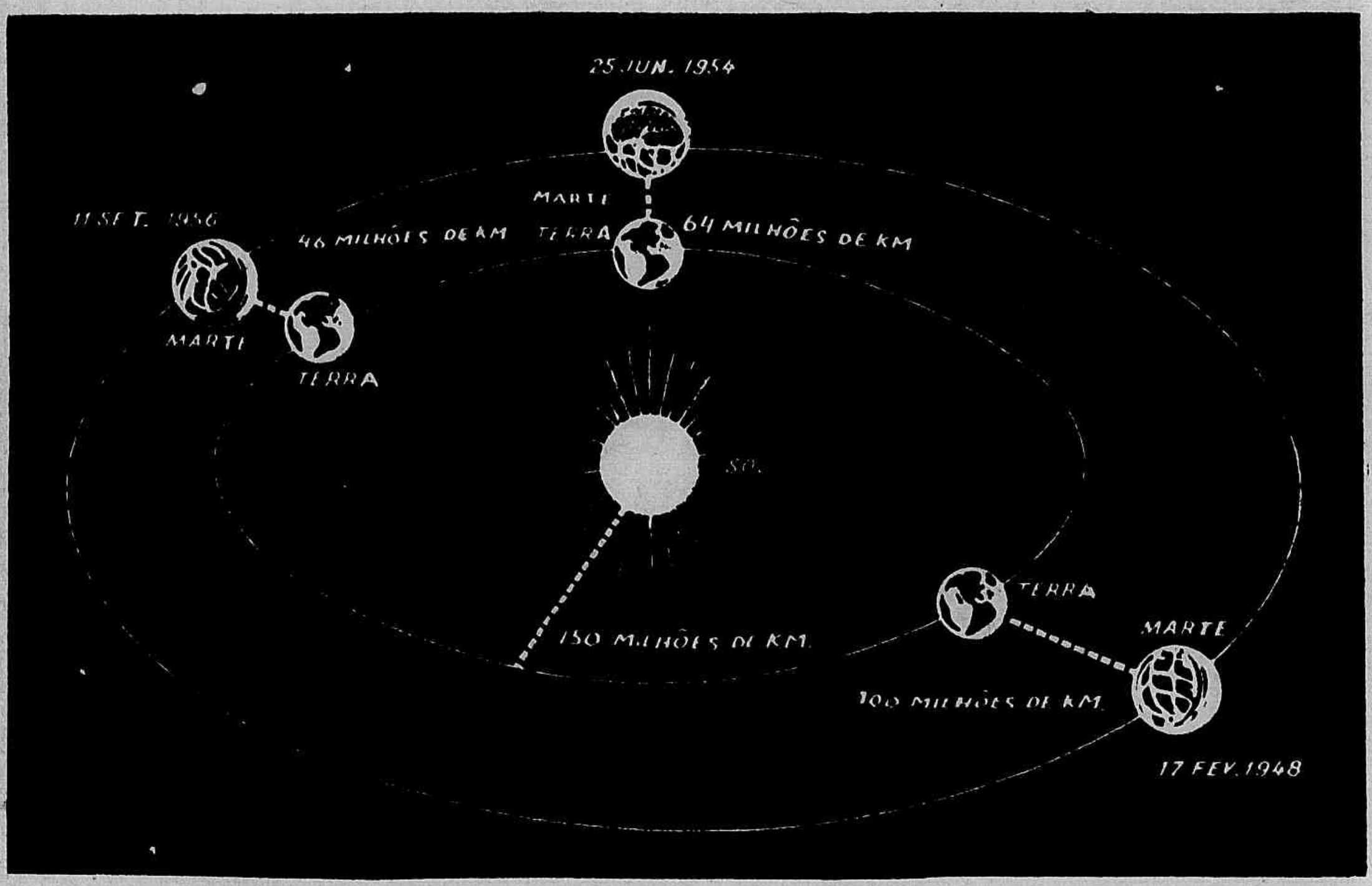
.. —. .. .—. ....

.. —. ... .—. .....

e assim sucessivamente. Se os marcianos entenderem responderão da mesma forma com seus próprios problemas. Note-se que, juntamente com os números, acrescentamos as idéias abstratas de "mais" e "igual".

Se procedêssemos com quantidades de mil ou mais, o fato de assinalar os pontos seria um trabalho tedioso, embora não impossível.

Para escapar a semelhante tarefa, utilizamos os números arábicos, o zero e o conceito do lugar das cifras. Assim, o número 1 tem diferente valor nos números 12 e 120. Em 12, 1 significa uma dezena; em 120, dez dezenas, pois valemo-nos do sistema decimal. Os marcianos, que possìvelmente possuem diferente número de dedos — que foram os contadores primi-

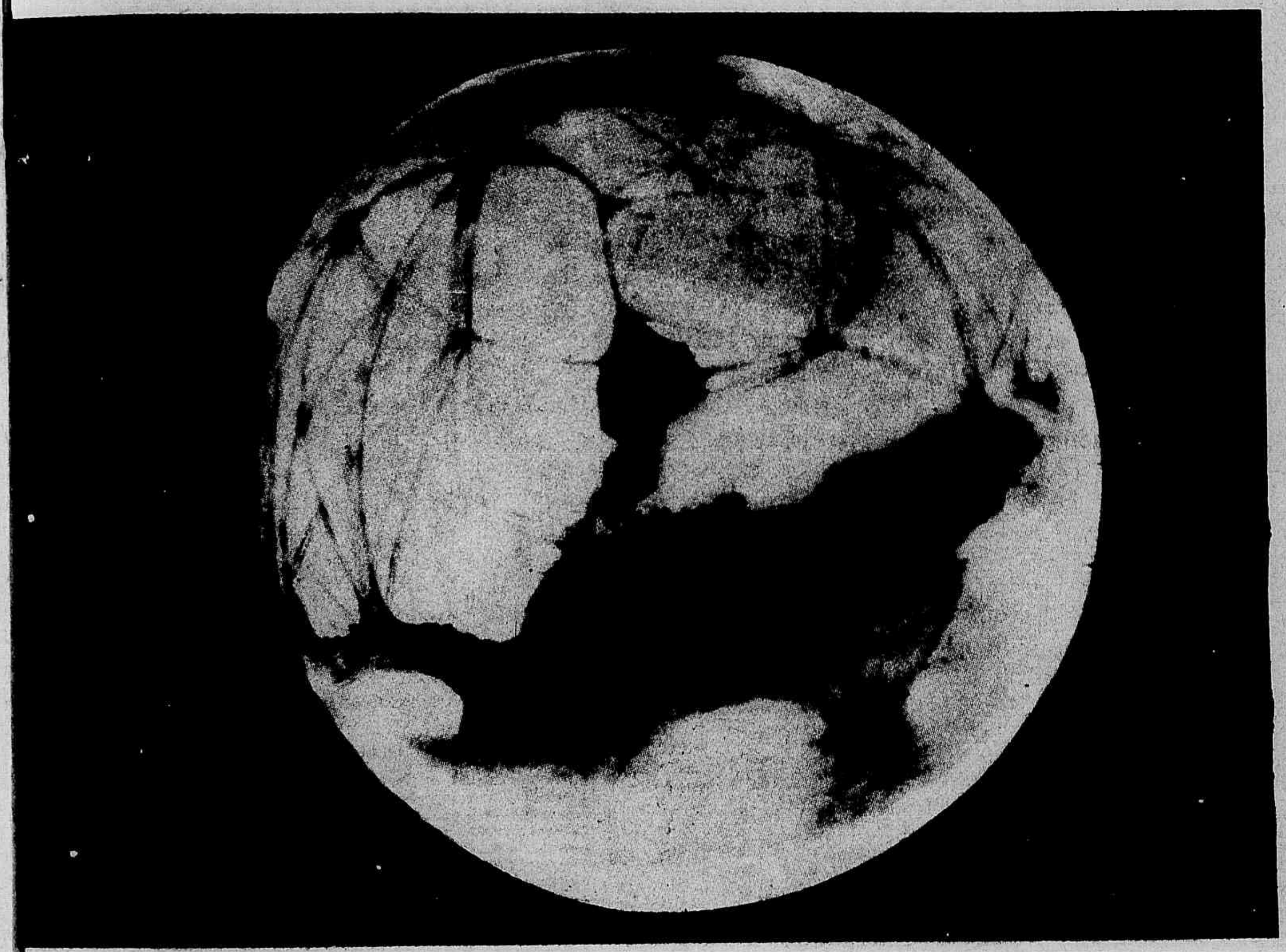


Em 25 de junho de 1954, Marte estava a 672 milhões de quilômetros da Terra. No dia 11 de setembro de 1956 estará a 550 milhões, aproximadamente. Êsse planêta sempre intrigou os humanos, surgindo como o único, em nosso sistema, com probabilidade de ser habitado por sêres vivos tais como imaginamos. Por isso, os astrônomos estudam infatigàvelmente a sua superfície, na expectativa de nela encontrar sinal de vida, nos períodos em que mais se aproxima da Terra.

tivos — talvez empreguem um sistema baseado em 8 ou 16 ou outro número qualquer; porém, qualquer matemático pode reconhecer imediatamente que se trata de um sistema distinto e calcular as equivalências entre um é outro. Por êste método poderíamos explicar a nossa aritmética aos marcianos e aprender a dêles.

medidas puramente convencionais. Porém, as relações proporcionais de distância são sempre iguais, qualquer que seja a unidade de medida empregada.

Um astrônomo que veja as séries 4, 7, 10, 16, 52, 100, reconhecê-las-á como as distâncias relativas entre o Sol e Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno.



Marte aparece em nosso céu muito melhor em certas épocas. Aos olhos dos amadores não dispondo de uma luneta de Galileu, não brilha mais que qualquer outra estrêla de primeira grandeza. Nada poderão saber sôbre a vida vegetal ou animal de nosso mais próximo vizinho planetário. Mas consolem-se, pois é bem duvidoso que, apesar de mais bem armados em aparelhos, os astrofísicos consigam desvendar o mistério de Marte, notadamente o das finas linhas que cortam a sua superfície e nas quais o astrônomo italiano Schiaparelli acreditou ver imensões canais de irrigação, provando a presença de uma vida inteligente no referido planêta.

Algumas cifras, como a que chamamos π (Pi), ou seja, a relação de uma circunferência com seu diâmetro — 3,141159 — deve ter o mesmo valor em Marte e na Terra. Por outro lado, pesos e distâncias, com a distância dos planêtas ao Sol, podem carecer de significado, pois os quilômetros e as milhas que empregamos na Terra são

O astrônomo marciano terá, forçosamente, que compreender o seu significado. Podemos imaginar os marcianos repetindo "16" para assinalar seu prõprio planêta.

Responderíamos emitindo repetidamente o número 10.

Vamos progredindo. Identificamos os planêtas através dos números. Agora es-

tamos capacitados a emitir algum símbolo que não seja número. Transmitimos: **"Mercúrio 0, Vênus 0, Terra 1, Marte 2, Júpiter 11, Saturno 10.**

Um astrônomo pode compreender que estas cifras se referem ao número de satélites de cada planêta. É provável que os marcianos respondam repetindo a série com uma correção: "Saturno 11. Teremos, assim, a primeira comunicação científica de valor!

Agora vamos supor que os astrônomos marcianos podem ver 11 satélites, porquanto sua atmosfera é muito clara ou por se acharem muito próximo de Saturno. Passaremos, então, a comparar outros dados planetários: diâmetros, massas, tempos de rotação, e assim sucessivamente.

Dando aos marcianos os diâmetros em milhas ou quilômetros podemos ensinar-lhes os sistemas de medida usados por nós.

Nessas condições, não há limites no que se refere às informações que podem ser trocadas entre os dois planêtas. O mais irritante seria a demora entre o envio da mensagem e a respectiva resposta. Uma emissão de rádio circunda a Terra sete vêzes no espaço de um segundo; mas levará de 3 a 20 minutos para chegar a Marte, segundo a posição do planêta em sua órbita.

Estamos convencidos de que se fôr possível estabelecer um intercâmbio com qualquer planêta, seria permitida a troca de comunicações intelegíveis, que certamente nos conduziria a descobertas de incalculável valor para a ciência.

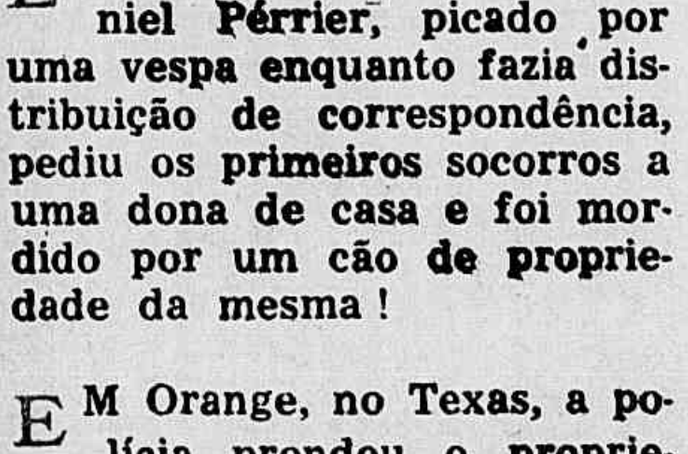
Tratemos, pois, de captar as transmissões radiais interplanetárias. Muito antes de poder fazer uma viagem sideral ou receber a visita de habitantes de outros planêtas estaremos em comunicação com os pilotos de suas aeronaves ou discos-voadores. E se isto nos parece impossível, recordemos que há apenas um século, nem sequer imaginávamos as possibilidades da radiotelefonia.

★ ★

EM **Bruxelas**, o carteiro Daniel **Périer**, picado por uma vespa enquanto fazia distribuição de correspondência, pediu os primeiros socorros a uma dona de casa e foi mordido por um cão de propriedade da mesma!

EM Orange, no Texas, a polícia prendeu o proprietário de bar, Isemile Campbell porque sua espôsa foi queixar-se de que, além de embriagado, êle estava vendendo cerveja pela metade do preço!

NO Canadá, após queixar-se à polícia de que um ca-



valo dera um coice no motor do seu automóvel, o motorista

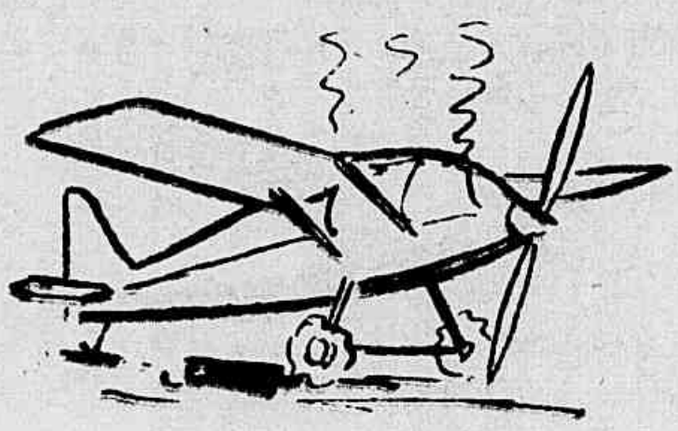
ÊSTE MUNDO LOUCO...

Robert Pearson foi informado de que tudo o que êle podia fazer era mover uma ação civil por perdas e danos:

— Não se trata de condenar um veículo a motor porque um cavalo não é movido por motor a gasolina, não cabendo, no caso, uma ação penal..."

EM Spring Mill, Inglaterra, o juiz Charles Foster concedeu à sra. Beatrice Lussier, o uso exclusivo do bangalô da família até que sua ação de divórcio fôsse decidida, permitindo sòmente que o marido "vá à citada residência uma vez por semana, a fim de tomar um banho! (Falta d'água... ou de higiene?)

NA cidade de Pôrto Alegre, os inspetores aeronáuticos prenderam o pilôto Sebastião Afonso Corveta porque o mesmo: 1) aterrissava seu aparelho à noite sôbre uma pista às escuras e de apenas 100 metros de comprimento; 2) o carburador do avião estava cheio de areia; 3) os pneus se achavam rasgados e as câmaras de



ar estufadas para fora; 4) porque não tinha licença para pilotar!

PÁGINAS IMORTAIS

A FAMÍLIA DO PRESIDENTE

A nossa Constituição atual, porém, que não fundou uma realeza hereditária e uma dinastia perpétua, mas uma democracia republicana e uma presidência quadrienal, não encerra em si nem uma só cláusula, nem uma só palavra, nem uma só alusão, que diga respeito ao estado social do nosso primeiro magistrado, ao seu celibato ou matrimônio, à sua espôsa, mulher ou viúva, à sua prole ou descendência, à sua família ou parentela. O Pacto Federal dos nossos Estados Unidos não conhece o Chefe da Nação no Presidente da República senão como a cabeça do Poder Executivo e não lhe dá por sócios na colaboração do seu papel constitucional senão os Ministros de Estado. (Arts. 41.º, 48.º e 49.º).

Não lhe dota a consorte, não a condecora com uma dignidade, qualquer que seja, não lhe provê a tutela e subsistência dos filhos, não lhe regula a escala dos herdeiros, não fala na mordomia da sua casa. Ignora do modo mais absoluto a condição doméstica e a família do Presidente.

Não precisamos dizer quem foi Rui Barbosa, tal a sua projeção dentro e fora de sua pátria — o Brasil, que tantas vêzes se orgulhou, como, ainda hoje se orgulha, do talento e da imensa cultura do grande baiano. Assim, EU SEI TUDO, iniciando, neste momento, a série Páginas Imortais", escolheu uma de Rui Barbosa, o grande mestre da nossa língua e do Direito. Trata-se de um trecho do discurso pronunciado no Senado em 30 de setembro de 1913.

Daí se não conclui que a situação excepcional dessa magistratura, sôbre tôdas alta, não reflita socialmente, sôbre a consideração da legítima companheira do Presidente. Se nela se reunirem qualidades que a tornem digna da sua fortuna, a sua presença no círculo das relações presidenciais constituirá o mais belo ornamento da casa do Chefe da Nação. Mas, para lhe assegurar, nesse pôsto alvejado pela atenção geral, a distinção que a deve envolver, não pode contar senão com a influência das suas prendas e virtudes.

Entra em palácio como a mulher do seu marido, a mãe de seus filhos, a providência do seu lar; e nesse caráter preside, como a dona de sua casa, com as graças do seu sexo, à sociedade dos seus amigos e visitantes; oficialmente, porém, não tem existência reconhecida.

Nos atos meramente protocolares não ocupa lugar nenhum .

Nas cerimônias, recepções e solenidades, nas inaugurações e banquetes, concêrtos e espetáculos, festividades e manifestações, onde o Presidente não exerce funções do seu cargo, mas abrilhanta com o seu concurso a sociedade, e acaroçoa, com o estímulo de sua presença, as artes, as ciências, a educação, as obras pias, à senhora do Presidente cabe, socialmente, ao seu lado, em grau diverso, mas com expressão análoga, a mesma precedência de cortesia, que, em circunstâncias correspondentes, distinguiria a mulher de outros funcionários excepcionais na sua graduação e predicamento, o Chefe da Magistratura por exemplo, os Presidentes das Câmaras Legislativas, os Ministros de Estado, os Embaixadores.

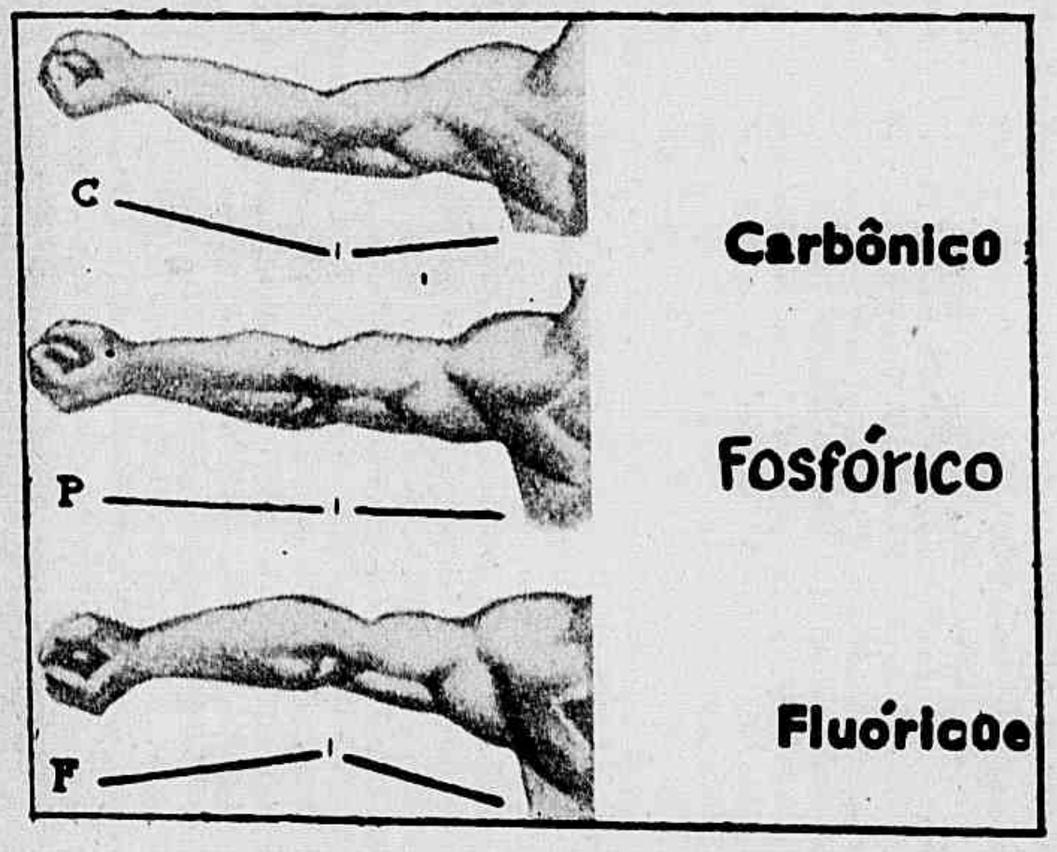
RUI BARBOSA

HOMEOPATIA

a constituição

A FORMA EXTERIOR

NÃO resta dúvida de que é a disposição esquelética exterior que define a constituição física de um homem. Vejamos, pois, o esqueleto do membro superior e, para isto, façamos estender o membro superior de um indivíduo (braço e antebraço) em todo o seu prolongamento. Se se trata de um carbônico, o braço e o antebraço não farão uma reta perfeita, mas formarão um ângulo ligeiramente aberto para cima. Do mesmo modo, estando o carbônico em repouso, o braço pendente ao longo do



corpo, o braço e o antebraço não permanecem exatamente no mesmo eixo, mas formam um ângulo aberto, para a frente. Observações análogas poderiam ser formuladas no que diz respeito aos membros inferiores.

De um modo geral, os diferentes seguimentos dos membros são bem proporcionados. Quer o tipo carbônico seja pequeno ou grande, o seu todo dá uma impressão de robustez e de solidez, antes mesmo que de elegância.

Consideremos agora os maxilares do carbônico: as arcadas dentárias superiores e inferiores fazem um contacto perfeito. Os dentes são muito brancos, regularmente alinhados e sòlidamente implantados.

"A atitude". O que predomina na atitude do carbônico é a rigidez. Êle está sempre em posição erecta e falta-lhe ternura nas maneiras. Vejamos o andar de um carbônico: em geral, sua marcha não é elegante, mas é igual, regular. O indivíduo de tipo carbônico pode andar durante muito tempo sem sentir qualquer fadiga, mas com a condição de caminhar regularmente. Acontecerá o contrário, se passear com um interlocutor que pare constantemente para olhar uma vitrina ou fornecer detalhes de uma explicação; isto será, para êle, um verdadeiro suplício.

Os gestos do carbônico são lentos, pouco expressivos, porém, mais decisivos e precisos. O carbônico não faz gestos inúteis, e nem pronuncia palavras supérfluas.

O CARÁTER CARBÔNICO

A regularidade e a ordem que caracterizam o carbônico do ponto-de-vista físico existem em sua atitude psíquica. Opinioso, rígido, corajoso, o carbônico é duro para com os outros do mesmo modo que o é para si mesmo. É respeitador da ordem estabelecida, tem horror ao imprevisto e detesta as convulsões. Jamais toma uma decisão sem antes haver meditado longamente, porém nunca recuará desta decisão. Também, nunca empreende uma obra sem havê-la minuciosamente preparado. Sua preocupação constante é a segurança, e detesta a fantasia. Fala pouco, e sempre que fala é logo após firme reflexão; não gosta de discutir sôbre coisas que ignora.

Sempre enérgico e mesmo brutal, obstinado ao extremo, o tipo carbônico não sabe dissimular os seus pensamentos. Por êste motivo, tem poucos amigos. Comporta-se quanto aos assuntos amorosos, com a mesma regularidade de suas outras atividades, e geralmente, é desprovido de paixão e fantasia.

O carbônico tem uma elevada consciência dos seus deveres e responsabilidades. É pouco expressivo, porém, manifesta ativamente sua simpatia e sabe devotar-se sem limites. É preciso conhecê-lo bem para o amar. E é sempre diante da prova concreta que se lhe faz justiça, pois, se, na

carbônica

vida real, êle é desprovido de fantasia e de encantos, se mal sabe exteriorizar-se, por outro lado tem uma fôrça de caráter, uma vontade, uma retidão de espírito que, pouco a pouco, atraem o respeito e a admiração.

● ALGUNS TIPOS CARBÔNICOS

Vejamos, agora, alguns tipos particulares de carbônicos.

A mulher carbônica nem sempre é atraente à primeira vista, mas é uma mulher, cujo espírito é de primeira ordem e que saberá dirigir admirávelmente a sua casa e "regular as despesas com economia".

O trabalhador carbônico começa por considerar o que lhe é confiado, não diz uma palavra, e depois, mete mãos à obra, sem parar, sem se distrair, e acaba por realizar uma considerável tarefa sem aparentar a menor fadiga. É excelente trabalhador.

O empregado carbônico é probo, ordenado, meticuloso, quase maníaco.

O carbônico inferior é honesto, devotado, ótimo executor; mas, por outro lado, é obstinado, não raro embotado, despido de espírito de iniciativa.

O carbônico superior possui em alto grau o sentimento de responsabilidade. De um modo geral, adora as situações claras, precisas, os planos longamente preparados e minuciosamente realizados. Não é um inovador, e raramente externa concepções originais, mas é um organizador e um administrador de primeira ordem.

Os esportes que convêm ao tipo carbônico são antes os esportes de longa duração que aquêles que requerem rapidez: a marcha a pé, o remo e a natação. É também um perfeito alpinista. Dirige veículos com regularidade, calma, sempre com a mesma velocidade, e dá uma impressão de inteira segurança.

● AS DOENÇAS DO CARBÔNICO

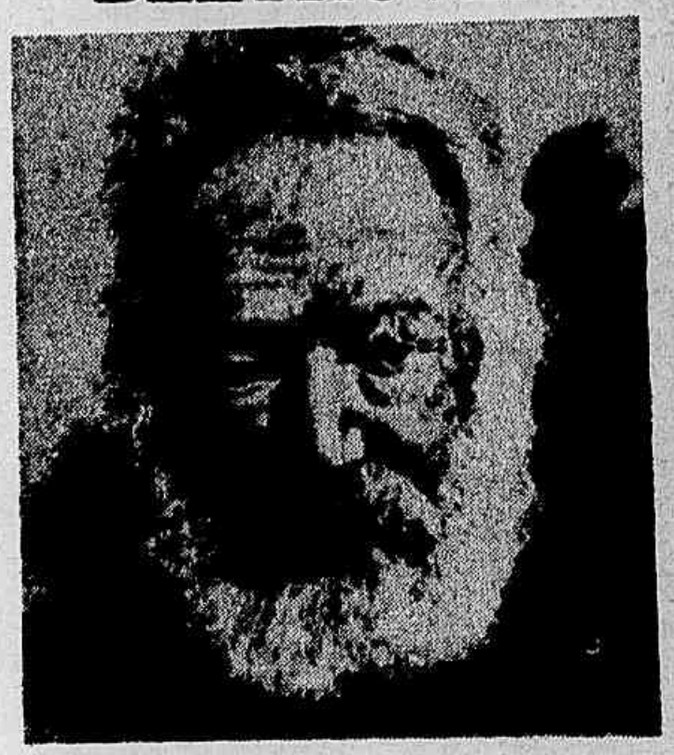
A patologia do carbônico é dominada pela boa defesa do seu organismo que, de início, luta contra suas próprias toxinas. O carbônico é mais susceptível às doenças infecciosas agudas. A enfermidade começa de maneira rápida e mesmo brutal, com uma febre bastante elevada; a evolução é lenta, e a cura é muito rápida, com uma curta convalescença. De um certo modo, as doenças do carbônico, principalmente do carbônico moço, de organismo **estênico**,

A DIREITA QUATRO TIPOS DE CARBÔNICOS CELEBRES

CLEMENCEAU

FOCH

BEETHOVEN



VICTOR HUGO

são de bom prognóstico. O bebê carbônico é belo, gordo, possuidor de forte apetite; mas o êrro essencial quanto à sua criação reside na superalimentação. A sua nutrição deve ser à base de papas associadas ou não ao leite. Mais tarde, a criança carbônica se torna linfática e de mau aparelho digestivo, exposta aos acidentes ganglionários e à superacidez.

No carbônico adulto, o metabolismo é caracterizado por um afrouxamento geral das funções intestinais. Êste afrouxamento provoca um embaraço progressivo e arrisca a determinar uma auto-intoxicação.

Numa primeira etapa, o organismo luta contra essa auto-intoxicação por meio de eliminações que utilizam tôdas as glândulas excretórias possíveis, particularmente a pele e as mucosas. Como explicar, nos tipos carbônicos, manifestações mórbidas sem uma aparente ligação entre as mesmas: eczemas, diarréias, àsma, artrites agudas, notáveis por sua alternância.

Numa segunda etapa, os esforços do organismo são insuficientes para assegurar a eliminação das toxinas que o perturbam. É então que aparecem enfermidades próprias à idade avançada: litíase biliar, litíase renal, insuficiência hepática, reumatismo crônico, gôta, hipertensão e, mais tarde, as doenças de esclerose, insuficiência renal, artério-esclerose, enfísema, etc.

* *

TELESCÓPIO ELETRÔNICO

O observatório de Forcalquier (França) terá brevemente o primeiro telescópio eletrônico do mundo, construído, após dez anos de investigações, pelo físico Lallemand e o astrônomo Duchêne. O princípio do telescópio eletrônico, descoberto em 1933, é bastante simples: as partículas luminosas procedentes da imagem de um astro — os **fotons** — produzem uma energia ínfima, equivalente a uns dois **electrons-volts**. Desde muito tempo que êsse fato limitou as possibilidades dos processos clássicos de fotografia. Fazia-se preciso empregar tempos de exposição muito longos (de seis a oito horas) que alteravam a qualidade das imagens.

Quando se tratava de astros muito afastados, a luz emitida era tão débil que não chegava a impressionar as placas. O novo aparelho receberá os fotons em uma delgada placa de cristal recoberta por uma fina capa de metal (cesium de antimônio) que os transformará em **electrons**, que, por sua vez, serão acelerados entre dois **electrodos** a uma corrente de alta tensão.

Como a energia produzida pelos **electrons** acelerados alcança de quarenta a cinqüenta mil **electrons-volts**, os tempos de exposição ficarão reduzidos a nada mais de quatro minutos, mesmo para os astros longínquos, e as fotografias ficarão mais límpidas e detalhadas.

Calcula-se que os resultados que podem ser obtidos por meio do telescópio eletrônico e com o auxílio de um espelho de dois metros de diâmetro, serão equivalentes aos que poderiam ser conseguidos com um espelho teórico de vinte metros de diâmetro, impossível de ser fabricado e utilizado.

Sòmente assim os cientistas realizarão amplas investigações nas nebulosas que se afastam da terra a velocidades recentemente calculadas em cinqüenta mil quilômetros por segundo!

●

SÔBRE AS LINHAS DAS MÃOS

SE na mão esquerda há mais linhas que na direita é que os desejos do indivíduo são mais fortes do que aquilo que pode realizar. Todos os que trabalham com o intelecto devem ter mais linhas na mão esquerda que na direita. Isto porque, de um certo modo, a mão esquerda contém o nosso material **de reserva**; a direita indica o que **já retiramos** da outra. Podemos então deduzir que a mão direita nos mostra os fatos reais, a dura realidade; ao passo que a esquerda nos apresenta tôdas as possibilidades das quais podemos fazer uso, segundo a necessidade.

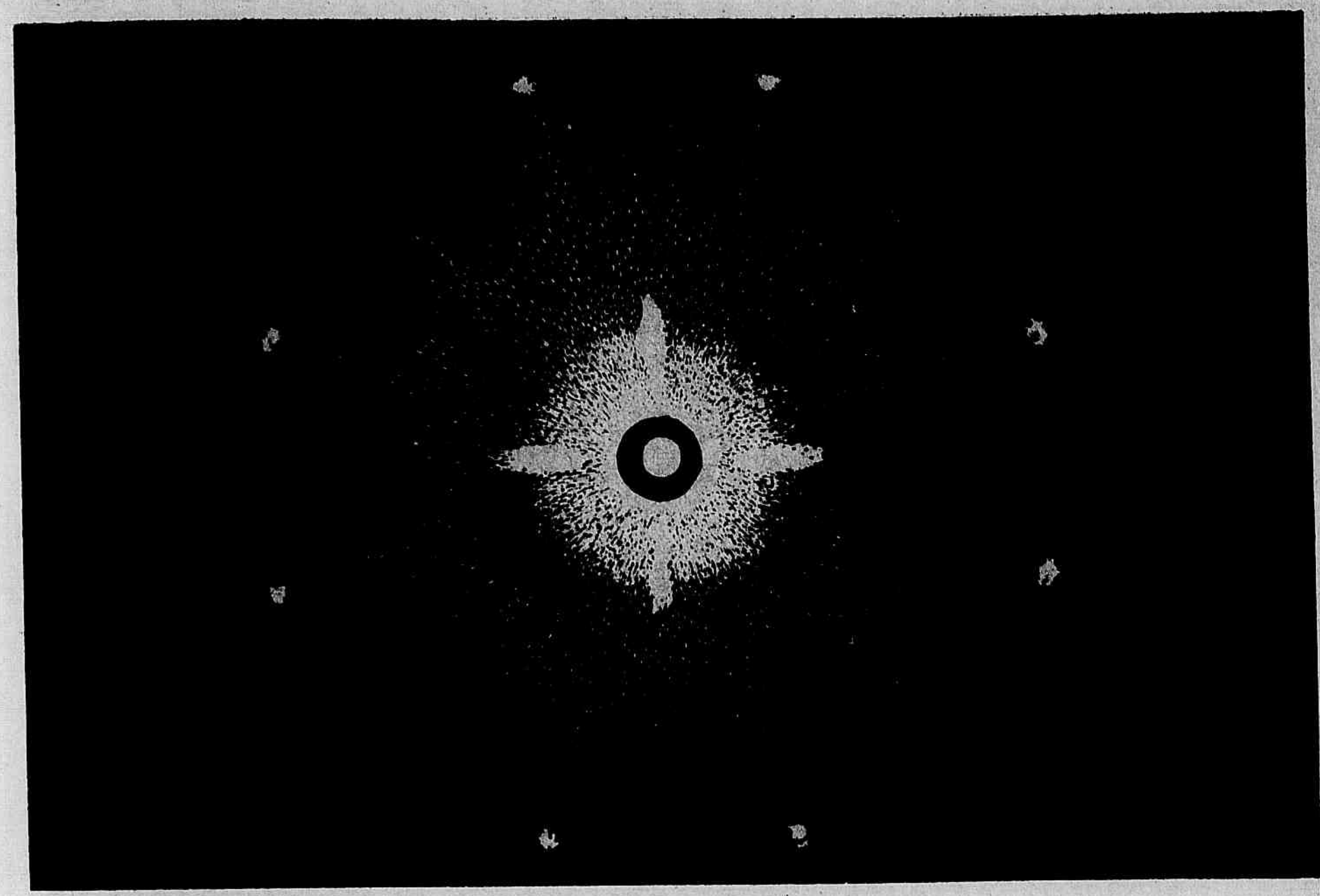
●

PAZ DOMÉSTICA

CHATEAUBRIAND não tinha fome até às sete da noite; sua mulher, por outro lado, sempre queria comer às cinco.

Resolveram o problema comendo às seis, ambos de mal humor.

— "Isso é o que se chama viver felizes graças às concessões recíprocas" — comentava o próprio Chateaubriand.



Estrutura molecular de um fragmento de aço fotografada com um tubo especial de Raio-X.

MARAVILHAS DA CIÊNCIA

OS PIONEIROS DA CIVILIZAÇÃO ATÔMICA

Por DE MATOS PINTO

QUANDO explodiram as primeiras bombas atômicas, em Hiroshima e Nagasaki, espantou-se a massa popular em tôdas as nações com o tremendo golpe do poderio militar norte-americano. Esvaído o estupor provocado pelo morticínio e pela devastação material, soou a hora de reconstituir o drama da energia nuclear e glorificar os pioneiros da civilização atômica, cuja fé na ciência preparou a conquista industrial do átomo.

Quando se fala de reatores e de pilhas atômicas, canhões e bombardeiros atômicos, submarinos e foguetes atômicos, convém retroceder no tempo e louvar os imortais precursores do progresso da microfísica, cujo domínio disputam os Estados Unidos e a Rússia, a Inglaterra e a França. A filosofia pré-socrática já especulava sôbre o atomismo numa era em que a alquimia nem sonhava com o elixir da vida eterna. A ânsia de interpretar a Natureza nos seus aspectos mais irredutíveis e na sua intimidade cósmica induziu os teoristas gregos a filosofar sôbre a origem das coisas e a aparência dos corpos mascarando a sua invisível estrutura. Thales de Mileto e Platão, Aristóteles e Anaxágoras. Léucipo e Demócrito, Epícuro e Lucrécio formularam eloquentes considerações sôbre a Natureza e anunciaram hipóteses mais poéticas do que físicas deixando o espírito perplexo.

A concepção do átomo remonta à antiga sabedoria idealizada pela filosofia de Demócrito, herdeiro de Leucipo e que lhe deu notoriedade filosófica. Lucrécio cantou a doutrina da partícula sutil e infinitesimal, cuja idéia viveu errante entre os sábios. Agora, o átomo passou a ser uma maravilhosa realidade da física e sua estrutura não se parece em nada com o sonho helê-

nico. Demócrito considerava o átomo como elemento indivisível além do qual nada mais há a procurar marcando o último terno da matéria, corpúsculo sólido e irredutível cujo agrupamento formou os elementos e originou o Universo.

Enrico Fermi, professor da Universidade de Roma, levou seus conhecimentos de física atômica para os Estados Unidos, onde conquistou grande notoriedade.

O nome de Demócrito liga-se à idéia do átomo apenas simbòlimente porque sua concepção mudou por completo, distanciando-se dos formulários cabalísticos da Idade-Média.

A DESCOBERTA DOS ELETRÔNIOS — O físico e matemático francês Bernouilli criou, em 1738, a teoria cinética, pela qual conhecemos uma nova fase na experiência e nos métodos de interpretar a matéria. Ampliada e corrigida pelos físicos inglêses James Prescott Jpule e James Clerk Maxwell, pelos físicos germânicos Rudolf Julius Clausius e Ludwig Boltzmann, além de outros cientistas, essa teoria concebe a molécula como verdadeira bala elástica e animada de movimento de translação, cuja rapidez aumenta proporcionalmente com a elevação da temperatura. Carus Sterne estima o número de moléculas contidas num dedal de gás em seis trilhões.

Até êsse momento, a física imaginava-a como a menor quantidade de um corpo existindo em estado livre. Em 1803, o químico britânico John Dalton estabeleceu uma tabela sôbre as últimas partículas elementares dos gases e reconheceu o átomo de hidrogênio como a unidade básica. G. Johnston Stoney tentou determinar a massa do eletrônio em 1881 e criou pela primeira vez a palavra — eletrônio — para especificar o átomo de eletricidade.

Desde 1886, o físico inglês William Henry Bragg vinha estudando a radioatividade e a combinação dos átomos. Depois, com as experiências dos raios catódicos, outro físico britânico admitia em 1891 que a molécula se divide em grupos de átomos dotados uns de eletricidade positiva e outros de eletricidade negativa.

O filósofo e cientista alemão Hermann Ludwig Helmholtz pôs um dia êste problema que se admitimos a hipótese dos corpos simples compostos de átomos, não podemos escapar à conclusão de que a eletricidade, em 1895, o físico holandês Hendrik Amtoon Lorentz identificou numa só lei a luz, a eletricidade e o magnetismo criando a doutrina eletrônica da matérai e baseando-se no princípio de que todos os corpos contêm grande número de particulas formadas de átomos de eletricidade. Joseph John Thomson conseguia provar, em 1897, que o projétil elétrico do raio catódico age como uma substância muito mais vertiginosa do que o átomo de hidrogênio. Assim nasceu o eletrônio, espéçie de satélite do átomo e difundido em todos os elementos formando a base física da matéria. O eletrônio exprime a massa do próprio corpúsculo e desígna a carga existente no átomo de hidrogênio, a quantidade mínima de energia elétrica podendo entrar no cálculo da física. E, conforme a teoria de E. Washburn os eletrônios se locomovem de átomo a átomo no interior do metal e a energia elétrica constitui - se de eletrônios em movimento.

O físico britânico J. J. Thomson dedicou muitos anos da sua vida às experiências sôbre a estrutura da matéria e igualmente à teoria atômica.

E Jean Perrin revelou com as suas experiências que o movimento dos átomos varia segundo os

corpos, que a velocidade de translação da molécula de mercúrio marca cento e setenta metros por segundo, a velocidade da molécula de oxigênio quatrocentos e vinte e cinco metros e a molécula de hidrogênio move-se a mil e setecentos metros por segundo. E a velocidade das moléculas dos átomos leves atinge mil metros por segundo.

Joseph John Thomson, Jean Perrin e Oliver Lodge não duvidavam da existência de partículas elétricas envolvendo o átomo. William Crookes considerava o eletrônio como uma massa essencialmente eletromagnética e G. Johnston Stoney compara os eletrônios a átomos de eletricidade propagando-se com enorme rapidez.

Em 1897, Townsend procura estabelecer concretamente a massa do eletrônio e em 1898 J. J. Thomson executa nova tentativa para fixar a massa eletrônica. A teoria da radiação, desenvolvida pelo físico alemão Max Planck, em 1900, revelou a descontinuidade do processo atômico e que há mudança de energia quando um átomo se transforma em outro átomo, a lei da radiação firmando-se na freqüência e na oscilação dos eletrônios. Jean Perrin enunciou em 1901 a hipótese do sistema atômico comparando-o a um mundo solar da microfísica e, não obstante os fracassos anteriores, H. A. Wilson ensaia descobrir a massa do eletrônio.

Os físicos Robert Andrews Millikan e Begeman repetem novas experiências para fixar a massa eletrônica. Em 1911, o químico norte-americano Irving Langmuir descobriu a fórmula do hidrogênio atômico e imaginou um modêlo estático de certos átomos em que os elementos atômicos ocupam uma posição fixa em vez de uma órbita dinâmica.

Em 1911, Ernest Rutherfort concebeu a teoria do átomo com os eletrônios em volta

O alquimista dominou a Idade-Média com suas teorias controvertidas. Numa época em que o ocultismo ofuscava o método experimental, os alquimistas baralhavam as experiências com doutrinas cabalísticas e estafavam-se para descobrir a pedra filosofal, substância que poderia transformar os metais em ouro e prata. Profundamente distanciados do atomismo moderno, os alquimistas desconfiavam intuitivamente da irredutibilidade aparente da matéria.

de um núcleo central e impenetrável. Quando os experimentadores ousavam desafiar as leis da Natureza, o físico alemão Wilhelm Konrad Rontgen descobre os Raios X e desdobra-se uma nova etapa na microfísica. Aplicando os Raios X para radiografar os elementos em 1913, o físico inglês Henry Guin Moseley investe contra a continuidade da matéria. Max von Lane, Friedrich, Enipping e Henry Moseley notaram que os Raios X se espalham em várias direções atravessando os cristais. Imaginou Max von Laue que o cristal se compõe de vários planos de átomos separados por um espaço inferior a um milionésimo de milímetro.

Desde que o filósofo Gottfried Leibnitz enunciara seu discutido princípio de que a Natureza não dá saltos, os físicos se habituaram a representar a matéria como um contínuo sem falhas, sem lacunas atômicas.

A aplicação dos Raios X revelou a descontinuidade da matéria e que varia a estrutura dinâmica dos átomos. Cada listra luminosa emitida pelos metais quando submetidos à análise espectográfica desígna um raio simples pertencendo a algum elemento químico e como o número de listras radioativas determina o elemento químico conhecemos a composição dos metais pela quantidade das mesmas. As vibrações electromagnéticas dos Raios X caracterizam-se pela extraordinária pequenez das suas micro-ondas, cuja extensão mede um décimo de milionésimo de milímetro. Por isso não se conseguira provocar a difração no Raio X descoberto para inaugurar uma nova fase experimental na física moderna.

Quando Max von Laue, Friedrich e Enipping viram se refratar os raios através da estrutura atômica dos cristais, nascia a base da espectrografia. Se a matéria dava a aparência de continuidade, isso vinha de que tocavam apenas na multidão de moléculas e não penetravam jamais no próprio átomo. Só com os Raios X ficamos sabendo que longe de ser um corpúsculo rígido e inerte como o imaginava o grego Demócrito, o átomo equivale a um centro de fôrças expressando um mundo desconhecido. E a vida dos corpos se tornou mais rica em mistérios, mais infinita nos seus imprevistos e tôda a Natureza parece se expandir à proporção que a inteligência vai penetrando na microfísica.

O físico inglês Ernest Rutherford especializou-se nas transformações radioativas e na estrutura elétrica da matéria. Seu nome liga-se indissolùvelmente à teoria atômica.

INVADINDO A ESTRUTURA ÍNTIMA DA MATÉRIA — Impunha-se a necessidade de renovar as experiências da microfísica sob outro critério, sob o impulso de nova atitude mental. Louis Maurice Broglie, Irving Langmuir, Henry Moseley, Charles Glover Barkla e outros, a cujos esforços devemos o aperfeiçoamento da espectografia, demonstraram como o átomo de ferro e o átomo de chumbo submetidos ao Raio X refratam extensões de onda diferentes.

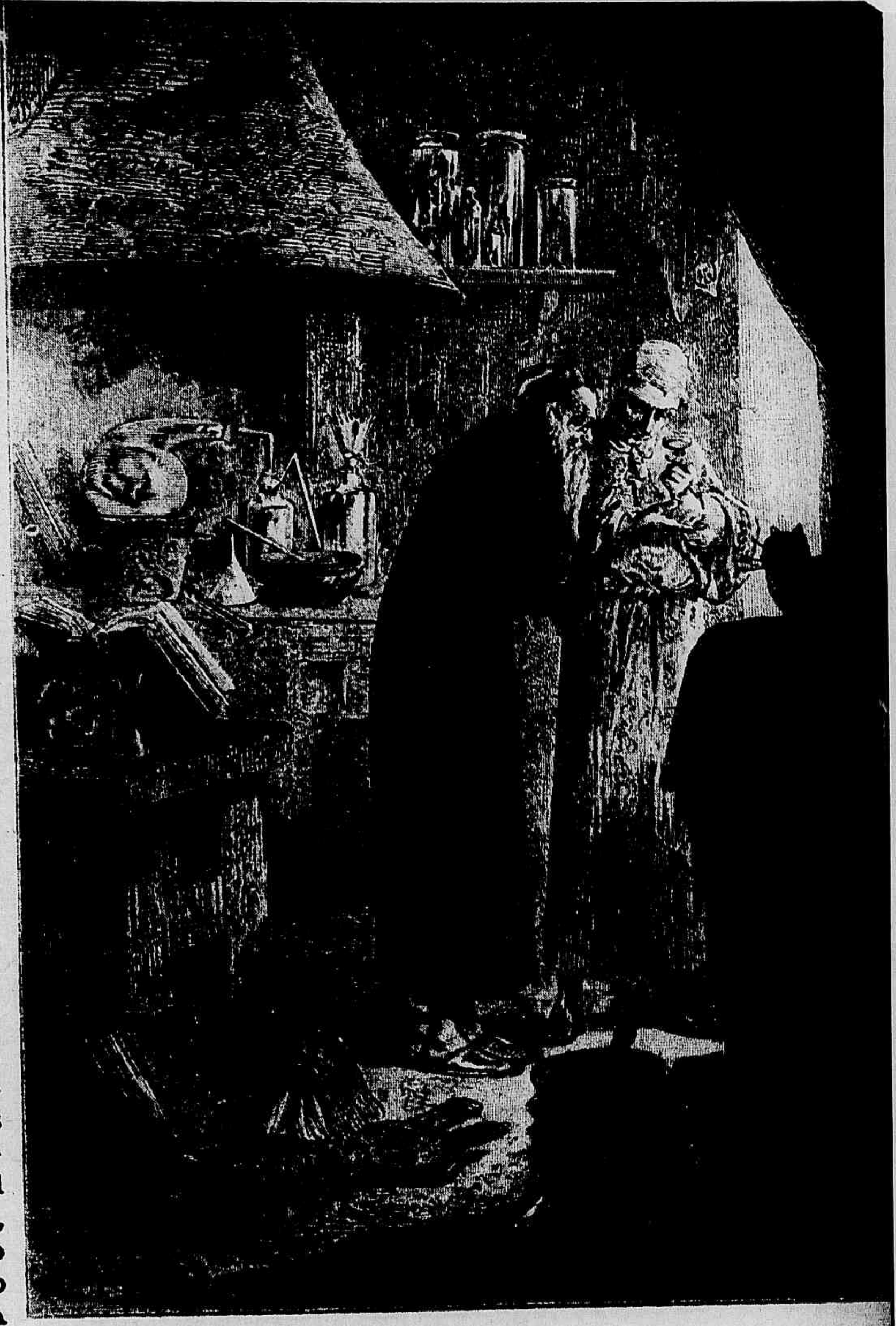
A análise espectrográfica dos raios do sol comprova que cada côr possui extensão de onda diferente: a onda do raio violeta acusa a extensão de quatrocentos e vinte e três milionésimos de milímetro, o indigo marca quatrocentos e quarenta e três milionésimos de milímetro, o azul registra quatrocentos e setenta e cinco, o verde indica quinhentos e vinte e um, o amarelo quinhentos e cinqüenta e um, o laranja quinhentos e oitenta e três, o rubro seiscentos e vinte e a luz branca assinala quinhentos e vinte e um décimos de milionésimo de milímetro.

A luz dos Raios X acusa sómente um décimo de milionésimo de milímetro. Em virtude das suas micro-ondas, a luz X pode atravessar a estrutura dos corpos refletindo os raios separados pelos diversos planos de átomos. O físico dinamarquês Niels Bohr emitiu a sua conhecida hipótese

de que os corpos representam conjuntos de cargas elétricas positivas e de cargas elétricas negativas e que a matéria encarna uma forma descontínua de energia.

A estrutura dinâmica dos átomos determina a natureza dos corpos. Partindo dessa idéia primordial de que a composição de um corpo qualquer depende do arranjo dos átomos, Henry Moseley e Glover Barkla, Louis Broglie e Max von Laue, Irving Langmuir e Ernest Rutherfort ensaiaram provocar experimentalmente a descontinuidade da matéria. Para isso construíram um tubo especial de Raios X irradiando a mesma extensão de onda curta.

Os físicos utilizam, além dos Raios X, para atingir profundamente a vida atômica dos corpos, os Raios B e os Raios A. Os Raios B constituem-se de eletrônios irradiando-se com a velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo, sendo o eletrônio calculado em um milésimo do átomo de hidrogênio. Os Raios A representam átomos de hélio carregados de eletricidade positiva, sua velocidade variando de vinte mil a trinta mil quilômetros por segundo. Até pouco tempo só o impulso violento das partículas de partículas "A" dos corpos radioativos atingia o núcleo e penetrava na intimidade atômica através dos eletrônios em movimento e ferem o próprio átomo. No tubo de Raios X, construído pelos três físicos britânicos Charles Glover Barkla, Henry Moseley e Ernest Rutherfort, a extensão da onda sendo sempre a mesma, o registro da análise espectrográfica permite determinar pelo cálculo a distância dos planos dos átomos e favorece a descoberta dos elementos ignorados da matéria. Supunha J. J. Thomson que o átomo compõe-se de eletricidade positiva, em cuja massa os eletrônios se difundem e formam um edifício geométrico equilibrado por fôrças eletrostáticas. P. Palladino apresentou, em 1911, uma memória sôbre os compostos químicos. Tomando por base o princípio fundamental da unidade da matéria, concluía que as múltiplas propriedades dos corpos resultam das dife-



O físico Jean Baptiste Van Helmont recebe no seu laboratório um alquimista que lhe apresenta a pedra filosofal, o sonho dos pesquisadores medievais para obter a transmutação dos metais em ouro.

rentes disposições geométricas tomadas pelas partículas infinitesimais. Concebia-as como esferas primárias e seus aglomerados produziriam a variedade química dos elementos. As propriedades ácidas, básicas e neutras de todos os compostos desenvolvem-se com a diversidade das posições dos

O físico dinamarquês Niels Bohr trabalhou com os físicos britânicos J. J. Thomson e Ernest Rutherfort nas experiências e teorias sôbre o átomo. Professor de física na Universidade de Copenhague, Niels Bohr contribuiu para o triunfo do atomismo moderno. Vemos Niels com dois ajudantes, um japonês e outro indu.

átomos de hidrogênio. Por outro lado, na sua teoria eletrônica assevera Oliver Lodge que o átomo químico contém maior número de eletrônios do que o átomo comum, a carga negativa consistindo em eletrônios não equilibrados, enquanto a parte principal do átomo compõe-se de grupos positivos e negativos em proporções iguais. Como Jean Perrin não procurasse resolver a sua hipótese que viria substituir a teoria eletrostática de J. J. Thomson, outros físicos dedicaram-se ao trabalho experimental. Ernest Rutherfort descobriu, em 1911, que certos Raios A, principalmente aquêles emitidos pelos átomos de hélio, sofrem grandes desvios quando traspassam a estrutura de certos corpos, evidenciando assim que cada átomo forma-se de um núcleo positivo envolto pela gravitação dos eletrônios planetários. Algum tempo depois o físico dinamarquês Niels Bohr completou a hipótese de Rutherfort acrescentando que a emissão de luz radioativa opera-se quando o eletrônio livre salta de uma órbita para outra órbita. Na teoria eletrodinâmica de Rutherfort-Bohr o átomo se compõe de um núcleo central carregado positivamente e os eletrônios carregados negativamente girando em volta do núcleo central a distâncias colossais.

Acarga elétrica positiva do núcleo central compensa a soma de eletricidade negativa de eletrônios associados e o equilíbrio do átomo ressalta das ações recíprocas dessas cargas elétricas. Os eletrônios situados na periferia gravitam menos ligados ao centro atômico, enquanto os eletrônios vizinhos do núcleo conservam-se mais solidários. Um átomo difere de outro átomo pela carga do núcleo e pelo número de eletrônios. Os corpos classificam-se pelo número de protônios, cargas elementares positivas contidas no núcleo e a física interpreta os protônios como núcleos de átomos de hidrogênio. Os corpos distinguem-se na série pelo número atômico, sendo primeiro o hidrogênio, cujo número atômico acha-se designado por um, até o urânio, que contém noventa e dois eletrônios.

AS PROMESSAS DA DESINTEGRAÇÃO ATÔMICA — O átomo dinâmico revolucionou a concepção da matéria, cuja estrutura perdeu sua rigidez e dispõe de movimentos invisíveis. William Crookes via na eletricidade a unidade fundamental

da matéria estabelecendo as variações de cargas positivas e negativas como resultante da escassez ou excesso de eletrônios. Chegaram a admitir duas naturezas de

Médico e fisiologista, químico e físico, o belga Jean Baptiste Van Helmont conjugou no seu espírito o misticismo dos antigos alquimistas e o método de análise da ciência moderna. Vivendo entre os séculos XVI e XVII distinguiu os gases e ao mesmo tempo defendeu a crença na pedra filosofal. Van Helmont figura entre os alquimistas que sonhavam com a transmutação da matéria.

eletrônios. Um dotado de invariável constituição, contínuo e sempre igual, esparso por todo o Universo e representando o éter, o meio sutil e que envolve os átomos e os astros. O outro variável e sofrendo modificações de estrutura originam os átomos com suas afinidades químicas e forma a matéria ponderável. A teoria eletrodinâmica estabelece o eletrônio animado de movimento periódico e emitindo energia radiante. O átomo apresentaria estrutura instável e pouco durável com tendência a destruição espontânea.

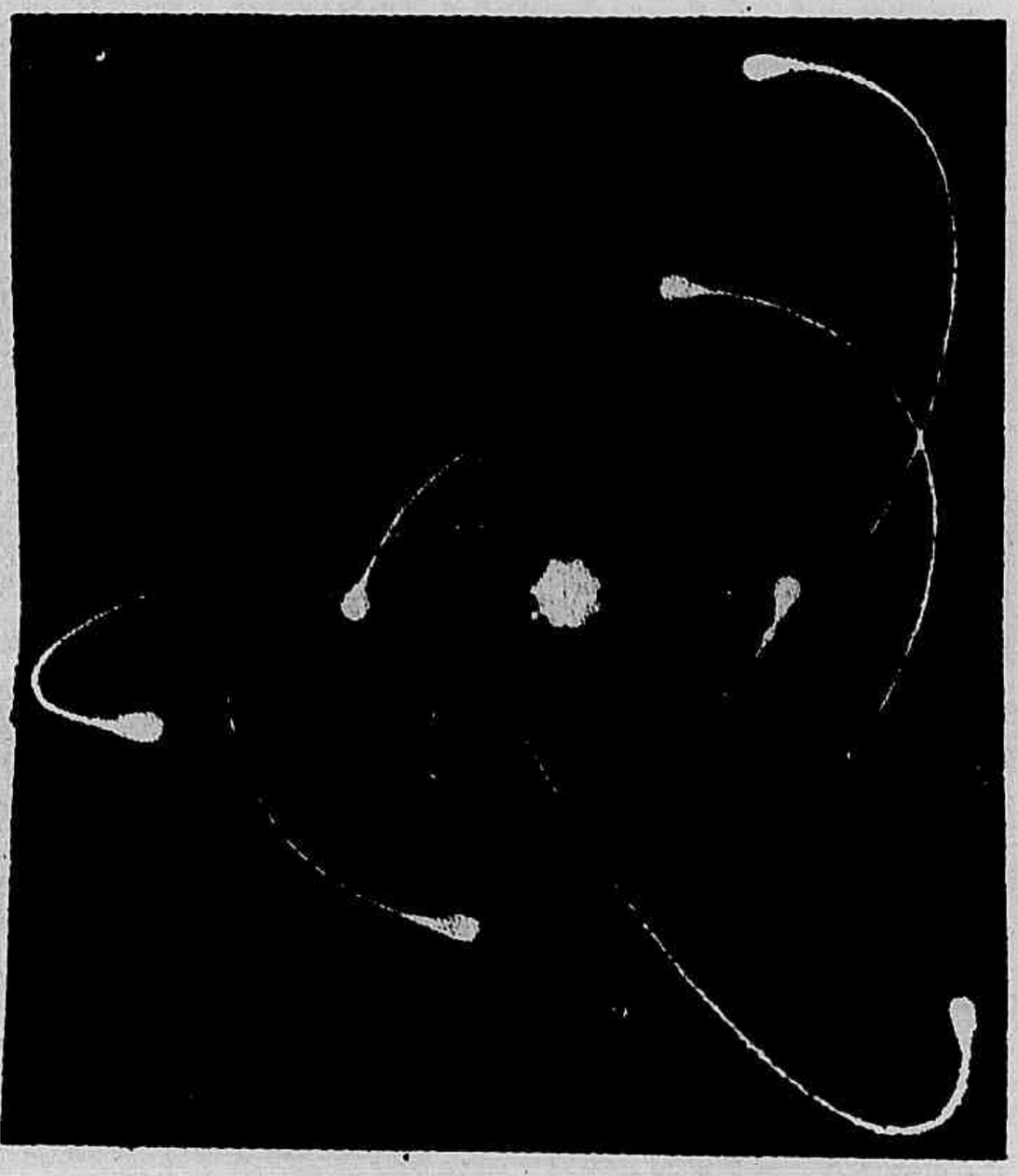
Para conciliar a hipótese dos eletrônios com o eletromagnetismo, o físico alemão Max Planck sugeriu que tôda fonte primária de luz só pode irradiar e absorver energia por descontinuidade. Desmentia o princípio clássico de Gottfried Leibnitz de que a natureza não dá saltos. Max Planck descobriu a lei da radiação baseada na freqüência e na oscilação dos eletrônios. Por sua vez, Niels Bohr aduzia que cada eletrônio descreve trajetórias sem irradiar nenhuma luminosidade.

Sob a ação de certas energias eletromagnéticas, o eletrônio pode saltar de uma órbita para outra órbita perdendo energia e emitindo luz radioativa. O núcleo do sistema atômico caracteriza o corpo e a fixidez da composição do núcleo estabelece a fixidez da espécie química. Os corpos cujos núcleos se desagregam e nos quais os eletrônios saltam de uma órbita para outra, incluem-nos corpos radioativos.

Kaufmann e J. J. Thomson calcularam o movimento dos eletrônios de quarenta mil e cinqüenta mil quilômetros por segundo, podendo alcançar cento e cinqüenta mil quilômetros por segundo. Um fragmento de radium emite luz incessantemente e só depois de mil e quinhentos anos perde metade do

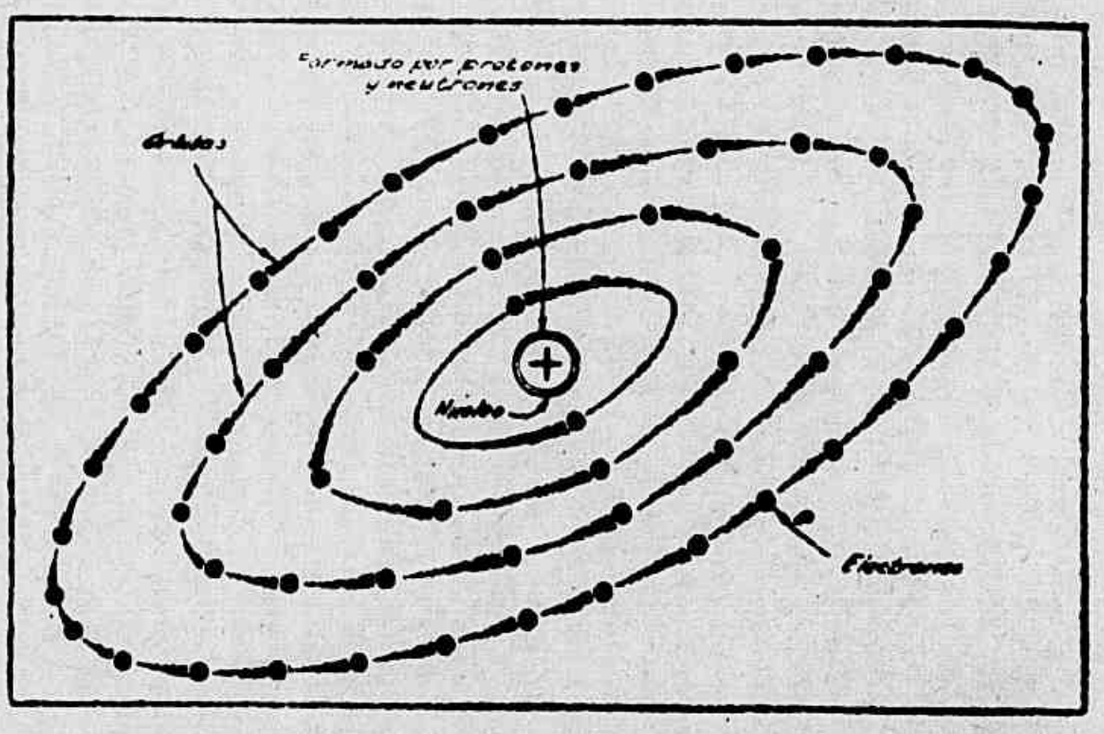
seu pêso. Ensina G. Claude que um quilo de radium dispõe de uma fôrça eletrônica capaz de acionar um motor de mil e quatrocentos cavalos durante cinqüenta mil anos.

Oliver Lodge reconhecia o éter do espaço sideral, contestado pela física moderna, como inexaurível fonte de fôrças e que alguns milímetros cúbicos transformados em matéria daria energia equivalente a um milhão de cavalos vapor durante quarenta milhões de anos. Outros punham em relêvo a fantástica velocidade dos eletrônios superando espantosamente todos os veículos humanos. O eletrônio viaja até a Lua, indo e regressando em dez segundos. Imaginava Boutaric que um miligrama de matéria lançada a essa altura representava a mesma energia de 20 trens expressos de cem toneladas cada um, movendo-se a cento e vinte quilômetros por hora. O número de giros do eletrônio em tôrno do núcleo atômico depende da sua distância e varia conforme o eletrônio. O físico francês Joseph Solange Pellat fixa o número de giros em quinhentos trilhões por



Um átomo de nitrogênio com os eletrônios gravitando em volta do núcleo — da mesmo forma como os planêtas gravitam em volta do sol.

segundo, igual a 8.330 vêzes o número de segundos que a humanidade viveu desde o nascimento de Cristo até os nossos dias. Marchavam os conhecimentos quando interveio Einstein e declarou a identidade entre a matéria e a energia, sendo a matéria o estado concentrado da energia difundida



A teoria dinâmica do átomo — representa os eletrônios gravitando em volta do núcleo central — teoria essa defendida pelos físicos Niels Bohr e Ernest Rutherford, Jean Perrin e outros.

no Universo. Dilata-se o invisível mundo da matéria e o átomo transforma-se em um sistema solar infinitesimal com um prodigioso conjunto planetário. Já antes da Segunda Guerra Mundial vinha da Alemanha e da Inglaterra a nova do fracionamento do átomo. Em Berlim, Fritz Lange e Arno Brasch partilharam o átomo de alumínio empregando uma corrente elétrica de dois milhões e quinhentos mil volts transformando o alumínio em hélio com a energia excedente de oito milhões de volts. Também dividiram os átomos de bório, sódio, lítio e glucínio alterando as suas qualidades fundamentais.

Na Inglaterra, os físicos F. D. Cockroft e E. T. S. Walton desintegraram a estrutura atômica mudando o hidrogênio em hélio. Nas experiências pioneiras dos físicos inglêses e germânicos o potencial elétrico se desdobrou acusando excesso de energia.

Os estrategistas apoderaram-se da teoria atômica quando gloriosas mentalidades da microfísica já haviam formulado as leis da desintegração nuclear, transportando para as mãos dos militaristas uma descoberta filosófica dos especuladores pré-socráticos.

O século XX transpõe a fase mais radiosa da Era das Descobertas, cuja evolução devemos ùnicamente ao espírito científico.

A MORTE COM MEIAS DE SÊDA

Romance de **ANTHONY BERKELEY** ★ *Tradução de* **RENATO DE ALENCAR**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Janet, filha de um pastor do interior da Inglaterra, fôra tentar a vida em Londres, acabando por aparecer enforcada no seu apartamento, onde residia com uma colega, miss Carruthers. Rogers, repórter especializado em escrever sôbre crimes, recebeu uma carta do pai da morta, pedindo que procurasse esclarecer o destino da filha. O jornalista tem escrúpulos de transmitir à família do pastor notícia tão triste, mas, por fim, resolve ir pessoalmente até lá.

Miss Carruthers, companheira de quarto de Janet, fica sabendo que a infeliz se enforcara com a própria meia de sêda, pendurando-se num gancho de porta. Sabe também que a suicida tinha as unhas cheias de tinta e pó. No dia seguinte os jornais noticiam outro suicídio, de mulher, com a própria meia de sêda. A segunda suicida chamava-se Elsie Benham e era, segundo o jornal "artista lírica". Concluía a notícia dizendo que a morta deixara uma carta. Mas era um simples bilhete, e dizia: "A prodigiosa morte..." E mais: "A morte e seu irmão, o sono". Isto era da "Rainha Mab" e surpreendia que uma atrizinha soubesse citar Shelley e citá-lo corretamente! A família de Janet revela que ela tinha numerosas relações masculinas, tôdas pessoas decentes. Ao regressar a Londres, ainda no trem, Roger lê num jornal, a notícia de um terceiro suicídio, ainda com meia de sêda! A morta era, desta vez, Ursula Graeme, filha de um figurão. Lady Ursula órfã de pai, jantara em companhia de amigos e depois fôra enforcar-se no "atellier" da pintora Macklane, que estava ausente. Os demais detalhes correspondiam aôs das primeiras mortes.

— Repare bem nesta fôlha. Repare bem de perto, Sheringham. Tome-a nas mãos: não se trata de um pedaço de papel qualquer; mas de papel para carta de muito boa qualidade, de papel muito caro.

— Ah! — exclamou Roger, que compreendia, afinal.

— Sim; e foi cortado — continuou Moresby. — E deve ter havido uma razão para tanto. Compreende agora?

— O enderêço foi cortado; enderêço ou timbre que devia estar impresso, provàvelmente...

— Não apenas o enderêço — interrompeu o inspetor que não escondia a vaidade que lhe inspirava sua própria perspicácia.

— Macacos me mordam... — começou Roger.

— Você me espanta, Sheringham. Julguei-o mais forte em deduções. Vamos lá, um pequeno esfôrço... Vejamos: imaginemos que você está em casa de um amigo... (como o provam os têrmos desta carta). Você está muito apressado e escreve uma palavra de afogadilho. Parece-me que...

— Que eu escreveria o nome do amigo no alto, e que até o sublinharia! — concluiu Roger. — Evidentemente... Moresby, você é genial!

— Até que enfim você percebeu a coisa! — disse Moresby, com ares de vitória. — Olhe agora o alto do papel, aqui à direita...

Roger examinou a parte indicada pelo grande polegar do inspetor. Podia-se perceber ali a extremidade de um traço de letra escrita a lápis.

— O fragmento foi cuidadosamente seccionado por meio de uma lâmina.

Moresby se ajeitou mais cômodamente em sua poltrona.

— Minha opinião é esta, Sheringham. Se você estudar os vincos ou pregas dêsse papel, constatará que o do meio não separa a fôlha em duas partes iguais. O desvio é de cêrca de uma polegada. Não se age assim... Não é...

— ... naturalmente — completou Roger.

— Isso mesmo. Instintivamente, dobramos uma carta ou papel pelo meio, matemàticamente, tão exato quanto possível. Então esta fôlha foi dobrada antes de ser cortada, em cima. Sabemos, portanto, qual a parte exata do pedaço que falta, assim como a da fôlha original.

— Estou ouvindo — disse Roger.

Moresby tocou a campainha e apanhou um bloco de notas.

Quando um auxiliar apareceu, atendendo à chamada, Moresby o enviou ao sargento Burrows, que apareceu logo depois.

— Bom-dia, Burrows. Apresento-lhe o sr. Sheringham, que está, provisòriamente a nosso serviço... Aqui tenho um trabalho para você. Preciso que me descubra tudo o que puder sôbre esta fôlha de papel de carta, na qual foram traçadas algumas linhas. Examine-a bem. Já anotei nesta fôlha do bloco, a descrição geral e particularidades, assim como o tamanho da fôlha

original. Você pode ver que ela foi cortada. Traga-me o nome do fabricante, os das papelarias de Londres que as vendem, sobretudo as que estejam situadas no West End. Procure saber quais são os clientes que as compram, e os que mandam imprimir seus endereços. Isso vai tomar-lhe bastante tempo; neste caso, recorra à ajuda de cinco de seus homens. Preciso dêsses detalhes tão depressa quanto possível.

— Pois não, chefe — respondeu o sargento Burrows, fazendo uma saudação militar e partindo devidamente munido das instruções que Moresby havia ràpidamente anotado nas fôlhas do bloco de rascunhos.

O inspetor-chefe apanhou o cachimbo, e Roger, impressionado com os meios de ação da Scotland Yard, ofereceu-lhe a bolsinha de fumo. Moresby ia empregar a fundo os vastos recursos da polícia, e Roger não deixou de pensar que os mesmos poderiam levar a descobertas sôbre as quais era êle absolutamente estranho.

— A propósito — interveio Roger, achando que era tempo de se fazer notado — aqui está a lista de nomes de que lhe falei, colhidos para mim, por miss Manners...

E estendeu-a ao seu interlocutor.

Em seguida, explicou:

— É uma cópia que tirei especialmente para você. O original está comigo.

O inspetor percorreu-a com a vista, mais ou menos até uns trinta nomes, enquanto ia enchendo o cachimbo.

— Hum! Dir-se-ia que ela freqüentava a alta roda de seus domínios: lorde **isto**, sir **aquilo**...

— A família é muito bem cotada no meio. Não é de admirar que as filhas dos Manners tenham conhecido a juventude dos castelos.

— O que admira é que tão belas relações nada tenham feito pela pobre Janet em Londres!

— De certo ela não procurou nenhum dêsses figurões. Ninguém sabia mesmo, provàvelmente, que essa mocinha tinha ido trabalhar em Londres. Os Manners são pobres; mas percebi, claramente, que êles são, todos, bastante briosos.

— Não obstante, para se exibir em palcos de "music-hall" — disse Moresby a acender o cachimbo, já cheio do excelente fumo de Roger.

— Não é bem assim, Moresby! — disse Roger, um tanto irritado. — Essas coisas são admissíveis, hoje.

Mas o jornalista não deixou de sentir certa contrariedade só ao admitir que sua amiga Anne chegasse a ter o mesmo pensamento de sua pobre irmã, e fôsse trabalhar assim, em Londres.

— Hum! — resmungou o inspetor, que continuava a examinar a lista, em silêncio.

Roger se mexeu, inquieto, em sua cadeira. Preferia estar lá fora a trabalhar... Mas, como? Moresby parecia monopolizar tudo o que êle poderia fazer naquele momento. O diabo daquela carta... Iria ela cortar-lhe tôdas as **chances** de contribuir também para o esclarecimento dos crimes, trazendo a solução ainda em hipótese?

Exasperado, Roger apanhou a lista, que examinou novamente.

— Sim, a borda foi cortada com um canivete ou outro instrumento portátil, o que prova a premeditação...

Moresby ergueu os olhos para o jornalista.

— Premeditação? É claro. Foi o que lhe disse ontem à noite.

— Tem razão. O corte do papel prova isso, embora eu julgue que o teatro do crime não tenha sido previsto. Segundo penso, o assassino de lady Úrsula esperava matá-la desde vários dias, trazendo a carta consigo, com a intenção de servir-se dela logo que surgisse a ocasião. O encontro, lá no **atelier** não foi senão obra do acaso.

— É muito possível — reconheceu Moresby. — Além disso, jamais acreditei em um encontro marcado, e me contento em permitir esta explicação, como base de possibilidade que não deve ser desprezada. No seu entender, seria preciso procurar as pessoas que pudessem ter boas razões para matar lady Úrsula?

— Não! — exclamou Roger, meio enervado. — É justamente isto o que me desespera neste negócio! A questão do móvel do crime não nos pode ajudar. Nós já o temos: aí está êle, **essa carta**! Quando a infeliz escreveu estas linhas estava assi-

nando a própria sentença de morte, como dizem os romancistas populares.

— Ah! — fêz o inspetor-chefe, muito interessado. — Sim, eu não havia reparado nesse ângulo do caso. Muito engenhoso, Sheringham...

— Mas muito evidente — retornou Roger. — Veja que o nosso maníaco não cessa de estar em busca de novas vítimas. Uma criatura a quem não pode converter a morte em suicídio não lhe interessa absolutamente. Mau grado sua alegria de matar, não quer correr, de forma nenhuma, os riscos do crime, e sabe, além disso, evitá-los com uma redação extrema, verdadeiramente diabólica. Estando a coisa dentro de seus métodos, o suicídio lhe convém perfeitamente, como simulação. Pois bem! A carta de lady Úrsula representa, para o nosso desequilibrado, verdadeiro presente. Sua próxima vítima já lhe está assegurada. Não tem mais que aguardá-la e levar a carta à mesma, a fim de não deixar escapar o momento quando êste se apresentar. É simples, meu caro Moresby!

— Mas isto não lhe dá nenhuma saída, sr. **Holmes** — respondeu Moresby, pilheriando com Roger. — É possível que você tenha razão em alguma coisa. Mas não temos mais que suspeitas como base de nossas acusações, mesmo admitindo que, um dia, pudéssemos conseguir a verdadeira identidade do criminoso. A menos que não tenhamos melhor **chance** na próxima vez...

— Na próxima vez? — indagou Roger.

— Sim — disse o inspetor-chefe, com ar muito natural. — No próximo "suicídio".

— Oh! — exclamou Roger.

O telefone tilintou nesse instante.

— Pronto — disse o inspetor. — Sim; sou eu, o inspetor-chefe Moresby. Oh! Perfeitamente! Bom-dia, senhor... Ah! Pois não... Mas, logo que o senhor queira... Imediatamente, senhor...

Moresby repôs o fone no gancho.

— É Pleydell. Aí vem êle com a lista!

— Espero que possamos ter algo mais positivo. Não aprecio nada a idéia de nossa inação enquanto êsse selvagem organiza seus planos para assassinar uma outra moça.

— Mas, que podemos fazer? — respondeu Moresby, não se razão. — Nada sabemos, ainda, a seu respeito!

Roger verificou, mais uma vez, o quanto é enervante ouvir **a voz da razão**, especialmente quando ela não corresponde aos nossos desejos...

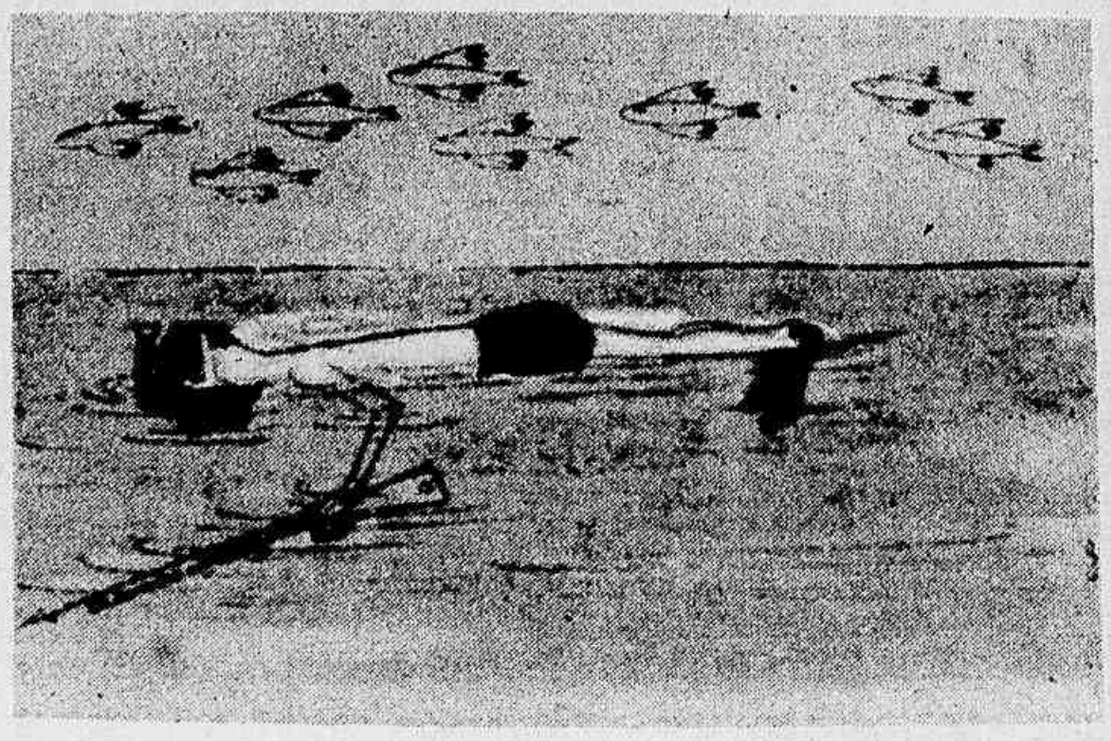
— Acha você que êsse monstro vai recomeçar?

— Sem nenhuma dúvida, Sheringham! — respondeu alegremente o inspetor-chefe. — Direi mesmo que isso **é inevitável**. Tais selvagens vivem sedentos de sangue, à medida que seus golpes alcançam êxito. São insaciáveis, e só descansam um pouco quando cometem uma dúzia de crimes.

— É verdade — disse Roger, indignado. — Mas não é possível deixar um bruto dêsses em liberdade, sem advertir o público. É preciso prevenir as mulheres!

— E lhe dar, ao mesmo tempo, todos os meios de esconder-se? Não, meu caro! Desta forma jamais o pegaremos. Só poderemos agarrá-lo, ao preço de uma nova vítima. Sua morte poderá salvar muitas outras jovens. Mas faremos o possível para detê-lo antes — apressou-se a dizer o policial. — Vou precipitar minhas buscas com tôda a rapidez possível, agora que estou convencido de que se trata de um louco.

Roger não se sentia convencido; para êle a polícia devia advertir as mulheres que viviam sòzinhas, sem homem que as amparasse, sem proteção masculina. E exprimia sua opinião com a maior vivacidade. O inspetor-chefe, porém, mostra-se inflexível, provando-lhe que seria inútil prevenir as mulheres, pois, desde as origens



do mundo, jamais ligaram importância a advertências. No meio dessa discussão foi anunciado Pleydell.

Saudou-os com ar grave, cortês, com uma polidez que parecia pertencer a uma outra idade, e que admirava em homem tão jovem. Em seguida, estendeu a Moresby a lista prometida. O inspetor a colocou sôbre a mesa, sem mesmo a olhar, passando a conversar, perguntando ao noivo de lady Úrsula sôbre suas ocupações diárias e se podia procurá-lo quando se apresentasse uma súbita necessidade. Pleydell lhe forneceu uma indicação sumária e prometeu telefonar à Scotland Yard caso alterasse o programa. O pedido de Moresby como que surpreendeu o visitante; mas, de qualquer maneira, forneceu todos os dados sem hesitar. Pareceu a Roger que Pleydell ainda não havia conseguido coordenar idéias reais sôbre a morte de sua noiva.

Sua visita durou uns cinco minutos, apenas. Logo que se foi, os dois amigos passaram a conferir as duas listas.

— Ah! — gritou Roger ao cabo de um instante.

— Veja só! — bradou Moresby ao mesmo tempo.

— Santo Deus! — exlamou Roger, alguns segundos depois.

É que não havia apenas um nome coincidente em ambas as listas, mas três!

Capítulo X

— Apurando bem as coisas — disse Roger depois de uma pausa — a coincidência não é lá tão forte como podia parecer; os nossos compatrícios que vão passar um mês de inverno em Monte-Carlo pertencem, precisamente, ao meio social em que também vivia a pobre miss Manners no seu Dorsetshire natal... O "grand monde", como diria meu criado de quarto.

— Estou de acôrdo; mas... três nomes! Quanta coincidência!

— Sem dúvida. Mas não há nada de mais estranho, senão o fato de conhecer eu duas dentre três pessoas. A brilhante sociedade que faz o curso de pólo e que parte em janeiro para Monte-Carlo, se compõe, apesar de tudo, de limitado número de participantes. Desde que se começa a viver um pouco naquele meio, percebe-se que todos têm desejo de regressar o mais breve possível. Não sou da "alta roda", mas tenho algumas relações, como, por exemplo, Beverly, a quem vejo de tempos em tempos; não o conheço senão superficialmente; entretanto, não o tolero muito.

— Ah! — fêz o inspetor interessando-se. — Por quê?

— Ora, por nada! Acho-o apenas pretensioso; é tudo. É um tipo delgado, simpático e que se julga um assombro. É poeta. Compreenda-me bem, Moresby, eu adoro a poesia, e cheguei mesmo a escrever alguns versos, antes de descobrir que a natureza não me havia conferido dons para tanto. Beverly, porém, dá às suas produções poéticas o nome de poemas, coisa que nunca fiz com as minhas.

— E que nome lhes daria, Sheringham?

— Sei lá! Além do mais antipatizo com tudo o que o representa. Aquêle animal usa uma barbicha inimaginável no rosto de um poeta moderno. É um ser mordaz, venenoso, meu caro Moresby; não o escondo. Mas, mesmo inofensivo, não deixa de ser temível. É muito afeminado para ter a coragem de matar, mesmo para salvar a própria vida... Eis a única referência favorável que posso fazer-lhe. Gostaria muito que fôsse êle o homem a quem procuramos; mas... irra! É o filho de lorde Beverly, conforme você sabe perfeitamente.

— Hum! — resmungou o inspetor-chefe. — E o outro, que você também conhece... Gerald Newsome?

— Jerry Newsome? Oh! Fomos muito amigos há algum tempo. Estudamos preparatórios juntos e depois, colegas em Oxford. Sim, recordo-me de que sua família habitava o Dorsetshire. Está fora de qualquer suspeita. Um belo moço, digno sob todos os aspectos... Excelente tenista.

— Ah! — fêz Moresby, impassível. — Atlético?

— Muito... Oh! Compreendo. Não, Moresby, deixe de atirar "verdes"; Jerry está acima de qualquer suspeição. Muito mais fora disso do que Beverly.

— Bem... Resta-nos apenas George Dunning — disse o inspetor, consultando as duas listas.

— Quem sabe lá ? Vá atrás dêle; talvez seja **o tal** — disse Roger, com uma pontinha de zombaria. — Mas ignoro completamente quem seja êsse "cara" !

Nada mais havia nas duas listas. O estoque de grã-finos de Monte-Carlo, onde também se dera um "suicídio" nas mesmas condições dos de Londres, estava esgotado. Dos três suspeitos sòmente Beverly figurava na relação dos integrantes do mundanismo londrino. Quanto a Newsome, Roger o havia perdido de vista; mas recordava que lhe haviam dito viver o mesmo em terras de sua propriedade após a morte do pai. Procuraram averiguar o caso e acabaram sabendo que a propriedade estava situada a umas dez milhas de Little Monkton. Quanto a George Dunning, segundo puderam apurar, era êle um celibatário, dono de grande fortuna, morando num apartamento perto de Piccadilly; membro de vários clubes conhecidos, dentre os quais o de Oxford e Cambridge, tinha feito estudos em Rugby e Cambridge.

— Olá — disse Roger, — êle faz parte de Oxford e Cambridge ? Se vai lá algumas vêzes, poderei travar conhecimento com o mesmo.

— Muito bem, não o esqueça, se achar possível — aprovou Moresby, que acrescentou: — Mas não deixe perceber nada do que estamos apurando. Não lhe permita suspeitar de que estamos na marcha batida para pegar o assassino.

Roger olhou o inspetor-chefe com ares de quem se ofendera com estas recomendações. O policial, sem parecer notar nada, prosseguiu:

— . . . e não procure avançar muito antes de que eu dê o sinal — continuou Moresby, sempre sem dar importância ao crescente abespinhamento do seu amigo. — Não quero espantá-lo. Lembre-se de que ainda não terminamos nossos planos. Estamos esperando as investigações nas papelarias, buscas que vão eliminar, muito provàvelmente, dois dos nossos suspeitos.

— E, por conseqüência, ficaremos sòmente com George Dunning! — concluiu Roger. — Muito bem, Moresby; terei tôdas as cautelas e nada farei que lhe permita suspeitar de nossas pesquisas, quando me encontrar com êle. Sua confiança em mim muito me honra, **sr. inspetor-geral**.

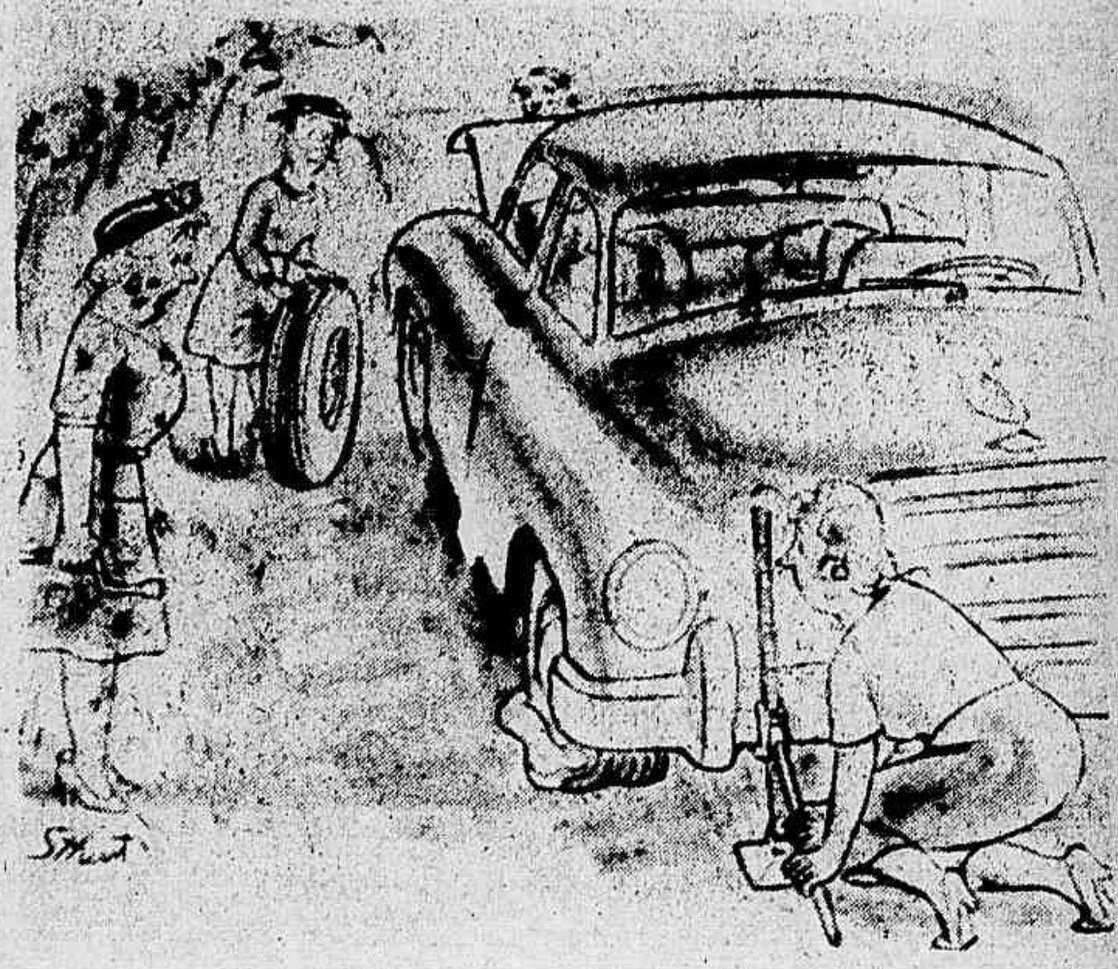
Moresby sorriu. Roger o deixou e correu a Oxford e Cambridge, para almoçar e travar relações com Dunning. Não bastava identificar o culpado. Era preciso reünir provas. E Roger se julgava perfeitamente capaz disso, pois poderia agir livremente, sem as restrições que tanto embaraçavam os detetives profissionais. Em seu espírito se formaram alguns projetos, os quais não teriam merecido a aprovação da polícia oficial.

Na portaria do clube informaram que o sr. Dunning não se achava ali naquele momento e que tinha o hábito de vir apenas umas três ou quatro vêzes por mês. Era desanimador. Contudo, o jornalista resolveu almoçar no restaurante do clube, pois já fazia muito tempo que não aparecia ali. Em todo o salão não viu uma só fisionomia conhecida. O "maitre d'hotel" lhe recomendou um assado, o que lhe foi servido.

Mas estava escrito que o nosso herói não almoçaria a sós naquela manhã. Dez minutos mais tarde, quando o garção lhe trazia apetitosa fatia de carne artìsticamente adornada com legumes e batata, ouviu que uma voz, tìmidamente, chamava por seu nome. Roger se voltou e viu, à esquerda, de pé, ao seu lado, o sr. Pleydell.

— Oh ! — exclamou Roger — O senhor vem salvar-me de uma refeição monótona !

E levantou-se cortêsmente.



— Pronto ! Tornamos a colocar a roda do pneu furado !

A ocasião era excelente e Roger não queria perdê-la.

— Tenho horror de almoçar sòzinho! Se o amigo não espera alguém poderia dar-me o prazer de sentar-se à minha mesa?

— O prazer é meu também — respondeu Pleydell, com delicadeza, ocupando uma outra cadeira.

— O senhor é Roger Sheringham, o romancista, não é isso mesmo? — continuou êle, quando ambos estavam novamente sentados. — Quando estive lá na Scotland Yard pareceu-me que sua fisionomia já me era familiar.

— Também tive a mesma impressão — respondeu Roger. — Não jogamos, há uns dois anos, uma partida de **bridge**, tendo por parceiro Frank Merriman?

— Perfeitamente! — concordou Pleydell, com um sorriso. — É interessante como nos reunimos, um dia, à mesma mesa... e depois a vida nos separa...

Em tôrno da conversa veio uma série de reminiscências banais. Roger soube, então, que seu convidado estivera também em Cambridge, mas por pouco tempo, em virtude da guerra. Esgotado o capítulo das recordações, a conversação esmoreceu, pois que ambos tinham no pensamento palavras que seus lábios não pronunciariam. Roger adivinhava os pensamentos de Pleydell, que devia estar intrigado com o fato de um romancista estar metido em investigações policiais para esclarecer a morte trágica de sua noiva, lady Úrsula. E era o próprio Roger quem procurava a resposta a dar, quando Pleydell se animasse e viesse a fazer-lhe tal pergunta.

Mas o aristocrata agiu por etapas.

— O inspetor-chefe, com quem conversei lá na Scotland Yard, chama-se Moresby, não é isso? É um elemento eficiente?

— Oh! Sim — respondeu Roger.

A pergunta de Pleydell teve por base evitar que sobreviesse o maior silêncio entre ambos, pois já parecia que os dois iam conservar-se mudos.

— Não teve êle uma surprêsa com a minha visita, ontem à tarde?

— Não. Nós a esperávamos, **mais ou menos** — disse Roger, misteriosamente.

— Está o senhor adido à Scotland Yard? — indagou Pleydell, dando à pergunta um tom mais de afirmação do que de ignorância. Isto deve ser extremamente interessante.

— Realmente.

Pleydell o olhou com firmeza.

— Qual é a sua opinião pessoal sôbre a morte de minha noiva?

Roger procurou esquivar-se de uma perigosa resposta:

— Nós a julgamos... muito estranha, o que justifica certas pesquisas... — replicou êle, vagarosamente, procurando dar ao assunto um caráter impessoal.

— **Estranha**... É fraco, o têrmo — murmurou Pleydell. — Suspeitam de algum daqueles nomes que forneci? Penso ter compreendido haver suspeitas, ao pedir-me Moresby aquela lista...

— Sempre é possível suspeitar-se, não é mesmo?

— Oh! Por que não é franco comigo, Sheringham? — disse o jovem banqueiro com ligeiro tremor na voz. — Não vê que êsse caso me tortura de maneira indescritível? Enlouquecerei se isto não fôr esclarecido dentro em breve...

Roger ficou surpreendido ao ver Pleydell, para êle tão controlado e dono de si mesmo, assim em transportes de emoção. E ficou certo de que aquêle homem devia estar sofrendo cruelmente, a ponto de externar a um estranho os seus sentimentos mais íntimos. E chegou mesmo a pensar que era a êle, Roger, a quem Pleydell abria seu coração e desfazia aquela máscara de impassibilidade. À exceção, é claro, de lady Úrsula, quando era viva.

— Veja bem, Sheringham, que eu não iria confiar nos policiais da Scotland Yard; não iria falar-lhes **dela**, se não estivesse inteiramente confiado. Pelo amor de Deus, diga-me o que êles pensam, realmente, e quais são as suas intenções!

Seus dedos tremiam insensìvelmente; Pleydell esmagava migalhas de pão.

Roger sentiu certo mêdo. Sua primeira impressão naquele instante era a de que Pleydell procuraria vingar-se do culpado, quando a verdade fôsse apurada. Era necessário evitar que êsse homem perdesse a calma e se tornasse prejudicial à sua própria pessoa.

De outro lado era perigoso que êle descobrisse o assassino por seus próprios meios, quando seria impossível controlá-lo.

Não seria melhor que, desde aquêle momento, lhe dissessem que confiasse na Scotland Yard e renunciasse a qualquer ação direta? Roger ficaria satisfeito com uma simples promessa verbal. Além disso Moresby teria que esclarecer as coisas, quando convidasse novamente a Pleydell para fazer-lhes outras perguntas. Que mal haveria se Roger antecipasse as coisas por umas vinte e quatro horas? O pobre diabo seria até aliviado, sabendo-se que é preferível ter-se certeza logo de uma coisa, do que suspeitar ou **temer** a verdade.

Roger se decidiu imediatamente:

— E o senhor? Qual a sua opinião? — perguntou êle, abandonando a atitude defensiva que havia tomado pouco antes.

Pleydell o fitou vivamente.

— A minha? — disse lentamente. — Não tenho coragem de revelar-lhe o que penso. É fantástico.

— Vejamos... — disse Roger, percebendo que as suspeitas dêle se aproximavam da verdade, que lhe parecia cruel revelar ao banqueiro. — Crê que lady Úrsula praticou o suicídio?

Sem que se mostrasse abalado com a idéia que se antecipava na maneira por que Roger fêz a pergunta, Pleydell respondeu quase imperceptìvelmente:

— Ah! **Aquilo foi um assassínio**!

★

Pleydell havia suportado o choque bravamente, segundo Roger observou com satisfação. Mas, para isso, deveria ter êle já as suas suspeitas. Além do mais, o banqueiro não era nenhum imbecil, para que essa possibilidade lhe houvesse escapado.

— Não estamos ainda certos disso — afirmou Roger com um inflexão de voz que não desmentia as suspeitas. — Mas êsse "suicídio", vindo depois de outros do mesmo gênero...

Pleydell aprovou com um gesto de cabeça. Roger admirava sua calma. De sua fisionomia desaparecera todo traço de nervosismo, agora que estava certo de que não se tratava de suicídio.

— Sim — voltou êle — Cheguei a essa conclusão desde que fiz essas comparações... E foi isto que me levou a recorrer à Scotland Yard. Mas, quando lá estive, não me senti com bastante coragem de revelar meus pensamentos com inteira franqueza. A idéia me parecia fantástica... Só o pensar que minha noiva fôra assassinada... Horrível! Não me sentia capaz de compreender como isso pudesse acontecer a uma pessoa como lady Úrsula. Tem o senhor alguma suspeita, qualquer pista ou indício?

— Pouca coisa — confessou Roger. — Quase nada mesmo... Mas, cedo ou tarde, agarraremos o culpado, eu o prometo; isso não será, é claro, da noite para o dia! A propósito, Pleydell...

O jornalista pareceu embaraçar-se antes de completar o pensamento.

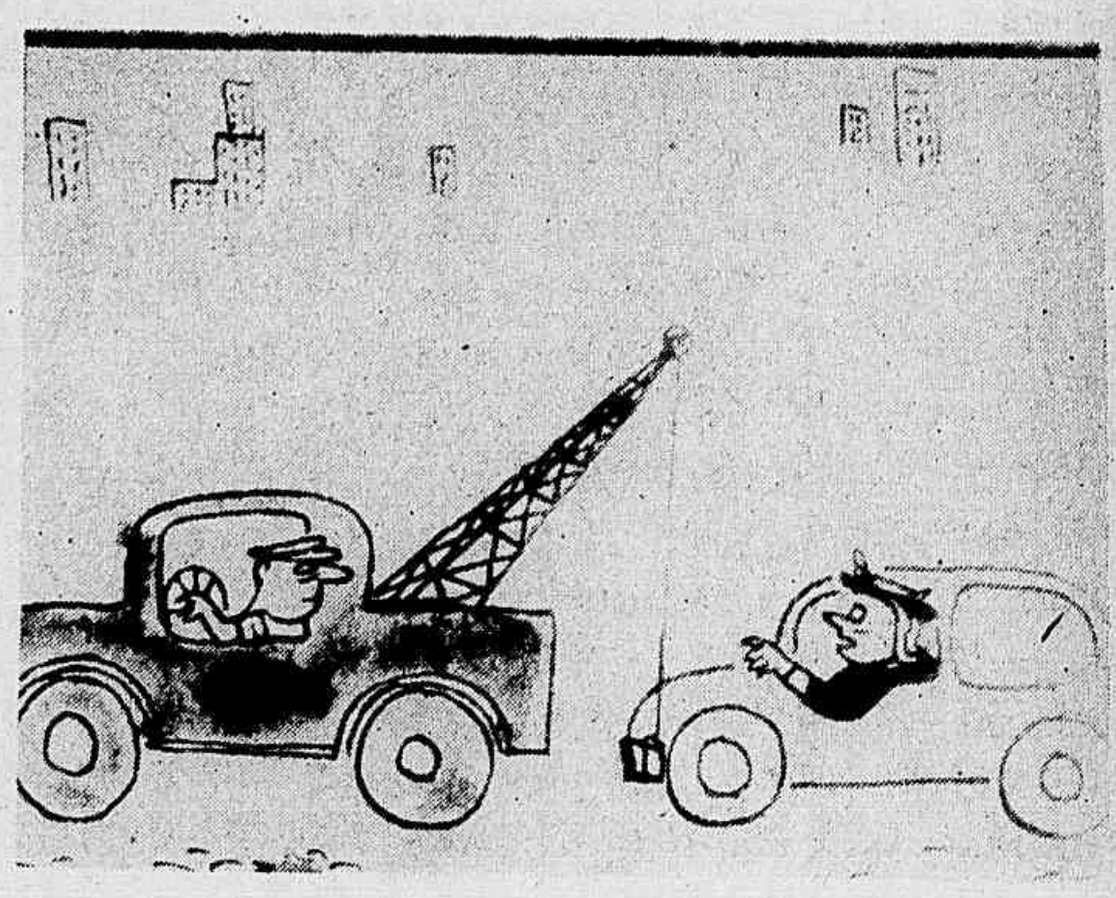
— Continue, por favor... — pediu o banqueiro.

—Não é nenhum disparate pensar que se trate de um louco, você compreende...

— De um louco?

— Sim. De um sádico, um tarado. Penso que não estamos em presença de um crime ordinário, cometido por um delinqüente senhor de tôdas as faculdades normais, o que permitiria à Justiça ser inflexível na aplicação do mais exemplar castigo. Ignoro, porém, se a lei não venha a considerá-lo apenas como responsável... quase irresponsável.

●



— O senhor pode dar uma voltinha pelo centro! Tenho que fazer umas compras...

— Isso é lá possível? — perguntou Pleydell sêcamente. — Contudo, vai o senhor tratar de pôr-lhe a mão, não é isso?

— Evidentemente, mas...

— É inútil dizer-lhe — interrompeu Pleydell — que coloco à sua disposição todos os meios financeiros de que disponho. Tenho fartos recursos, e lhe asseguro, que os empregaria por inteiro para ver êsse miserável expiar seu crime no cadafalso.

— Eu... sim, evidentemente — murmurou Roger, um tanto perturbado. — Evidentemente.

— Se eu puder ajudá-lo, de qualquer maneira...

— Sim — disse Roger, bruscamente. — Aqui está um meio pelo qual poderá auxiliar-nos ou tornar-se útil em nossas investigações. A Scotland Yard está com o assunto em mãos, e não conheço melhor organização para dar caça ao homem. Não esqueça isso. Por outro lado quero que me prometa não agir, nada tentar por si mesmo. Se tal sucedesse, o senhor se arriscaria a embaralhar as coisas, prejudicando o nosso trabalho.

Gozando de uma posição oficial o nosso jornalista parecia ter feito suas, nessa ocasião, tôdas as censuras, não menos oficiais, contra os amadores entusiastas e suas atividades bem intencionadas. Que nos permitam maravilhar-nos em face disso.

Pleydell não pareceu disposto a dar sua palavra de que não iria fazer algo por si mesmo.

— Eu disse o que, talvez, não devesse dizer — insistiu Roger — e peço que me prometa nada fazer paralelamente ao serviço de Scotland Yard. Isto é realmente importante!

O capitalista pareceu meditar.

— Muito bem — disse por fim — Dou-lhe minha palavra, mas com uma condição: pôr-me a par de suas pesquisas e dos resultados das mesmas. De outra forma me considerarei livre para tomar os serviços de detetives particulares, a fim de completar os seus esforços.

— Oh! Não faça tal coisa! — gritou Roger, com intensidade de expressão reprovadora, tal como o faria Moresby. — Prometo-lhe pô-lo ao corrente de tudo, oficiosamente, está entendido. Mas, não deverá passar a ninguém o que eu lhe disser. Mas, pelo amor de Deus não meta entre nós uma cáfila de detetives privados. Veja o senhor que é a única pessoa a saber que a Scotland Yard está interessada em tal assunto. Esperamos capturar o miserável, de surprêsa. É nisto que fundamentamos nossa esperança...

— Muito bem — disse Pleydell suscintamente. — Estamos de pleno acôrdo. Mas peço que me diga, neste momento, em que pé estão as coisas.

Diante dessa pergunta, Roger se felicitou intimamente por ter manobrado a coisa com habilidade. Pleydell, sob aquelas condições, poderia tornar-se de muita utilidade, um bom auxiliar mesmo.

O jornalista passou então a informar o que havia até ali, prosseguindo:

— Veja o senhor, então, a importância de três nomes masculinos que figuram simultâneamente nas duas listas examinadas. Devemos fixar bem um dêsses nomes, pois, na minha opinião, Newsome e Beverly estão fora de qualquer suspeita. A propósito, conhece todos os homens que constam da sua lista?

— Mais ou menos. Compreendo, agora, por que o inspetor a desejava tanto, o que me surpreendeu no momento. Sinto muito, infinitamente mesmo, não me encontrar em Monte-Carlo por ocasião da morte daquela moça. O miserável partiu antes de minha chegada.

— Não há dúvida; mas não creio adiantasse muito o espaço de cinco dias sòmente. De certo êle pode ter sentido mêdo, fugindo imediatamente. É fácil descobrir os que partiram de Monte-Carlo no decurso dêsses cinco dias. Mas creio que êle se deixou ficar.

Pleydell tinha o ar bastante grave.

— Estou perplexo, Sheringham. Jamais me passaria pela idéia que êsse assassino pudesse ser um dos nossos amigos.

— Entretanto... Pode muito bem ser que tal indivíduo se conduzisse sempre mui normalmente no ordinário de sua vida. Sua aberração fatal não o ataca senão em raras ocasiões. Relembre que Jack, o Estripador, passava por ser um cidadão honesto...

— É horrível! — murmurou Pleydell.

(Continua no próximo número)

DANÇAR

É EXCELENTE REMÉDIO MENTAL

NOVA classe foi iniciada no departamento de neuro-psiquiatria da Universidade de Wisconsin com a finalidade de ajudar os enfermos mentais a vencer os seus desajustamentos sociais, realizando uma série de experiências terapêuticas com enfermos esquizofrênicos, no Hospital Estadual.

Oito estudantes graduados, selecionados pelo dr. Max Smith, passaram quatro horas por semana realizando experiências como se fôssem doentes mentais através do processo de "psico-movimento" criado para resolver os seus "problemas".

Após um determinado período, o "psico-movimento" dramático é executado pelos estudantes. Através dêsse processo os pacientes tentam analisar os movimentos e sua significação.

Tomemos, por exemplo, a condição de "filho desprezado". Dois estudantes fazem o papel dos pais, dançando dentro de um estreito círculo; um terceiro é o filho, que permanece do lado de fora como que relegado.

A **criança** faz muitas tentativas para desunir as mãos dos pais e penetrar no círculo, porém é constantemente rejeitado. Por fim, desespera-se e sente-se profundamente humilhada. Mais tarde, ao tentar fazer amigos, a criança percebe inconscientemente que seu espírito está dominado por êsse sentimento de rejeição.

Na parte final dêste processo teatral, consegue conquistar novos amigos, **mas sòmente depois de romper o círculo e permanecer entre os pais**. O assistente que dirige a classe é um estudioso da psicologia social, e sua principal tarefa é a de observar e anotar o comportamento do grupo antes e depois das representações.

Segundo declarou o dr. Max Smith, **"após o drama da criança rejeitada, os pacientes permanecem quietos e pensativos"**.

Êsse curso experimental contava com dezessete pessoas de ambos os sexos.

Êste tratamento para doentes mentais é devido a uma sugestão da doutôra Thelma Hruza, destacada neuro-psiquiatra da mesma Universidade, que sempre insiste para que os estudantes compareçam à clínica, a fim de que recebam o necessário auxílio em sua luta pelo reajustamento social por meio da dança, que, em última análise, serve como suplemento da técnica verbal.

E O ALMÔÇO?

Por CLAUDE

COISAS DE TIO SAM

NUM grande jornal norte-americano apareceu o seguinte anúncio: "Sou romancista e prometo enviar-lhe pelo correio um romance inédito, no qual você será o herói ou a heroína. Caso lhe interesse, tenha a fineza de remeter-me uma fotografia, um esquema do seu caráter, o relato completo de sua vida, e um dólar."

●

O TAMANHO DO CÉREBRO

O cérebro de um recém-nascido tem um volume igual a vinte por cento do cérebro de um adulto. Aos dois anos de idade chega a cinqüenta por cento; aos quatro anos atinge a oitenta, e aos seis anos atinge o seu tamanho máximo.

●

DE NIETZSCH

"És jovem e desejas mulher e filho. Mas... Terás, realmente, o direito de ambicionar um filho? És vitorioso, vencedor de ti mesmo, soberano dos teus sentidos e senhor de tuas virtudes? Ou então teu desejo não é mais que o grito do animal e da indigência? Ou o pavor da solidão? Ou a discórdia contigo mesmo?"

●

A TEMPERATURA DAS LAVAS VULCÂNICAS

QUANDO se diz que as lavas arrojadas pelos vulcões têm uma alta temperatura, não se comete um exagêro.

Em alguns casos, até um ano depois de arrojadas, o calor que conservam é suficiente para fritar um bife.

O CASO DOS JARDINS SUSPENSOS

E causava-lhe terror a idéia de que ninguém a encontraria naquele recinto; ninguém havia penetrado nêle antes de Robert Powell. A abertura pela qual havia saído, encontrava-se, desde então, bloqueada. Só via uma possibilidade de salvação: retroceder para encontrar, milagrosamente, o caminho por onde havia vindo.

Lutou contra o mêdo que a assaltava; obrigou-se a andar, passo a passo, através do vazio; mas, apesar dos seus esforços, o terror voltava a dominá-la. Seu lento passo converteu-se em desesperada carreira; compreendeu que havia perdido tôda a serenidade. E quando, finalmente, tocou numa parede, não fêz esfôrço algum para conduzir-se lògicamente, nem sequer se deteve para pensar qual a direção que deveria tomar; apenas percebeu que se achava num corredor.

Sua mão tocou numa rocha suave e arredondada. Deteve-se, retrocedeu, e depois agarrou-a febrilmente com ambas as mãos. Seus dedos reconheceram o estranho perfil do «Cabo do Tonto» e sua alegria foi manifestada com um grito. Agora sim, **sabia onde se encontrava**! O impossível havia acontecido. Não sabia como havia retornado ao seu caminho. E já podia andar, mesmo na escuridão podia voltar ao pórtico, onde se achavam os elevadores, e subir para a portaria.

Ainda soluçava histèricamente quando deitou a correr rumo à casa dos Ryan. Viu Nick sair detrás do seu automóvel e ficar assombrado ao vê-la. E correu para ela, estreitando-a com fôrça entre seus braços.

Chegamos com a presente edição ao último capítulo desta novela em que o romance e o mistério se renovam a cada instante e as personagens se sucedem num primeiro plano de importância, deixando o leitor totalmente confundido, sem poder apontar a quem cabe a culpa pelos crimes praticados nas estonteantes cavernas multicoloridas, onde os abismos e as sombras ora amedrontam ora fascinam. Seria interessante para o leitor tentar (antes de iniciar a leitura do derradeiro capítulo) rememorar os episódios principais, a fim de ver se consegue dizer com certeza: O nome do culpado é... Tal!

Por que não tentar?

— Elsa; que é isso? Aconteceu alguma coisa?

Ela, entretanto, não podia falar. Desmaiou apoiada em seu peito. Nick levantou-a, e um minuto depois achava-se deitada sôbre um sofá na casa dos Ryan. Woody estava a seu lado com um copo de brandy na mão.

Um momento depois, sentou-se.

— Já estou bem.

— Toma mais um pouco de brandy — disse Woody.

— Não, não. Já estou bem.

— Afinal, Elsa, o que aconteceu — perguntou Nick.

— Desci às «Grutas» procurando você... e me perdi!

— Estêve perdida? — disse Woody, olhando-a com surprêsa. — Você? Como?

— As luzes se apagaram e... E senti mêdo! Sei que devia ter ficado onde estava, mas tinha tanta certeza de encontrar o caminho de volta...

— Espera um pouco — disse Woody. — As luzes se apagaram? Por que?

— Não sei. Tive a impressão de que ouvi alguém, e chamei; mas ninguém respondeu. E imediatamente as luzes se apagaram. Talvez alguém tenha desligado, ou foi um fusível que se fundiu. Não pensei em nada, e...

Nick interrompeu:

— Woody, que terá acontecido com a iluminação? Terá sido mesmo algum defeito?

— Tudo é possível, mas eu duvido muito. Tôda a instalação foi revisada com o maior cuidado por ocasião da inauguração das novas «Grutas».

Enquanto falava, Woody aproximou-se da janela, e, por

Ela ficou ali, indecisa como uma criança surpreendida pelo perigo...

algum tempo ficou a olhar as cavernas.

— Estou certo de que alguém apagou as luzes! — concluiu repentinamente. — Mas quem poderia ter sido? E por que?

— Quem se encontra lá embaixo, agora?

— É precisamente o que quero saber. Mas suponho que lá não está ninguém. A polícia despediu todos os trabalhadores esta manhã.

— E Walter?

Woody balançou a cabeça.

— Não acredito — disse êle. — Mandei-o ao povoado esta manhã.

Voltou-se bruscamente dirigindo-se para a porta.

— Vou ver o que acontece nas «Grutas» — anunciou com ar decidido.

— Seria aconselhável que eu fôsse com ela — disse Nick, voltando-se para Elsa.

— Não, Nick. Espera. Há algo mais... Por isso eu procurava por você. A polícia encontrou uma carta dirigida ao sr. Powell. Agora já sabem o motivo que o levou às «Grutas».

— Conte-me, então, Elsa — pediu Nick com voz absolutamente tranqüila.

— A carta diz — falou Elsa — a carta diz... que você e Lola estavam apaixonados e que se encontravam nas «Grutas».

Nick nada dissé, mas ficou pálido.

— Já sei que não é verdade — continuou Elsa. — Sei que você e Lola não marcaram nenhum encontro...

— É verdade, Elsa. Quando você me viu ontem, eu estava justamente à procura de Lola.

— Nick...

— Mas esta é a única parte da história que é verdadeira. O resto é mentira. Ontem, o garçon do clube recebeu uma chamada telefônica para mim. Alguém que dizia ser a secretária de Woody chamava-me lá das grutas.

— Mas a secretária de Woody está em gôzo de férias!

— Sei disso — disse Nick tristemente. — Mas, ontem, eu não sabia! A pessoa que falou pelo telefone disse que Lola se encontrava nas «Grutas» e que precisava ver-me imediatamente, acrescentando tratar-se de um assunto urgentíssimo. Julguei que fôsse uma loucura, e não tinha a menor idéia do que poderia ser, mas para lá dirigi-me. Não encontrei Lola, nem Robert. Não cheguei sequer a penetrar na gruta nova. Esta é a verdade, Elsa.

— Acredito em você, Nick.

— E quando cheguei a casa, a polícia telefonou. Então, percebi a armadilha em que estava metido. Robert assassinado nas «Grutas»; Lola e eu lá dentro... Estava tudo muito claro, muito lógico! Robert nos havia encontrado juntos, indignado, entrara em luta comigo, e eu o matava! Êste era o plano. Porém quem o engendrou fracassou! **Lola não estava nas «Grutas»!**

— Tem certeza, Nick?

— Até esta manhã não havia conseguido falar com ela. Mas sei que não recebeu a mensagem para ir encontrar-se comigo, provàvelmente porque saiu cedo da firma para a qual trabalha. Não puderam encontrá-la. Mas tenho a certeza de que a mensagem dizia a mesma coisa. A pessoa que planejou tudo supunha que ambos estaríamos dentro das «Grutas» no momento do crime.

— Mas, Nick, se Lola puder provar que não estava lá, a polícia terá que compreender que

as coisas não se passaram da maneira como ela pensa; concluirá que vocês foram vítimas de uma armadilha.

— Lola não poderá provar! No momento estava passeando em seu automóvel, **sòzinha**!

A voz de Nick refletia o seu desengano.

— Parece que o plano está produzindo os seus resultados — prosseguiu logo depois. — Sabem que eu estive nas cavernas e não podemos provar que Lola não estava lá. Provàvelmente saberão que, há dias, Robert e eu tivemos uma discussão por causa de Lola.

— Já sabem, realmente. Uma das criadas ouviu tudo.

— Robert estava errado. Eu e Lola nunca levamos nada a sério. Nunca! Mas, é muito difícil convencer a polícia. Nem mesmo Robert acreditou em mim. E tanto não acreditou que chegou a ir às «Grutas».

— Nick — disse Elsa lentamente. — A pessoa que escreveu a carta, a pessoa que telefonou, é o assassino. O sr. Haney terá que compreender isto.

— Só compreenderá se não acreditar na carta, se concluir que eu e Lola fomos vítimas de uma terrível armadilha. Elsa! Não quero que você se atormente, agora mesmo vou falar com êle. Contarei a verdade. Que outra coisa posso fazer?

— Nick, Viviana está abaladíssima. Quer ver você antes de que fale com o sr. Haney. Aliás, ela foi quem me mandou procurar por você...

— Ela sabe... sôbre a carta?

— Sim. O sr. Haney mostrou... Suas irmãs não acreditaram, como também eu não acreditei. Mas Viviana está muito preocupada... quase doente.

— Está bem. Falarei antes com ela.

— Vou com você.

— Você?! — Um leve sorriso alegrou seu rosto. — Venha aqui um instante!

Tomou-a pela mão, conduziu-a através do quarto, colocando-a diante do espelho que pendia da parede. Elsa ficou assustada ao ver a imagem de uma moça suja, cheia de barro. Tinha as meias rasgadas, o vestido amarrotado e todo manchado de argila. Recuou com uma expressão desolada.

— Vá tomar banho e arranjar um vestido com Febe — disse Nick. — Vocês têm o mesmo corpo...

Elsa obedeceu. Saiu da sala, atravessou o quarto de Woody e entrou na alcova de Febe.

Tomou uma ducha quente e envolveu-se num roupão que encontrou no banheiro. Ia cruzando o dormitório de Febe para abrir o guarda-roupa, quando esta entrou no quarto.

— Acabo de falar com Nick — disse ela. — Contou-me o que aconteceu. Você está bem?

— Claro que sim.

Febe passou a mão pelos cabelos num gesto de desespêro.

— O que estará acontecendo agora nessas grutas? — disse ela. — Será que vai aparecer mais coisas?

— Mas... se não aconteceu nada, Febe! As luzes se apagaram e eu me assustei. Foi só.

— As luzes não se apagam sòzinhas! — retrucou Febe nervosamente. — Alguém deve ter desligado e alguém que **tinha razões para isso**!

— Mas pode ter sido um simples acidente. Eu me perdi!

— Sim. Nick contou...

Sua mão alcançou a de Elsa.

— E conseguiu encontrar novamente o caminho. Foi muita sorte! Sabe o quanto essas grutas são perigosas na escuridão. Poderia ter caído e sofrido ferimentos sérios... Até mesmo morrido.

— Mas, afinal, nada disso aconteceu. (O nervosismo de Febe começava a assustá-la). — Pude sair e nada me aconteceu...

— Sim.

Febe soltou a mão da outra e tornou-se mais suave.

— Peço-lhe perdão, Elsa. Você já passou um dia bastante amargo! Assustou-se?

— Não. A princípio, não! Tinha a certeza de que encontraria o caminho. Mas logo penetrei na parte das grutas que ainda não está explorada...

— Entrou nas «Grutas» novas?... — perguntou Febe incrédula. — Como foi possível?

— Não sei. Mas assim aconteceu. Estive na mesma gruta em que o sr. Powell se perdeu. Ontem, o próprio Robert nos descreveu essas grutas. Por isso adivinhei onde me encontrava. Foi então que me assustei.

Tentou reprimir o mêdo que logo a assaltou à simples recordação.

— Poderia ter-se perdido para sempre...

— De fato... Cheguei a pensar que havia caído numa armadilha, do mesmo modo que Robert.

Calou-se ao ouvir a voz de Woody, que chamava de fora. Febe ouviu também e aproximou-se da porta. Woody cruzava o gramado em direção à casa; caminhava com a cabeça baixa.

Febe abriu a porta e saiu.

— Woody! — exclamou. — Que foi que aconteceu?...

— Walter... — disse com voz sufocada. — Encontrei-o, nas grutas. Já chamei a polícia!

— Encontrou? — murmurou Febe. — Woody... êle está morto?

— Sim; assassinado com um pedaço de ferro. Golpearam-no por trás.

Deteve-se ao ouvir a voz de Elsa. Voltou-se lentamente e fitou-a por algum tempo.

— Sim, Elsa, você estava nas grutas quando

isso aconteceu... Por isso apagaram as luzes... Para que você não visse o criminoso!

Afastou-se delas para ir ao encontro do automóvel da polícia, cuja sirena gritava nas encostas da montanha.

Lentamente, Elsa também se afastou da casa e resolveu enfrentar a realidade dos fatos, ali mesmo, na portaria das grutas. Num dos ângulos do salão, o delegado Haney continuava conversando tranqüilamente com seu auxiliar, Wes Gelb. No outro ângulo, olhando-os, estavam Nick Powell e sua irmã, Viviana, além de Woody, Febe Ryan e Lola Kramer.

Havia duas horas que o cadáver de Walter tinha sido encontrado, e a cena da noite anterior se repetia com os mesmos detalhes. As mesmas incontestáveis perguntas, a mesma ausência de pista e a mesma falta de alibi para os herdeiros de Robert Powell. Woody tentava encontrar um para Febe. Estava êle andando sem destino nas proximidades de sua casa e viu sua mulher passando de automóvel rumo à cidade. Mas Febe não pôde provar que depois de deixar Viviana, estivera percorrendo a cidade à procura de Nick. Nick afirmou que andara a procura de Woody, mas que, depois de uma hora sentiu-se cansado e entrou em casa sem encontrá-lo. Também Viviana não pódia provar que, após a saída de Febe, havia permanecido em seu quarto tentando descansar.

Elsa viu que a tensão nervosa de todos aumentava quando Haney voltou ao centro do salão e aproximou-se do grupo. Pareceu fixar-se particularmente em Viviana, que se endireitou no sofá, em cuja borda se achava sentada. Haney vacilou fazendo um terrível esfôrço para evitar o tremor das mãos. Mas logo tornou-se rígido, e olhou-a com tanta frieza que quase parecia o olhar para uma estranha e não para alguém que conhecia desde a infância...

— Que é que há, Haney? — perguntou Viviana — Que mais quer, agora. E que posso dizer?

Woody se pôs de pé.

— Parece-me — disse êle — que Viviana já não suporta mais isso. Precisa descansar um pouco. Deixe-me levá-la para casa. Pode falar com os outros.

— Lamento muito — disse Haney — mas não pode ser! Srta. Powell, trata-se da carta que encontramos esta manhã...

—A carta? — disse Viviana, com ar cansado. — Ah, sim! A carta, dirigida a Robert. Mas... que importância pode ter isso, agora?

— Muitíssima!

— Como é possível? Será que a morte de Walter Carr não mudou o sentido não só dessa carta como de tudo o que até agora lhe parecia de suma importância? Ninguém podia ter motivos para assassinar Walter. O assassino deve ser um louco; alguém que mata pelo simples prazer de matar!

— Não. Parte das informações que Wes acaba de trazer. referem-se a Walter Carr! Creio que já sabemos os motivos porque êsse desgraçado foi assassinado...

— Que pode ter sabido a respeito de Walter? — perguntou Nick, com impaciência.

— **Que tinha antecedentes penais!** Cumpriu uma sentença por roubo e chantage!

— Não! — disse Febe. — Um homem tão simpático... Não pode ser!

Lola Kramer começou a rir.

— Sempre me pareceu que havia algo de sombrio nesse homenzinho tão simpático. Gracejava muito sôbre o seu passado, **precisamente por que o ocultava!** Mas você e Woody julgavam que êle era tão inteligente, tão engraçado... Você...

— Chega, Lola, chega! — disse Woody. E voltando-se para Haney acrescentou:

— De modo que Walter tinha antecedentes penais? Que lhe parece?

— Acho que êle sabia quem era o assassino de Robert Powell. Calculo que quis fazer **chantage** com o assassino, e por isso foi assassinado também. Para mim, tudo isto é muito claro.

A voz de Lola o interrompeu.

— O senhor disse que queria falar sôbre a carta. Essa carta compromete a mim e a Nick. Por que não fala?

Os olhos de Haney se fixaram novamente em Viviana.

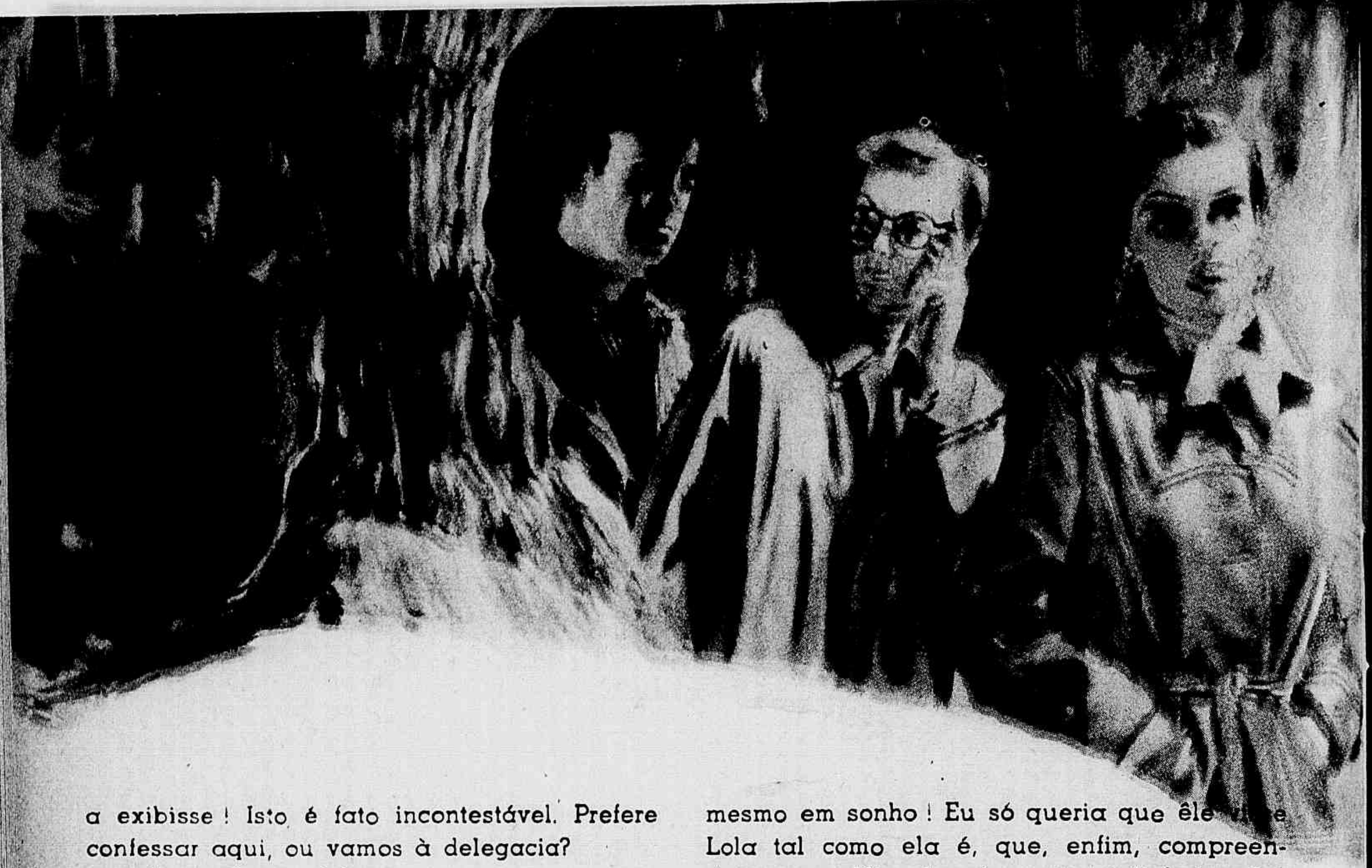
— A princípio julguei que houvesse sido escrita por algum engraçadinho da cidade, porém mandei fazer as investigações necessárias. Wes acaba de trazer-me os resultados... Srta. Powel, nessa carta foram encontradas as suas impressões digitais.

— Minhas? Sem dúvida que peguei nela... quando o senhor nos mostrou!

— Não. Ninguém pegou na carta; disso tenho certeza!

— Então, não compreendo. Eu...

— Sim. Tinha visto a carta antes de que eu



a exibisse ! Isto é fato incontestável. Prefere confessar aqui, ou vamos à delegacia?

— Eu... Sim... falarei.

Viviana perdeu o autodomínio e começou a falar torrencialmente. As palavras fluíam numa catadupa incoerente.

— Robert..., meu irmão, mostrou-me a carta... Pediu-me que eu lesse. Mas eu afirmei que aquilo não podia ser verdade. Implorei para que êle não fôsse às «Grutas», porém, não me deu atenção, e...

Haney olhava Viviana com frieza.

— Não minta srta. Powell ! Preciso saber porque escreveu essa carta.

— Por que... escrevi...? O senhor acha que eu...!

— A carta foi escrita na máquina que se encontra em seu quarto. E as suas impressões digitais provam quem a escreveu.

A acusação de Haney mergulhou todo o grupo num terrível silêncio. Mas logo sucedeu-se estrepitoso côro de vozes. Lola, de pé, insultava furiosamente Viviana e dirigia-se para ela como se a quisesse agredir; Nick segurou-a e fê-la sentar-se, à fôrça. Febe, também de pé, junto da irmã, sacudia a cabeça com ar desolado.

— Você fêz isso? — murmurou. — Foi capaz de fazer isso... com Robert e Nick? Viviana, isto é demais !

Soluçando amargamente, Viviana cobriu o rosto com as mãos.

— Nunca julguei que Robert tivesse coragem de descer às «Grutas» ! Nunca. Nem mesmo em sonho ! Eu só queria que êle visse Lola tal como ela é, que, enfim, compreendesse que dêle ela só queria o dinheiro. Por isso, escrevi a carta. Eu...

— Você escreveu a carta — disse Lola. — Você sabia que era uma mentira, que não podíamos ser encontrados nas grutas.

Com violento esfôrço, conseguiu livrar-se de Nick e aproximou-se de Viviana, com ar ameaçador.

— Foi você quem telefonou para o clube e deixou o recado para que Nick fôsse às grutas. Tentou falar comigo também. E no entanto você sabia que nada havia entre Nick e eu, e que Robert não podia tomar conhecimento do que não existia. A armadilha foi de sua autoria. Com suas mensagens embusteiras, tentou reunir-nos nas grutas...

— Não ! — gritou Viviana, retrocedendo ante o furioso ataque de Lola. — Isso não ! Vocês marcaram encontro nas grutas ! Tenho a certeza !

— Viviana ! — murmurou Nick desesperado. — Isto não tem fundamento. Diga que não é verdade !

— Está segura do que está dizendo? — perguntou Haney. — Tem certeza de que Nick e Lola tinham um encontro marcado?

— Ouvi pelo telefone ! No meu quarto há uma extensão. Sim; estou absolutamente certa !

— Está bem. Nick e Lola, tenham a bondade de vir comigo. Os demais podem sair.

— O senhor acredita? — perguntou Lola.

— Acredita nas palavras dessa mulher histérica e mentirosa?

— Depois de falar com vocês saberei no que devo crer. — Tocou no braço de Lola e fêz um sinal para Nick. — Vamos!

Dirigiu-se para a porta, mas deteve-se ao ouvir o ruído de um dos elevadores, que vinha subindo. Chegou apressadamente um policial uniformizado e aproxmou-se de Haney. Conversaram um momento em voz baixa. A seguir Haney voltou-se para o grupo e fêz uns gestos dirigidos a Elsa. E aproximou-se dela levando na palma da mão um disco plano de côr prateada.

— Isto é seu, Elsa? Tem as suas iniciais...

— Sim — respondeu Elsa, mal humorada. — É o meu perfume sólido. Obrigada, Haney.

E estendeu a mão, porém o delegado não entregou a caixinha.

— Sandy acaba de encontrá-la nas grutas, na nova seção, ou seja, nos «Jardins Suspensos». Quando estêve lá?

— O senhor já sabe; foi ontem... quando encontrei Powell. Deve ter caído ali.

— Depois do assassinato, vasculhamos a nova seção, milímetro por milímetro. E êste objeto não se achava lá.

— Mas devia estar, sim! É porque não o viram...

— Por mais escondido que estivesse teria sido encontrado. Sandy Martin disse que estava no centro da gruta, perto do «Peixe Que Navega à Vela». Você estêve hoje nas «Grutas», não é verdade? Preciso saber quando e por que.

— Mas se eu não estive lá! Ontem entrei nas grutas pela última vez. Não sei como perdi isso... mas, qual é a importância? Adianta alguma coisa? **(Cont. no fim da revista)**

O SAL, ESSA MARAVILHA

A importância do sal em nosso mundo é incalculável e começa, bem podemos dizer, com a própria origem da Terra, quando o nosso globo se apresentava totalmente coberto pelos mares, que deixaram em todos os continentes colossais depósitos de sal, como as famosas minas de sal de Michigan, originadas pela invasão do mar, há cêrca de 300 milhões de anos, segundo os geologistas. Mas, a despeito da superabundância do sal, em redor e nas entranhas dos continentes, os homens, através da História, muito lutaram para o conseguir, havendo regiões em que até o presente não foi possível obtê-lo, havendo necessidade de ir buscá-lo muito distante. O próprio processo de o colhêr do mar variou muito, através das idades e evoluiu trabalhosamente até os subterrâneos e as salinas que cobrem vastas extensões dos litorais, que hoje conhecemos.

QUATORZE MIL UTILIDADES E APENAS 5 CRUZEIROS O QUILO! PODE SALVAR VIDAS... MAS TAMBEM PODE MATAR!

Na religião a sua importância também foi muito grande, sendo o emblema de pureza e graça santificante, de incorrupção e imortalidade.

No Evangelho de São Marco está escrito que depois de haver enumerado as Bem-aventuranças, Nosso Senhor disse a seus discípulos: — **Vós sois o sal da terra; mas se o sal se desvirtua, com que se salgará?**

No sacramento do batismo, o padre põe sal sôbre a língua do batizando; é o símbolo da sabedoria, que preserva, pela doutrina evangélica, da corrupção dos vícios, impedindo que as más paixões cresçam na alma.

Para o químico o valor do sal é sem igual e nunca será exagêro o que dêle disserem e o que dêle possam ainda esperar.

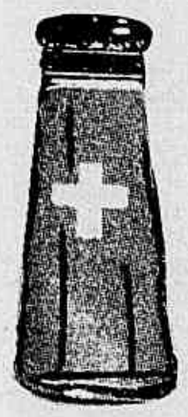
Na atualidade já se tornou a mais versátil matéria-prima da moderna indústria e nela, sem sombra de dúvida e de acôrdo com recente e sensacional relatório, tem nada menos de quatorze mil usos! A bem dizer cada alimento encontrado num refrigerador e num forno, o próprio refrigerador e o próprio forno, como cada peça de vestuário que guardamos nos armários e nas gavetas, desde o chapéu à sola dos sapatos... estão formados por uma parte de sal ou requerem o uso do sal em qualquer fase de sua manufatura. O que enche uma vitrina de casa de brinquedo, de material fotográfico, de utensílios caseiros, de tecidos, aparelhagem esportiva, etc., etc., também conterá sal ou terá exigido o sal para seu fabrico.

Só isso chegaria para tornar o sal um produto maravilhoso, embora um quilo possa ser encontrado no armazém da esquina ao preço de cinco cruzeiros...

Mas o sal tem outras utilidades verdadeiramente surpreendentes na ciência médica, onde passa a constituir, entretanto, uma **faca de dois gumes**, por que...

O SAL PODE SALVAR VIDAS

Se ocorresse um desastre, o sal de cozinha, abundante em todos os lares, poderia salvar muitas vidas. De fato, quase todo acidente provoca uma comoção que geralmente é de conseqüências mais graves que o próprio golpe. Os vasos sanguíneos mais finos — os capilares — deixam que o sangue se infiltre nos tecidos e se formam, então, no organismo, verdadeiras **lagunas** de sangue. Quanto maior fôr a quantidade de de sangue assim infiltrada nos tecidos, de menor quantidade poderá dispor o coração para manter a circulação. Como conseqüência a pressão sanguínea baixará. Por sua vez, para compensar a falta de sangue, o coração tem que acelerar suas



pancada... e com isso se enfraquece.

Daí por diante tudo se agrava, pois a temperatura baixa, os lábios se tornam lívidos, o corpo se cobre de suor fino, o sangue não chega ao cérebro e, por último, a vítima perde o conhecimento. Não havendo imediato e total socorro, o sangue não chega mais ao coração. A vida se extingue.

Semelhantes conseqüências fatais podem sobrevir às vítimas de queimaduras, de acidentes de automóveis ou de qualquer outro tipo. Os médicos, evidentemente, podem injetar grandes quantidades de plasma ou de sangue nas veias.

Entretanto, muitas vêzes, é difícil obter assistência médica imediata — ou sangue do tipo necessário. Apesar de tudo, algo pode ser feito em seguida. Em realidade, as investigações científicas demonstraram que o beber água com sal dá eficaz resultado para combater os efeitos das comoções; essa água é ràpidamente absorvida pelos intestinos e passa a substituir as perdas de fluido sanguíneo.

A história dêsse descobrimento começa em 1940. O dr. Sanford M. Rosenthal, do Serviço de Investigações de Saúde Pública dos Estados Unidos é um dos

precursores no uso médico das sulfamidas, e descobridor da **Diosone**, nova droga empregada no tratamento da **lepra**. Êsse cientista e seu colaborador, **o dr. Herbert** Tabor, trabalharam durante meses com 14.000 ratos, estudando a **maneira** de produzir **nos mesmos comoções mortais**. A seguir **iniciaram as experiências** com o fim **de encontrar a forma de evitar** os efeitos **mortais dessas comoções**.

Rosenthal **primeiramente usou** o método **já conhecido de injetar plasma** e sôro **de sangue de rato nos animais** que sofriam **os efeitos da comoção**. Depois fêz **experiências com soluções** de sal e obteve **diversos resultados**.

Ainda o mesmo cientista pensou, a seguir, **que dado que o** sangue absorve fàcilmente **as soluções salinas** que chegam aos **intestinos, seria** possível administrar o **sal pela via digestiva em vez** de injetá-lo.

O principal obstáculo, por certo, era a **gravidade extrema** de muitos **ratos** que já não podiam engolir. O inconveniente, porém, foi resolvido mediante um pequeno tubo colocado na garganta do roedor. Os efeitos foram evidentes. O dr. Rosenthal sabia perfeitamente que, se os ratos não tivessem recebido tratamento, nem um só teria sobrevivido. Dando-lhes água salgada... nove de cada dez sobreviveram! Mais ainda: em alguns tipos de comoção a água salgada surtia o mesmo efeito que a injeção de plasma por via intravenosa. Além do mais, era muito mais fácil dar a beber grande quantidade

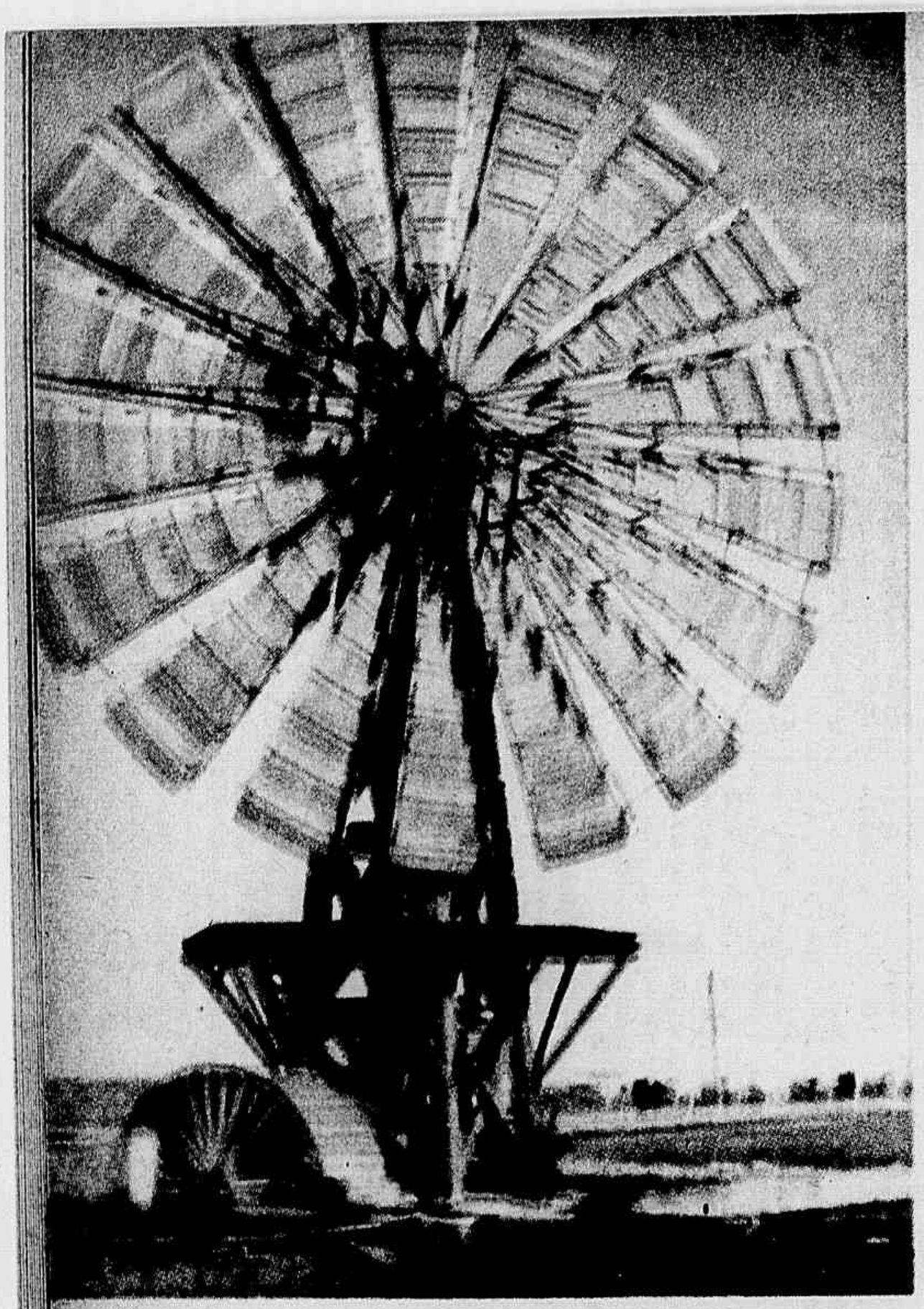
de água salgada do que injetar igual quantidade de sangue.

Graças a estas experiências foram descobertos outros dados importantes. Por exemplo: se se dava aos ratos apenas suficiente água salgada como para substituir o sangue e fluidos perdidos nas regiões afetadas, sòmente a metade sobrevivia; isto é: o resultado era pouco satisfatório. Se era dado o dôbro da quantidade de sangue perdido, conseguiam salvar 67 por cento. E, se se administrava três vêzes a quantidade, conseguiam salvar quase todos. Cabe deduzir, pois, que, para salvar uma vida humana, será exigida uma grande quantidade de água salgada. E assim fica explicado por que os médicos obtiveram pobres resultados ao injetar água salgada em pessoas sofrendo de alguma comoção, depois de um acidente. As doses empregadas eram insuficientes!

Já agora, as experiências com diferentes animais demonstraram que para reações de uma comoção, um homem necessita de ingerir, talvez, até oito litros de água nas primeiras vinte e quatro horas depois do acidente.

Com base nos satisfatórios resultados obtidos pelo dr. Rosenthal, outros médicos iniciaram o tratamento de sêres humanos usando o seu método. Foi êle aplicado primeiramente no tratamento de comoções produzidas por queimaduras.

De fato, uma pessoa que tenha sofrido queimaduras perde grande quantidade de líquido por exudação. Todos nós temos



Moinho-catavento, grande auxiliar das salinas.

podido comprovar êsse fato em maior ou menor medida: quem não terá visto uma "bôlha d'água", formada quando, inadvertidamente, encostamos qualquer parte do nosso corpo num ferro de engomar?

Pois nesse mencionado tratamento, grandes quantidades de água salgada foram dadas para beber às vítimas de queimaduras graves. Quando não podiam engolir, era-lhes injetada diretamente nas veias, mas quase tôdas as vítimas bebiam o líquido com avidez, pois as queimaduras produziam sêde — o que prova, mais uma vez, que a natureza sabe como agir e assim dá sêde ao indivíduo queimado para que o mesmo beba e... **salve a própria vida!**

Num hospital, os médicos administraram plasma e sangue a um grupo de pessoas queimadas e água salgada a outro grupo. Infelizmente, o número de pessoas que participaram dessa experiência foi pequeno para que se pudesse conceder um valor estatístico definitivo; no entanto, não deixou de ter importância a comprovação de que os melhores resultados foram obtidos no grupo tratado com sal.

Os resultados têm conseqüências práticas. Sabemos, já agora, por exemplo, que é possível fazer algo efetivo para salvar vítimas de acidentes, antes da chegada do médico.

Sabemos que transcorre aproximadamente uma hora antes de que uma pessoa gravemente ferida chegue ao estado de coma. Ora, caso possa ser socorrida durante êsse intervalo, pode, talvez, salvar a sua vida.

A salmoura, de preparação rápida e simples pode ser administrada com facilidade. Uma colherinha de sal de cozinha, dissolvida em água, é a solução básica. Deve ser acrescentada meia colherinha de bicarbonato de soda, a fim de neutralizar a acidez que se produz no organismo como conseqüência da comoção. A quantidade exata é muito importante; isto porque o sal demasiado provoca náuseas e em quantidade insuficiente não dá, é claro, nenhum resultado.

Em geral, a vítima conserva o sentido por algum tempo. Durante êsse período deve ser animado a tomar a maior quantidade de água com sal que seja possível.

Os feridos graves podem necessitar de beber uma quantidade equivalente ao 10 por cento do seu pêso, durante as 24 primeiras horas depois do acidente.

O SAL TAMBÉM PODE MATAR...

No entanto, o sal, que pode salvar vidas, também pode matar, pois o abuso do condimento pode ser tão prejudicial como útil pode ser sua administração oportuna. Segundo as estatísticas, um homem que se considera bem alimentado consome de oito a quinze gramas diárias de sal; isto quer dizer que — com relação ao pêso de cada um — o homem ingere proporcionalmente, 25 vêzes mais sal que o leão e 200 vêzes mais que o gorila, o chimpanzé e o orangotango. Um cidadão normal consome tanto sal como a foca Morse, que bebe sòmente água salgada.

Devemos esclarecer que a água com sal **não é um substituto completo do sangue**.

Uma vista das salinas de Cabo Frio, com as suas inúmeras caixas onde o sal se acumulará.

Substitui o volume e supre o sódio necessário para manter o equilíbrio das substâncias minerais do corpo. O sal, como sabemos, é clóruro de sódio e não supre as proteínas necessárias para a alimentação dos tecidos nem os glóbulos vermelhos para evitar a anemia. A solução salina é uma ajuda de emergência para manter a vida enquanto se aguarda o médico. Além do mais, aumenta as reservas vitais de sangue, em qualquer emergência. Mas não substitui a transfusão de sangue.

O sal consumido no mundo ocidental sobrepassa enormemente as quantidades ingeridas pelos povos primitivos e também pelos asiáticos e tropicais de hoje.

Será uma simples coincidência que os casos de hipertensão e as congestões do coração são menos comuns entre os moços dêsses povos do que entre os europeus e americanos ?

Estamos diminuindo o poder vital de nossos organismos e apressando a nossa hora final com o uso exagerado do sal ?

O êxito da dieta Kempner no tratamento da hipertensão pareceria dar uma resposta afirmativa. Tal dieta, formulada e dada a conhecer em 1944, pelo doutor Walter Kempner, professor da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, consiste pri-

Uma vista de parte das salinas de Macau, localizadas no Estado do Rio Grande do Norte.

mordialmente em arroz, fruta e sucos de fruta. Essa dieta logrou reduzir a alta tensão de muitos enfermos.

Os médicos se surpreenderam com os resultados obtidos. Afinal, perguntaram, por que era eficiente semelhante dieta? Os químicos se encarregaram de dar a resposta:: **"O arroz e os sucos de frutas não contêm sal."**

Desde então muitos investigadores realizaram experiências com dietas que não continham sal. Em Chicago, no Hospital Michael Reese, três médicos descobriram que era possível provocar mudanças cárdio-vasculares e renais nos pintos, adicionando sal à água dos bebedouros. Durante várias semanas tomaram a pressão arterial dos pintos, antes, durante e depois de haver trocado a água pura por outra, salgada a 1 por cento. Os resultados foram convincentes: a tensão arterial subia com a quantidade de sal ingerida e baixava ràpidamente ao ser o sal suprimido do regime alimentício. Por último ficou absolutamente comprovado que o grau de alta pressão arterial dependia quase exclusivamente do sal ingerido pelas aves com as quais as provas eram realizadas.

Outras investigações foram feitas com a ajuda sempre preciosa dos ratos hipertensos. Foram selecionados ratos sadios, outros enfermos (porém não gravemente), e um terceiro grupo de roedores severamente atacados de hipertensão. Foram postos ao seu alcance diversos alimentos em que variava a quantidade de sal. Os ratos afetados por hipertensão, guiados por seu instinto, escolheram os que continham menor quantidade de sal. Cinco médicos do Hospital Monte Sinai, de New York, fizeram experiências com 8 pessoas afetadas de hipertensão. Seis delas tinham procurado hospitalização em busca de alívio para suas contínuas dores de cabeça.

Durante dois ou três semanas foram submetidas à dieta corrente do hospital, e diàriamente foi-lhes tomada a pressão arterial, ato que foi seguido de diferentes e acuradas análises de laboratório.

Depois mudaram o regime dêsses doentes, reduzindo-se a dose diária de sal a uma só grama. Afora isso foi-lhes injetada uma droga para acelerar a diminuição de sódio do organismo.

O resultado foi surpreendente. A pressão arterial baixou ràpidamente. Anormalidades da retina, causadas pela alta pressão, começaram a desaparecer. Cinco dos seis pacientes afetados deixaram de sofrer dores de cabeça; o sexto paciente se queixou apenas de distúrbios toleráveis.

Na Califórnia, sete facultativos experimentaram a dieta de sal em 59 enfermos. Em 25% dos casos a tensão elevada diminuiu ràpidamente. 80% dos enfermos confessaram que suas dores de cabeça tinham cessado. A maioria obteve verdadeiro alivio dos sintomas associados com sua enfermidade. Todavia não têm os cientistas, ainda, a certeza de que o sal pode resolver o problema da alta tensão. Porém as recentes investigações científicas confirmaram que é o sal uma das chaves no enigma da saúde.

O ASSASSINO QUE TINHA CONSCIÊNCIA

O caso de Frederick Field, que cometeu dois crimes, em Londres, emocionando extraordinàriamente a opinião pública, não exigiu, ao contrário, um trabalho policial dos mais brilhantes.

Fred Field era um rapaz completamente vulgar, de vinte e seis anos de idade. Trabalhava para uma firma de autores de canções, ganhando aproximadamente três libras semanais.

Ao anoitecer do dia 2 de outubro de 1931, deteve-se junto de um poste de iluminação de Leicester Square, quando já tinham decorrido duas ou três horas que terminara seu labor diário, sem coragem de voltar para casa porque devia duas libras a sua senhoria. No bôlso levava a chave de uma loja desocupada do New Compton Street.

Metera-se-lhe na cabeça que poderia conquistar alguma das infelizes mariposas que costumam surgir, à noite, pelas calçadas de Leicester Square e, fazendo-se passar por um possível cliente, levá-la para a loja desocupada, roubar-lhe o porta-moedas e fugir, deixando-a desorientada no escuro interior desconhecido. Então iria tranqüilamente para sua casa, onde pagaria à senhoria as duas libras que insistentemente reclamava.

E, provàvelmente, tudo ficaria assim arranjado — pensou.

Naquele momento descia por Bear Street, na direção de Leicester Square, miss Norah Upchurch, de vinte anos, muito elegante, calçando sapatos de crocodilo, de saltos muito altos, casaco guarnecido de peles e blusa de sêda e rendas, refletindo prosperidade e no mais alto degrau de sua histórica porém lamentável profissão. Levara muito tempo colocando o elegante chapéu sôbre a bonita cabecinha dourada. Tivesse demorado dois minutos mais e talvez hoje ainda estivesse viva. Porque quando a persuadiu para que o acompanhasse à loja próxima, Field não imaginava que essa classe de mulheres costuma defender seus interêsses com unhas e dentes. De fato, Norah deve ter agido com uma rapidez superior à do homem e impediu a passagem da porta com o próprio corpo logo que o viu — ou sentiu — deitar a mão em sua bôlsinha de mão, movimento que o deixou nervoso.

Depois, para a fazer calar, o jovem Field teve que apertar a frágil garganta.

Assim foi que, dias depois, a polícia encontrou o cadáver de Norah Upchurch na loja onde, além dos baldes de tinta e das escadas dos decoradores, nada mais havia. A pobre mocinha jazia junto de um radiador de metal, com seu bonito chapèuzinho esmagado e o suave pescoço quebrado pelas mãos impiedosas de um estrangulador.

Os funcionários do Departamento Dactiloscópico, chegando à loja vazia, ajoelharam-se a fim de desembrulhar os instrumentos de sua profissão, enquanto o superintendente, George Cornish, examinava o cadáver com o mais vivo interêsse profissional.

— Quem tinha a chave da loja? — perguntou.

O sr. Herbert Field, encarregado da locação da loja foi muito explícito nesse particular.

— Entreguei-a a meu filho Fred.

E o jovem Field, sem dar a perceber a agitação que ia em seu íntimo, deu uma resposta simples:

— Com certeza deixei, distraìdamente, a chave na porta. É preciso não esquecer

que isso não podia ter importância... Afinal, não era mais que uma loja vazia.

— Agora já não o está — comentou Cornish lacônicamente e observando como Field arrojava nervosamente ao solo seu cigarro e o destroçava com o salto do pesado sapatão. Aqui era interessante... Debaixo da cabeça de Norah, sôbre o solo àspero, a polícia tinha encontrado um cigarro apagado... da mesma maneira, isto é: não esmagado simplesmente, na parte da brasa, mas destroçado pelo salto de uma bota. Os cabelos se achavam chamuscados em alguns pontos, o que demonstrava que, ao morrer a infeliz, o cigarro não estava apagado.

Naturalmente isso não constituía uma prova, mas era uma coisinha bastante sugestiva, digna pelo menos de uma investigação.

— Gostaria que o senhor viesse até o meu escritório, para conversarmos um pouco — disse Cornish ao jovem Field.

Porém umas horas de hábil investigação não abriram brecha qualquer na história simples contada por Field, isto é: de que havia deixado a chave esquecida na fechadura. Ninguém o havia visto com a mulher encontrada morta, nem ali nem em outro qualquer lugar. Nas paredes estavam as suas impressões digitais, porém ninguém podia desconhecer que estavam ali com todo o direito.

O veredito foi de inculpabilidade e em Scotland Yard ficou decidido que seria inútil continuar retendo Field sob esta ou aquela acusação. Isto, entretanto, não evitou que a suspeita continuasse cercando o mesmo indivíduo. Tinha levado para casa duas libras. Tinha a chave da loja vazia... Havia ainda o pequeno detalhe do cigarro...

É impossível impedir que alguém pense... que fale... Ao fim de vinte meses e três semanas, exatamente, depois da morte de Norah Upchurch, Fred Field se apresentou na mesma delegacia policial de Marlborough Street, onde era sargento detetive-adjunto, entregando-se ao inspetor distrital, Collins.

— Eu a matei — confessou. — A lembrança me persegue. Duas vêzes tentei o suicídio com gás... mas não o consegui.

Descobriram os policiais, mais tarde, que isso era verdade. O criminoso havia emagrecido assustadoramente. Suas pálpebras eram agora escuras, arroxeadas. Fêz um prolixo relato de como depois de matar a desgraçada apanhou o porta-níqueis e foi escondê-lo entre as raízes de uma árvore, num campo solitário, não muito distante de sua casa dos subúrbios.

— Receiava — explicou — que nêle aparecessem minhas impressões digitais.

Era essencial encontrá-lo. Field foi conduzido ao lugar em questão e não tardou a apontar a árvore. Mas agora estavam todos com os pés mergulhados em três pés de água, pois tinha sido aberto um poço que as chuvas do outono tinham feito transbordar. Os detetives cavaram e esquadrinharam em três milhas ao redor. Nem rastro da bôlsa.

Em todo caso, Field estava numa posição endemoniada. Ouvida sua confissão, era necessário processá-lo. Mas sem provas nem mesmo a severa e antiga pompa de Old Bailey, o famoso tribunal central do crime, em Londres, podia dar um veredito de culpabilidade e supunham os policiais que o culpado alcançaria a absolvição.

E assim foi, realmente.

O réu ouviu a decisão do júri, apanhou seu chapéu cinzento das mãos do ujier e saiu da sala, confundindo-se com a multidão de Ludgate Hill.

Tendo sido julgado uma vez pela morte de Norah Upchurch, ficava legal e definitivamente imune contra novos processos pelo mesmo assunto. Nada, pois, havia de temer, nem mesmo que a qualquer momento aparecesse alguma prova esquecida, porque agora não serviria de nada.

Mas, segundo parece, ao abandonar o juiz sua cadeira alta de Old Bailey, o assunto não havia terminado para Field. Mudou de emprêgo. Ingressou na Real Fôrça Aérea e serviu de mordomo no quarto de guarda dos oficiais. Ninguém sabia quem era nem o que tinha sido ou fizera. Porém era impossível emudecer a amarga música de sua consciência, que ninguém mais podia ouvir senão êle próprio.

Êsse estado durou três anos. Três anos dolorosos, pesados, terríveis, ao cabo dos

quais não suportou mais e desapareceu, levando aproximadamente seis libras dos fundos do quarto da guarda. Resolvera matar-se e essa quantia estava destinada à realização dêsse ato de auto-eliminação. Com o dinheiro roubado comprou um frasco de um certo veneno terrìvel mente corrosivo, que se vende como de tergente. Caso o tivesse ingerido sua mort teria sido inevitável. Mas não o tomou Passou a noite tiritando na casa de ur jardineiro, tratando em vão de reuni

coragem para beber o escuro e espêsso líquido. A manhã o surpreendeu com o frasco em mão, aberto, porém intacto o líquido. No dia seguinte comprou um cartucho de amendoim açucarado e andou dando voltas em redor da biblioteca pública, comendo furtivamente os amendoins, enquanto o frasco do veneno deformava seu bôlso.

Aquela noite dormiu num desvão do corredor de uma casa de apartamentos de Edgeley Road Clapham. No outro dia trocou passos, sem pressa, até chegar a Winbledon Common, onde se sentou num banco de um parque e tentou novamente ingerir o veneno. Chegou mesmo a prová-lo, porém imediatamente — com a língua áspera e ulcerada, o pulso aos pulos — atirou o frasco longe, entre uns arbustos. As autoridades o encontraram justamente onde êle próprio havia indicado. Com exceção de aproximadamente dois shillings, inverteu o resto do dinheiro roubado em bebidas e cigarros, que, evidentemente, não lhe concederam nem a calma nem a coragem. Enquanto caminhava, sorrateiro, na direção do mesmo desvão de Clapham, sem ter no bôlso mais que dois pence e meio, Field adotou uma decisão macabra. Pôsto que não podia escapar de sua consciência matando-se, mataria a outra pessoa, **para que a lei pudesse dar conta dêle próprio!**

O superintendente George Cornish declarou, mais tarde, que a recordação de horror que guardava mais viva de todos os longos anos de seu exercício policial, era **"a voz fatigada e serena de Field, dizendo: Então comecei a andar por Edgeley Road, procurando a quem matar aquela noite."**

Encontrou sua vítima numa mulher bem vestida, que conduzia no colo um cãozinho pequinês, que o fitava silenciosamente, enquanto êle, com a barba crescida e com o uniforme da RAF bastante maltratado, ganhava a simpatia da mulher e a persuadia a que o levasse para sua casa. A senhora era Beatrice Vilma Sutton, de 48 anos de idade, e que vivia separada de seu marido. Tinha sido, em tempos, uma famosa beldade, servindo de modêlo para anúncios de alimentos destinados à infância, como "A Mãe Perfeita". Agora residia numa casa mobilada na qual encontrou o seu fim, com o rosto coberto por almofadas até ter o coração parado, ao ser sufocada por Field. Já se dispunha êste a entregar-se como autor do assassinato, quando foi prêso por desertor, pois, naturalmente, os homens da RAF não podem andar pelas ruas de Londres com a farda rasgada e barba de três dias. Havia também a questão dos fundos desaparecidos. Porém Field não tinha o menor interêsse em dinheiro. Seu pensamento estava em culpas mais graves.

— Os senhores viram a casa de Edgeley Road, onde foi assassinada a mulher? — perguntou, com a maior calma. — Um lugar estranho, não acham? Todo negro... Cortinas negras, colcha negra, travesseiros negros... Até uma toalha negra, no toilette. Uma espécie de ataúde, não é mesmo? — disse sorrindo.

Era assim, exatamente. E foi o que puderam verificar os policiais, quando chegaram à casa e aos aposentos onde a infeliz sra. Sutton havia sido assassinada. Mas... Como o sabia Field? O inspetor Brown, da delegacia de Edgeware perguntou tranqüilamente, deixando sôbre a mesa sua pena estilográfica.

— O senhor tem alguma coisa a nos dizer sôbre isso?

— Sim — respondeu Field. — Fui eu quem a matou.

Desta vez foi declarado culpado e quando se falou de uma possível rescisão da causa, pela suposição de insânia, Field expressou:

— Não. Não estou louco e quem quiser salvar-me do patíbulo por êsse caminho não é meu amigo.

Enquanto aguardava a execução, pediu lã para tecer.

— Quero fazer uns pares de meias para meus carcereiros — explicou. — Assim terão uma lembrança minha.

Ao ser denegada essa sua petição, pelo temor de que, com as agulhas, tentasse o suicídio, Field encolheu os ombros.

— Estou pensando que gôsto teria agora uma boa cerveja no Strand.

Parecia haver perdoado a si mesmo e morreu com surpreendente coragem.

É o único homem, dos arquivos de Scotland Yard, de quem é possível dizer que praticou o suicídio... enforcando-se judicialmente.

COMÉDIA E DRAMA NO REINO ANIMAL DA ÁFRICA

SEUS animais são, naturalmente, uma das razões da singularidade do continente africano. Em nenhuma outra parte do mundo se encontra tanta e tão variada caça maior nem é encontrada tão fàcilmente em seu estado selvático, principalmente na África Oriental, onde as altas e abertas planícies contribuem para a boa visibilidade. Numa recente viagem do conhecido explorador John Gunther, êle e sua espôsa visitaram a reserva de caça Amboseli, situada nas planícies existentes ao pé do monte Kilimandjaro.

Certa tarde, escalaram um escarpado e alongado montículo e ali, dentro de um ar de cem graus podiam ver, sem mover-se, rinocerontes, búfalos e elefantes. E a sorte de ambos foi ainda maior, pois observaram que a vários quilômetros de distância piscava uma luz. Evidentemente... alguém lhes dirigia sinais! Talvez algum veículo, jipe ou caminhão que se encontrava em situação de apuro. Não hesitaram muito. Trataram de cruzar com o seu próprio veículo por entre rochas e colinas ásperas, descendo a seguir por entre espêsso mato, até um campo pelado, onde encontramos um caminhão blindado norte-americano, com uma plataforma armada no teto, para tirar fotografias. Ali se encontrava A. S. Milotte, cujas películas de animais, tomadas para os estúdios de Walt Disney, foram premiadas pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Los Angeles. Milotte havia divisado o casal de exploradores no alto do cerro e, querendo que os mesmos partilhassem com êle sua boa-sorte e posição privilegiada, fizera-lhe sinais com a ajuda de um espelho e aproveitando a luz do sol. Passamos, agora, a palavra ao próprio John Gunther, para que descreva todos os lances da sua aventura africana.

"Numa clareira se achavam quatorze leões, dos quais cinco ou seis eram filhotes.

No mundo estranho dos animais há costumes curiosíssimos, como o dos hipopótamos, que infalìvelmente tentam morder a cauda do elefante que passa ao seu alcance

le algumas semanas apenas; porém a ex-essiva escuridão impedia ver claramente. Jma leoa bocejou, espreguiçando-se; a eguir lançou-nos um feroz olhar de seus lhos dourados e nos deu as costas. Um nacho de formosa juba repousava solitário, stirado sôbre o relvado macio. Chegamos ão perto, que quase tocamos em seu pêlo om a mão. Levantou a cabeça, espirrou uidosamente, mastigou qualquer coisa que ão vimos, meditou alguns segundos sôbre problema que representávamos para êle, depois, fazendo meia-volta, cobriu o fo-inho com as duas patas e continuou dor-nindo tranqüilamente.

Foi esta a primeira e única vez que fui ssim desdenhado por um leão. Quantas êzes mais desejei que o mesmo aconte-esse, porém sem ser atendido no meu esejo!

As relações dos animais, entre si, consti-iem um tema fascinante que os zoólogos não exploraram suficientemente. Elefantes, leões e búfalos costumam viver bem, porém de vez em quando um leão se decide a atacar um elefante pequeno, se o encontra só, e conta-se que em outras ocasiões são os elefantes que fazem um cêrco traiçoeiro a algum leão isolado.

Por outro lado, quando os elefantes atravessam um rio, as vêzes ocorre que os hipopótamos procuram arrancar-lhes o rabo com uma só dentada. Os elefantes e os rinocerontes não se simpatizam e costumam armar freqüentes batalhas; ao contrário, os filhotes de búfalo e de elefante adoram folgar juntos. Mas entre o rinoceronte e o búfalo existe habitualmente uma neutralidade armada.

O rinoceronte é um animal tão estúpido como antipático. Chega a pesar duas toneladas e a caminhar 22 milhas por hora. Tem vista péssima, gênio péssimo e é um dos poucos animais africanos que, mesmo

sem ser provocado, acomete a um jipe ou caminhão. Em meia dúzia de casas de Nairobi, vimos instantâneos que nos eram exibidos com orgulho, de veículos atacados por rinocerontes. Êstes animais parecem a um tempo blindados e antidiluvianos. Seus chifres não são, como vulgarmente se acredita, de marfim, mas simplesmente formados por peles extraordinàriamente compactas. Por isso mesmo são duros como o ferro. Os chifres do rinoceronte têm fama de ser um poderoso afrodisíaco e na índia alcançam elevado preço.

Há sôbre os rinocerontes inumeráveis e diferentes histórias. Uma delas é a do homem que, viajando em automóvel de Nairobi para a costa, queimou os freios; resolveu o problema matando um rinoceronte e com o couro do animal reparou o defeito e prosseguiu viagem, pois o couro, mesmo sem curtir, era bastante resistente para servir. Caçar a laço um rinoceronte é outra emprêsa formidável. Aprisiona-se o animal, correndo de jipe, lado a lado com êle, e depois de bem laçado, obriga-se o rinoceronte a correr, correr até perder totalmente o fôlego. Em seguida, com guindaste, é colocado num caminho, bem atado a um pesado tronco. Em geral, o hipopótamo é um animal inofensivo, a menos que se lhe arranhe o submerso lombo, com a quilha de uma canoa. É também útil porque aduba a água, com o que favorece a produção piscícula, além de limpar os canais aquáticos, obstruídos por juncos e outras matérias vegetais.

Os hipopótamos pesam três toneladas e seu comprimento chega a 3 metros e meio!

SE UM CROCODILO SE APODERA DE UM HOMEM, MANTÉM SUA VÍTIMA DEBAIXO D'ÁGUA VÁRIAS HORAS, PARA "AMACIÁ-LO" ANTES DE COMÊ-LO.

Podem resistir debaixo d'água até quatro minutos e, às vêzes, caminham pelo fundo dos rios completamente submersos.

Dos elefantes não há quem se canse jamais. Diferem entre si quase como sêres humanos e têm peculiaríssimas maneiras de agir. A maioria dos caçadores está convencida de que uma elefoa **sabe** se um homem está armado e se traz intenções adversas. Um elefante arrisca a própria vida, a fim de ajudar a fugir outro elefante que esteja ferido ou para proteger sua prole. Os elefantes são um pouco propensos aos histerismos, especialmente quando envelhecem (podem viver até idades avançadíssimas); um macho velho é, às vêzes, o mais repulsivo dos sêres, porém em geral as fêmeas são ainda mais enigmáticas. Quando um elefante ataca, não costuma levar a tromba para o alto, segundo — erradamente — tem pintado alguns artistas, mas ao contrário trata de enroscá-la cuidadosamente, trazendo-a bem apegada ao peito. Isto porque a tromba é uma parte valiosa e muito delicada do seu corpanzil.

UM LEOPARDO MATA SALTANDO À GARGANTA E RASGANDO, AO MESMO TEMPO, O ESTÔMAGO DE SUA VÍTIMA COM SUAS GARRAS TRASEIRAS.

Num elefante de grande porte, só a tromba pesa aproximadamente duzentos quilos. Êsses animais destroem enorme quantidade de árvores, mas também as plantam, espalhando as sementes com o gotejar de sua distilação.

Nos arredores do Monte Kenya é necessária uma milha quadrada de floresta para manter um elefante. Êste é o único animal cujo macho tem uma época própria para cruzar e o único — salvo o homem e um mamífero aquático conhecido por **dugong** —em cuja espécie a fêmea tem úberes entre as duas pernas dianteiras e não entre as posteriores.

Se um elefante bate no chão com a pata traseira... cuidado!

Êsse é, realmente, um mau sinal. Poucas pessoas — segundo se afirma — que tenham sido surpreendidas por um elefante, podem falar sôbre êsse detalhe, pois em geral não sobreviveram à "surprêsa" para poder contar o que ocorreu. Mas, de qualquer maneira conheci dois indivíduos que sobreviveram à luta com êles. Um era caçador profissional e outro simples amador. Ambos conservam, porém, marcas indeléveis do episódio. O profissional ficou surdo totalmente de um ouvido, por ter sido golpeado num lado da cabeça pela tromba do animal; o amador ficou com um ombro e um braço atrofiados, por ter sido pisado pelo animal, ao passar, furioso.

Os cinocéfalos se entendem bem com os cervos e outros veados, caminhando ao seu lado, fazendo cabriolas e (segundo me foi jurado) os carregam às costas!

Todos os animais pequenos — e alguns dos grandes — temem ao leopardo; e, pràticamente, todos procuram viver bem afastados das hienas. Em Uganda, um funcionário do Departamento de Contrôle da Tsé-Tsé (môsca transmissora da Doença do Sono) encontrou recentemente os cadáveres de um leopardo e um antílope, semelhante ao **gnú** (de colossais chifres afiados e retos) que se haviam matado em luta feroz e prolongada.

Ouvi dizer insistentemente que os leões podem caminhar a uma velocidade aproximada de sessenta quilômetros por hora se atacam ou se fogem e que são fantàsticamente vigorosos; um leão de grande porte pode transportar uma zebra por uma distância de trezentos a quinhentos metros, o que exigiria nunca menos de dez homens para realizar igual façanha.

Sim... O leão é o rei dos animais, porém um par de cães selvagens pode expulsá-lo de uma colina. Invariàvelmente, porém, retira-se com dignidade.

O plenilúnio afeta notàvelmente aos leões. Sua lua-de-mel dura cêrca de três semanas e durante êsse período nenhuma das partes permite que seja molestada. O leão permanece junto da sua companheira durante todo o período da gestação, que dura cento e oito dias, e às vêzes continua a representar fielmente o papel de pai de família, até que os filhotes se tornam bastante crescidos, isto é, cêrca de dezoito meses. A fêmea só cria de três em três anos, sendo êsse um recurso da natureza, a fim de dar tempo suficiente para proteger sua prole antes de surgir a nova geração.

(Continua no fim da revista)

Nossa vida depende do comportamento do elemento mais abundante no mundo

O MISTÉRIO DAS ÁGUAS

O maior aparelho de ar-condicionado do mundo não é moderno; é, ao contrário, tão antigo como a Terra, cujos abismos enche: um elemento a um só tempo fantástico e abundante — **a água** — faz de nosso planêta um lugar habitável. As temperaturas de nosso universo variam entre centenas de graus abaixo de zero e milhões sôbre zero da escala centígrada. O sol despede calor a temperaturas muito mais altas que o interior de uma explosão da bomba de hidrogênio. Seus raios elevam a temperatura, na superfície da lua, a mais de 125 graus ao meio-dia. Porém, quando cai a noite e os calurosos raios não banham mais a superfície lunar, a temperatura do satélite cai a 115 graus centígrados abaixo de zero. Os astrônomos calculam que quando um eclipse obstrui o calor do sol a temperatura lunar desce até 15 graus centígrados por minuto! Constantemente nos queixamos quando os fenômenos meteorológicos forçam o termômetro a marcar, no verão, diferenças bruscas de 10, 15 e mesmo 20 graus centígrados ou mais sôbre o frio invernal. Mas em nenhum lugar da Terra varia tanto a temperatura, durante um ano, como durante uma hora na lua. Mais ainda: os astrônomos não conhecem corpo celeste algum que sequer se assemelhe à Terra, em sua limitada variação atmosférica.

Vale, agora, portanto, fazer três perguntas:

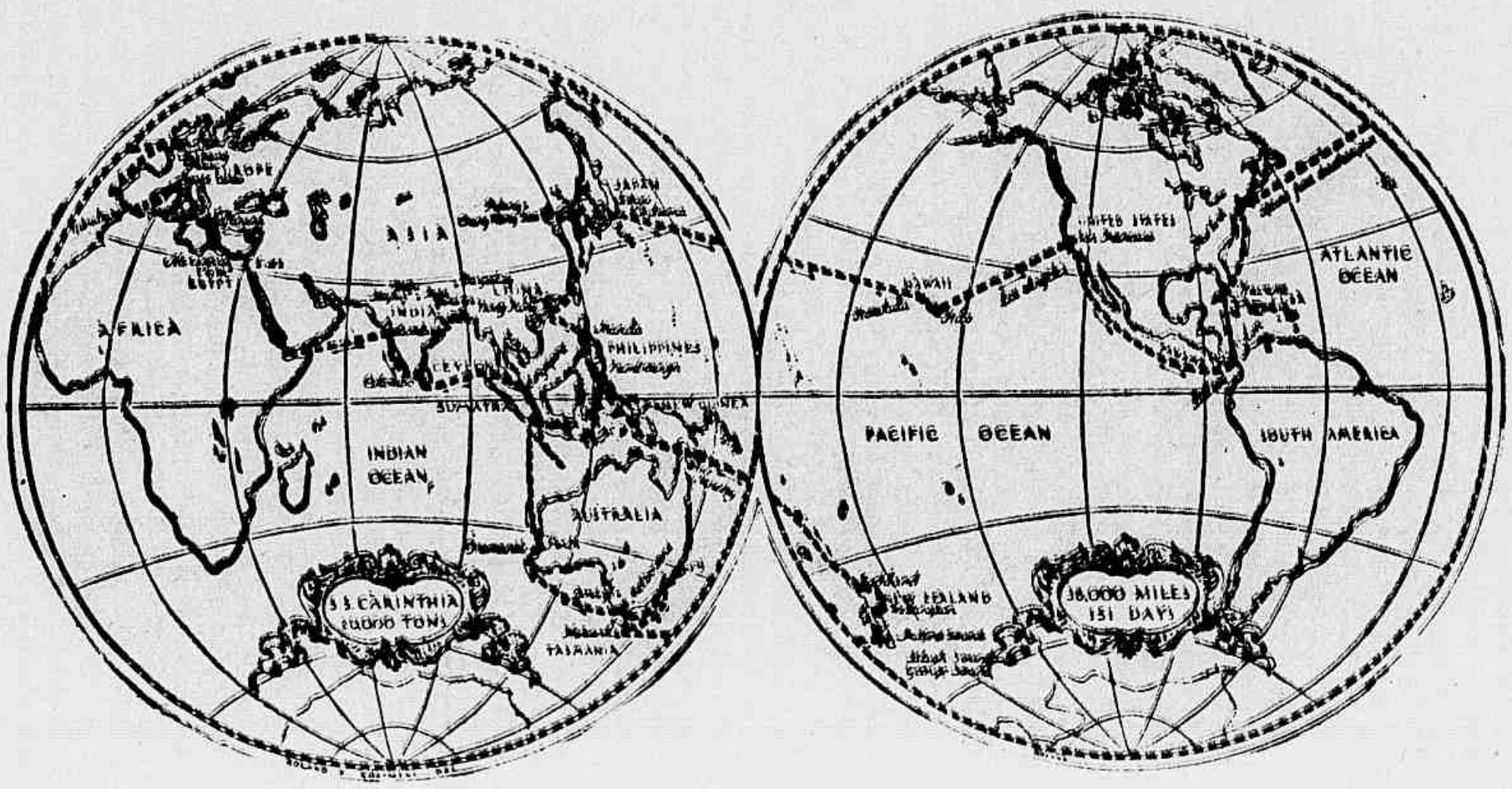
1.ª — Que é o que protege os nossos dias, para que não nos queixemos?

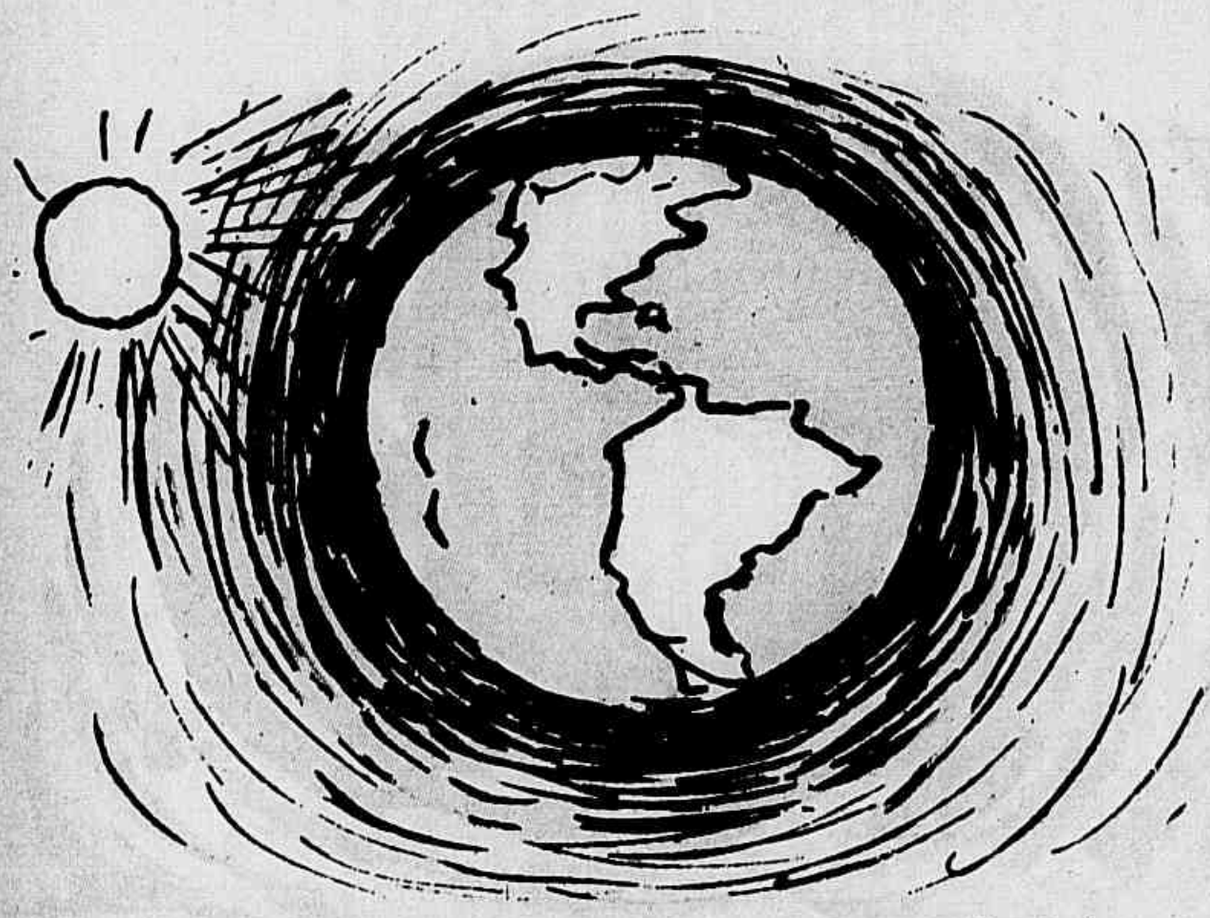
2.º — Como podemos ter noites confortáveis e não geladas?

3ª — Por que não é maior a diferença entre o verão e o inverno neste mais favorecido de todos os planêtas?

A chave do sistema global de temperaturas é a água. Mais de 70% da superfície terrestre estão cobertos de água.

Se o mundo fôsse uma esfera completamente lisa, sem montanhas nem vales, não se veria terra. A água cobriria o planêta com uma profundidade de quase





2.000 metros. Uma das extraordinárias qualidades da água é a sua capacidade para absorver calor. A água, de fato, absorve 35 vêzes mais calor que o chumbo e 3.000 vêzes mais que o ar. Só o amoníaco líquido e um metal raro, o litium, a igualam em sua capacidade de conservar o calor.

O sistema mundial com que se acondiciona a temperatura conta, nessas condições, com enormes quantidades de uma substância que possui uma extraordinária capacidade para armazenar calor. Só se necessita de um método para armazenar o calor onde abunde e levá-lo para aonde escasseie — e o sistema funcionará.

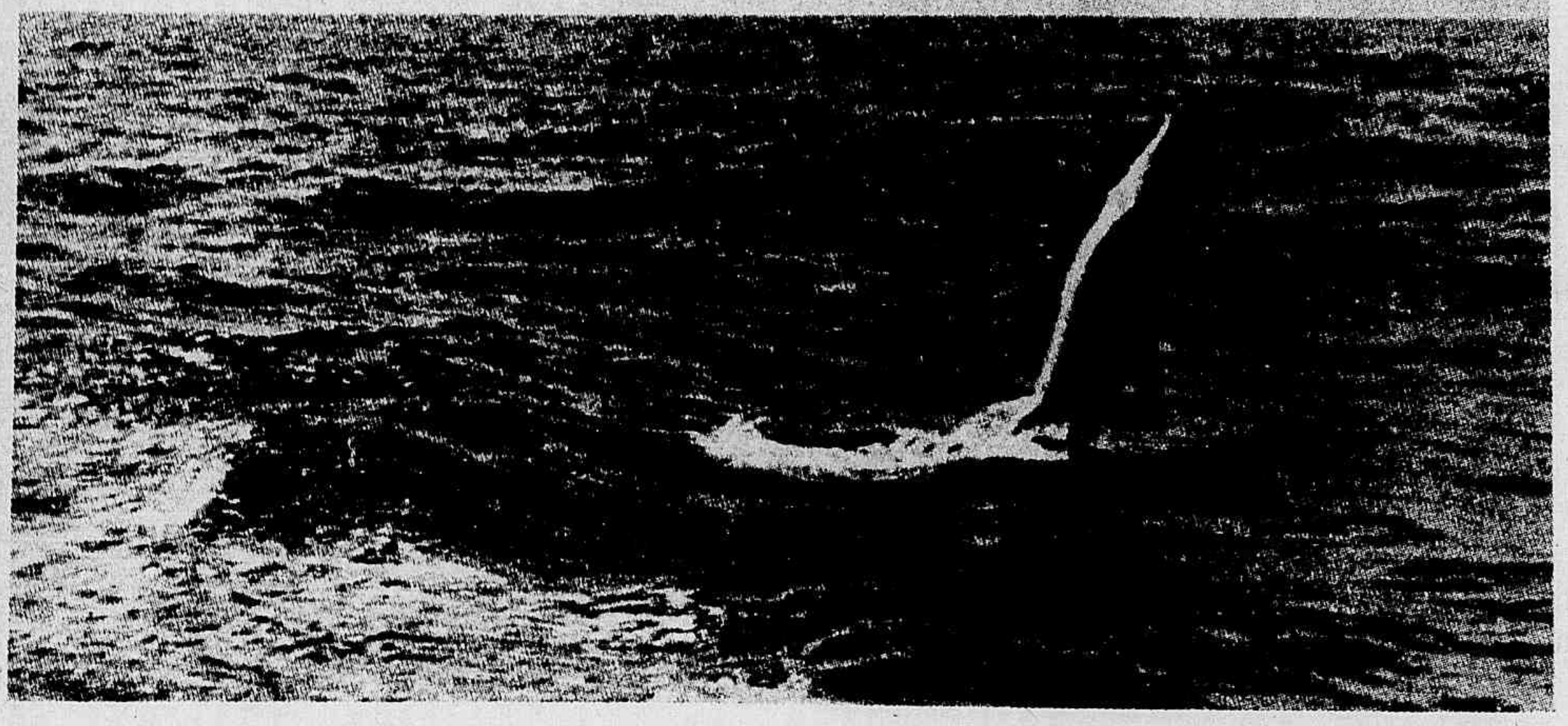
Pois... exatamente isso é o que sucede contìnuamente nos oceanos. A água fria é mais pesada que a quente, devido ao qual os mares polares pressionam constantemente na direção do Equador, deslocando as águas mornas. Por sua vez a rotação da Terra e a atração lunar põem em movimento grandes marés, enquanto ventos fortes açoitam a superfície dos mares.

Ora, o resultado de tôdas essas fôrças é a formação de grandes correntes oceânicas, que fluem sem cessar. Por essa forma, as águas transportam calor e o distribuem por todo o planêta.

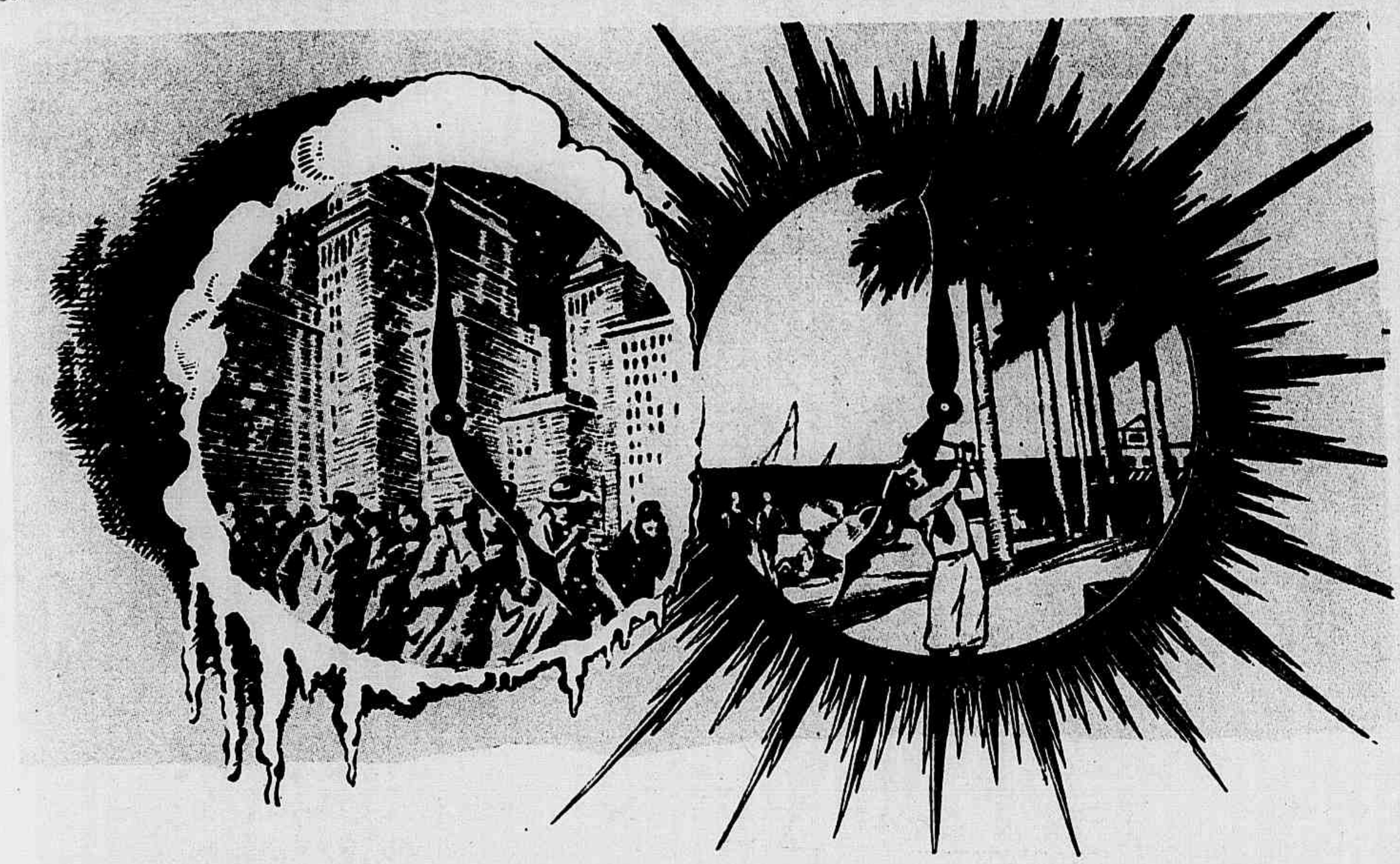
O mais conhecido dêsses estranhos "rios no mar" é a corrente do Gôlfo do México. Depois de absorver o calor do sol tropical, a referida corrente flui dos estreitos da Flórida para o Atlântico, na direção da Terranova. Ali chegada dobra para o Este, cruza o oceano e chega às Ilhas Britânicas. Durante todo o caminho libera calor.

Devido a sua dupla ação de absorver e despedir calor, as Antilhas são mais frescas e o Atlântico Norte desfruta de um clima mais temperado que o correspondente a sua latitude.

Calcula-se que a Corrente do Gôlfo transporte num só dia tanto calor quanto



Apesar da fartura, já por todos conhecida, da sua vida animal e vegetal, o mar concorre apenas com um por cento da alimentação. Agora, entretanto, terá que fornecer muito mais!



Sem a ação moderadora da água, não teríamos, é certo, inverno e verão suportáveis.

o que produziria todo o carvão minado no mundo durante um ano! As correntes marítimas são apenas uma das formas com as quais os oceanos moderam os extremos térmicos. As grandes massas de água servem também para estabilizar a temperatura. Mais de 80% da água se encontra a 1.500 metros ou mais, sob a superfície; até lá não penetram os raios solares e essas escuras regiões constituem uma reserva inesgotável de calor uniforme.

Essas reservas servem para moderar os efeitos das mudanças de temperatura na superfície terrestre. Sem essa influência moderadora, as mudanças de temperatura seriam de tal magnitude que poderiam destruir a vida do planêta. O grau pouco variável de calor das águas profundas afeta todo o volume líquido. Por isso, mais da metade da água na superfície da Terra é mantida a uns 15 centígrados.

Em pontos distantes das costas a temperatura sofre variações diárias de menos de um grau.

Nem tôda a água se encontra no mar. Uma pequena fração (1%) flutua na atmosfera da Terra. Como vapor, a água retém sua capacidade de conservar o calor. Além disso, não apenas absorve grandes quantidades de calor como também intercepta as radiações de onda-curta do sol.

O vapor de água no ar age como isolador. Durante o dia nos ampara dos raios diretos do sol; de noite devolve à Terra, como um refletor, o calor irradiado pela superfície durante as horas de luz, e que de outra forma estaria perdido.

Foi perfeitamente calculado que a água, na atmosfera, reduz os extremos da temperatura na superfície terrestre até cêrca de 50 graus centígrados. Sem esta capa protetora, os dias calurosos seriam muito mais tórridos, enquanto mais glaciais seriam as noites frias.

As massas quentes de ar carregado de vapor agem da mesma forma que as correntes oceânicas; transportam o calor para as regiões mais frias!

Os ventos secos pouco afetam a temperatura, pois o ar, por si só, carecendo de água, tem pouca capacidade para acumular calor. Felizmente, o ar quase nunca é totalmente sêco. Uma brisa moderada que sopre uma hora sôbre o mar pode recolher até 5.000 toneladas de vapor.

A água tem ainda outra propriedade para moderar o clima. Pode ser encontrada em três formas distintas: sólida (gêlo), líquida

A ÁGUA, QUE PERMITE AO HOMEM VIVER NA TERRA, TALVEZ SEJA O MEIO PELO QUAL PODERÁ ESCAPAR DA TERRA...

OS desenhistas de aeronaves que passaram a barreira do som — 1.200 quilômetros por hora — investigam atualmente a possibilidade de empregar a água no seu intento de alcançar a "velocidade de escape". A velocidade de escape a que aspiram êsses técnicos é de uns 40.000 k por hora. A essa velocidade, uma aeronave eludiria a fôrça de gravidade da Terra e poderia viajar no espaço, sem mais limitações senão as impostas pelo problema de abastecer as necessidades da tripulação humana.

O problema da barreira térmica, que deve ser resolvido, é o seguinte: apesar do intenso frio existente entre os 10 e os 40 quilômetros sôbre a superfície da Terra, o calor gerado num aeroplano superveloz, pela fricção, os poderosos motores e a moção mecânica do ar no jôrro fundiria os metais e aleações conhecidos e com os quais podem ser construídos os aviões. Foram propostos diversos métodos para esfriar a aeronave. Um dêles é fazer as asas de um material poroso, através do qual se faria passar água que, em forma de vapor, eliminaria o excesso de calor do aparelho.

Assim, a vida humana, na Terra, que só é possível pelo milagre da água, dependeria ainda uma vez da água para poder deixar a Terra!

... Não apenas absorve grandes quantidades de calor como, também, intercepta as radiações de onda-curta do sol...

(água) e gasosa (névoa ou vapor). Grandes quantidades de calor se desencadeiam em sua transição de um estado para outro. O gêlo absorve calor ao derreter-se, também a água, ao converter-se em vapor ou névoa. Em sentido inverso, o vapor despede calor ao condensar-se em água, e a água, por sua vez, ao congelar-se.

As grandes capas de gêlo nos pólos contribuem para moderar o clima terrestre. O gêlo, ao derreter-se, absorve o excesso de calor do verão. No inverno, a água, ao congelar-se, libera calor, o que abranda o rigor da temperatura ambiente.

Como se sabe, a água, ao ferver, produz vapor. Quando a temperatura baixa, êsse vapor se condensa e torna a transformar-se em água, despedindo o calor que anteriormente adquiriu.

O descobrimento dêsse ciclo permitiu múltiplas aplicações práticas, entre elas o radiador de vapor, que se utiliza para a calefação das casas nas cidades de clima frio.

A água não se transforma totalmente em vapor a temperaturas ordinárias; mas existe um processo de volatilização quase constante.

A água que passa dessa forma para a atmosfera, mais tarde se converte em chuva. Essas mudanças não são tão espetaculares como as que ocorrem num radiador, mas têm o mesmo efeito.

A água absorve calor ao evaporar-se. As nuvens de vapor morno, levadas para uma região mais fria são condensadas em chuva e liberam o calor que anteriormente armazenaram.

Quase todos os líquidos se expandem ao ser esquentados e se contraem quando se esfriam. A água também...

porém sòmente até os quatro graus centígrados. Ao atingir essa temperatura, embora antes tenha estado mais fria ou mais quente a água se espande!

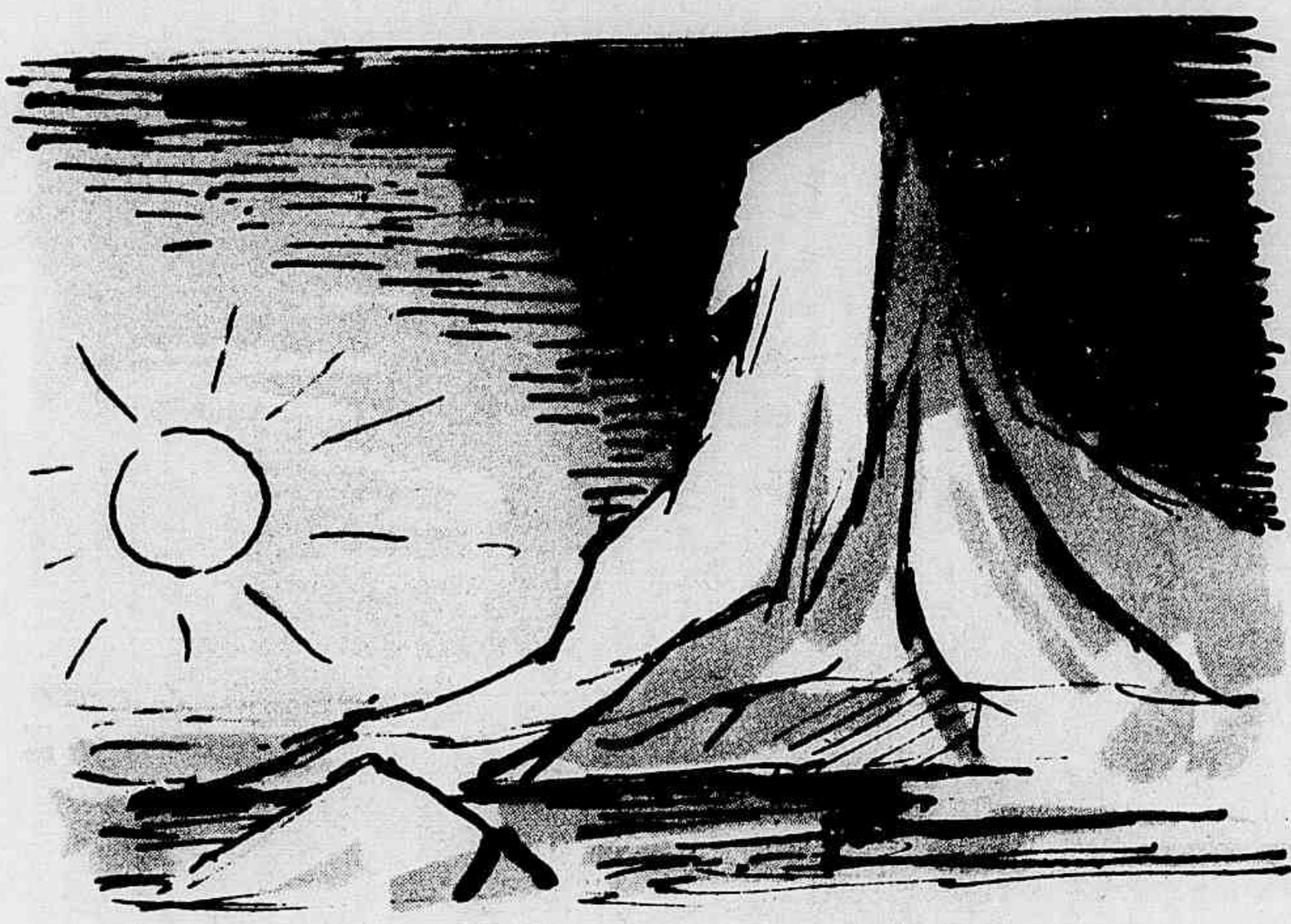
Essa curiosa característica, que não é observada em nenhum outro elemento, tem uma tremendíssima importância.

Se a água fôsse como os demais líquidos, aumentaria de densidade, ao passar de um estado para outro. O gêlo seria, assim, mais pesado que a água... e se submergiria, deixando livre a superfície para que nela se formasse mais gêlo. Êsse processo converteria arroios e lagos — e até mesmo os oceanos — em sólidos blocos de gêlo. Com isto estaria aniquilada tôda a vida no mar, primeiro, e nos continentes (gelados igualmente), a seguir.

Entretanto, devido ao fenômeno que ocorre aos 4º C, o gêlo pesa menos que a água. Flutua na superfície, formando uma capa protetora, que tende a impedir mais congelação.

Muitas outras estranhas qualidades possui a água. O aumento de pressão causa que suba o ponto de fusão de quase todos os sólidos; o do gêlo, ao contrário, baixa. A aplicação de calor reduz a velocidade de transmissão de som nos demais líqudios; a velocidade de transmissão da água aumenta com a temperatura até os 70º C. E a água pura desafia tôdas as leis naturais, agindo como ácido e anti-ácido.

A água é uma exceção de tôdas as leis físicas conhecidas, que governam os pontos de ebulição e congelação. Seu componente mais pesado, o oxigênio, se liquifica aos 218,4 centígrados abaixo de zero e ferve aos 183 centígrados abaixo de zero. O hidrogênio se transforma em líquido aos 259,14 centígrados abaixo de zero e entra em ebulição aos 252,8 centígrados abaixo de zero.



As massas quentes de ar carregado de vapor agem como as correntes oceânicas: transportam o calor para as regiões mais frias.

OS OCEANOS VÃO FORNECER MAIS ALIMENTOS

A Fundação Rockefeller doou um milhão de dólares à Universidade da Califórnia contribuindo dessa forma para as investigações oceânicas que essa universidade realiza. A mencionada doação será empregada num projeto de longo alcance, que terá oito anos de duração e que será executado pelo Instituto Oceanográfico de la Jolla, situado ao sul da cidade de Los Angeles. Seu objetivo principal será o de investigar as possibilidades de obter do mar uma maior proporção de alimentos. Os oceanos, que cobrem as sete décimas partes do planêta e contêm uma abundante vida vegetal e animal, só provêm o 1% das substâncias que o homem utiliza para sua alimentação.

O dr. Roger Revelle, diretor do Instituto de la Jolla, declarou, recentemente, que também serão intensificadas as observações relativas às condições de vida nas grandes profundidades marinhas.

O professor Claude E. Zobell, por sua vez, iniciou o cultivo artificial de bactérias que ordinàriamente vivem no fundo do mar, onde sofrem pressões 1.000 vêzes maiores do que as experimentadas na superfície. Variando as pressões nos cultivos do laboratório, serão observadas as alterações e reações químicas sofridas pelas bactérias, determinando-se em que consistem e quais são os seus efeitos. Espera-se que essas observações esclareçam o funcionamento das células humanas.

A água ao ferver produz vapor. Quando a temperatura baixa êsse vapor se condensa e voltar a transformar-se em água, despedindo o calor que havia adquirido anteriormente.

Ora, a água, que é uma combinação dos dois elementos, deveria ferver, forçosamente a uma temperatura muito menor que a corrente em uma habitação e não deveria congelar nem mesmo depois que o mercúrio do termômetro se convertesse em massa sólida.

Mas nada disso ocorre, conforme bem sabemos!

Seus estranhos pontos de congelação e fervura que serviram para marcar o 0º e o 100º da escala centígrada a convertem no fator indispensável de um clima apropriado para a vida humana.

Por que se combinam dois gases para formar o único corpo composto, inorgânico natural da Terra, que é um líquido a temperaturas ordinárias? Porque é tão abundante a combinação dêsses dois gases e ao mesmo tempo tão estranha.

A ciência não brinda soluções, apesar dos incessantes e profundos estudos dos investigadores.

Em 1940, o físico N. Ernest Dorsey recopiou, num volume de 700 páginas, diversas estatísticas e observações sôbre a água. A conclusão mais significativa que se desprende do seu trabalho é que quanto mais aprende o homem sôbre êsse elemento tão comum, mais mistérios encontra.

★

NOVA VACINA ANTI-VARIÓLICA

ESSA vacina, apresentada à Academia de Ciências de Paris pelo professor Ramon, permite evitar certas complicações determinadas pela vacina, como, por exemplo, a encefalite.

Em vez de retirar a vacina de uma vitela, na qual se haja inoculado anteriormente o vírus, o professor Ramon e seus colaboradores conseguiram, em frascos de cultivo, o vírus bacteriológico puro, cuja atividade fizeram desaparecer imediatamente, com o emprêgo do formol, submetendo-o a uma temperatura moderada.

Numerosas experiências comprovaram o poder imunizador da **"anavacin"**, obtida dêsse vírus, assim como a sua perfeita inocuidade.

A **"anavacin"** pode ser associada a outras vacinas, como, por exemplo, a da poliomielite, o que tornará as crianças imunes, ao mesmo tempo, contra a varíola e a paralisia infantil.

●

ENXÊRTO DE RINS

RICHARD Herrick, de 24 anos, em quem foi enxertado um rim, acaba de sair do hospital, completamente curado. Afirmam os médicos que a operação foi bem sucedida porque o rim enxertado pertencia... ao irmão gêmeo do paciente e, por isso mesmo, era constituído de tecidos idênticos.

Recordaremos que em dezembro de 1952, em Paris, fracassou uma operação análoga, praticada nó jovem Marius Renard, em quem enxertaram um rim da própria mãe. O menino morreu trinta e quatro dias depois da intervenção.

NAPOLEÃO E A LITERATURA

CALCULA-SE que sôbre Napoleão Bonaparte já foram escritos cêrca de 40.000 livros; isto significa que escreveram um livro por dia desde a sua morte.

★

SINAIS DE AMOR VERDADEIRO

DE acôrdo com um catecismo dos namorados do século XVIII, os sinais do amor autêntico são os seguintes: assiduidade, complacência, sinceridade, exatidão e o já famoso bilhetinho amoroso.

★

DIFERENÇAS

O professor perguntou ao aluno: — Qual é a diferença entre um francês e um americano?

— É que não falam a mesma língua! — respondeu o aluno.

★

A liberdade dos povos não consiste em palavras e nem deve existir apenas nos papéis. Qualquer déspota pode obrigar os seus súditos a cantar hinos à liberdade; e êste cântico maquinal é bem compatível com os grilhões e a opressão dos que o entoam. Se desejamos que os povos sejam livres, observemos religiosamente o sagrado dogma da igualdade. Se me considero igual a meus concidadãos, porque hei de me apresentar de um modo que êles sintam que são menos do que eu?

Minha superioridade só existe no ato de executar a magistratura que me foi confiada; nas demais funções da sociedade sou um cidadão sem direito a outras considerações que as merecidas pelas minhas virtudes. (De Mariano Moreno.)

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

● CURIOSIDADE ARITMÉTICA

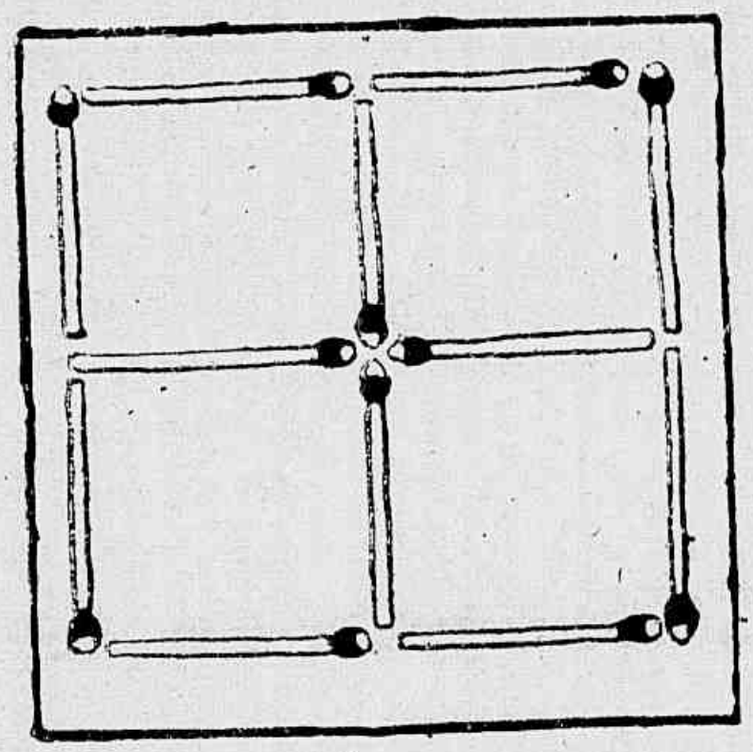
UM matemático norte-americano — sempre são êles os que descobrem essas coisas estranhas — descobriu as seguintes curiosidades do número 142.857. Se o multiplicarmos por qualquer número do 1 ao 6, obteremos produtos cujas cifras são exatamente as mesmas que compõem o original. Além disso, e com a única exceção dos primeiros algarismos, a ordem dêles continua sendo a mesma.

Vamos ver a coisa pràticamente:

142.857 × 1 = 142.857
142.857 × 2 = 285.714
142.857 × 3 = 428.571
142.857 × 4 = 571.428
142.857 × 5 = 714.285
142.857 × 6 = 857.142

Ao multiplicar a cifra por 7 obtér-se o estranho resultado de 999.999.

● OS QUADRADOS DE FÓSFOROS



TEMOS no clichê ao lado quatro quadrados, formados por doze fósforos. Pede-se ao leitor que, movendo ùnicamente quatro fósforos consiga formar um quinto quadrado. Não é muito difícil, embora o pareça, à primeira vista...

● DIVISÃO DO VINHO (Para crianças até 12 anos)

VINTE e um barris, desigualmente cheios, a saber: sete completamente cheios, 7 cheios apenas até a metade e sete vazios, têm que ser divididos entre três pessoas, de maneira que corresponda a tôdas a mesma quantidade de vinho e o mesmo número de barricas.

Como consegui-lo?

● ENTRE NEW YORK E S. FRANCISCO

PELA estrada de ferro New York à San Francisco circulam os trens diretos, saindo de uma e outra cidades, todos os dias, às sete horas da manhã, um trem, gastando sete dias no trajeto.

Pergunta-se: O direto que sai de New York, com quantos trens diretos cruzará no caminho?

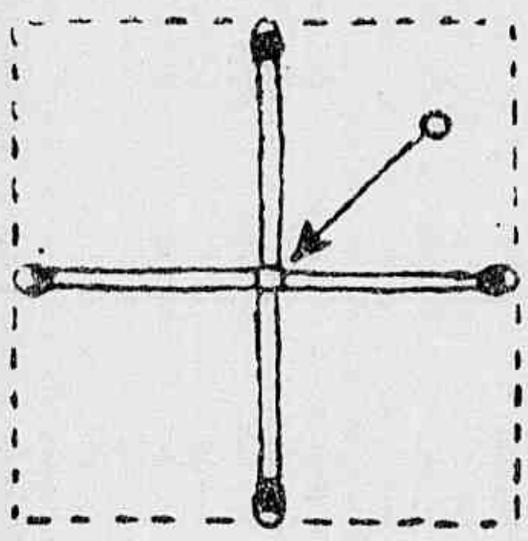
(Respostas na página seguinte)

NOVA LUZ SÔBRE A ELABORAÇÃO DA MATÉRIA ORGÂNICA

O dr. Daniel J. Arnold, professor de fisiologia vegetal da Universidade da Califórnia, acaba de expor na Associação Americana para o Progresso das Ciências os resultados obtidos com seus colaboradores no estudo sôbre a função clorofiliana. É fato conhecido que os cloroplastos contidos nas células são laboratórios microscópicos onde se realiza a foto-síntese. O dr. Arnold e sua equipe conseguiram provocar a síntese de hidratos de carbono, de vapor de água e de gás carbônico, em cloroplastos isolados. Isto representa um importante passo no estudo dos fenômenos de utilização da energia luminosa do sol para elaborar a matéria orgânica.

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

(Respostas da página anterior)



● OS QUADRADOS DE FÓSFOROS

Dêem volta aos quatro fósforos centrais e ficará formado o quinto quadrado, segundo a indicação da seta.

● DIVISÃO DO VINHO

É claro que dividindo-se o vinho das barricas totalmente cheias, com as barricas totalmente vazias; e assim teremos 7 meias barricas de vinho para cada um dos três herdeiros.

● ENTRE NEW YORK E S. FRANCISCO

Quando o trem direto de New York deixa esta cidade, às sete da manhã, ali chega o trem saído, sete dias antes, de San Francisco. Vamos considerar que não chega a haver cruzamento entre êsses dois trens. Porém o que saiu seis dias antes e se encontra a vinte e quatro horas de New York será cruzado pelo de New York ao fim de 12 horas, pois que caminham com igual velocidade, um em sentido contrário do outro. Assim, cada 12 horas, o trem de New York cruza com um trem saído de San Francisco. Considerando que também não há cruzamento do trem que sai de San Francisco no dia e hora em que ali chega, o direto de New York, temos que êste cruza com treze trens diretos, saídos de San Francisco.

★

NOVO AVIÃO DE 185 TONELADAS

O secretário do Ar dos Estados Unidos, mr. Harold F. Talbott, declarou recentemente que os primeiros bombardeiros gigantes "Stratofort" B-52 entraram em serviço e que duzentos aviões cisterna "Stratotanker" KC-135 foram encomendados à Companhia Boeing. Os B-52 já fabricados chegam a 400.

O B-52 é um avião de 185 toneladas, equipado com oito reatores. Tem um raio de vôo superior a dez mil quilômetros!

Abastecido em pleno ar pelo KC-135, poderá levar uma bomba atômica a objetivos situados em qualquer parte do globo e retornar a sua base. Cada B-52 custou a bagatela de 48.000.000 de cruzeiros!

O KC-135 é dotado de quatro reatores e pode fazer 880 quilômetros por hora.

★

PARA QUE MAIS?

NENHUM novelista — dizia a escritora inglêsa, mrs. Belloc Lowndes — se animaria a incluir em qualquer livro uma declaração de amor e proposta de casamento, perfeitamente autêntica.

Um empregado do serviço britânico na índia, telegrafou para uma determinada mocinha, na Inglaterra, esta palavra única: "Quer?"

E ela respondeu com a palavra: "Claro!"

Maior concisão?

ROMANCE DE UM PRÍNCIPE

A narrativa histórica, que segue, procura desvendar um dos mais curiosos e emocionantes enigmas do coração humano, segundo o processo histórico conhecido com o nome de psicológico, quer dizer, aquêle que, concedendo às influências exteriores a parte de impulsão determinante que lhe compete, como às leis gerais necessárias que regem o mundo físico acoordenação ponderada dos fatos conhecidos, transporta para a alma das personagens o múbil ou fôrça motriz das ações descritas, e tende assim penetrar no íntimo das deliberações que determinam novosfatos numa cadeia ininterrupta, através dos tempos.

AFIRMA-SE que no ano de 1828 foi levada dos arquivos de Simancas ao rei Fernando VII de Espanha uma certa caixa verde, hermèticamente fechada e selada, com as suas fivelas de ferro ferrugentas pelo tempo, a côr apagada pela poeira dos séculos.

Sete gerações de historiadores tiveram conhecimento da existência dessa caixa, mas a nenhum foi permitido um simples relancear pelos papéis que ela continha. Dentro dela estavam guardados, segundo se dizia, os fastos dum secreto acontecimento que se deu justamente duzentos e sessenta anos antes, quer dizer, no ano de 1568. Desde aquela época até os dias do rei Fernando, a caixa selada tinha permanecido intacta no lugar onde fôra colocada por ordem do monarca, cujo negro espírito legou à posteridade tantos enigmas, o poderoso Felipe II.

Felipe apareceu à janela...

Desde o dia da remoção da caixa verde de Simancas por ordem do rei Fernando, perderam-se todos os vestígios dela e de seu conteúdo. Talvez, um dia ainda venham à luz, dentre os móveis inutilizados de um palácio, os documentos que possam dar explicação final de um dêsses problemas embaraçosos que têm aguçado a imaginação dos estudiosos do passado.

Entretanto, das memórias públicas e privadas da época, das ações e palavras dos próprios protagonistas, rememo-

radas por testemunhas contemporâneas, é possível reunir os principais traços dêste triste romance histórico.

NA noite de 27 de dezembro de 1567, na igreja de S. Jerônimo, em Madrid, deu-se um extraordinário e aflitivo incidente. Um mancebo, de aparência fidalga, ricamente vestido, calçando, como particularidade característica, botas com largos couros na extremidade dos canos, nos quais se alojavam as pistolas, entrou com passo pesado e firme pela igreja a dentro, ao cair da noite, seguido por um único cortesão familiar. O moço fidalgo tinha vinte e dois anos. De semblante e porte distintos e mesmo formoso; mas naquele momento parecia profundamente agitado; tinha o olhar selvagem, inflamado, de estranho brilho; a fisionomia pálida e transtornada; mostrava no andar o desassocêgo violento e íntimo, o seu aspecto revelava logo um estado dalma singular e doloroso. Tirando o chapéu da cabeça e fazendo a reverência ante o altar-mor com todo o sinal de devoção, o mancebo se encaminhou para um grande confessionário fechado, que estava numa das naves, entrou para êle e cerrou a porta.

Um mancebo entrou pela igreja.

Era véspera dos Santos Inocentes, dia em que a família real de Espanha costumava receber o sacramento da comunhão em público, conjuntamente com as principais personagens da côrte. Desnecessário será recordar que antes da comunhão é obrigatório confessar-se e receber prèviamente a absolvição sob pena de cair em pecado mortal.

O cortesão, cujo emprêgo era o de camarista, e o qual ficara fora do confessionário, não esperou muito tempo, que não visse sair seu amo precipitadamente, com a fisionomia convulsionada e andando com passos agitados. Não foi preciso que o moço fidalgo falasse para que o camarista adivinhasse o que tinha sucedido. Êle fizera a sua confissão, mas o sacerdote recusara-lhe a absolvição!

O caso não podia acabar ali. Não era uma formalidade banal a que movera o mancebo a ir procurar absolvição naquela noite especial. Seguido pelo seu camarista, a quem não ocultou a situação, dirigiu-se para outra igreja, a do convento de Nossa Senhora de Atocha, cujos monges eram nomeados na resolução dos mais difíceis casos de consciência. No confessionário do mosteiro esperava-o similar recusa. Mas o monge que o ouviu de confissão não despediu apenas o penitente.

Impressionado com a gravidade da situação, persuadiu-o a submeter o caso a um conselho de teólogos.

O mancebo consentiu. Êle, melhor do que o monge, conhecia as conseqüências e media bem o alcance da decisão. A sua ausência à cerimônia do dia seguinte poria em consternação a capital e causaria um grave escândalo, não só em Espanha como também na Europa. Porque era uma infelicidade para êle chamar-se D. Carlos, príncipe das Astúrias, e ser o herdeiro do monarca que dominava sôbre dilatado império, sôbre a Espanha, a Sicília, Nápoles, Milão, Países Baixos e as Índias.

Reuniu-se à pressa o conselho de teólogos. Presidiu o prior do convento, e com êle juntaram-se quatorze monges piedosos e instruídos, alguns chamados de fora para que fôssem consultados em tão grave questão. Aos horrorizados ouvidos do reverendo conclave, o príncipe, agitado e sombrio, mas pertinaz, emitiu a mesma confissão que já fizera duas vêzes. Estava possuído de um impulso homicida, segundo declarou positivo. Havia um certo homem, cujo nome não revelaria, a quem êle odiava com ódio intenso e a quem êle desejava dar a morte. Para uma pessoa admitida a assistir à consulta, a confissão não foi de

todo uma surprêsa. Era o fiel camarista, o qual depois registrou e descreveu estas cenas extraordinárias nas suas memórias. Havia tempo que o príncipe deixara insinuar, em conversações e na presença de alguns cortesãos, a existência de um seu inimigo misterioso com quem tinha uma contenda mortal. Semelhante imprudência de linguagem era demasiadamente característica no infeliz D. Carlos.

O filho de Filipe II era a todos os respeitos um perfeito contraste com o pai; o frio, reservado monarca, calculista, moroso em resolver e mais ainda em executar, não descurando todavia o prosseguimento de um fim uma vez resolvido; um homem cujas paixões fundas e descuidosas o levaram muitas vêzes a violar as leis da moralidade, mas nunca as do decôro. D. Carlos era indomável, impulsivo, resoluto em falar, mais do que o necessário, freqüentemente desabrido e duro em suas maneiras.

Entre caracteres tão opostos não podia haver verdadeira simpatia. Felipe II aparentava pesar e lamentava-se, entre os que o rodeavam, das loucuras do filho, em tom de um pai cujos sentimentos são ultrajados: ao mesmo tempo que se aproveitava do procedimento do príncipe para desculpa de não o admitir, sequer, na menor ação, nos trabalhos do govêrno. D. Carlos ressentia-se amargamente dêsse afastamento propositado e assentava a sua fúria sôbre aquêles que mais altamente recebiam o favor e a estima de seu pai, sôbre o brando e insinuante Ruy Gomes, príncipe de Eboli, e sôbre o áspero e arrogante duque de Alba, o qual naquela ocasião partira para a sua famosa expedição destinada a vencer a revolta dos Países Baixos.

D. Carlos tendo protegido os enviados das províncias descontentes, e querendo o govêrno delas para si próprio, agrediu pessoalmente o orgulhoso duque na véspera da partida. Ùltimamente, o seu proceder era, mais e mais, o de um homem levado ao desespêro pela ferida sensibilidade da injúria recebida. Fêz planos de abandonar a Espanha e mandou um agente levantar recursos em algumas cidades principais.

A única pessoa, na côrte, que parecia ter uma suave influência sôbre êle era sua madrasta, a jovem e linda Isabel de Valois, a princesa mais querida do seu tempo. Pôsto que tivesse deixado completamente de falar ao pai, exceto nas ocasiões públicas e solenes, D. Carlos visitava muitas vêzes a gentil rainha, que diligenciava distraí-lo desviando-o de seus disparatados intentos.

Mas, num ponto especial, tinha resistido mesmo a ela. Isabel procurara promover casamento entre D. Carlos e sua irmã mais nova, um casamento que seria, esperava ela, o meio de o fazer feliz e de lhe pacificar a alma. D. Carlos foi privadamente à côrtes e informou aos assombrados membros das mesmas que qualquer que se atrevesse a levar adiante semelhante proposta seria considerado seu inimigo, e em seguida ordenou-lhes que guardassem segrêdo das suas palavras, sob pena de morte.

Voltando à narrativa, os desnorteados monges que ouviram a confissão do príncipe acordaram em decidir que no seu estado de espírito não lhe podia ser concedida a absolvição. Depois de alguma discussão, o prior que presidira a assembléia, e que bem percebia a gravidade do caso, fêz uma sugestão artificiosa ao príncipe. Disse-lhe que poderia talvez achar um meio para o ajudar a obter absolvição, se êle consentisse em dizer nome do objeto de seu ódio.

... o recém-chegado olhou em redor.

O excitado mancebo olhou em redor do rculo de fisionomias graves, cujos olhares terrogadores se cravavam silenciosamente bre êle, luminosos e ardentes por entre penumbra dos seus capuzes. Depois, baixando a voz, quase a segredar resondeu que o homem cuja morte desejava ra o seu próprio pai, o rei Felipe!

Um estremecimento de horror passou or aquêles homens, velhos, endurecidos, e longa experiência, conhecedores dos egros abismos do coração umano. O prior, dominando a custo a sua emoção, onseguiu perguntar serenamente se o príncipe já era alguns passos para efeiar semelhante intento.

Desta vez D. Carlos recusou responder. Talvez isse a armadilha. Resistiu todos os argumentos e as xortações que lhe apresentaram, e à meia-noite voltou esanimado para o palácio companhado do seu camasta, e sem a absolvição que retendera obter. Logo depois do príncipe se retirar, s monges mandaram secretamente um mensageiro ao scorial, edificado então om melancólica magnificência sob a vigilância e speção do supersticioso rei.

Maria de Portugal, primeira mulher de Filipe II. (Quadro de autor desconhecido.)

DURANTE 15 dias nada sucedeu. O arrebatado príncipe continuara nos preparativos de fuga de Espanha. Não transparecera no mundo exterior sinal algum que denotasse o conhecimento por parte de Felipe II do que se estava passando.

Repentinamente, Madrid estremeceu de spanto com a aparição de um pregão espanho em tôdas as igrejas. O rei desejava ue se fizessem preces públicas para que le recebesse do céu inspiração num negócio de grande importância que lhe estava margurando o espírito.

Foi êste um movimento interior dalma, ue lhe revelava o caráter inteiro, como clarão de um relâmpago ilumina a scuridão da floresta. Os historiadores de Filipe II noticiam que o seu punhal andava quase unido ao seu sorriso. Que ameaça se esconderia na oração de semelhante homem! O trabalho íntimo daquele espírito tortuoso está agora aclarado. Vê-se que o tirano resolvera ferir. Restava sòmente ao hipócrita justificar-se perante Deus.

Não levou muito tempo para efetuar o processo. Um ou dois dias depois, D. Carlos procurou seu tio, D. João da Áustria, a quem muito amava, confiou-lhe o seu intento de fugir, e pediu-lhe que o acompanhasse. D. João recusou, e depois de o ter admoestado, foi direito ao Escorial levar a notícia. Realmente, Filipe II era um soberano bem avisado para ter conseguido que nos seus domínios a adoração ao rei fôsse um dever que tomara precedência de fé religiosa e de confiança de homem para homem.

Um historiógrafo admirador de Filipe II faz a análise e a curiosa nota, de que era um rei, o qual tinha as coisas tão reguladas que nunca ninguém sonhou defrontar-se com a sua vontade e que todos os seus vassalos ou o amavam ou pretendiam aparentar tal afeto.

Na noite seguinte, D. Carlos terminou os preparativos de fuga. Com uma extraordinária despreocupação, que forçosamente contrastava com a prudência de seu adversário, mandou ao diretor das postas do reino que lhe fornecesse oito cavalos para uma viagem. O diretor sabia proceder melhor do que obedecer. Tendo mandado para diferentes direções os cavalos, a fim de pretextar não os ter em caso de necessidade, apressou-se também em ir ao Escorial receber as ordens do rei. De manhã Filipe II chegou a Madrid. Deu longa audiência pública no palácio, calmo e grave como sempre. Depois de acabada a audiência, assistiu em público a missa com a sua família. Apresentava a atitude de

quem, satisfeito com a própria consciência, procede a dever penoso, e nada tem de se culpar. Passou o dia serenamente. Chegou a noite e pelas 11 horas, o rei de Espanha, revestido de armadura completa e seguido de alguns nobres e de doze soldados da guarda real, desceu a escada que conduzia aos quartos de seu filho.

D. Carlos dormia. Desde algum tempo, porém, êle dormia com tôdas as precauções de quem julgava ter a vida em risco. A porta do seu quarto de dormir estava sempre fechada com uma engenhosa fechadura de segurança. À cabeceira do leito, quando repousava, tinha pendurada uma espada e um punhal, e ao lado da cama a distância mas ao alcance do braço um arcabuz carregado. Tudo isto era sabido pelo rei prudente, e por isso tomou as correspondentes precauções. O mecanismo da fechadura foi de antemão e secretamente desarranjado. No mesmo instante em que se abriu a porta, o capitão da guarda adiantou-se mansamente até a cabeceira da cama e retirou as armas.

Estava portanto livre e seguro o caminho para Filipe II entrar. Quando pressentiu gente, o desgraçado príncipe, despertado de seu sono, deu um pulo procurando por instinto as armas das quais acabava de ser privado. Momentos depois, as luzes, iluminando-lhe os olhos, deixaram-no ver em redor o quarto cheio de homens armados e na entrada da porta a figura sombria de seu pai, armado de aço, olhando-o com aquêle imóvel e complacente olhar, que tornava aquêles olhos azuis e frios mais temíveis de encarar do que os olhos coléricos de Calígula.

— Que quer vossa majestade de mim? — foram as primeiras palavras pronunciadas pelo príncipe enquanto saltava da cama.

— Vai já sabê-lo — foi a resposta do rei, que serenamente prosseguiu dando ordens àqueles que estavam no quarto. Trancaram as janelas, fecharam as portas a chave, e tôda a qualidade de armas ofensivas, incluindo os ferros do fogão, foram removidas. Então Filipe II deu ao príncipe ordem de prisão, e entregou-o à guarda do duque de Feria e dos outros nôbres presentes, ordenando-lhes que o tratassem com respeito, mas não obedecessem a ordem alguma sua, sem que fôsse confirmada por êle próprio, Filipe II.

D. Carlos ouvira estas determinações na mais profunda agitação. Finalmente exclamou:

— Melhor seria que vossa majestade me matasse do que fazer-me prisioneiro. Se me não mata, eu o farei por mim próprio.

— Não fará semelhante coisa — respondeu-lhe friamente o pai — porque seria um ato de loucura.

— Vossa majestade trata-me tão mal que me forçará a fazê-lo — replicou D. Carlos com voz estrangulada pela ira. — Não sou doido, mas vós, senhor, conduzis-me ao desespêro.

O infeliz príncipe deixou-se cair sôbre a cama, apagada a voz pelos soluços. O rei atravessou o quarto dirigindo-se para êle e trocaram-se entre os dois algumas frases em tom tão baixo, que ninguém pôde ouvir o que foi dito. Foram as últimas palavras

O rei, revestido de armadura...

roferidas entre o pai e o filho. O rei ompletou as suas disposições, apoderou-se e um cofre contendo os papéis particulares .o príncipe, e retirou-se, deixando-o ao uidado dos dignitários.

POUCO tempo depois estreitava-se cada vez mais a clausura do príncipe. Rui omes, o ministro favorito do rei (e o omem que D. Carlos considerava seu pior imigo), teve ordem de fixar a sua resi-lência no palácio, em aposentos pelos quais ecessàriamente se havia de passar para hegar ao quarto do prisioneiro. Foram esignados seis nobres para cada um por ua vez vigiar D. Carlos, não o deixando unca, dia e noite. Estavam estritamente roibidos de lhe falar sôbre a causa do seu ativeiro, ou em qualquer assunto do Es-do, ou de deixar passar qualquer corres-ondência entre êle e o mundo exterior. stavam ainda mais obrigados por jura-ento a guardar sêgrêdo de tudo quanto ucedesse portas a dentro do palácio.

Entretanto, a prisão de D. Carlos, o erdeiro da monarquia espanhola, produ-iria sensação em tôda a Europa. Por tôda parte ouvia-se a mesma pergunta. Qual inha sido a causa de tão extraordinária nedida? Qual tinha sido o crime de). Carlos, ou de que seria êle acusado?

O rei Filipe assentou em tratar a questão or uma forma característica e singular, omo costumava. O seu primeiro ato foi eunir alguns oficiais do estado em con-elho e anunciar-lhes solenemente a prisão e seu filho. Acompanhou êste anúncio om a declaração de que só o seu dever ara com Deus e o bem da monarquia o odiam ter levado a tal passo. Raro fôra m verdade que, durante o longo curso o seu reinado, o bem da monarquia e o eu dever para com Deus estivessem em posição aos olhos de Filipe II.

Alguns dias depois enviou cartas ceri-oniosas às principais personagens do eino, aos nobres, grandes e alcaides das unicipalidades. Tais cartas não conti-nham mais informações do que as que êle oncedera aos seus conselheiros de Estado. Algumas das grandes cidades propuseram nandar uma deputação a Madrid, nomi-almente para acompanhar o rei na sua or, na realidade, porém, para obter luz

Isabel de Valois, terceira mulher de Felipe II. (Quadro de autoria de Pantoja de la Cruz.)

sôbre o mistério. Filipe II mandou-lhes dizer que procedera assim simplesmente para o bem geral e que não desejava re-cebê-los na côrte.

Havia três províncias em Espanha que ainda conservavam as suas antigas liber-dades, conquanto estivessem sentenciadas a perdê-las antes do fim do reinado de Filipe II. Aragão, Catalunha e Valência resolveram defender os seus próprios in-terêsses nos do herdeiro do trono. Nomea-ram comissários que foram enviados para a capital a inquirir das causas da prisão do príncipe e exigir, se tanto fôsse preciso, a sua liberdade. Apenas, porém, tinham re-solvido partir, chegaram ordens do rei para que voltassem, se já tivessem saído; ordens redigidas em tão severa e decisiva lingua-gem que não se atreveram a desobedecer. Filipe II não era monarca que permitisse

Retrato de Maria, rainha da Inglaterra. Segunda mulher de Felipe II. (Quadro de Antônio Moro.)

aos seus vassalos pesquisar ou inquirir das suas ações.

O povo de Murcia foi mais bem avisado no proceder e afortunado na consideração. Contentou-se em dirigir uma carta ao rei, expressando a sua simpatia e admiração por um soberano capaz até de sacrificar o terno afeto, que dedicava ao próprio filho, pela justiça e pelo bem do povo.

Filipe II honrou esta carta com uma daquelas célebres anotações no sobrescrito, que ainda hoje nos representa tão vivamente o retrato do déspota, grave, digno, no seu traje prêto, sentado, sossegadamente, no seu gabinete, decorado com simplicidade, tendo Rui Gomes a seu lado assinando uma sentença de morte, com aquela conscienciosa atenção de particularidades, que teriam feito dêle um admirável chefe de repartição ou um escrupuloso professor de escola pública: — "Esta carta — comentou Filipe II no sobrescrito da de Murcia — está escrita com prudência e discrição."

As pessoas de sua família que se arriscaram a mostrar interêsse pelo príncipe Carlos foram firmemente censuradas. A D. João foi-lhe proibido usar luto, como sinal de sentimento. A D. Joana, tia de Filipe II, que se oferecera para partilhar do cativeiro do príncipe, com o fim de o consolar, foi recusada licença mesmo para o visitar. A compassiva rainha tinha tôdas as aparentes razões de interêsse, humanas embora duras, para folgar no íntimo com as infelicidades de seu enteado. D. Carlos era o único filho da primeira mulher de Filipe; de sua segunda mulher, Maria, rainha de Inglaterra, não tivera sucessão. De Isabel, porém, nasceram duas filhas, uma das quais havia de subir ao trono, na eventualidade da morte de D. Carlos. Todavia, ela pranteou a sua prisão e a sua desgraça dois dias inteiros. Filipe ordenou-lhe, àsperamente, que enxugasse as lágrimas.

Não era, porém, tão fácil calar a curiosidade das côrtes estrangeiras. Tempos antes planeara-se uma aliança de casamento, e quase se terminara de fato, entre D. Carlos e Ana, filha do imperador Fernando, de Áustria. Em resposta às ansiosas perguntas do imperador, Filipe II mandou-lhe uma carta contendo duas notícias de mau agouro: — D. Carlos, por muitas e boas razões, nunca ficaria livre; e não casaria nunca com a arquiduquesa.

A sua tia, rainha de Portugal, dirigiu uma exposição; que o seu proceder não era devido a nenhum mau comportamento da parte do príncipe, nem intentado como meio de reforma política. Acrescentava estas palavras admiráveis de significação reservada: — "O processo assenta num outro fundamento, e o **remédio que eu proponho** não é de tempo, nem de expedientes; mas é de maior importância satisfazer as minhas obrigações para com meu povo."

Era então já corrente o boato, em Madrid, de que o mancebo desesperado conspirara contra a vida do pai. Filipe II teve particular empenho em desmentir tais dizeres, os quais, sem dúvida, promanavam da cena passada no convento de Nossa Senhora da

Atocha. O núncio do Papa referiu-se ao boato, conversando com o cardeal Espinosa, o grande inquisidor das Espanhas. O cardeal repeliu-o com vigor: — "O caso presente é pior, se pior pudesse ser — declarou êle. — Sua majestade tem vigiado a carreira desordenada de seu fliho durante êstes dois últimos anos, sem ter possibilidade de o refrear, e acabou por ser constrangido a dar êste passo."

Havia na Europa uma côrte na qual Filipe II podia esperar ver julgado o seu procedimento com secreta satisfação, se não com plena aprovação. Carlos IX de França era irmão da rainha espanhola e portanto tio da infanta, cujo advento ao trono estava aberto e livre com a morte de D. Carlos. A Carlos IX tinha, portanto, Filipe II menos necessidade de explicar o seu proceder do que a outro qualquer. Todavia foi a Carlos IX que Filipe II escolheu comunicar o segrêdo tão cautelosamente guardado dos seus próprios vassalos, dos membros de sua família, e até do próprio Papa.

Segundo a informação do príncipe de Eboli, que a expediu ao sr. de Fourquevaulx, embaixador francês, não havia mistério algum sôbre o assunto. Por algum tempo, o rei Filipe suspeitara de que seu filho era lunático. Êle estava agora convencido de que D. Carlos era um demente sem esperança e tomara as correspondentes precauções. Tal a explicação que o erudito Von Raumer transcreveu com aquela credulidade própria de um espírito mais familiar còm os livros do que com os homens. Observa-se singularmente como a mera vista de um documento oficial entorpece a faculdade crítica de escritores a ponto de considerarem a tradição não oficiosa e correntia com o mais deliberado ceticismo.

A explicação era plausível; era até um tanto plausível de mais. Havia um caso de demência na casa real de Espanha. A avó de Filipe, D. Joana, estivera assim durante alguns anos, que precederam a sua morte. Mas êsse era um caso perfeitamente conhecido em todos os domínios de Espanha, e dêle se falara nas côrtes estrangeiras. Se nada mais houvesse do que isto em referência a D. Carlos, parece que não haveria motivo para que a verdade não fôsse abertamente declarada, em vez de ser segredada aos ouvidos de um embaixador a fim de informar privadamente Carlos IX.

Se era segrêdo, devia ser um segrêdo de família, o qual Filipe II de preferência o confiasse a sua tia de Portugal, e a seu tio, o imperador de Áustria, cuja boa opinião, na verdade, indispusera e cujas suspeitas deviam ter também pêso para êle. Por que, em resumo, havia de reservar o rei essa explicação para uma única pessoa, a quem não tinha motivo aparente de a declarar, e sobretudo uma explicação que satisfaria a todos e que colocaria o seu procedimento em brilhante situação aos olhos de todo o mundo?

Como reflexão tardia, não deixava de ter seu mérito semelhante pretexto, mas o seu sabor provinha mais do político Rui Gomes do que do orgulhoso e vingativo rei. De fato, ao mesmo tempo em que assim era explicado o caso pelo seu ministro, o próprio Filipe II depunha noutro sentido.

... dando-lhe com suas próprias mãos...

Havia então uma alta personagem que não estava satisfeita com as vagas desculpas que lhe chegaram, e sucedia que essa personagem era no mundo o homem

(Continua no fim da revista)

COMO É FÁCIL SABER TUDO

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

PEQUENA ENCICLOPÉDIA POPULAR

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PÉRICLES — Estadista ateniense, nascido em 499 antes de Cristo e morto em 429. Era filho de Xantipa, o vencedor de Micale, e de Agarista. Seguiu as idéias de Anaxágora, de Zenão e de Protágoras, tendo demonstrado uma grande elevação de espírito. Sua eloqüência e a dignidade de atitudes lhe valeram o sobrenome de "O Olímpico". Entretanto, só raramente Péricles aparecia na tribuna. E não obstante sua enorme fortuna, levava uma vida muito simples no meio de literatos e artistas, onde figuravam Anaxágora, Sócrates, Protágoras, Aspásia, Fídias. Antes de iniciar sua carreira política, Péricles tomou parte nas campanhas militares realizadas por Cimon. Mais tarde, enfrentando o próprio Cimon, que era o chefe do partido aristocrático, tornou-se o líder do partido popular, e passou a pregar reformas sociais. Em 463, juntamente com Efialtes, conseguiu levar Cimon à barra do tribunal, não logrando, contudo, que êste fôsse condenado. Porém, um pouco mais tarde, por ocasião da revolta dos ilotas, Cimon cometeu a imprudência de mandar socorro à Esparta, que se recusou a recebê-lo; por isto foi banido de Atenas. Dêsse modo, a partir de 461, Péricles e Efialtes puderam realizar o seu programa de reformas. Delegaram quase tôda a autoridade ao Areópago, confiaram o poder judiciário a jurados eleitos mediante sorteio. Efialtes foi assassinado pelo partido oligárquico. Mas Péricles continuou a sua obra. Obteve grandes êxitos em sua política exterior: aliança com Mégara, vitórias sôbre Corinto e Egina, colonização da Trácia, restabelecimento da democracia em Sinope e em várias outras cidades gregas. Prevendo um ataque de Esparta, mandou concluir a construção das grandes muralhas e desenvolver a marinha de guerra. A guerra prevista estourou, e os atenienses foram inicialmente derrotados em Tanagra. Resolveu convocar Cimon, que venceu os beócios em Enofita. Atenas firmou com Esparta uma trégua de 30 anos, e o chamado "Tratado de Cimon" consagrou suas vitórias sôbre a Pérsia. A sede da Liga Marítima foi transferida de Delos para Atenas, e os aliados tornaram-se seus tributários. Ao mesmo tempo, com a colaboração de Fídias e de outros grandes artistas, os arquitetos Ictinos, Calicrates, Mnésicles, Hipodamos de Mileto, os esculotres Alcamenes e Agorácrita, os pintores Polignotes e Panenos, Péricles fêz construir e decorar o Partenon, o Odeon, o Templo de Eleusis, que, com as obras-primas da literatura da época imortalizaram o "Século de Péricles". Não obstante tôdas essas obras, o estadista constituía um tesouro de guerra. Reprimiu a revolta de Samos no ano 440. Entretanto, em tôrno de Atenas, o perigo aumentava dia a dia. A revolta da Corcira contra Corinto, depois a revolta de Potideu e a luta contra Mégara levaram o país à Guerra do Peloponeso, que explodiu em 431. A seguir começaram a atacar Péricles na pessoa dos seus amigos Fídias, Anaxágora e Aspásia; depois passaram a atacar o próprio Péricles, acusando-o de responsável pelos males da guerra. Perdeu dois filhos, sua irmã e os amigos, morrendo êle também vitimado pela peste no ano 429.

PÉRICLES — General ateniense, filho do precedente. Foi um dos estrategistas que venceram os espartanos em Arginuses, e que foram condenados à morte pelo povo por não mandarem sepultar seus mortos.

PERICLÍMENE (Mitologia grega) — Um dos argonautas, filho de Neleu e de Cloris. Obteve de Poseidon o privilégio de poder assumir tôdas as formas possíveis. Por ocasião do cêrco de Pilos, a fim de escapar aos golpes de Heracles, metamorfoseou-se sucessivamente em môcho, formiga, abelha, serpente e águia; mas foi morto com um golpe de massa no momento mesmo em que se preparava para levantar vôo.

PERICTIONE — Mulher sábia, seguidora da filosofia pitagórica. Escreveu um livro sob o título de "Tratado da Sabedoria", ao qual Aristóteles dava muita importância. Estobeu cita dois dos seus fragmentos, escritos em dialeto dórico. Perictione é também o nome da mãe de Platão.

PERÍGONE (Mitologia grega) — Filha do gigante Sinis. Quando Teseu matou seu pai, ela refugiou-se em um juncal. Teseu foi atraído pela sua indescritível beleza, e teve com ela um filho chamado Menalipo. Mais tarde, Perigone desposou Deioneu, do qual teve um filho, Ioxos, herói epónimo dos Ioxides de Cárie.

PERILO OU PERILOS — Escultor ateniense, que viveu por volta de 570 antes de Cristo. Encarregado por Falaris, tirano de Agrigente, de construir um touro de bronze, no qual deviam ser encerrados todos os sêres humanos condenados à cremação.

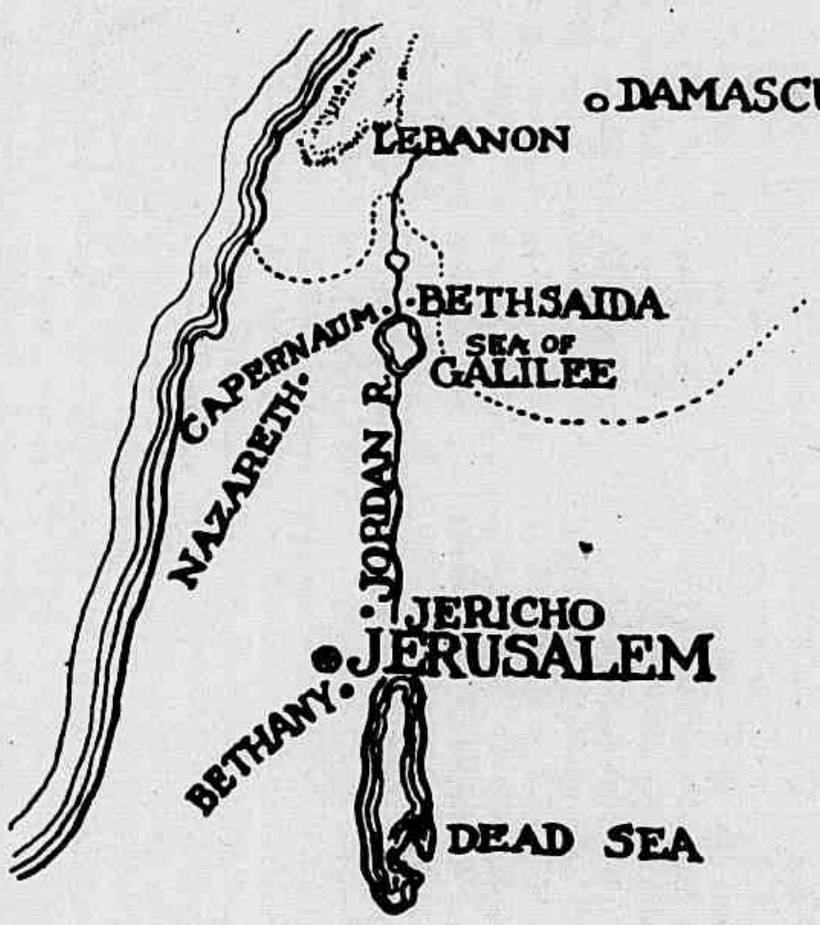
PERIFAS (Mitologia grega) — Lendário rei de Atenas, anterior a Cecropes. Por seus benefícios e sua infinita virtude passou a ser venerado por seus súditos como um verdadeiro deus. Júpiter, com ciúme, queria precipitá-lo no Tártaro; mas Apolo intercedeu em seu favor, e o deus dos deuses limitou-se a transformá-lo em águia. Esta águia tornou-se o seu pássaro favorito.

COMO A PALESTINA SE TORNOU A TERRA SANTA

Por F. C. GILBERT

SABER precisamente em que época a Palestina ou Canaan recebeu o nome de "Terra Santa", é tarefa difícil. A denominação só muito raramente aparece nos livros bíblicos; entretanto, ninguém ignora que desde tempos imemoriais a região tem tal nome.

A Terra de Canaan originàriamente foi prometida a Abrahão e a sua descendência, numa época em que o patriarca já estava com noventa anos de idade e o filho prometido ainda não havia nascido. Êste homem de fé recebeu ordens de Deus para deixar seu país e transferir-se para as terras da Palestina. (Gênese 12:1-3.) A intenção de Deus era realizar uma maravilhosa obra para o mundo através do mesmo indivíduo e de sua descendência. E, assim, com o miraculoso nascimento de Isaac, o que ocorreu quando o pai contava cem anos de idade, o Senhor assegurou a Abrahão que a sua descendência seria tão numerosa como as estrêlas do céu. (Gênese 15:5.)



Uma outra predição a Abrahão dizia que os seus descendentes viriam a ser escravos, e que, após conseguida a libertação, herdariam a terra prometida ao seu progenitor. (Gênese 15:18-21.) Segundo um acôrdo estabelecido entre o Senhor e o patriarca uma posteridade particular devia ser formada pelos verdadeiros descendentes dêsse homem de fé. Êste ato visava confirmar as verdadeiras relações entre Deus e êsse povo. (Gênese 17:9-14, 19.)

Durante os vinte e cinco anos que o patriarca esperou, desde que o Senhor mandou que êle deixasse Haran até o nascimento do filho prometido, as promessas de Deus foram cumpridas. Quando Isaac já era homem, Deus submeteu Abrahão a uma singular prova de lealdade e devoção, pedindo-lhe que conduzisse o seu filho ao altar do sacrifício. Mas êsse homem de fé nunca faltou. Embora o pedido fôsse cruel, o patriarca provou sua fé na promessa de Deus. Sobreviveu ao casamento de seu filho Isaac, e com os próprios olhos viu seus dois netos, Jacob e Esaú. Morreu aos cento e setenta e cinco anos de idade.

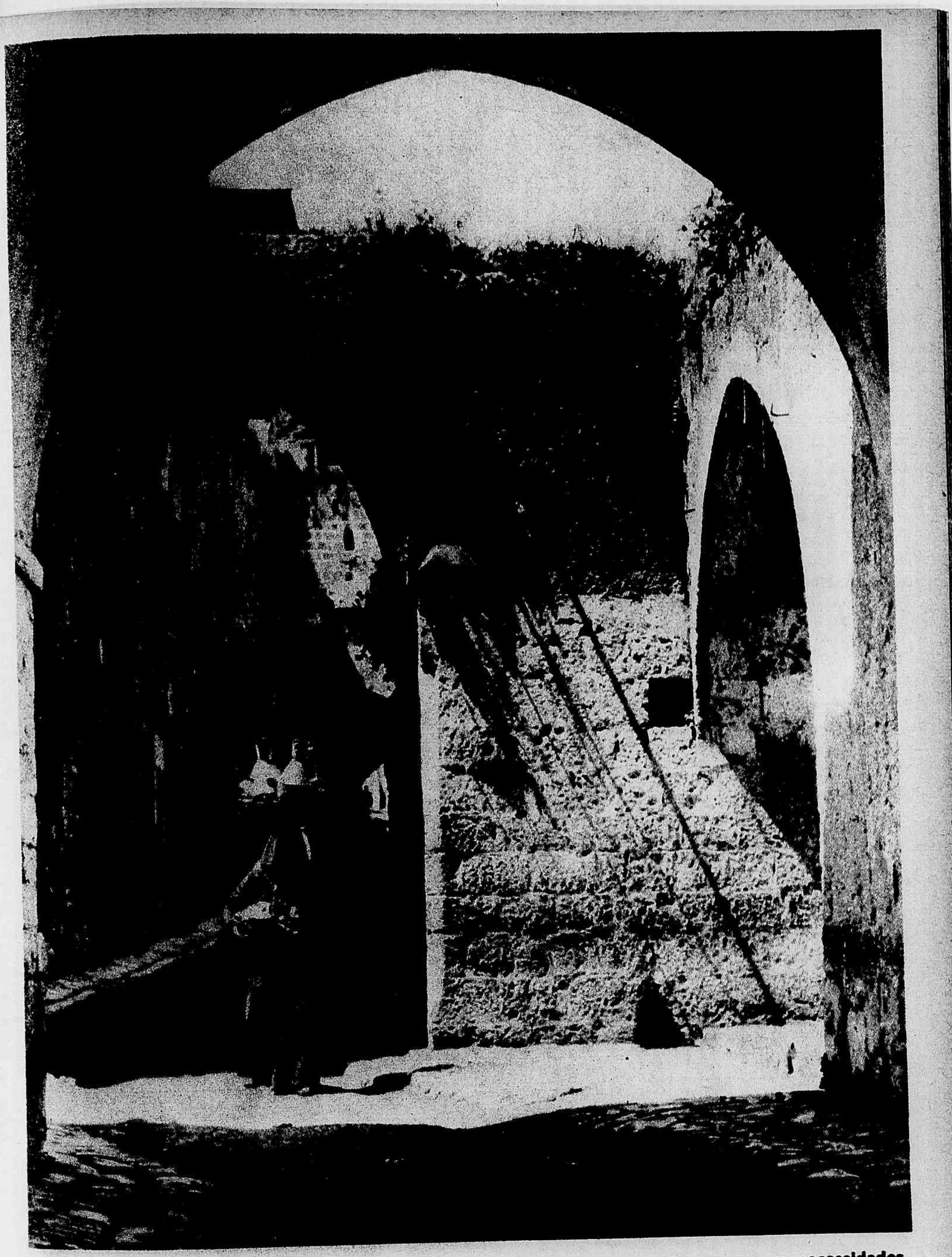
Quando Jacob completou cento e trinta anos, o Senhor exortou-o a que não temesse entrar no Egito, dizendo-lhe: **"Eu irei contigo até o Egito, e prometo que haverás de retornar"**. (Gênese 46:3,4.)

Jacob foi ao Egito e lá morreu. Antes de morrer, porém, fêz seu irmão prometer que não o sepultaria em terras dêsse país.

"Se agora a graça divina habita a luz dos teus olhos" — disse êle — "rogo-te que ponhas a mão sôbre a minha perna e aja com bondade; peço-te que não me sepultes em terras do Egito: quero jazer ao lado de meus pais; portanto, leva-me do Egito e sepulta o meu corpo no lugar onde êles se acham enterrados." (Gênese 47:29, 30.)

Mais tarde Jacob fêz o seguinte pedido a seus filhos, que prontamente lhe obedeceram: "Sepultai-me com meus pais na caverna dos campos de Efron, o Hitita, na caverna que fica nos campos de Machpelah, na terra de Canaan, que Abrahão comprou juntamente com os campos de Efron, o Hitita." (Gênese 49:29, 30.)

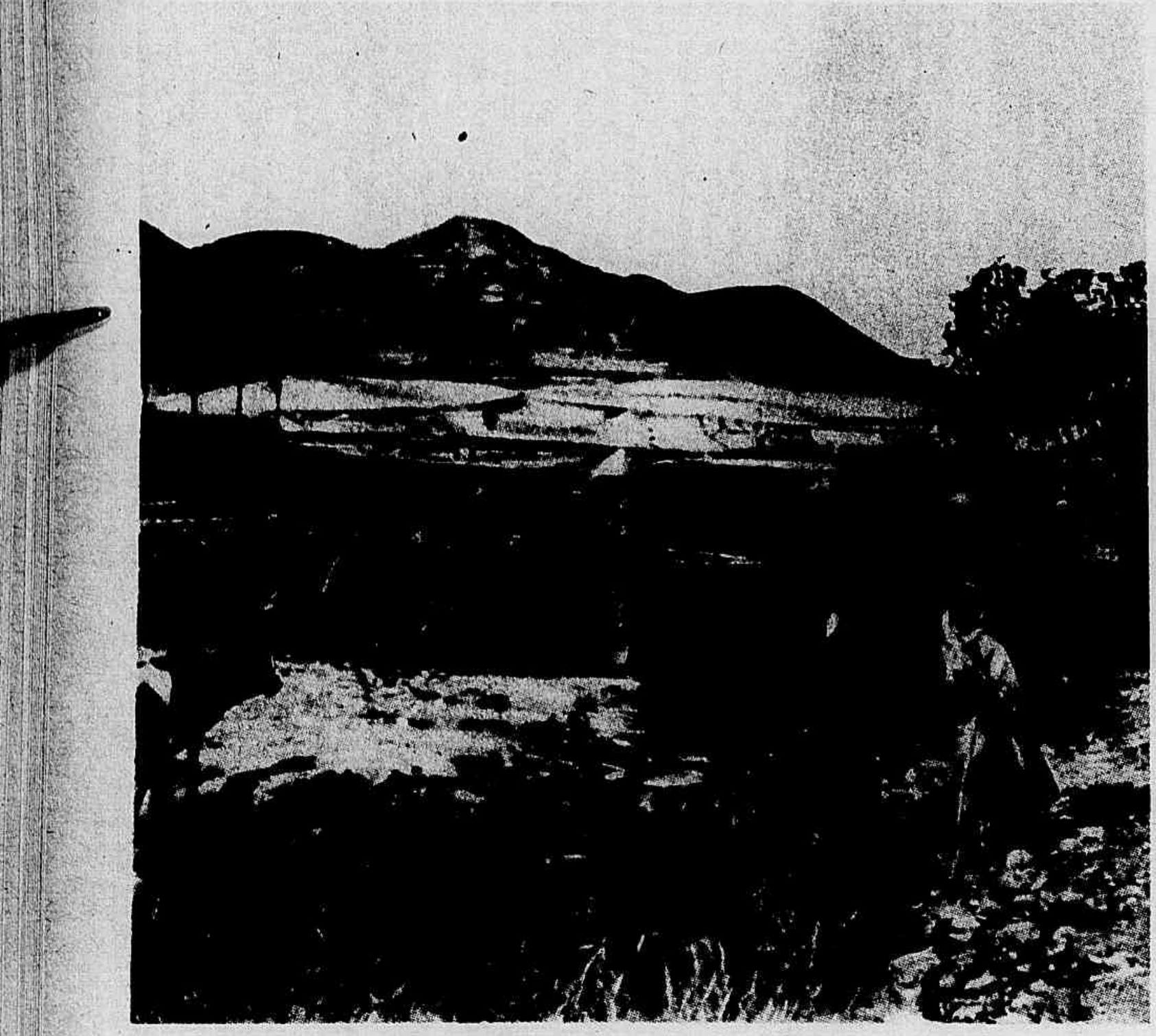
Os filhos de Israel se multiplicaram e formaram uma nação em terras do Egito. Enquanto o tempo passava uma outra promessa feita a Abrahão estava prestes a ser cumprida: aquela pela qual, na quarta



LUGARES DA SAGRADA PAIXÃO: **Uma rua de Jerusalém, a que as necessidades da vida moderna não tirou o seu sabor típico...**

geração, sua descendência seria libertada da escravidão; então, uma mensagem foi enviada ao monarca do Egito, dizendo que libertasse êsse povo a fim de que êle pu-

A rua da Amargura



Panorama de Jericó

desse servir ao seu Deus. (Êxodo 5:1-3.) O faraó recusou obedecer a essa ordem de Deus. Após ter seu país devastado pelas pragas por causa da sua resistência e obstinação, o faraó, finalmente, expulsou os Israelitas do Egito. (Êxodo 12:29, 34.)

Depois da sua partida das terras do faraó, fato que ocorreu precisamente como foi predito séculos antes, o Senhor entrou num acôrdo com êles. (Êxodo 12:40, 41.) Deus disse que transformaria o povo numa nação profundamente singular. Nenhum outro povo do mundo seria a êles comparado, se se comprometessem a cumprir os pedidos divinos. Não seriam uma raça de políticos, nem um povo com tendências guerreiras, nem uma nação de estrategistas. Seu destino era ser **uma raça santa!** (Êxodo 19:3-6.) Nenhuma doença ou desgraça os afetaria, se vivessem em perfeita harmonia com a vontade de Deus, assim como o fizera seu pai Abrahão. (Êxodo 15:26.)

O Senhor acabava de cumprir a segunda promessa feita a Abrahão — o povo foi libertado da escravidão. Porém, uma predição mais importante aguardava a sua realização: o povo devia entrar no território que lhe havia sido prometido.

Enviando Moisés ao encontro dos Israelitas, enquanto êstes ainda se achavam sob a escravidão, o Senhor anunciou aos mais velhos de Israel o Seu

propósito, **fazendo-os sair** do **Egito:**

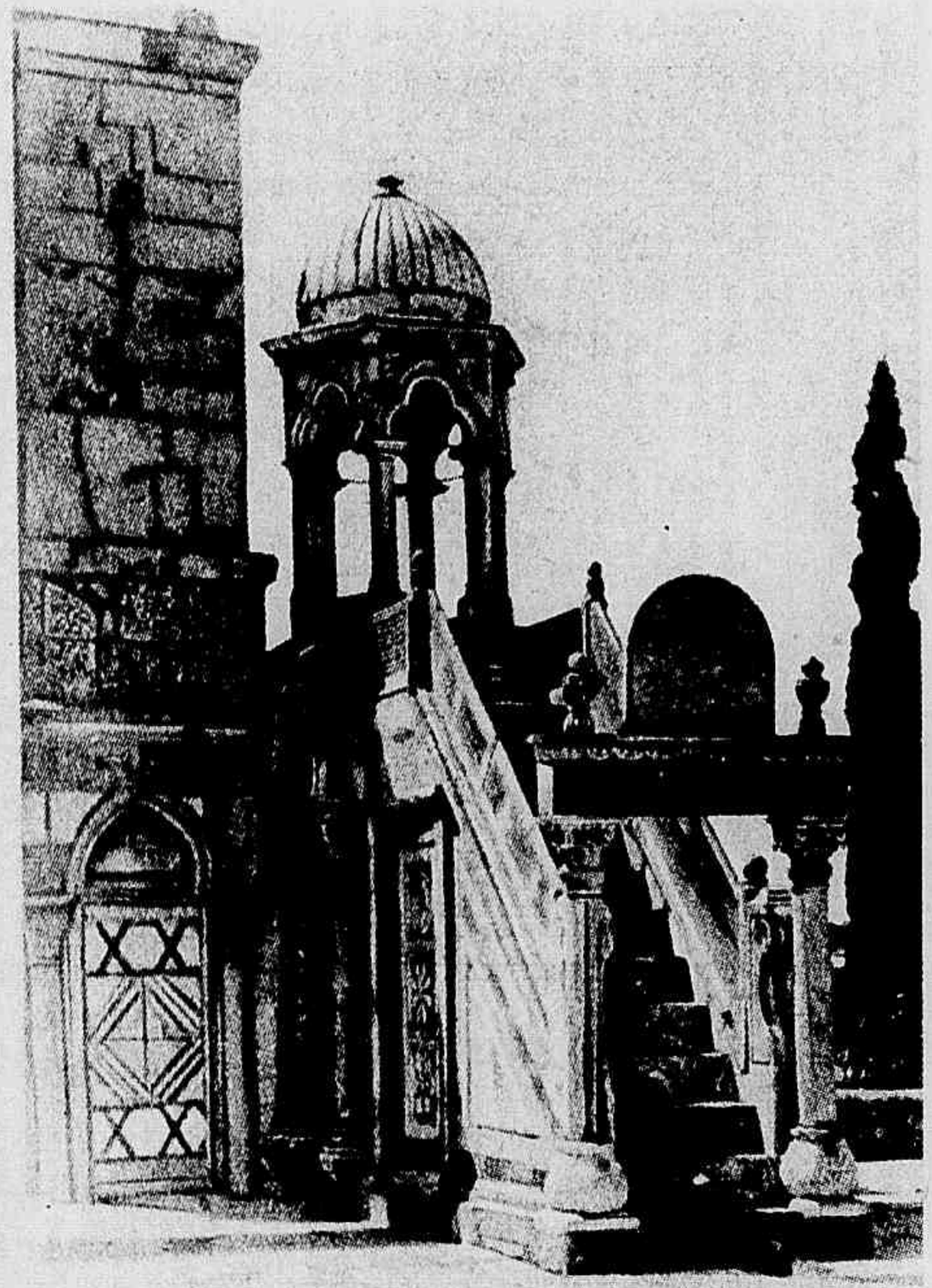
"**Tenho visto a aflição** do **Meu povo que se encontra no Egito, e tenho** ouvido **suas lamentações** por **causa do pesado trabalho a que estão obrigados; conheço suas tristezas; por isso vim livrá-los** das **mãos dos egípcios e** trazê-los **para uma terra** boa **e imensa, uma terra** onde **o leite e o mel fluem** docemente; **para a região** dos **canaanitas, e dos hititas, e dos amoritas, e dos** perizitas, **e dos hivitas, e** dos **jebuzitas. (Êxodo** 3:7,8.)

Esta promessa era idêntica àquela feita a Abrahão há **quatro séculos. (Gênese 15:18-21.) Segundo o** ponto-de-vista **de Deus a** terra **estava agora pronta** para **a ocupação por parte** da **nação israelita. Falando** ao **seu povo, anos depois,** sôbre as providências de Deus, Moisés disse: **"Êle nos trouxe de lá para nos dar a terra que prometeu aos nossos pais."** (Deuterônomo 6:23.)

Deus aprontou a terra para que o povo a ocupasse. Só era necessário que o povo aceitasse suas ordens de marchar, e tomasse conta da terra. Tendo a nação obedecido as ordens de Jeovah, esta jornada da escravidão para sua herança prometida poderia ter sido feita em pouco tempo. (Deuterônomo 1:2.) Sua retirada do Egito, das mãos cruéis do faraó, foi miraculosamente realizada. A passagem através do Mar Vermelho foi uma epopéia. Depois, o Senhor anunciou

Sepulcro da Virgem Santíssima

Mesquita de Omar



Um púlpito muçulmano

Uma rua de Jerusalém

que havia concebido um notável plano para a eliminação dos povos perversos que ainda habitavam Canaan, dizendo-lhes:

"Enviarei o Meu terror à tua frente, destruirei todos os povos que vierem ao teu encontro e obrigarei todos os teus inimigos a virarem as costas para ti. Enviarei ainda à tua frente aguerridos vespões que afasts tarão os Hivitas, os Canaanitas e os Hititas da tua presença." (Êxodo 23:27, 28.)

Esta herança que os aguardava era mais desejável do que a própria descrição do país feita por Moisés. Disse êle:

"Na verdade, o Senhor teu Deus favoreceu-te com uma boa terra, uma terra cheia de rios maravilhosos, de profundas fontes que correm das colinas para os vales; uma terra que produz com abundância o trigo, a cevada, o vinho, o figo e a maçã; uma terra onde comerás o pão e onde coisa alguma se furtará aos teus desejos; uma terra onde as pedras são ferro, e em cujas colinas poderás encontrar metais. Quando tiveres comido o bastante e te considerares satisfeito, agradecerás ao Senhor teu Deus pela terra que Êle te deu." (Deuterônomo 8:7-10.)

"Mas a terra para onde vais é uma terra de vales e colinas, onde beberás a água puríssima da chuva: uma terra, da qual foi o Senhor teu Deus que cuidou: os olhos do Senhor teu Deus estão sempre voltados para lá, desde o princípio dos tempos até o fim dos tempos." (Deuterônomo 11:11,12.)

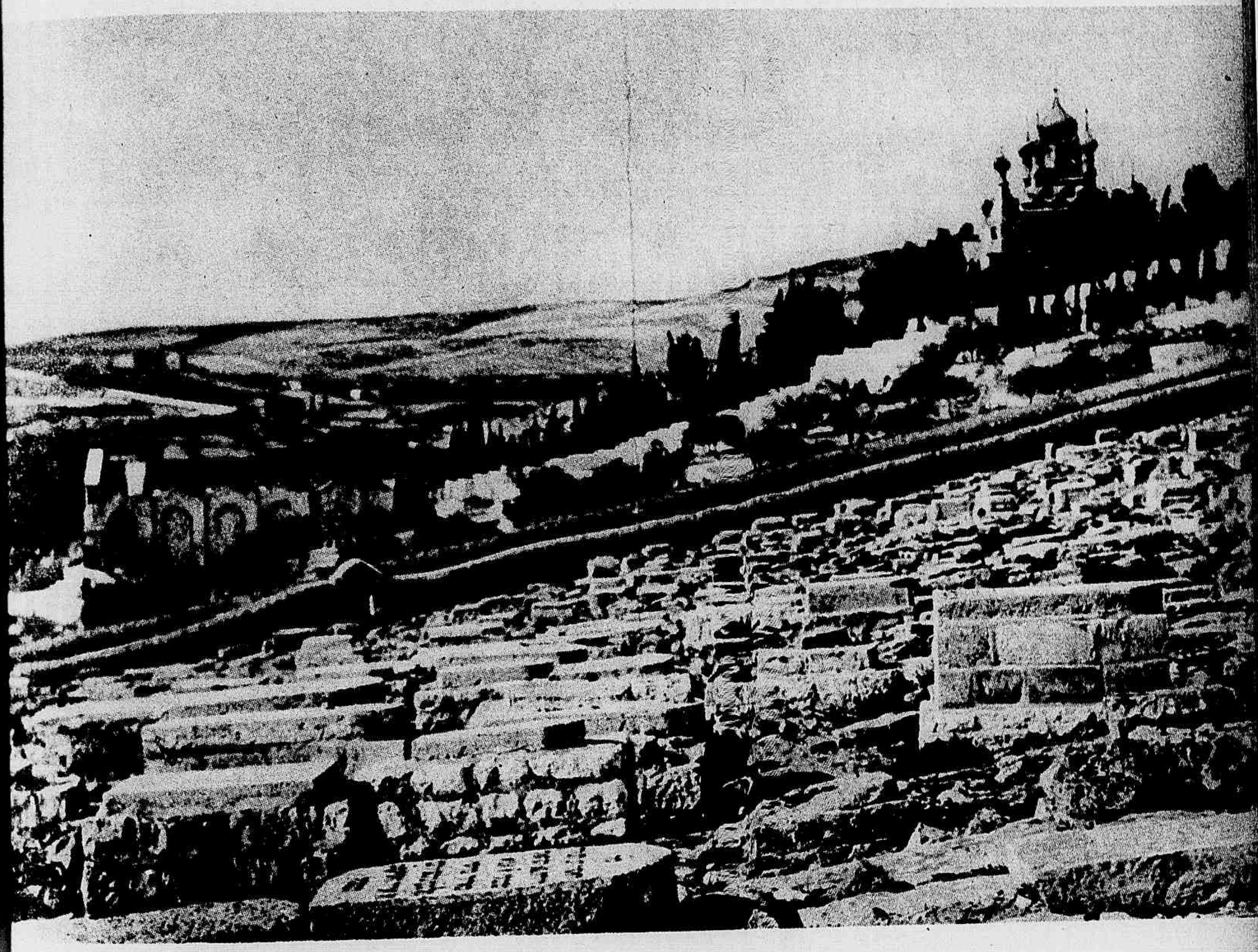
E prometeu que o povo teria, ininterruptamente, excelentes colheitas, se guardasse fidelidade aos pedidos do Senhor. **"Farei chover em tua terra no devido tempo; após a primeira e a última chuva, poderás colhêr o teu trigo, a tua uva e tudo aquilo de que necessitares. Espalharei**

relva sôbre os teus campos para a alimentação do teu gado; assim, comerás o bastante e viverás satisfeito.” (Versos 14, 15.)

Que maravilhosa perspectiva aguardava aquêle povo! Um Deus todo-poderoso escolheu um povo santo, e propôs-se a entregar-lhe um país cuja terra seria santa, tendo uma cidade santa por capital. Não é de surpreender, portanto, que Moisés, um pouco antes de sua morte, trouxesse o seguinte testemunho:

“Como és feliz, oh! Israel: Qual outro poderá comparar-se a ti, oh! povo salvo pelo Senhor — que é o escudo da tua proteção e a espada da tua excelência!” (Deuterônomo 33:29.)

“Em verdade, tu és o povo santo para o Senhor teu Deus: o Senhor teu Deus fêz de ti um povo privativamente Seu, acima de todos aquêles que vivem sôbre a face da terra. O Senhor não te dá o Seu amor, não te escolheu, porque sejas mais numeroso do que qualquer outro povo; e sim porque o Senhor te amou, firmou um pacto com teus pais, deu-te Sua mão todo-poderosa, e redimiu-te da escravidão, arrancando-te ao faraó, rei do Egito.”



Um aspecto do vale de Josafat.

“Por êsses motivos, se continuares seguindo as Suas determinações, o Senhor teu Deus cumprirá o que prometeu a teus país: Êle haverá de te amar, de te abençoar e de fazer-te multiplicar: e também abençoará o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra; o teu trigo, o teu vinho, o teu óleo, o aumento do teu gado e do teu rebanho, na terra que Êle te dá porque prometeu aos teus pais. Entre todos os povos serás o eleito... Evitará Êle que as

doenças recaiam sôbre ti, e não deixará que as pragas do Egito te infectem.” (Deuterônomo 7:6-8, 12-15.)

Que maravilhosa nação Deus ia estabelecer na face da terra! Que glorioso país Êle havia preparado para os descendentes de Seu amigo Abrahão! (Isaías 41:8, Crônicas 20:7; Jaime 2:23.) E como Deus desejava perpetuar a Palestina!

Está escrito:

“E o Senhor herdará Judá, Sua porção da Terra Santa, e então escolherá novamente Jerusalém.” (Zacaria 2:12.)

“Estarei ao teu lado” — disse o Senhor — **“se Me escutares diligentemente quando, desimpedidamente atravessar os portões desta cidade num dia de “Sabbath”... e esta cidade ficará para sempre.”** (Jeremias 17:24,25.)

★ ★

TUDO SE EXPLICA

POR QUE OUVIMOS MELHOR DURANTE A NOITE? — Vários motivos concorrem para isso. Em primeiro lugar... porque há menos ruído durante a noite; por isso nós os ouviremos mais distintamente, dado que não se confundem no ar e muito menos em nosso ouvido. Segunda razão: nossos ouvidos são, em geral, mais sensíveis durante a noite, o que nos permite ouvir melhor. Isso não significa que nossos ouvidos sejam mais sensíveis quando dormimos, porém o nosso ouvido é mais fino quando acabamos de despertar ou quando nos achamos prestes a adormecer. O mesmo ocorre com quem é submetido à ação do clorofórmio ou do éter, antes de uma operação cirúrgica.

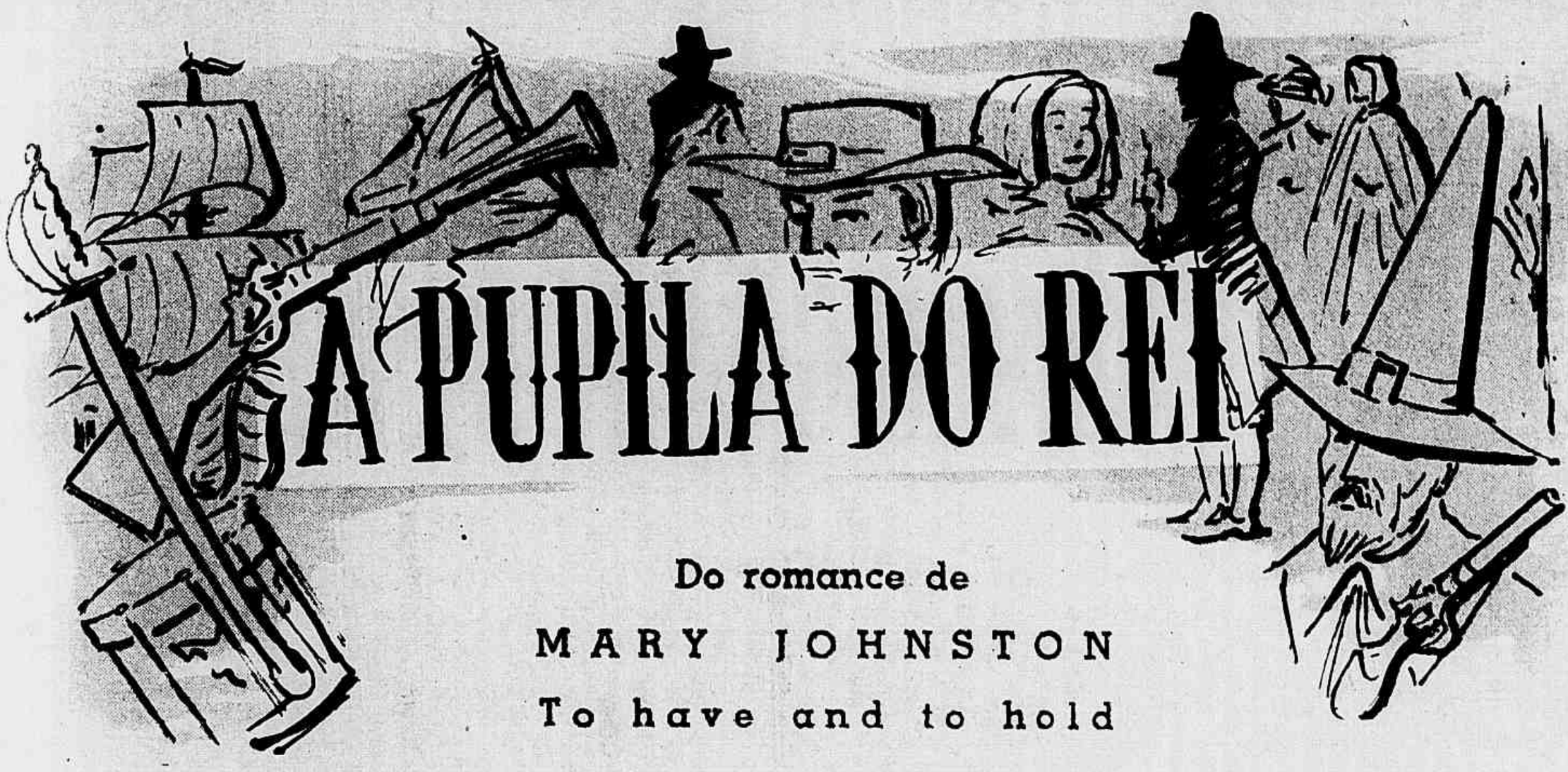
Nessas condições, dois sons que, medidos por um instrumento mecânico, tenham exatamente a mesma intensidade, parecerão bem diferentes a nossos ouvidos, segundo estejamos em estado de vigília natural ou semi-adormecidos, durante a noite ou despertados sùbitamente e prestando atenção para ouvir.

Essa tensão é coisa real. De fato inteiriçamos os tímpanos de nossos ouvidos, a fim de que vibrem melhor — e assim conseguimos ouvir mais intensamente. Também ocorre que, em certas regiões, o ar noturno conduz melhor as ondas sonoras que o ar diurno.

★

— Vá começando a colocar o chapéu. Fico esperando você no automóvel.

O QUE SIGNIFICAM AS PALAVRAS “JURÁSSICO”, “ORDOVICIANO” E “DEVONIANO” COM RELAÇÃO AS DESCOBERTAS DE FÓSSEIS? — Tais palavras se referem às rochas fósseis e aos períodos geológicos a que correspondem. Damos aqui um guia sumário dêsses períodos: Arcaico, 1.800.000.000 de anos; neste período ainda não havia vida. Proterozóico, 1.000.000.000 de anos: primeira manifestação de vida. Cambriano, 500.000.000 de anos: plantas marinhas, vermes marinhos e moluscos. Ordoviciano, 450.000.000 de anos: animais marinhos muito semelhantes ao coral. Silúrico, 400.000.000 de anos: os primeiros vertebrados e as plantas terrestres. Período Devoniano, 350.000.000 de anos: o aparecimento dos peixes. Carbonífero, 300.000.000 de anos: florestas, primeiros animais (insetos, etc.) e répteis anfíbios. Permo-Triássico, 220.000.000 de anos: os primeiros mamíferos. Jurássico, 130.000.000 de anos; o surgimento dos répteis gigantescos e dos primeiros pássaros. Cretáceo, 100.000.000 de anos: aparecem as flores. Terciário, 60.000.000 de anos: os primeiros animais superiores. Período Quaternário, 20.000.000 de anos até o momento atual: o homem surge na segunda metade dessa época.



A PUPILA DO REI

Do romance de

MARY JOHNSTON

To have and to hold

Capítulo I

NO QUAL EU DEITO ASES

TERMINADO o trabalho do dia, sentei-me no degrau da porta, cachimbo em mão, para curto repouso, ao frescor do cair da noite.

A morte não é mais quieta que esta terra da Virgínia na hora em que o sol se põe, e é escuro debaixo das árvores e as estrêlas começam a crescer de brilho, uma a uma, vagarosa e quase imperceptìvelmente.

Os pássaros que canatm o dia todo, emudeceram, e as corujas cornígeras, as rãs enormes e essa ave estranha e agoureira — se ave se pode chamar, e não alma penada, como a querem outros — que se conhece pelo nome de bacurau, estão ainda caladas. Mais tarde o lôbo uivará, e rugirá a pantera; mas agora não se ouve um som. Os ventos dormem, e as fôlhas, sempre inquietas, debruçam-se e descansam. O leve murmúrio da água entre os caniços assemelha-se à respiração de quem dorme durante uma vigília a finado.

Vi a luz morrer na ampla face do rio, dando-lhe uma côr cadavérica. Não há muito tempo, e por muitas tardes, tinha estado vermelho — verdadeiro rio de sangue.

Havia uma semana, um grande meteoro sulcara as trevas da noite, côr de sangue e hirsuto, arrastando pelo céu a cauda de fogo que após se ia apagando; e a lua se levantara nessa mesma noite vermelha como sangue, e sôbre o seu disco estava desenhada em sombra uma forma maravilhosamente parecida com um escalpelo indiano. Por isso, sendo o dia seguinte um domingo, o bom Messér Stockham, nosso pastor em Weyanoke, exortou-nos a que estivéssemos de sobreaviso, e em sua prece rogou **que nenhuma sedição ou rebelião erguesse a cabeça entre os súditos indígenas do ungido do Senhor**. Depois, no adro da igreja, no intervalo dos serviços divinos, os mais medrosos puseram-se a relatar os vários presságios que tinham observado e a repetir as velhas histórias de como os selvagens nos apertaram no Tempo da Fome. Os ânimos mais destemidos escarneceram dêles com zombarias, mas as mulheres puseram-se a chorar amedrontadas, e eu, embora risse também, pensei em

N. da R. : — "To Have and To Hold" foi publicado em EU SEI TUDO, sob o título de "A Pupila do Rei", há cêrca de trinta anos, agradando extraordinàriamente. De tal maneira que sempre temos sido solicitados no sentido de publicar novamente o belo romance de Mary Johnston. Recentemente com o "inquérito" feito junto dos nossos leitores, foram incontáveis os pedidos nesse sentido; assim — e porque fizemos o inquérito para ter uma orienatção sôbre o que desejavam nossos leitores — estamos, número a número, seguindo a vontade da maioria. "A Pupila do Rei", que hoje voltamos a publicar, após tantos anos, é a prova do nosso acatamento à opinião dos nossos leitores.

Smith e em como manteve êle sempre os selvagens, mui especialmente o tal Opechancanough, agora imperador dêles, na mais profunda desconfiança; contando-nos que o homem vermelho vigiava enquanto nós dormíamos, de modo a ensinar finura a um jesuíta, e a um gato o como esperar a oportunidade, agachado diante de uma toca de rato.

Eu pensava nos acordos que mantínhamos com êsses pagãos; em como iam e vinham familiarmente no meio de nós outros, espionando nossa fraqueza, e perdendo o receio salutar que o nobre capitão havia incutido em suas almas; em quantos andavam empregados como caçadores para colherem veados para senhores preguiçosos; como violando a lei — e violando abertamente — lhes demos facas e armas, a ração de soldados em troca de peles e pérolas; como seu imperador nos estava sempre mandando mansas palavras; como com os lábios sorriam e com os olhos ameaçavam.

Naquela tarde, quando eu voltava a cavalo para casa, atravessando as sombras que se distendiam, um caçador, bronzeado e nu, ergueu-se de trás de uma árvore caída estendida através do caminho, e ofereceu-se para fornecer-me caça desde a lua de milho até à lua de veado, em troca de um mosquete.

Andava pouco amor entre mim e os selvagens. Foi resposta bastante dizer-lhe meu nome. Deixei a figura torva ainda de pé, imóvel como se fôra cortada na pedra, na sombra densa das árvores, e, esporeando o cavalo (mandado da terra um ano antes por meu primo Percy), cheguei em breve a casa, — pobre e tôsca, mas aprazìvelmente plantada sôbre uma encosta verde, cercada pelo milharal e pelas largas fôlhas de fumo.

Depois da ceia, chamei de suas cabanas os dois moços Paspahegh, por mim comprados à sua tribo na última festa de S. Miguel e dei-lhes uma tremenda sova, tendo na mente um dito de meu antigo capitão, que rezava assim: **"Quem dá primeiro quase sempre é também o último a dar."**

Nessa tarde de que agora falo, pelo meado do estio do ano da graça de 1621, enquanto estava sentado no degrau de minha porta, com o meu comprido cachimbo entre dentes e os olhos na face pálida do rio, embaixo, meu pensamento andava atarefado com êstes assuntos, — tão atarefado, — que não vi um cavalo e um cavaleiro emergirem da escuridão da floresta para o descampado que defrontava minha trincheira, nem conheci — até que sua voz subisse à encosta — que meu bom amigo Messér João Rolfe aí estava fora e queria falar-me.

Desci até à cancela, e abrindo-a dei-lhe a mão e conduzi o cavalo para dentro.

— Oh, homem cauteloso! — disse rindo, ao apear-se. — Que outro, pensais, que nesta ou noutra centena qualquer, agora fecha a cancela quando o sol se põe?

— É o meu tiro do pôr do sol — respondi apenas, amarrando-lhe o cavalo enquanto lhe falava.

Passou-me o braço sôbre os ombros, porque éramos amigos velhos, e juntos subimos a encosta verde em direção à casa, e depois de trazer-lhe um cachimbo, sentamos ao lado um do outro no degrau da porta.

— Em que estáveis sonhando? — perguntou-me logo que nos metemos em uma nuvem de fumaça. — Chamei-vos duas vêzes.

— Estava suspirando, pelos tempos de Dale e pelas leis de Dale.

Riu-se, e tocou-me no joelho com a mão, branca e macia como a de uma mulher, e com uma pedra verde no indicador.

— Sois a encarnação de Marte! — bradou. — No princípio, no fim e no meio, soldado! Então, o que fareis quando chegardes ao céu? Aquecê-lo de mais para conter-vos? Ou pedir cartas de marca contra o inimigo?

— Ainda lá não estou — respondi-lhe breve. — Neste, entretanto, estimaria receber uma comissão contra... vossos parentes.

Riu-se, depois suspirou, e, fincando o queixo na mão e batendo levemente no chão com o pé, mergulhou em meditação.

— Quisera que vossa princesa ainda estivesse viva — disse-lhe.

— Também eu — respondeu-me suavemente — também eu.

E cruzando as mãos por trás da cabeça, ergueu a face tranqüila para a estrêla da tarde

— Brava, prudente e meiga — murmurou. — Se eu não esperasse tornar a encontrá-la para além daquela estrêla, não poderia sorrir e falar calmamente, Ralph, como o faço agora.

— Que coisa singular! — disse, tornando a encher meu cachimbo. — Amor pelo vosso irmão d'armas, amor pelo vosso comandante, se êle fôr um comandante digno de tal nome, amor pelo vosso cavalo e pelo vosso cão, eu compreendo. Mas amor de casado! Amarrar um pêso ao pescoço porque é côr de rosa e branco, ou bronze claro e de forma elegante!

— Ora!

— E eu que vinha meio inclinado a persuadir-vos a carregar êsse mesmo pêso! — bradou, dando outra risada.

— Muito obrigado pelos vossos cuidados — respondi, atirando para o ar círculos de fumaça.

— Saí hoje de Jamestown — prosseguiu. — À fé que fui eu o único homem que se atreveu a afastar-se de suas trincheiras! E encontrei a gente — a gente solteira — afluindo para lá. Não houve uma só milha de caminho em que não encontrasse Pedro, Sancho e Martinho, em trajes domingueiros, correndo de tropel para a cidade. E os barcos no rio! Já vi o Tâmisa menos freqüentado.

— Por aqui passou mais gente que de costume — disse eu. — Mas tive que fazer na roça e não pude lá ir. E o que atraía todo êsse povo?

— O que nos atrai a todos nós — uns para a ruína, outros para a ventura inefável — **a mulher**.

— Hum!... Então chegaram as moças?

— Lá está — disse, com um gesto de assentimento — um belo navio com uma bela carga.

— Videlicet, umas noventa moças de serviço doméstico e amas de leite, de honestidade garantida por Milord Warwick — murmurei.

— Esta leva fêz-se sob a direção de Edwino Sandys, como bem sabeis — retrucou com algum fervor. — A sua palavra tem valor: por isso tenho-as em conta de honestas. De que são bonitas posso dar testemunho, pois as vi desembarcar.

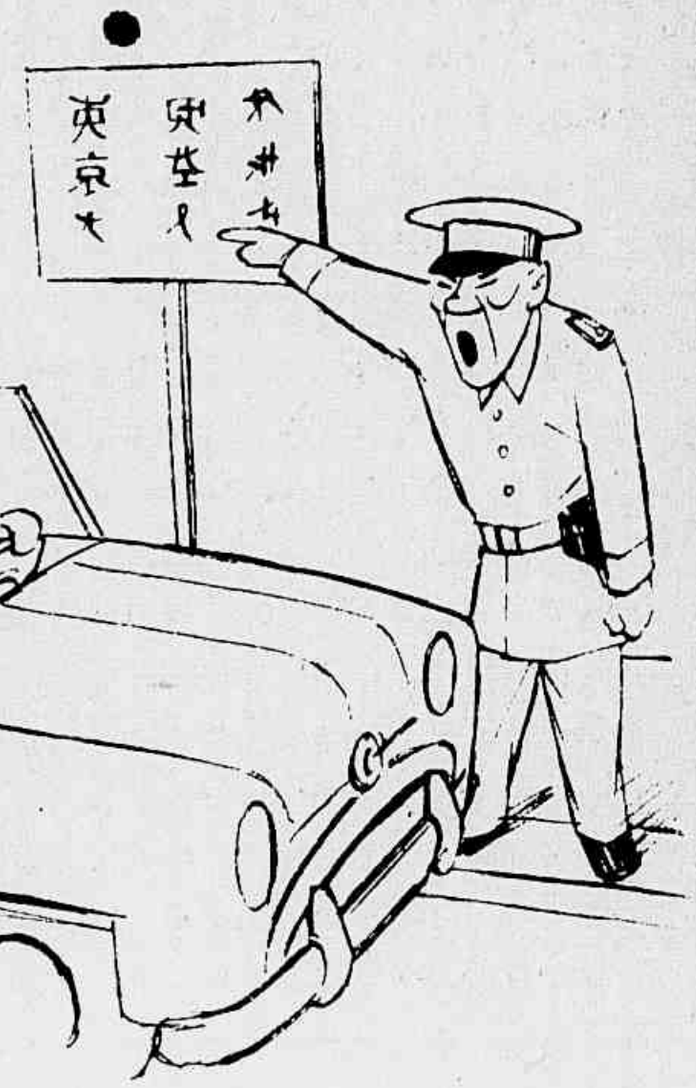
— Bonitas e honestas admito, mas de baixa extração.

— Lá isso concedo — respondeu-me. — Mas, afinal, que tem isso? Quem mendiga não pode escolher. A terra é nova e precisa ser povoada. E nem os que têm de vir, depois de nós, hão de investigar com muito cuidado a linhagem da gente a quem a nação deve seu berço. O que precisamos, nestas plantações, é afrouxar os laços que nos prendem à mãe-pátria, a Inglaterra, e apertar os que nos prendem a esta terra, à cuja sorte estamos ligados. Pomos a mão na rabiça do arado, mas voltamos a cabeça e os olhos para o nosso Egito e suas gulodices. São filhos e mulher — seja essa mulher princesa ou camponesa — que transformam em lar o deserto; que seguram o homem com cadeias de ouro à terra que habitam. Foi por isso que, quando ao meio-dia encontrei o bom Messér Wickham remando de Henricus à Jamestown, para oferecer auxílio a Messér Bucke nos seus muitos afazeres de amanhã, desejei ao bom do homem boa-viagem e julguei que seria para bem a sua ida e que ela agradaria ao Senhor.

— Amem — bocejei. — Amo a terra e tenho-a por pátria. Ainda tenho boas costas.

Pôs-se de pé, e começou a medir com os passos o arrelvado em frente da porta. Meus olhos seguiram-lhe a forma esbelta, rica, embora sombriamente trajada, e então desceram com súbito descontentamento sôbre meu próprio traje manchado e poído.

— Ralph — disse, parando defronte de



mim — costumais ter umas cento e vinte libras de tabaco em mão? Se não as tendes eu...

— Tenho as fôlhas de tabaco — respondi.

— E que mais?

— Então, ao alvorecer, descei com a maré até à cidade, e tratai de adquirir uma destas donzelas errantes.

Fitei-o, e depois disparei a rir, no que, depois de um instante e involuntàriamente, êle próprio fêz côro comigo.

Quando, no fim, enxuguei a água dos olhos, já estava bem escuro, os bacuraus tinham começado a chamar, e Rolfe devia apressar-se a pôr-se a caminho; desci com êle à cancela.

— Tomai meu conselho; é conselho de amigo — disse, cavalgando.

Segurou as rédeas, esporeou o cavalo e então voltou-se para dizer-me ainda:

— Dormi sôbre o que vos digo, Ralph, e quando eu aqui tornar espero ver uma averdugada por trás de vós!

— Isso é tão provável como me deparardes vestido com uma — respondi.

Não obstante, depois que êle se foi, e eu subi à encosta e tornei a entrar em casa, foi com estranha emoção que o fiz diante do lar vazio, e da impaciência desarrazoada por falta do acolhimento de um rosto ou de uma voz.

Quem, em nome de Deus, lá estava para colhêr-me? Ninguém, senão os meus cães, e o esquilo voador que apanhei e domestiquei. Apalpando o caminho até o canto, tirei do depósito dois brandões, acendi-os e meti-os nos furos abertos na lareira; então fiquei de pé debaixo da chama viva e olhei, com súbita e irritada desaprovação, para o desalinho que a luz patenteava ao redor de mim. O fogo se apagara, e cinzas e tições estavam espalhados no chão; fragmentos da úlitma refeição enchiam a mesa, e, no assoalho não lavado estavam dispersos os ossos que eu atirara aos cães. Reinavam a poeira e a confusão; apenas em minha armadura, em minha espada e em meu mosquete, em minha faca de caça e na adaga, não havia nódoa ou mancha. Volteime para mirá-los, na parede onde estavam pendurados, e do fundo dalma esconjurei o tempo em que só se fumava o cachimbo da paz, e tive saudades da vida de acampamento e do chamado às armas.

Com suspiro impaciente varri com a mão os restos de sôbre a mesa, e tirando da prateleira, que guardava minha mesquinha biblioteca, um moça de peças de teatro de Messér Shakespeare (que Ralph para mim reunira a última vez que estivera em Londres), e pus-me a ler: mas os meus pensamentos começaram a vagabundear, e a narrativa se me afigurou massuda e vulgar. Joguei-a para o lado, e tirando do bôlso os dados, comecei a lançá-los.

Deitando os cubos de osso, distraído e mal cuidando de observar que números pintavam, tive a visão da cabana do nosso couteiro, na Inglaterra, onde em criança, nos dias que precederam a minha fuga para ir à guerra nos Países Baixos, tinha passado muitas horas felizes. Tornei a ver a luz brilhante do fogo refletida em cada peça luzidia de louça ou de cobre; tornei a ouvir o alegre zunido da roca; mais uma vez o semblante da filha do couteiro me sorri. O velho solar pardacento, onde minha mãe, uma dama aristocrática, trabalhava de contínuo em sua tapeçaria, e um imperioso irmão primogênito passeava de um para outro lado no meio de seus cães de caça, pareceu-me menos casa paterna que aquela cabana pequena e amiga.

Amanhã será o meu trigésimo-sexto aniversário natalício. Todos os números que deitei foram altos.

Se eu deitar ases — disse, sorrindo ao meu próprio capricho — pegue-me alguma praga se eu não seguir o conselho de Rolfe!

Sacudi o copo e virei-o de bôca para baixo na mesa; então ergui-o e fitei com cara comprida o que o copo encobrira; feito o quê, não deitei mais dados mas apaguei os brandões e fui sério para cama.

Capítulo II

NO QUAL ME ENCONTRO COM MESSÉR JEREMIAS SPARROW

Os meus não são juramentos de jogador. Brilhavam ainda as estrêlas quando parti de casa, e depois de algumas palavras com meu empregado Diccon, na casa dos criados, desci a ribanceira e pela cancela da trincheira até à doca, onde soltei meu barco, abri a vela, e voltei-lhe a proa corrente abaixo. (Continua no próximo número)

A GRANDE SACERDOTISA

(Continuação da página 17)

Lis bebia vagarosamente, parecendo refletir.

— Pois êle não virá — falou ela decididamente — compreendi isto quando vi que êle não foi receber-me em Kampala. Tenho a certeza de que não virá!

— Bem, de qualquer maneira você permanecerá aqui por um ou dois dias; e depois veremos... Em última análise, mandaremos alguém para ver o que está errado. Contudo, acredito que êle já se acha a caminho.

— Não; não deve estar...

O tom de voz de Lis era decidido.

— São quatro ou cinco dias de viagem, segundo disse o sr. Grant. Assim, partirei amanhã, cedo, se você me der o auxílio necessário.

Mais uma vez olhou para Grant, cujo rosto voltou a enrubecer.

— Bem — continuou ela — já percorri quase todo o caminho, e chegarei ao fim! Prometi a meu pai! E, agora, quero ir deitar-me, se me permitem.

Levantou- apanhou a maleta e o casaco, e Rooke se dispôs a mostrar a casa com sua lareira diante da qual Lis parou e aqueceu as mãos. No lugar em que se achavam — a dois mil e quinhentos metros de altitude — as manhãs eram quase sempre úmidas e frias.

— Tudo isto é tão agradável! — disse ela com veemência. — Esta lareira assenta tão bem neste quarto!

— Foi por êste motivo que o reservei para você — respondeu Rooke, sorrindo e retirando-se cortêsmente.

Não havia mais sorriso em seu rosto quando êle se aproximou de Grant, na varanda.

— Aquêle cretino! — disse êle. — Inimitável cretino! E você sabe que falo com razão.

— De certo.

Grant, que estava acendendo o seu cachimbo, ergueu os olhos. Depois continuou:

— Naturalmente não posso deixar a moça seguir sòzinha! Do contrário só mandando buscar Dupré arrastado pelo pescoço.

— Penso que você deve deixar que ela faça o que bem entender. É o único meio. Ela não tem ilusões e acha que a sua promessa é sagrada; e, se fôr possível, veja se liquida o assunto.

— Mas como?

— Fazendo-a chegar a Dupré. Tenho a certeza de que ela não ficará triste ao encontar o noivo. Bem, de qualquer maneira, amanhã prosseguirei, e farei tudo o que estiver ao meu alcance para que tudo termine bem.

— Sim. Um dos Irmãos Brancos, além de padre também, é muito gentil; você deve conhecê-lo, o Irmão d'Esterre — vai partir amanhã. E como haverá um casamento, é interessante que vocês viajem juntos.

— Mas eu já lhe disse... — começou Grant, e logo interrompeu-se hesitante. — Bem; suponho que você arranjará um banho para mim; isto é: se é que nos vai dar alguma refeição...

Durante tôda a sua vida Lis, por nada neste mundo, conseguiu esquecer essa jornada: o sentimento de quietude que lhe habitou o espírito em sua viagem ao lado de Grant, a placidez do Irmão Branco, com seus suaves olhos castanhos e sua alongada barba branca, aquela sensação de exultação que lhe assaltava a proporção que subiam mais e mais o rio, de modo que, como Grant lhe havia dito, tôda a África parecia passar diante dos olhos.

Mas, numa certa manhã, uma terrível tempestade ribombou, como se fôsse a artilharia dos deuses, e densas nuvens rolaram por entre as montanhas rumo à planície, provocando verdadeira devastação. Lis estava sentada sôbre uma alta rocha, com o rosto entre as mãos e os olhos cintilando à luz dos relâmpagos.

— Êsse espetáculo faz que todos os planos e promessas humanos sejam pequenos de mais! — disse ela; mas, naquele instante, ela e Grant já estavam suficientemente unidos um ao outro para dispensar as palavras.

Lá, naquelas alturas, parecia mesmo que nada mais importava. O bondoso Irmão Branco olhava-os de vez em quando — passando a mão em sua crêspa barba — grave e humano ao encarar tôdas as coisas; era lícito supor que, se êle tivesse que falar qualquer coisa, diria que, afinal, Deus estava entre as montanhas, no coração da

floresta, e na própria fúria da tempestade, e que tôdas as coisas valiam por si mesmas, sem outras significações que lhes queiramos dar.

De qualquer maneira, a África era para êles um mundo inteiramente diferente; um mundo no qual alguma coisa de terrível sempre estava para acontecer; sinistro, com seu asfixiante calor, e o ruído grotesco dos elefantes irrompendo por entre as florestas de bambu.

O rosto de Lis estava mortalmente pálido. Ela própria reconhecia que se achava estranha, com seus ombros descaídos, recusando-se constantemente a ser carregada e preferindo caminhar por si mesma até chegar ao estado de completa exaustão. Richard Grant olhou-a, com um certo disfarce.

— Estamos chegando — disse êle, finalmente, antes do pôr do sol do quinto dia de viagem.

Caminhavam então enfileirados, Lis na frente dêle. Havia um enorme despenhadeiro no caminho; após ter vencido êsse obstáculo, atingiram uma clareira, e no meio desta a casa de Dupré, com suas portas e janelas cerradas.

Deixaram os elefantes um pouco afastados e aproximaram-se da clareira, que se achava mergulhada num silêncio absoluto. Lis olhou em redor, os olhos amortecidos pelo calor e pela fadiga. Vendo a sua palidez, o Irmão Branco empurrou uma caixa em sua direção, na qual ela sentou, entregando-se a uma espécie de auto-abandono. A atmosfera estava parada, como se nada existisse, além da sua exaustão.

— Esperem um momento que vou fazer uma averiguação — disse Grant, que subiu os poucos degraus da casa com tanta curiosidade, como se as portas e janelas estivessem escancaradas.

Bateu muitas vêzes. Nada! A varanda rodeava três lados da casa; e em cada um dêles havia janelas, mas tôdas se achavam igualmente fechadas.

Era mesmo impossível que alguém estivesse dentro daquela pequena casa de apenas quatro compartimentos, e não ouvisse as pancadas que Grant desfechava. No entanto, depois de alguns momentos de insistência, chegou à conclusão de que alguém estava no seu interior e não queria responder.

O missionário, com seu hábito branco permanecia ao lado de Lis, que continuava sentada sôbre a caixa, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a mão segurando o queixo. Os carregadores estavam de pé, por trás dêles, conversando em voz baixa.

Finalmente, todo o grupo estava sob forte tensão nervosa, que mais se acentuou depois que Grant cessou de bater.

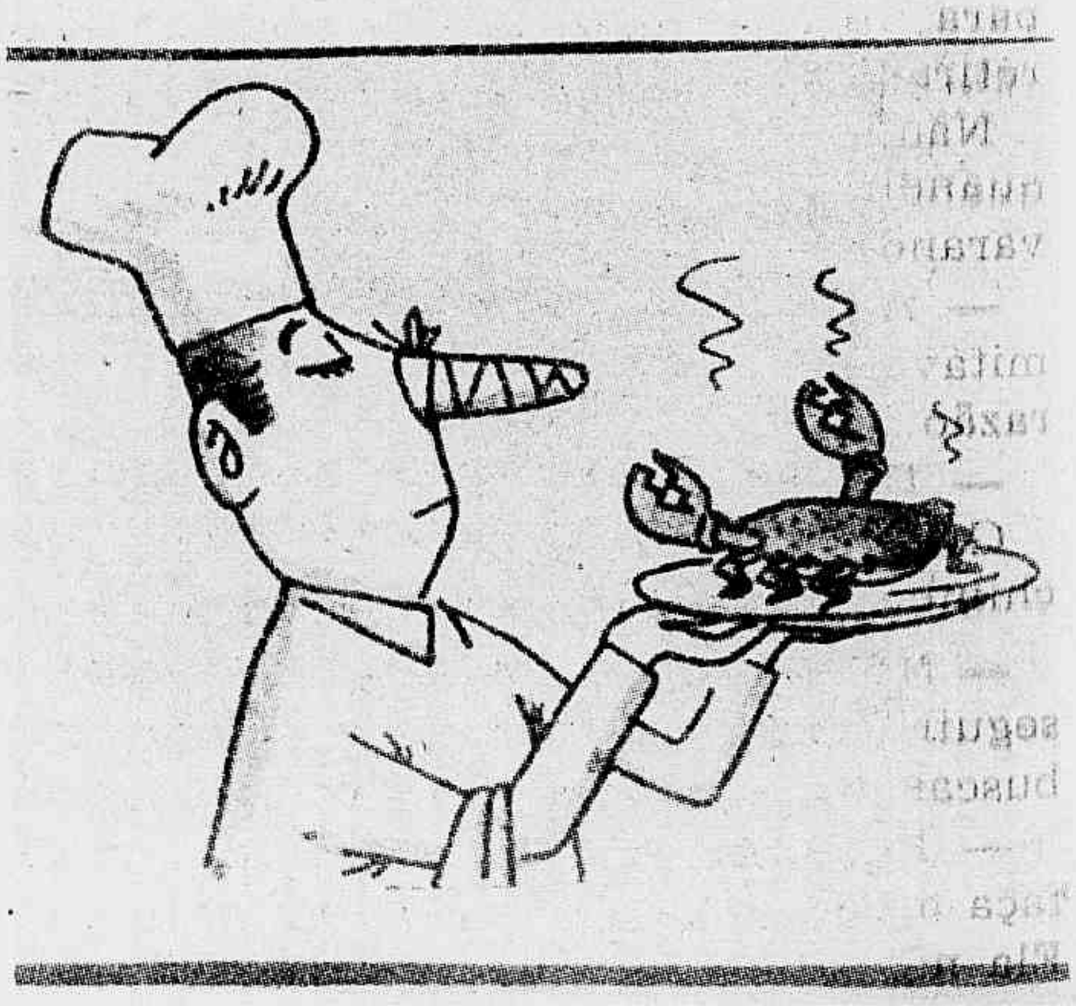
Com os dentes cerrados de raiva, subiu mais uma vez os degraus e bateu violentamente contra a porta. De repente, e sem um só ruído, a porta foi aberta e Dupré apareceu. Olhou fixamente para o grupo que se achava em frente da sua casa; não ousou olhar para Grant, que, neste instante, bateu violentamente na porta, com o pé.

— Vá embora! Pelo amor de Deus, vá embora! — sussurrou Dupré.

— Mas, afinal, que diabo está acontecendo? Você sabe o que isto pode significar?

Grant estava apavorado com a aparência do homem, cujo corpo baixo e gordo estava agitado; quanto ao rosto estava pálido e inchado e os olhos, avermelhados, revelavam terror.

— Você tem que ir embora! — continuou êle, falando em voz cada vez mais baixa, como se quisesse dar a si mesmo uma aparência calma. — Sim, você deve ir embora e levá-la para a sua casa. À



noite irei lá e explicarei tudo. Mas vá embora, agora mesmo. Por favor!

— Se você não fôr, virei buscá-lo — disse Grant sêcamente.

— Sim. Está bem. Mas, agora, deixe-me só!

Grant se afastou e a porta foi logo fechada. O Irmão Branco estava com a ponta da gola do hábito metida na bôca. Os dois homens trocaram olhares, e Grant ergueu os ombros, significativamente.

Foi Lis quem falou, com voz sussurrante — sentindo, talvez, que havia algo de sinistro no lugar, sendo de todo impossível falar-se, ali, naturalmente. E Grant notou que a visitante tinha o rosto mais pálido do que nunca.

— **Êle não quer vir?** — perguntou.

— Virá mais tarde; depois do jantar.

Grant dirigiu o olhar para os carregadores e ordenou que voltassem; num instante, os homens ergueram seus fardos e começaram a caminhar.

— Mas... afinal? — perguntou Lis.

— Êle está louco... completamente louco — interrompeu Grant, com sua voz pausada e firme. — Minha casa fica a milha e meia de distância. Vamos tomar banho, jantar e depois conversaremos.

Daqui por diante, os três não trocaram mais uma palavra. O Irmão Branco tinha um ar muito grave, porque conhecia o perigo que encerravam os fatos dessa natureza. Logo que chegaram, Grant pediu que Lis fôsse para o seu quarto, enquanto êle e o Irmão foram para a varanda; porém, ela não tardou a reaparecer e juntou-se aos dois.

Eram onze horas quando Lis anunciou, sùbitamente:

— Há algumas lanternas se deslocando lá além. Que é aquilo? Uma vila?

Levantou-se e inclinou-se sôbre a amurada. Os dois homens trocaram rápido olhar.

— Sim, é uma vila — respondeu Grant, cujo olhar se concentrava, agora, inteiramente, nas lanternas que se moviam de um lado para outro.

— Lis; é melhor você entrar — aconselhou êle.

— Não. Não quero entrar agora — falou a moça, num tom decidido.

E antes de que êle fizesse ou dissesse qualquer coisa:

— Oh! Você não vê que não posso entrar, agora? — continuou, com desespêro na voz. — Encerre-me lá dentro... Encerre-me lá, **sòzinha**, e ficarei louca... como... como...

E imediatamente virou-se para a planície, onde as lanternas se reuniam, formando um grupo compacto; dirigiam-se, agora, para a borda da floresta, na qual começavam a penetrar.

Grant entrou em casa e saiu com um rifle, que colocou em cima da mesa.

— Lis...

— Pronto.

— Você já atirou com rifle em sua vida?

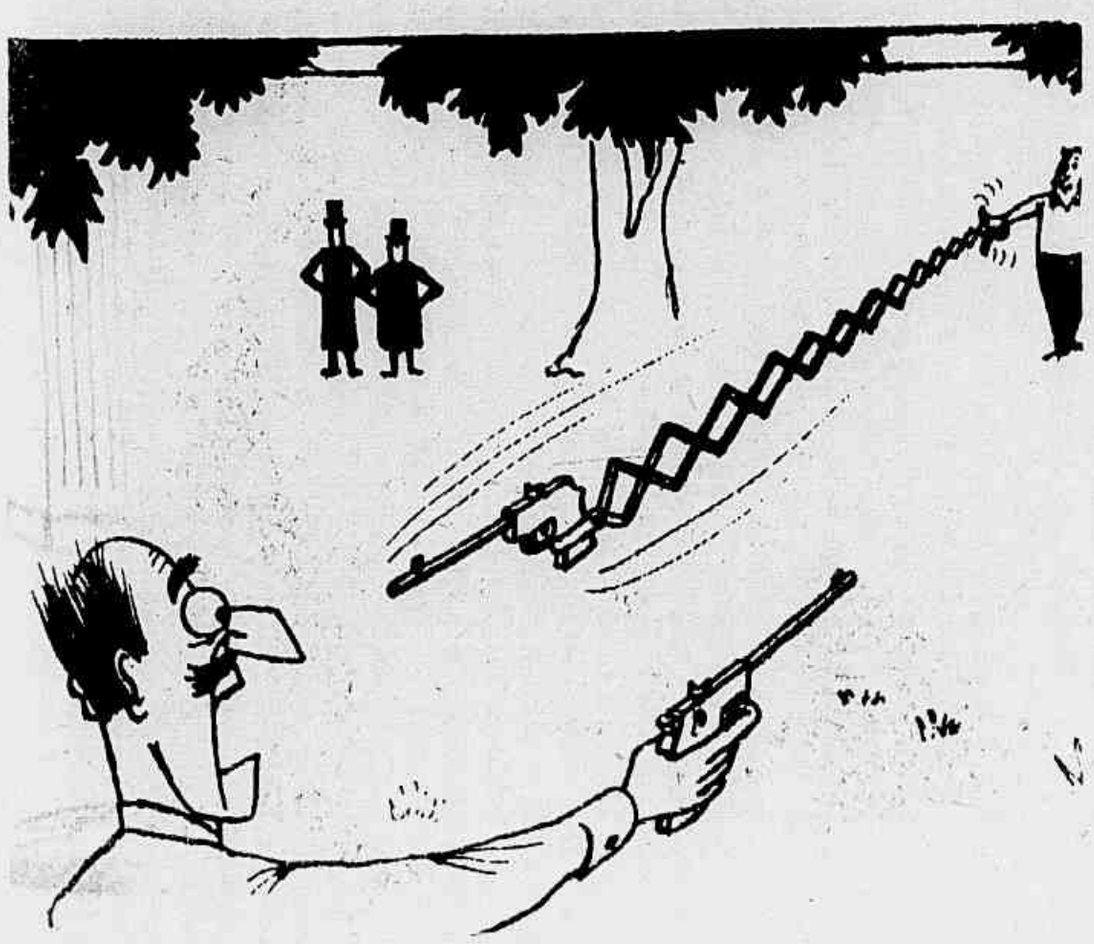
— Sim... Sei atirar razoàvelmente.

— Então, se houver necessidade **e quando eu ordenar**, use êste! Está bem?

Era como se a vida houvesse recomeçado, após a intensa calma que seguiu à branda ventania do crepúsculo; ouvia-se, de vez em quando, o grito de uma hiena ou o alarido inquietante de um elefante.

A seguir, ouviu-se um movimento diante da casa, um movimento que denunciava pressa, exaustão e terror.

Uma figura baixa e gorda saiu da floresta numa corrida desesperada; dava enormes saltos e gritava loucamente, ora caindo, ora levantando-se. Uma lança, disparada de dentro da floresta atingiu-a pelas costas; o homem saltou mais alto ainda, soltou um grito lancinante e caiu.



Grant puxou a moça para trás de uma esquina da varanda e ficou agachado, atrás dos degraus, com o revólver na mão, enquanto o Irmão Branco estava parado do outro lado, com o hábito levantado até à cintura.

Segundo tudo indicava — até o momento em que a lança o atingiu — Dupré estava sendo perseguido por alguém que lhe seguia os passos muito de perto. Contudo, êle se achava sòzinho quando caiu sôbre os degraus da varanda, com as costas da camisa branca banhada em sangue.

Grant tentou socorrê-lo, mas Dupré se ergueu ràpidamente, entrou na sala-de-estar, e fechou a porta atrás de si, completamente aterrorizado.

Grant correu para a porta e bateu. Estava fechada por dentro. Havia uma janela muito estreita, mas ajudado pelo padre, êle conseguiu abri-la e olhar através da mesma.

Dupré devia andar agachado, pois os dois homens não lograram localizá-lo dentro do quarto. De repente, ouviu-se terrível pancada contra a parede de madeira, como se alguém se lançasse contra êles que estavam junto da janela.

Com incrível rapidez, Dupré, louco de mêdo, precipitou-se para a porta, **e a coisa** — uma espécie de leopardo — **avançou sôbre êle!**

Grant, mediante enorme esfôrço, conseguiu passar a metade do corpo através da pequena e baixa janela; porém, mesmo assim, não pôde atirar. O Irmão Branco desferiu forte pontapé contra a parede de madeira, que caiu; nesse instante a figura felina tentou sair com um salto gigantesco.

O revólver de Grant fêz dois disparos, mas foi Lis, com o rifle bem apoiado num ombro, que conseguiu atingir o alvo; o estranho animal rodopiou e caiu antes de ultrapassar a abertura da parede.

Dupré jazia na soleira, com a cabeça tôda ensangüentada. Estava morto, e a expressão do seu rosto era algo capaz de amedrontar aos mais corajosos.

Lis apanhou uma lâmpada que estava no quarto contíguo e aproximou do desgraçado.

— Maurice... Maurice Dupré — disse ela, ofegante. — O homem... o homem... Não chegou a concluir a frase, mas o final estava claro no espírito de Grant: — "o **homem por quem vim aqui exclusivamente para desposar**".

— Preciso de água — disse ela, calmamente.

— Ali no quarto há água e toalha.

Grant deixou-a com Dupré e dirigiu-se para onde o padre estava despindo a pele de leopardo do corpo da estranha criatura.

— É a primeira vez que vejo uma mulher fazer isto! — murmurou o padre.

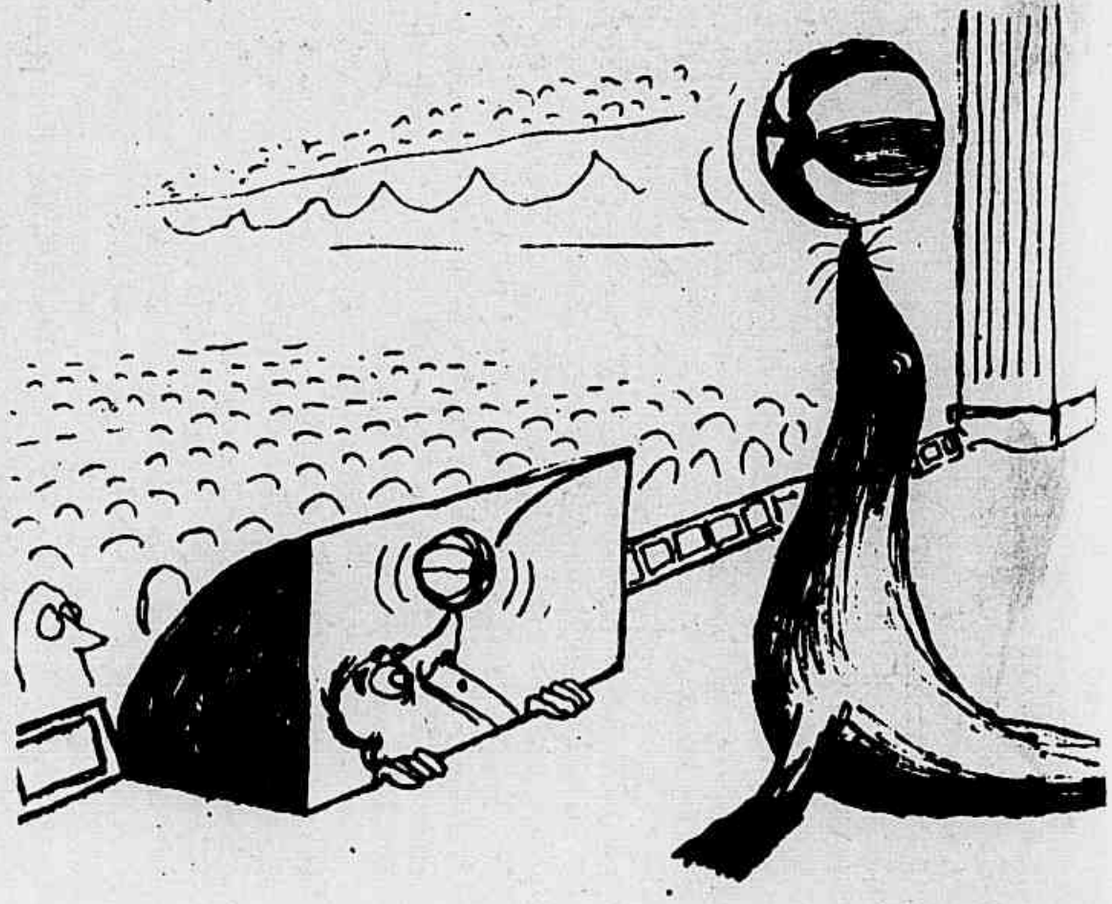
— Sim. Porém, mais do que uma simples mulher, ela é a Grande Sacerdotisa! — declarou Grant, respirando aliviado. — Mas, felizmente, tudo está acabado, e agora ficaremos sossegados. Está morta!

Quando Grant entrou novamente em casa, Lis havia terminado de pentear os cabelos do morto, tendo recomposto a sua roupa e limpado o seu rosto com uma toalha molhada; de um certo modo, tal fato sensibilizou Grant, que viu naquilo a única espécie de lealdade possível da parte dela.

— Agora vá para o quarto vizinho e tente dormir — disse Grant. — Eu e o Irmão temos muita coisa a resolver.

Lis se ergueu obediente. Cumprimentaram-se com um apêrto de mãos, trocaram um longo olhar e finalmente ela se retirou.

Depois de algum tempo, ela ouviu um fino assovio, um grito distante, um ruído de passos de muitas pessoas em correria. Um clarão de tochas entrou pelas ra-



chaduras da parede. Houve uma pausa.. E novamente o ruído de muitos passos humanos.

Os dois homens voltaram à varanda e conduziram o corpo de Dupré. Iam sepultá-lo. Lis se ergueu e, pela janela que havia ao lado da cama, pôde ver uma linha de tochas, que se moviam próximo da borda da floresta.

Voltou para a cama e deitou-se, pensando que não mais conseguiria dormir.

O dia já estava avançado quando Lis despertou; vestiu-se e saiu para a varanda, onde Richard Grant e o Irmão Branco estavam tomando café.

Lis estava ainda muito cansada mas tinha uma aparência calma. Parecia-lhe impossível que os fatos por ela presenciados na noite anterior tivessem sido reais. E para não pensar mais nêles, fêz uma pergunta a respeito da vila:

— Está situada no meio do lago?

— Não — respondeu Grant. — O lago é uma miragem, nada mais que uma miragem.

— Tal como a vida — acrescentou o padre.

— Ontem à noite alvejei um leopardo! — disse ela, colocando a mão no peito, do lado onde havia apoiado a arma. — Era algo estranho... como se fôsse... — hesitou e acrescentou em seguida: — **E era mesmo um leopardo** — falou, como para convencer-se de maneira definitiva.

Então, Grant contou-lhe a história. Havia muitos **homens-leopardo** no Congo, mas esta era a Grande Sacerdotisa de uma seita que nenhum dos nativos jamais ousou mencionar o nome — e era a primeira mulher a tomar parte em tal organização.

— Quer dizer que matei uma mulher? — perguntou Lis horrorizada.

— Não era pròpriamente uma mulher; era **um monstro** — disse o Irmão Branco. — Nunca se esqueça de que está numa terra do pavor. E nem diga mais: **"Matei uma mulher"** e sim: **"Destrui o mal"**.. E agora, se me permitem, vou ao encontro de alguém que muito precisa de mim.

Depois que o padre saiu, Lis permaneceu em silêncio por algum tempo. Aquela terrível depressão que a oprimia desde que começaram a descer as montanhas, já havia desaparecido.

— Acho que, no momento, dispomos de poucos carregadores — disse Grant. — Enviei o corpo da mulher para o Distrito, acompanhado de tochas e tambores. Foi melhor assim, porque, se a tivéssemos sepultado aqui, êles jamais acreditariam na morte dela. Sinto muito, pois, ficamos pràticamente sem carregadores.

Lis de Lacour olhou para Grant e sua surprêsa pareceu sincera.

— Não o estou compreendendo. **Para que quer carregadores?**

— É que vamos levá-la de volta à civilização. O padre parte hoje, e seria bom que você o acompanhasse.

O sangue subiu ao rosto da jovem francesa. Levantou-se e caminhou para a varanda, onde permaneceu de pé, com as mãos apoiadas na amurada.

— Você sabe perfeitamente que deve partir! — insistiu Grant. — Deve partir, e sem demora!

— Para aonde? — perguntou ela, sem fitá-lo.

Grant caminhou para ela, segurando-lhe as mãos.

— Lis, querida; não posso conservá-la comigo, aqui — disse êle, e acrescentou: — Se fôsse possível...

— Porque razão não posso ficar com você? — perguntou ela, voltando-se num repente.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas os lábios sorriam de maneira estranha.

— Você sabe que a amo muito? — disse Grant estreitando-a em seus braços.

— Sim. E sei também para que servem os padres — disse ela, com voz carinhosa. — Vivi solitária durante tôda a minha vida; mas não quero mais viver assim. E, além disso, parece que é você a pessoa a quem vir encontrar nesta terra.

COMÉDIA E DRAMA NO REINO ANIMAL DA ÁFRICA

(Continuação da página 66)

Algumas vêzes o macho se farta da sua família e sai a passear. Às vêzes volta. Mas, se é animal de mal talante e a leoa não está bem alerta, mata um ou dois filhotes, que come tranqüilamente.

Em geral não é o macho, mas sim a fêmea que se encarrega de caçar para alimentar a família. Antigamente, se um homem era mal ferido por um leão, as probabilidades de salvá-lo eram escassas porque a imundície da bôca do animal engendrava quase sempre gravíssimas infecções; hoje, felizmente, com assistência médica próxima e dispondo de penicilina, as feridas superficiais raramente são mortais.

Apesar disso, em 1946 e 1947, quinhentos e noventa e um africanos foram exterminados nos arredores de Ubena, no Tanganika, pelos **devoradores de homens**.

Um **devorador de homens**, antes de comê-lo lambe todo o corpo de sua vítima. Ao contrário, quando come o corpo de outro animal começa invariàvelmente pela ponta do rabo e segue adiante.

Quando nos achávamos ainda no Kenia, vimos um grupo de nove leões matar a três cavalos, a menos de sessenta metros da estrada principal das linhas aéreas Este-África no aeroporto ocidental de Nairobi.

Existem leões em tôda a África, desde o Niger até o Zambeze e mesmo além, mais para o sul, exceto no Congo Central, onde o mato excessivamente fechado os incomoda. Êsses felinos têm acentuada inclinação para a preguiça e, não sendo atacados, mostram-se tolerantes. Seu rugido é ouvido a uma distância de seis a sete milhas. Um leão grande pesa quatrocentas e cinqüenta libras (aproximadamente 220 quilos).

Desdentar um elefante é trabalho de equipe. Geralmente, requer seis operadores e pode durar até dia e meio, porque, aproximadamente, uma têrça parte de seu comprimento total está cravado no crânio. E a tarefa exige habilidade, a fim de não "pelar" o valioso marfim.

É comum ouvir falar de dentes pesando cem libras ou mais, porém êsses são raros; oitenta já constitui um bom pêso.

O contrabando e o furto do marfim ainda é um bom negócio em algumas regiões da África oriental. O marfim vale entre quinze e dezessete shillings a libra e seu melhor mercado é a Índia. O contrabando é geralmente passado em **dhows** da Arábia, ocultando-se os dentes em enormes recipientes de **ghee** (gordura animal).

Os elefantes africanos não são domesticados ou amansados, embora no Congo Belga se venha tentando isso em pequena escala. Jamais foi visto um elefante africano num circo. E nisso, justamente se baseia a grande diferença entre os elefantes da Índia e os africanos. Os indus afirmam, não muito a sério porém, que a razão não está em que seus elefantes sejam menos selvagens nem menores, mas apenas em que a civilização da Índia é mais antiga e os indianos podem pôr em jôgo uma fôrça civilizadora mais vigorosa.

Os búfalos não são tão pitorescos e inteligentes como os elefantes, mas tão perigosos, isto sim! Seria possível discutir tôda uma noite com qualquer grupo de experimentados safaris sôbre qual é o animal mais temível da África, se o leão, o leopardo, o rinoceronte, o elefante ou o búfalo. Existem diferentes tendências, porém quase todo o mundo está de acôrdo em que um búfalo ferido é o mais vingativo, o monstro mais ameaçador que um caçador do tipo médio pode enfrentar. Mesmo sem estar ferido, o búfalo é capaz de "encontrar" e acometer ao homem.

Os búfalos atacam com a cabeça levantada, os olhos desmesuradamente abertos e a uma velocidade impressionante.

Um búfalo grande, pôsto de pé, mede pelos quartos dianteiros seis pés de altura (quase dois metros) e os chifres chegam a alcançar mais de metro e meio de comprimento.

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM FEVEREIRO DE 1956

1 — QUARTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower e o primeiro ministro britânico, sir Anthony Eden, encerram suas conversações com um debate altamente secreto, sôbre questões relacionadas com a energia nuclear, inclusive sôbre as possibilidades de controlar as experiências de explosões termo-nucleares por parte das potências ocidentais. — O govêrno da União Sul-Africana resolve romper as relações diplomáticas com o govêrno da União Soviética. — É destituído de suas funções de ministro do Interior da Rússia o coronel Sergei Kruglov, que sucedeu no cargo a Laurenti Béria, executado em 1954. — Assume a presidência do Senado o sr. João Goulart, que depois de pronunciar o seu discurso é saudado pelos líderes de todos os partidos políticos.

2 — QUINTA-FEIRA: — Com o objetivo de neutralizar as ameaças da União Soviética, o primeiro ministro Anthony Eden apresenta um plano perante o Congresso norte-americano. — O Conselho Interamericano de Jurisconsultos, reunido no México, aprova resolução fixando o limite das águas territoriais na América Latina. — Os Estados árabes, protestando contra as decisões tomadas nas conversações entre Eden e Eisenhower sôbre o Oriente-Médio, declaram não assumir a respeito quaisquer compromissos. — Toma posse o novo ministro da Educação, dr. Clóvis Salgado.

3 — SEXTA-FEIRA: — Numa carta, em tom cortês, o marechal Bulganin, da União Soviética, respondendo à carta de 26 de janeiro do presidente Eisenhower, renova seu oferecimento de um tratado de amizade e cooperação americano-soviético. — É nomeado embaixador da Índia no Brasil o sr. Lal Ram Sharan, atualmente cônsul-geral da Índia em New York. — O premier Anthony Eden, da Grã-Bretanha, declara que não dá valor algum ao pacto de amizade anglo-soviético. — O Banco de Exportação e Importação acaba de conceder um empréstimo de 35 milhões de dólares ao Brasil para desenvolvimento da indústria siderúrgica.

4 — SÁBADO: — O primeiro ministro francês, sr. Guy Mollet, declara que os pactos de não agressão propostos pela Rússia ao presidente Eisenhower poderiam ser de "considerável importância se se eliminassem primeiramente as divergências entre o leste e o oeste". — Enquanto o govêrno americano assina acôrdo com a Coréia para o uso pacífico das armas nucleares. — A Argélia aguarda, com ansiedade, a chegada do premier Guy Mollet, que trará consigo a promessa de tomar as primeiras medidas para conceder a autonomia a êsse território. — A União Soviética protesta formalmente contra a ade-

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: À venda na Livraria Clássica Editôra Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

são do Ira ao pacto filo-ocidental de Bagdad.

5 — DOMINGO: — O govêrno norte-americano classifica como incrível a denúncia de Moscou segundo a qual os Estados Unidos estavam enviando para a Rússia balões de propaganda. — Por outro lado, anuncia-se que o presidente Eisenhower e o sr. John Foster Dulles continuam a examinar a nova carta do marechal Bulganin ao chefe do govêrno dos Estados Unidos. — Sob ruidosas manifestações de hostilidade, chega a Argel o primeiro ministro francês, sr. Guy Mollet. — Enquanto isso renuncia ao cargo de residente-geral na Argélia o general Catroux.

6 — SEGUNDA-FEIRA: — A Câmara dos Representantes aprova uma lei autorizando o presidente dos Estados Unidos a emprestar dois submarinos americanos à Marinha Brasileira. — As três grandes potências ocidentais apresentam à mesa do Conselho de Segura um projeto de resolução, recomendando a admissão do Sudão à ONU. O Conselho deverá reunir-se para discutir o assunto. — É aprovado na Câmara dos Deputados o projeto de lei que suspende o estado de sítio a partir do dia 15 do corrente. — Enquanto na Ilha de Creta ainda continuam extremadas as manifestações antibritânicas.

7 — TÊRÇA-FEIRA: — O jornal "La Prensa" dedica extenso editorial à entrevista dos três presidentes da Argentina, Brasil e Uruguai, o que qualifica de "feliz iniciativa do presidente uruguaio". — E na Espanha, cêrca de trezentos estudantes da Faculdade de Direito de Madrid realizam manifestações, percorrendo as ruas da cidade aos gritos de "Não queremos rei!" — No decurso de sua entrevista à imprensa, o sr. John Foster Dulles, respondendo a perguntas, faz severas críticas à política soviética. — Em Munich, os norte-americanos declaram que continuarão lançando balões meteorológicos e colhedores de informação no espaço, quer queiram ou não os russos.

8 — QUARTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower declara que espera poder anunciar no fim do corrente mês se será ou não candidato a um segundo período presidencial, nas eleições de novembro próximo. — Uma tremenda explosão destrói a seção de nitro-

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº .....

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 88,00

glicerina da Fábrica Real de Bishopton. — Em entrevista exclusiva à "United Press", o ministro-chefe da Malaia declara-se inteiramente satisfeito com os resultados das negociações concluídas em Londres sôbre a concessão de independência à Malaia pela Grã-Bretanha. — O govêrno americano anuncia que tomará medidas para evitar o lançamento de novos balões que poderiam atravessar o espaço aéreo da União Soviética.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado ..... Cr$ 150,00

PEDIDOS À
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

9 — QUINTA-FEIRA: — A União Soviética realiza uma demonstração científica perante os correspondentes estrangeiros, a fim de provar que os globos norte-americanos caídos no país levavam aparelhos fotográficos de reconhecimento militar. — Estudantes falangistas e antifalangistas trocam tiros nas ruas centrais de Madrid. Acresce que esta é a primeira vez, desde a guerra civil, que se ouvem estampidos de armas de fogo na Espanha. — Notícias de Assunción revelam que o general Quentin Parini e o contra-almirante Patino, comandante da Marinha de Guerra paraguaia, são presos e destituídos de suas funções.

10 — SEXTA-FEIRA: Soldados e colonos franceses entram em luta, durante uma concentração dêstes últimos, que ameaçava converter-se em novas e violentas manifestações contra o primeiro ministro da França, sr. Guy Mollet. — Notícias provenientes da Argentina informam que se efetuam muitas prisões no Paraguai, em relação com a revolta frustrada, sob a chefia de Epifânio Mendez Fleitas, um dos principais partidários paraguaios do deposto ditador argentino Juan Perón. — Um porta-voz do Ministério do Comércio anuncia que o govêrno do Paquistão está disposto a entabolar conversações comerciais com a União Soviética.

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

11 — SÁBADO: — O primeiro ministro sr. Bekkai e o residente-geral francês sr. André Louis Dubois assinam um acôrdo pelo qual se põe têrmo à administração direta do Marrocos pela França. — Em Madrid, o govêrno suspende temporàriamente as liberdades civis e ameaça adotar rigorosas medidas para suprimir futuros distúrbios, depois dos recentes conflitos de estudantes. — Por outro lado, sabe-

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME .....

RUA ..... **Nº** .....

CIDADE ..... **ESTADO** .....

se que se encontram novamente em "impasse" as negociações nipo-soviéticas de Londres relativas às questões territoriais. — O presidente do Conselho Nacional de Govêrno, do Uruguai, sr. Battle Berres, convida por telefone, o presidente da República do Brasil a participar da projetada conferência de Montevidéu, da qual participará também o presidente da Argentina.

12 — DOMINGO: — Os Estados Unidos e algumas outras repúblicas americanas estão fazendo os preparativos técnicos preliminares para uma conferência econômica inter-americana em Buenos Aires, mas as averiguações feitas pela "United Press" indicam que ainda não há acôrdo algum quanto à data ou têrmo da agenda. — O sr. Urho Keekkonen, candidato do Partido Agrário, é eleito presidente da República filandesa, por 151 votos, dentre 300 votantes, no terceiro turno.

13 — SEGUNDA-FEIRA: — Os deputados comunistas e poujadistas tomam parte numa batalha campal no seio da Assembléia Nacional, atirando tamburetes na cabeça uns dos outros e trocando os mais pesados insultos. Alguém deu um tiro para o ar, obrigando muitos deputados a se deitarem ao solo em busca de proteção. O fato ocorreu ao se iniciar o debate sôbre a cassação dos mandatos de alguns deputados poujadistas, cuja eleição foi considerada viciada.

14 — TÊRÇA-FEIRA: — O "Evening News" informa que a Grã-Bretanha fará explodir ainda êste ano a sua primeira bomba de hidrogênio. — Embora não esteja oficialmente confirmada, sabe-se que a Espanha anda às voltas com uma séria crise ministerial. — É nomeado embaixador da Colômbia no Brasil o sr. Manuel Archila Briceno, até recentemente ministro do Fomento naquele país. — O govêrno fornece nota sôbre um estranho fato ocorrido sábado último no Campo dos Afonsos, onde dois oficiais da FAB apossam-se de um avião militar e partem para rumo desconhecido.

15 — QUARTA-FEIRA: — De acôrdo com um relatório sôbre o comércio mundial, a expansão do comércio de produtos pacíficos, tal como foi defendida pelo presidente Eisenhower na Conferência de Chefes de Estado de Genebra, está sendo prejudicada pela política do bloco soviético. — Conforme acentua o assessor da Sociedade Rural Brasileira, melhora visìvelmente a situação do mercado internacional do café para o produto brasileiro. — Prossegue o 20.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, instalado no grande Palácio do Kremlin, com a presença de cêrca de 1.600 delegados e de todos os dirigentes do Partido. Segundo informações oficiais, o Congresso poderá estender-se até fim do mês.

16 — QUINTA-FEIRA: — A guarnição de Iquitos, cujo efetivo é de 12.000 homens, revolta-se contra o govêrno do Peru. O movimento rebelde, que é chefiado pelo general Marcial Merino, lança um manifesto no qual exige o fim do regime autoritário do general Odria, bem como a concessão de plenas garantias para as eleições presidenciais marcadas para junho próximo. — Por 293 votos contra 262 a Câmara dos Comuns acaba de abolir a pena

de morte na Grã-Bretanha. — O govêrno peruano decreta a suspensão das garantias constitucionais pelo prazo de 30 dias. — Toma posse o novo presidente do Banco do Brasil, sr. Sebastião Paes de Almeida.

17 — SEXTA-FEIRA: — O govêrno norte-amreicano resolve suspender o fornecimento de material bélico aos países do Oriente-Médio. — Enquanto isto, o govêrno do Peru está tomando medidas no sentido de enfrentar o movimento subversivo irrompido em Iquitos. — A Fundação Rockefeller destina a quantia de 369.000 dólares para fomentar a agricultura e a educação no Brasil. — De Londres informa-se que a França e a Inglaterra recusam-se a imitar a decisão norte-americana de suspender o envio de armas para o Oriente-Médio.

18 — SÁBADO: — A União Soviética insinua que possui um projétil dirigido capaz de levar uma bomba atômica ou de hidrogênio "a qualquer parte do mundo". — Molotov e Zhukov, falando no XX Congresso do Partido Comunista Soviético, salientam a justeza da atual política exterior russa, que visa à harmonia com todos os países e, principalmente, com os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França. — Nova onda de terrorismo avassala o Marrocos, no momento em que estão reunidos em Paris representantes franceses e marroquinos para negociar a independência do protetorado. — Os Estados Unidos levantam o embargo que haviam impôsto ao envio de material bélico para o Oriente-Próximo.

19 — DOMINGO: — O govêrno peruano revela que o movimento subversivo se limita a Iquitos e que vão ser iniciadas as operações contra os rebeldes. — A França e a Alemanha iniciam "difíceis" negociações para resolver de uma vez por tôdas a histórica disputa sôbre o território do Sarre, solução que, se fôr alcançada, constituirá mais um passo para a União Européia. — A "American and Foreign Power", abre a concorrência para a construção de três centrais elétricas atômicas, que serão levantadas na América Latina.

20 — SEGUNDA-FEIRA: — Continua a preocupar a opinião pública a rebelião dos oficiais da FAB, que se apossaram de várias bases aéreas do norte do país e ocuparam a cidade de Santarém. — O dr. José Mora, que acaba de obter demissão do cargo de Embaixador do Uruguai em Washington, para que possa assumir o pôsto de secretário-geral da O.E.A., parte por via-aérea para Montevidéu. — A Rádio Nacional do Peru avisa a população civil de Iquitos que a qualquer momento serão iniciadas as operações militares de repressão ao movimento subversivo.

21 — TÊRÇA-FEIRA: — Anuncia-se que dando prosseguimento à sua política de reaproximação com a Iugoslávia, a União Soviética vai anular o ato do Kominform que excluiu do seu seio, em 1948, os dirigentes comunistas iugoslavos. — O govêrno francês, atendendo a solicitações do viet-Nam Meridional, resolve retirar as fôrças expedicionárias que se encontram na Indo-China. — O sr. John Davis Lodge, embaixador dos Estados Unidos em Madrid, entrega ao govêrno espanhol uma esquadrilha de aviões de caça a reação, "Sabre F-86", em cerimônia realizada no aeródromo de Valença.

22 — QUARTA-FEIRA: — As fôrças do govêrno peruano entram em ação, pela primeira vez, contra os revolucionários comandados pelo general Marcial Merino e se apoderam de Requena, situada a 300 quilômetros a sudoeste de Iquitos, o centro do movimento. — Acredita-se que elementos peronistas cometeram o seu maior ato de sabotagem, fazendo ir pelos ares o arsenal militar de Miguelete, com uma explosão que estremeceu o norte de Buenos Aires com a violência de um terremoto. — O presidente Eisenhower informa a seus colaboradores que deseja um novo período presidencial, mas que não se comprometerá pùblicamente antes de fazer uma prova pessoal de suas condições físicas.

23 — QUINTA-FEIRA: — Revela-se que a França elaborou um plano conciliatório tendente a solucionar o problema do rearmamento. — O govêrno argentino promete reprimir com castigo severo para os seus autores, a onda de sabotagem que vem aterrorizando o país. — Revela-se que estão se tornando cada vez mais tensas as relações entre Cuba e a República Dominicana. — Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha preparam-se ativamente para realizar experiências atômicas e termo-nucleares durante a primavera — No 20.º Congresso do Partido Comunista Soviético, que ora se realiza em Moscou, o sr. Mikoyan dirige severas críticas aos métodos históricos impostos por Stalin aos historiadores russos.

24 — SEXTA-FEIRA: — O chefe do Estado Maior de Israel, general Yadin, adverte que o Egito estará militarmente preparado em abril próximo para atacar Israel, empregando os caças e bombardeiros

fornecidos pela Rússia e os tanques "Centurion", de fabricação britânica. — Altos funcionários do Departamento de Estado declaram que o govêrno dos Estados Unidos deseja estabelecer relações estreitas e construtivas com a Argentina, especialmente no terreno econômico. — Altas fontes diplomáticas informam que também a Bolívia deseja participar da conferência que celebrarão os presidentes do Brasil, Argentina e Uruguai. — As opiniões mais qualificadas nos meios eclesiásticos contestam que o Vaticano tenha pretensões a entrar para a O.N.U.

25 — SÁBADO: — O general rebelde peruano Marcial Merino, comandante da Divisão de Selva, à frente da qual se tinha levantado em armas contra o govêrno do país, anuncia sua rendição pela Rádio de Iquitos. Com a voz embargada pela emoção e chorando, em certos momentos, o general Merino disse que nem o povo do Peru, nem as fôrças armadas estiveram à altura da Divisão da Selva. — O novo embaixador do Brasil na Itália, sr. Alencastro Guimarães, chega a Roma procedente de Viena. — O Vigésimo Congresso do Partido Comunista Soviético termina, no Kremlin, com a eleição dos membros do Comitê Central e a aprovação, por unanimidade, do Sexto Plano Qüinqüenal Soviético, que terminará em 1960.

26 — DOMINGO: — O secretário-geral das Nações Unidas, sr. Dag Hammarskjold, declara que a situação do Oriente-Médio é tensa, mas não alarmante. — O jornal "Manchester Guardian" afirma que, segundo os cálculos científicos a respeito da produção mundial de bombas atômicas, os países ocidentais têm atualmente uma produção de bombas atômicas três vêzes superior a da União Soviética. — Procedente de Roma, chega a Washington o sr. Giovanni Gronchi, presidente da República italiana. — A República de Cuba solicita, oficialmente, à Organização dos Estados Americanos que intervenha na sua disputa com a República Dominicana.

27 — SEGUNDA-FEIRA: — Na Câmara dos Comuns a oposição critica. vivamente a política externa do primeiro ministro Eden, que é acusado como um dos responsáveis pelo fracasso da Conferência de Genebra. — O Partido Comunista Soviético eleva à categoria de membro suplente de seu presidium o ministro da Defesa, marechal Zhukov, e ao mesmo tempo, ratifica sua confiança em Nikita Kruhstchev, reelegendo-o primeiro secretário, pôsto máximo no partido. — Prossegue em Genebra a Conferência Internacional do Trigo, objetivando a elaboração de um acôrdo.

28 — TÊRÇA-FEIRA: — Falando na Câmara dos Comuns, o ministro da Defesa da Grã-Bretanha afirma que qualquer agressão ao ocidente será, inevitàvelmente, respondida por meio da bomba de hidrogênio. — Enquanto isso, o secretário de Estado americano salienta que seria um desastre, no momento, uma política de complacência com a Rússia. — Por uninamidade a Assembléia Nacional francesa concede voto de confiança ao govêrno Guy Mollet, sôbre a questão das férias remuneradas. — Noticia-se que vão ser expulsos da administração pública chilena todos os elementos comunistas.

29 — QUARTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower declara que está disposto a pleitear sua reeleição. Numa entrevista coletiva, à qual compareceu um número sem precedentes de jornalistas, o primeiro mandatário acrescenta, no entanto, que certos fatôres influirão ainda em sua decisão. — O presidente Gronchi, da Itália, ora em visita aos Estados Unidos aconselha amplo programa de cooperação, a fim de que o ocidente possa ganhar a nova guerra-fria de "ajuda econômica". — Confirma-se o bombardeio do campo de Jacareacanga, e a queda desta cidadela dos oficiais rebeldes da FAB. O chefe do movimento revoltoso, major Veloso, é prêso e conduzido para Santarém.

●

PROVÉRBIOS DE TODOS OS POVOS

Pai e mãe são bons, mas Deus é melhor. (Dinamarquês.)

Olhar para a uva não mata a sêde. (Chinês.)

Dos maus costumes nascem boas leis. (Inglês.)

Neblinas da História: — ROMANCE DE UM PRÍNCIPE

(Continuação da página 82)

em quem Filipe II reconhecia superioridade indiscutível — Pio V, conhecido na história como o Papa da inquisição. O seu zêlo austero pelo que julgava ser o cristianismo igualava o passo com o do próprio Filipe II, pôsto que o seu caráter altivo e irrepreensível o redimisse da peculiar e odiosa censura que bem cabe a um convicto perseguidor. O retrato do rei católico, sentado no seu gabinete, anotando os despachos de Alva tintos de sangue, com um crucifixo em frente e uma carta da mulher de outro homem no bôlso, ficou mais odiosamente gravada na história. O de Pio V era de mais ampla envergadura e na sua presença o déspota, ante quem todos tremiam, sentia-se confundido.

O Papa requereu uma explícita narrativa do caso. Finalmente, Filipe II escreveu-lhe, com o seu próprio punho, e mandou a carta diretamente ao Papa.

Semelhante documento nunca foi visto. O único indício do seu conteúdo foi fornecido depois em observações feitas por Pio V ao embaixador de Espanha em Roma. "Sua Santidade, escreve o embaixador, louva grandemente a deliberação tomada por sua majestade; porque êle sente que da longa vida de sua majestade e de um digno sucessor **que lhe siga os passos**, depende a conservação e engrandecimento do cristianismo."

Há uma sinistra indicação nestas palavras. Quaisquer que fôssem os motivos da prisão do príncipe — e é claro que esta carta confidencial ao Papa designava um outro muito diferente do que aquêle que fôra declarado a Carlos IX — deixa-se prever o têrmo fatal que viria a ter aquêle cativeiro. Sem dúvida, D. Carlos não era o sucessor necessário ou conveniente.

APROXIMAVA-SE aquêle desfecho previsto. Começaram a correr em Madrid boatos insistentes de que o infeliz príncipe se entregava a estranhos excessos que ràpidamente lhe minavam a saúde, umas vêzes recusando comer, outras alimentando-se com comidas indigestas, e mais ainda inundando o quarto de gêlo para refrescar a febre que dêle se apoderara. Seria deveras singular que um pai afetuoso, levado a colocar seu único filho sob custódia por causa de manifesta demência, como explicara ao rei de França, o deixasse no entanto em liberdade para tais desmandos.

Mas estas notícias eram de origem suspeita. Só o príncipe de Eboli e seus auxiliares podiam realmente conhecer o modo de viver do prisioneiro. Tudo quanto se passava naquele estreito quarto de reclusão chegava ao mundo exterior por intermédio dos dedicados a Filipe II e implacáveis inimigos de D. Carlos. Naquele momento outra informação era também adrede divulgada. O prisioneiro estava tão fraco, que lhe eram especialmente preparadas sopas nutrientes nos próprios aposentos de Eboli. Ora, D. Carlos, tendo feito uma lista dos seus inimigos figadais, escrevera nela o nome de Rui Gomes, príncipe de Eboli, e êste lera por certo a famosa resenha.

Justamente seis meses depois da sua prisão, o mundo teve notícia de que D. Carlos já não existia. Atribuíra-se a sua morte a causas naturais, ou antes ao seu modo de viver. O funeral foi efetuado apressadamente no mesmo dia. Quando o corpo do príncipe era levado para fora do palácio levantou-se uma mesquinha discussão de precedências debaixo das próprias janelas do pai enlutado. Filipe II ouviu o que se passava, apareceu à janela e com a maior presença de espírito deu as necessárias ordens para conciliar a disputa.

Eis o que se sabe dêste misterioso caso pela versão oficial. É tempo, agora, de seguir a narrativa complementar.

Dois dias depois da prisão de seu filho, o rei instituiu contra êle, e com conhecimento apenas de três pessoas, um dêsses processos secretos que eram diletos à alma negra de Filipe II, um dêsses terríveis julgamentos, ao qual a vítima nunca estêve presente e do qual talvez nunca tivesse conhecimento; onde a prova estava clandestinamente acumulada em montões de documentos, cujo conteúdo o rei revia minuciosamente, alta noite, isolado no seu gabinete; onde a acusação era trabalhosa-

mente preparada, e cuja sentença pronunciada em segrêdo era executada também com todo o segrêdo de um assassinato.

Três pessoas acompanham até o fim o processo completo. Rui Gomes, o Grande Inquisidor, e um advogado obscuro do conselho real, chamado, sem dúvida, para dar o necessário tom legal à vingança do pai sôbre o filho.

Êste era o tal grande processo guardado na caixa verde de Simancas, o qual estava destinado ao cabo de dois séculos e meio a ser examinado pelos olhos curiosos de um rei de outra dinastia e a desaparecer mais uma vez da vista de todos, talvez para sempre. É sòmente de origem anônima e de memórias e narativas pouco autorizadas, acidentalmente trazidas à luz pelo decorrer dos tempos, que alguma coisa se conhece do processo do famoso tribunal. Parece ter sido combinado entre o rei e os seus ministros um fino jôgo casuístico. Filipe II pretendia dar à sua vingança pessoal uma aparência de justiça. Se fôsse um caso ordinário, o ministro Eboli e os seus colegas teriam satisfeito o desejo do rei sem hesitação. Mas D. Carlos era o herdeiro da coroa. A execução de uma tal personagem era realmente acontecimento inaudito. Não estavam seguros de que lhes fôsse permitido fazê-lo, nem de que o rei não recuasse em a confirmar. E se por acaso o rei morresse antes de se executar a sentença, D. Carlos subiria ao trono e chamá-los-ia a terríveis contas.

Delinearam, portanto, um julgamento no qual pronunciaram o príncipe culpado de mau proceder, que mereceria a morte se fôsse um súdito qualquer, mas deixaram ao rei decidir se as leis ordinárias podiam ser aplicadas ao herdeiro do trono. Em todo o caso eram cuidadosos em recordar a sua majestade que ela possuía o direito de dispor de tôda e qualquer penalidade.

Dirigir um pedido de misericórdia a Filipe II, era o mesmo que pedir ao tigre que largasse a prêsa. Não é difícil recompor a cena. A figura magra do rei, vestido de prêto, barba aloirada e olhos azuis claros, sentado em frente da bem célebre secretária, examinando cuidadosamente a exposição do julgamento, enquanto o discreto ministro e cortesão estava de pé a seu lado, vigiando a atitude de seu amo, com quem está jogando delicado jôgo. Filipe II lê até o fim o documento com a fisionomia sombria, pega da pena, talvez por um momento deite pela janela, através das árvores do jardim do palácio, olhar furtivo e sinistro para a tôrre onde as janelas gradeadas escondem o filho cativo, e depois, na vagarosa e constrangida caligrafia que meia Europa aprendera a temer, apõe a sua decisiva rubrica e despacho.

Os seus sentimentos de pai incitam-no a socorrer-se do subterfúgio apresentado pelos juízes. A sua consciência de supremo árbitro o impede de assim proceder. Era preciso livrar os seus súditos de tão mau sucessor. A sentença tinha que ser confirmada; as próprias extravagâncias do príncipe conduziriam ao mesmo resultado.

Tal seria a resposta que Filipe II entregou ao homem por cujas mãos passava o alimento do prisioneiro. Era uma proposta magistral em que o rei esmagava o seu ministro na contenda de subterfúgios. Rui Gomes lê o despacho e encontram-se o olhar dos dois. Dentro de poucos dias acabavam-se os sofrimentos de D. Carlos.

Publicaram-se as habituais notícias da morte do prisioneiro. Podiam ter sido verdadeiras. Filipe II manifestou sempre o mais sincero desejo de que as suas vítimas morressem como bons católicos e, se possível fôsse, confessando no seu último mômento a justiça com que haviam sido sentenciados. Quando um homem, que tem

— Nada além de dois minutos!

estado por muito tempo prêso e perseguido a ponto de sentir o espírito e o corpo igualmente exaustos, se acha prestes a libertar-se dos seus sofrimentos, não é difícil a um zeloso confessor extrair-lhe as palavras que possam ser levadas à conta de confissão.

Filipe II raramente deixava de obter o que deseja, mesmo dos mais inocentes, àqueles que incorriam em seu furor. Guardava cautelosamente êsses atestados, esperando o dia em que tivesse de dar conta das suas ações e quando em resposta às perguntas inquiridoras do seu Juiz Supremo: — Tu mataste Egmont? Condenaste teu filho a morte? — êle pudesse obter ainda a absolvição, dizendo: — É verdade, Todo-Poderoso; mas aqui está a prova de Egmont de que eu tinha razão. Aqui está a confissão de meu filho de que merecia a morte.

Há uma certa perversão sublime nessa fraude piedosa. Como D. Carlos caísse quase sem conhecimento nos seus últimos momentos, diz-se que seu pai se introduziu no quarto, com seus cortesãos, e, estendendo silenciosamente as mãos para o filho moribundo, o abençoará como sinal de perdão.

D. Carlos morrera, deixando em profundo mistério a causa da sua morte. Agora procuremos o verdadeiro motivo, oculto nas vagas e contraditórias desculpas postas em evidência pelo autor da tragédia.

As palavras de Pio V ao embaixador Zuniga, dando sua ativa aprovação ao proceder do rei, referiam-se sem dúvida às razões confiadas por Filipe II na sua carta secreta. A acusação contra D. Carlos, que, certamente, mais poderia indispor o coração do Papa, era a de heresia. É provável que Filipe se apressasse a pôr em evidência semelhante motivo. Talvez tivesse persuadido a si próprio de que não era sem fundamento.

Contudo a acusação era falsa. A sugestão da heresia não era mais real do que o motivo da loucura. É contrária a tôda a vida de D. Carlos. Êle não era feito do mesmo tecido de que são feitos os herejes. Um príncipe obstinado e ardente, distraindo o seu espírito inquieto com tôda a qualidade de distração, e embrenhando-se em tôda a sorte de loucuras, dificilmente seria atraído pelo austero evangelho de Genebra. O mancebo que tão cegamente confiara os seus mais perigosos pensamentos aos monges católicos, poderia ser qualquer coisa menos protestante.

A explicação não tem uma sombra de evidência, nem um vestígio de probabilidade, e, além disso, nada explica. Para ter a verdadeira resposta à pergunta: — Por que tirou Filipe II a vida a seu filho? — é preciso, também, responder a esta outra: — Por que havia D. Carlos de desejar a morte a seu pai?

Três meses depois de se ter fechado a sepultura do príncipe, houve uma outra morte na família real de Espanha. Desta vez foi a mulher de Filipe, a gentil e jovem rainha a quem os seus vassalos chamavam Isabela. Morreu depois de ter dado à luz, prematuramente, uma criança, em conseqüência do errado tratamento dos médicos da côrte; e a sua agonia foi vigiada pelo embaixador francês, o mesmo Fourquevalx, a quem Rui Gomes teve tanto cuidado em convencer de que D. Carlos fôra recluso para refreamento de sua fraqueza mental.

Entre os áridos ofícios políticos acumulados nos arquivos franceses, está conservada como flor murcha e sêca a carta que êste diplomata mandou à mãe de Isabel, descrevendo os seus últimos momentos. Foi sòmente na manhã da sua morte que êle soube do estado perigoso em que a rainha estava, e apressou-se a ir ao palácio. O rei se despedira da sua jovem mulher, retirando-se para o seu quarto, e deixando-a entregue a estranhos para assistirem a sua despedida dêste mundo.

Isabel reconheceu o embaixador e deu-lhe o último adeus para os seus queridos da França, a quem não tornaria mais a ver.

O bom Fourquevalx expressou-lhe a vulgar consolação de que ela ainda viveria para ver a França em prosperidade; mas Isabel afirmou que não desejava viver. O embaixador perguntou-lhe se queria mandar algum recado especial a sua mãe: — "Não — replicou a rainha moribunda — sòmente pedi-lhe que por amor de Deus se não aflija com a minha morte, que eu vou para a Bem-aventurança, a melhor coisa que posso desejar."

Algumas horas depois expirava, e o choroso embaixador saiu, deixando o palácio inteiro imerso em pesar compartilhado pelo povo de Madrid e por tôda a nação.

A carta de Fourquevalx chegou às mãos da mãe a quem era dirigida: Catarina de Médicis. Se naquela época de terríveis e negros acontecimentos houvesse alguém destinado a adquirir na história uma reputação mais horrorosa ainda do que a de Filipe II, era a rainha-mãe de França. A gentil e pura figura de Isabel faz contraste entre estas duas figuras sinistras, semelhante a um cordeirinho entre um lôbo e uma serpente.

Esta última patética missiva a Catarina seria escrita com intenção de desviar quaisquer sombrias perguntas que pudessem talvez germinar naquele espírito desconfiado? Se assim foi, falhou o intento. Catarina de Médicis e Filipe conheciam-se bem para se deixarem lograr um pelo outro.

A augusta ama de Fourquevalx não era tão fácil de contentar como êle. Escreveu ao embaixador de seu próprio punho, pedindo-lhe claras e completas particularidades sôbre a sua filha. Depois seguiam-se estas palavras, as quais escritas por semelhante mulher têm grande significação. — "Conduzi-vos com a vossa costumada discrição, e como achardes necessário e conveniente. **Dai-vos o trabalho de vos informar do que se diz sôbre esta doença**, de forma a poder comunicar-nos imediatamente, com todo o mais, cujo conhecimento possa ser útil a meu filho."

A mulher que governara a França durante três reinados, e viveu bastante para ver a ruína de quase todos os seus inimigos, não participou do desprêzo pelos boatos particulares, nem daquele profundo respeito pelas declarações oficiais que passam nos nossos dias por ciência histórica e crítica. Esta rainha, que passou a vida inteira em côrtes, desejou saber a verdade relativa à morte de uma outra rainha e não pediu para ver os atestados dos médicos da côrte; procurou sabê-la pelo cochichar dos cortesãos e pela tagarelice dos criados particulares.

Talvez possamos achar resposta à pergunta sugerida por Catarina numa narrativa escrita em caligrafia diferente e depositada nos arquivos ao lado das cartas do embaixador.

Numa manhã, durante a doença da rainha — segundo esta narrativa — a duquesa de Alba, que era a sua primeira dama de honor, entrou no quarto de dormir, trazendo-lhe uma tizana que, informou, os médicos consideravam recomendável para ela tomar. Isabel rejeitou, declarando que não tinha necessidade de nenhum remédio nesse momento. Repentinamente aparecera no quarto o rei Filipe, perguntara sôbre que discutiam, e tendo-se primeiro, aparentemente, declarado contra a duquesa, confessara depois estar convencido das suas razões, e incitara sua mulher a tomar a bebida.

Isabel persistiu na recusa, sôbre que Filipe lhe disse finalmente que o bem do Estado requeria que ela a tomasse, dando-lh'a com as suas próprias mãos, ficando junto dela até que a tivesse bebido. Poucas horas depois ocorreu a morte da infeliz rainha.

Será verdadeira a insinuação transparente?

PARA que possamos admitir e compreender o enrêdo desta tragédia é necessário retroceder dez anos, e recordar fatos anteriores e designadamente os preliminares

— O senhor não tem uma gravata menos vistosa?

do tratado de Cateau-Cambresis, em vida de Maria, a rainha de Inglaterra, segunda mulher de Filipe II.

Por êstes preliminares tinha-se estipulado como meio de assegurar a paz futura entre a França e Espanha, que D. Carlos, príncipe das Áustrias, casaria com a princesa Isabel de Valois. Os dois jovens eram quase da mesma idade e o casamento prometia ser por todos os motivos conveniente e auspicioso. Aproximava o complemento do tratado quando a rainha de Inglaterra morreu.

Filipe II ficara de novo viúvo. Antes mesmo de que sua infeliz e abandonada mulher inglêsa tivesse dado o último suspiro, já êle estava em vistas de lhe dar sucessora. O primeiro oferecimento foi feito à irmã da sua mulher morta. Contrariado nesse intento, voltou-se para a jovem de Valois. Com uma brutal penada roubou a noiva ao filho. Quando finalmente foi ratificado o tratado, o nome de Filipe tinha sido substituído pelo de Carlos.

Disso, pois, parece deduzir a resposta ao enigma e surgir a chave daquele trágico ódio entre pai e filho, que findou com a morte do mais fraco. Vemos a história desenrolada diante de nós, como uma tragédia representada fora do tablado.

Quando Isabel veio a princípio para a Espanha, D. Carlos era muito moço ainda para sentir a sua perda. Mas logo que foi tendo mais anos e de dia para dia conhecendo e amando mais e mais a doce e graciosa rainha, amargos pensamentos acordavam e se aglomeravam no seu espírito, quando refletia que estava constrangido a adorar a distância a própria noiva que lhe fôra destinada, debaixo das vistas ciumentas do pai ríspido que lhe aniquilara aquêle risonho porvir.

Incautas palavras se lhe escaparam na presença daqueles que depressa as iriam revelar ao desconfiado rei. Não menos incauta foi aquela violenta oposição ao casamento com a irmã de Isabel, que a própria rainha lhe sugeriu — belo estratagema de um coração amorável para curar aquela louca paixão que lhe era dado só lamentar e perdoar.

A língua difamadora, que não poupa ninguém, ficou silenciosa para com a madrasta de D. Carlos. Vêmo-la andando entre o severo e oprimido decôro da côrte de Espanha, sempre risonha e gentil, submissa ao sombrio marido, já meio velho, a quem foi dada na sua juventude e inocência em nome da implacável razão do Estado. Filipe tratava-a com cortesia aparente, mas de forma alguma lhe era um marido fiel. A pobre rainha se viu abandonada e isolada num país estrangeiro, entre estranhos e espias, sem um único amigo verdadeiro, exceto o indomável e mal avisado moço, cujo infeliz amor por ela só criou um forte e vivo pesar para aquêle espírito tão sensível. Assim, ela passou uns anos bem atribulados, até que a morte veio dar-lhe abençoado repouso.

Vemos Filipe, de pé, como uma sombra negra em lugar escuso, vigiando o jovem par a quem tão cruelmente separara, para satisfazer o seu capricho pessoal e egoísta. Se os julga por si, sem dúvida os crê culpados. Todo qualquer sorriso é notado, a mais simples palavra é tomada em intenção, até que, tendo enchido o cálice dos seus ciosos receios, decide empreender a sua encoberta e furtiva vingança.

Estão bem tomadas as precauções. Engana o irmão de uma das suas vítimas, e o parente mais próximo da outra. Engana o Papa, e julga ter enganado o seu Criador. Contudo, apesar de tôdas as suas precauções, um furtivo murmurar, levantando-se cada vez mais alto, acusa-o dos crimes cometidos secretamente, e um dia acorda achando o mundo todo a rodeá-lo de acusações sinistras. A crítica histórica moderna, na sua tendência reabilitadora dos vultos mais odiosos, nega esta explicação psicóloga dos procedimentos do rei Filipe e aceita para a morte de D. Carlos a razão do Estado, como razão suprema, num juízo implacável do déspota.

Resta-nos acrescentar que, antes de 18 meses passados, Filipe teve a ousadia de tomar para quarta mulher aquela mesma Ana que tinha sido prometida a D. Carlos, roubando, portanto, ainda que na sepultura, pela segunda vez, seu filho. Cinco anos depois, tendo-se afinal completado o vasto mosteiro do palácio do Escorial, os corpos de D. Carlos e D. Isabel, removidos dos seus jazigos temporários, descansavam finalmente lado a lado na sua eterna morada.

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

LUTÉRCIO
SECRETARIO

ANO XXXIX — Nº 11 — ABRIL — 1956
DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇAO — DICIONARIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇAO DE DIFUSAO DO CHARADISMO, NAO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS

2.º TORNEIO — Abril — Maio — Junho

LOGOGRIFOS

— 1 —

(Ao Gil Vírio)

Não te iludas, viajor. Recolhe-te e **medita**. — 6-7-5-10-9
Se o cansaço te dobra e a dúvida te invade,
Só tens por companhia a constante saudade
Do que deixaste atrás, na jornada infinita.

Sonhos de glória... amor... Tudo é **futilidade** — 3-4-5-6-2
Num barco que não vence o mar onde se agita.
Todo bem que se colhe é uma ilusão maldita
Que nunca satisfaz nossa feroz vaidade.

Quase sempre a virtude é apenas um **ornato** — 8-9-4-10-11
Fugaz como um aroma a lisonjear o olfato,
Mera e vaga intenção roçando-nos a mente.

O prêmio que te espera é a fé **desvanecida**... — 1-11-4-3-2
Viajor, a um triste herói, no drama desta vida,
Não basta ser ousado, intrépido e **experiente**.

Lutércio, CEC (Rio)

— 2 —

A **chuva muito fina e fria**
Acompanhada de neblina — 11-9-2-8-1-5
Cai do céu noite e dia,
Com tristeza que amofina.

Que amofina, que agoura...
Molha a relva, molha a grama,
Molha até a **erva-moura** — 11-1-7-5-9-5-6-2-3-11
Que na árvore se enrama.

Sem **aspereza**, copiosa — 11-1-9-7-4-5
Se derrama lentamente...
Sem **barulho**, silenciosa, — 4-2-1-8-9-7-1-10
Tudo molha indiferente.

Molha a mata, molha a terra,
Molha o bom e molha o **mau**. — 5-9-4-7-11
Só não molha o que encerra
A bela voz do **bacurau**.

Dr. Legnar (Urupês, SP)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

3 — Duas-duas — **É num dado momento da** vida do homem (no **momento em que se discute** a origem dos sêres, por exemplo) que tôda

APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

uma crença se **deita por terra**.

Gomes Júnior (Maceió, AL)

---

4 — Uma-duas — O **chefe** político falou com **animação** condenando a falta de **escrúpulo** de certos indivíduos.

Gil Vírio (Andradina, SP)

---

5 — Duas-uma — Homem **orgulhoso**, onde **chega** cessa o **barulho**.

Gilvanete Rosas (Caruaru, PE)

---

6 — Três-duas — **Abandonei** o serviço da **cimalha** devido ao **rigor do tempo**.

Heron Silpes (Canavieiras, BA)

---

7 — Duas-uma — Quem vence a **pé** distância de **grande extensão** é chamado **andarilho**.

Atenas, HC (Rio)

---

8 — Duas-duas — **Procura** refrear, **querida** amiga, êsse gênio **fàcilmente irritável**.

Ed Vep (Maceió, AL)

---

9 — Três-uma — **Homem muito falador** não tem **compaixão** do ouvido alheio, porque pensa que todos gostam de **ruído**.

Eurico II (Bauru, SP)

---

10 — Três-duas — Quando chegou ao **ponto marcado**, ficou louco de **raiva** por encontrar a namorada usando uma **espécie de tecido antigo**.

Florentino (J. Pessoa, PB)

---

11 — Duas-duas — **Sujeito** danado! Depois de **juntar** mãos e pés, girava, dando a impressão de **mover-se em espiral**.

Asclépios, CEC (Rio)

---

12 — Duas-duas — Ela **possui** qualidades que eu não **disfarço**: a de convencer-nos de que qualquer recanto é **o que pode ser fruído por alguém**.

Nilva, CEC (Rio)

---

13 — Duas-uma — **Pantomima** não **significa**, como muitos pensam, **palhaçada**.

Mara, CEC (Rio)

---

14 — Duas-uma — Era **trigueiro-claro** o seu **semblante**, talvez por efeito de, constantemente, **passar o dia no mato**.

Zytho, HC (Rio)

---

15 — Duas-uma — Fiquei de **cabelo** arrepiado **tanto** me pareceu irada aquela **multidão**.

Tutankâmon, CEC (Rio)

---

16 — Duas-duas — Quando ela se mete na **bebedeira**, demonstra **ter ciúmes de** mim ao ponto de **emagrecer**.

Mavícaro (Recife, PE)

---

17 — Três-uma — Sempre **termina o porco na panela É decisão final e irrevogável**.

Paraná, CEC (Rio)

★

CHARADAS CASAIS

18 — Três — **Homem estúpido** não sabe o que fazer com **dinheiro**.

Champollion (P. Alegre, RS)

---

19 — Quatro — Diante da violenta **refutação** do advogado de defesa, o argumento do promotor foi **repelido** pelos jurados.

Dr. Legnar (Urupês, SP)

---

20 — Três — Coloquei-lhe a **ligadura**, mas o caso continuou **embrulhado** em mistério.

Fiote (Cuiabá, MT)

---

21 — Três — Foi **registrado** pela polícia o **negócio escuso**.

Gil Vírio (Andradina, SP)

---

22 — Duas — Foi **confirmado** o diagnóstico: **mulher muito fecunda**.

Néo Rosas (Caruaru, PE)

---

23 — Três — O **guia** se queixa de **estafa, por ter andado muito**.

Gomes Júnior (Maceió, AL)

---

24 — Três — **Vida libertina**, regada a **cachaça**.

Ed Vep (Maceió, AL)

25 — Três — O preço que se paga, hoje, por uma **túnica larga de religiosos** é alto em demasia.

Beatriz Cardoso

---

26 — Cinco — Não fico **admirado** ao ver uma vaca **espantada**.

Cisneirense Jr., Muriaé

---

27 — Quatro — A **clarabóia** é uma espécie de janela, ou melhor, uma **fresta para deixar entrar a luz e o ar**.

Conselheiro (RN)

---

28 — Três — **Deseja tudo o que vê o que vive à custa de outrem sem procurar trabalho.**

Gildo Rosas (Caruaru)

---

29 — Duas — **Cogita**, antes de tudo, da **ração para o gado**.

Iris (T Otoni, MG)

---

30 — Três — Ativei o fogo com **ramos secos** de uma **espécie de junco bravo**.

---

31 — Três. — **Lança** um curto clarão tôda **faísca elétrica**.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

★

CHARADAS SINCOPADAS

32 — Três (duas) — Naquela **azinhaga** lhe darão a **informação** que você procura.

Eurico II (Bauru, SP)

---

33 — Três (duas) — **É tolo**, mas sabe fazer um **engaste de pedra preciosa**.

Espartano (Rio)

---

34 — Três (duas) — Ao mau clima e hábitos **rudes** deve êle a origem dessas **borbulhas da cara**.

Florentino (J Pessoa, PB)

---

35 — Três (duas) — Como estou **alheio** aos acontecimentos, não me encontro **disposto** a entrar na política.

Gil Vírio (Andradina, SP)

---

36 — Três (duas) — O **bando de pândegos** surrou o **homem ordinário**.

Tia Joana (Caruaru, PE)

---

37 — Três (duas) — O veículo estêve em **risco** de cair no **abismo**.

Oswágrio Rodrigues (S. Ana do Matos, RN)

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNISSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

PRINCIPE Hotel

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

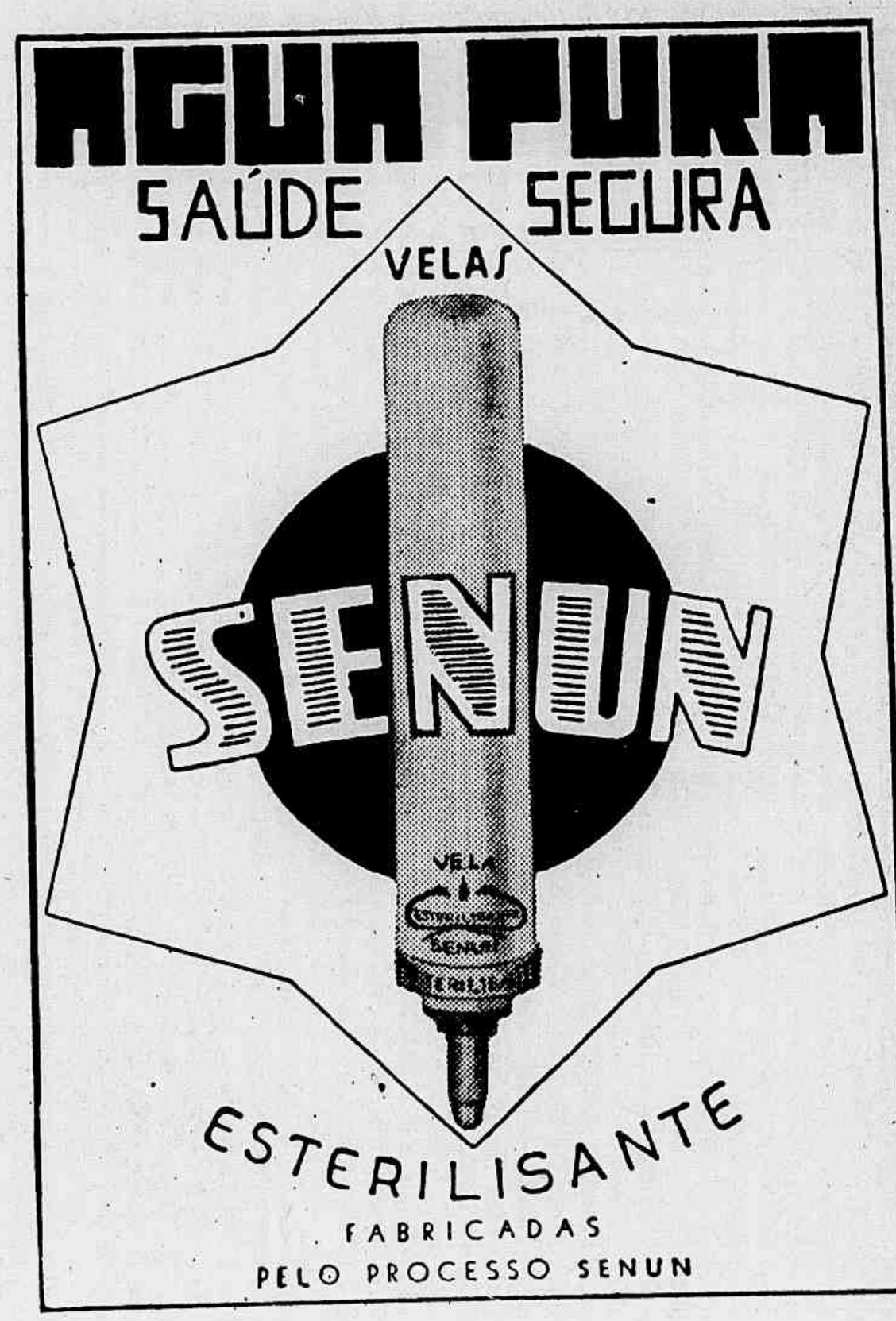
38 — Três (duas) — Porque êsse **mau costume** de pôr **defeito** em tudo?

Beatriz Cardoso (S. Paulo)

---

39 — Três (duas) — Sôbre a **oscilação** aparente da luz, Flammarion dá magnífica **explicação**.

Conselheiro (RN)



BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS

Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93 - 95
Telefone 43-8966
End. Telegr.
« B A N C O C I O »
Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355
AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9
AG. S. CRISTÓVÃO: R. S. Luiz Gonzaga, 173
AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367
AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7
A. COPACABANA: Av. N.S. Copacabana, 1155
AG. MADUREIRA: Estrada da Portela, 44

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

40 — Três (duas) — O **sujeito simplório** não passa, às vêzes, de um **inexperiente**.

Champollion (P. Alegre, RS)

---

41 — Três (duas) — Aquêle homem **que range os dentes** é o **garimpeiro que dirige o serviço do garimpo**.

Dr. Legnar (Urupês, SP)

---

42 — Três (duas) — Para o **ébrio habitual** beber é o único **recurso**.

Heron Silpes (Canavieiras, BA)

---

43 — Três (duas) — Quem se entrega a uma **paixão** sujeita-se ao seu **domínio**.

Jovaniro, CEC (Rio)

---

44 — Três (duas) — **Coisa sem valor** pouco **enfada**.

Sertanejo II (Lavras, MG)

45 — Três (duas) — O índio, indolente por natureza, só **pesca** quando tem **fome**.

Tonnew (Rio)

★

ENIGMAS

— 46 —

Êle se acha esfomeado
E tem o braço partido,
Mas será reanimado
E nem tudo está **perdido**. — (6 L)

Gil Vírio (Andradina, SP)

— 47 —

Conheces tela bem grossa
Que se usa em rêde dè barco?
Já vi igual lá na roça
Dependurada num marco — (6 L)
Onde?

Nilva, CEC (Rio)

— 48 —

Na bebedeira lhe disse
Um fraco adeus e mais nada...
Tamanha parlapatice
Foi pior que **chicotada**. — (7 L)

Asclépios, CEC (Rio)

— 49 —

(Ao El-Principe, admirando a sua "maldade")
Com a diamba espantado
Meteu-se um mestre graúdo.
E dêsse arbusto afamado
Sem saber a aplicação,
Viu-se em grande confusão
Aquêle que sabe tudo. — (9 L)

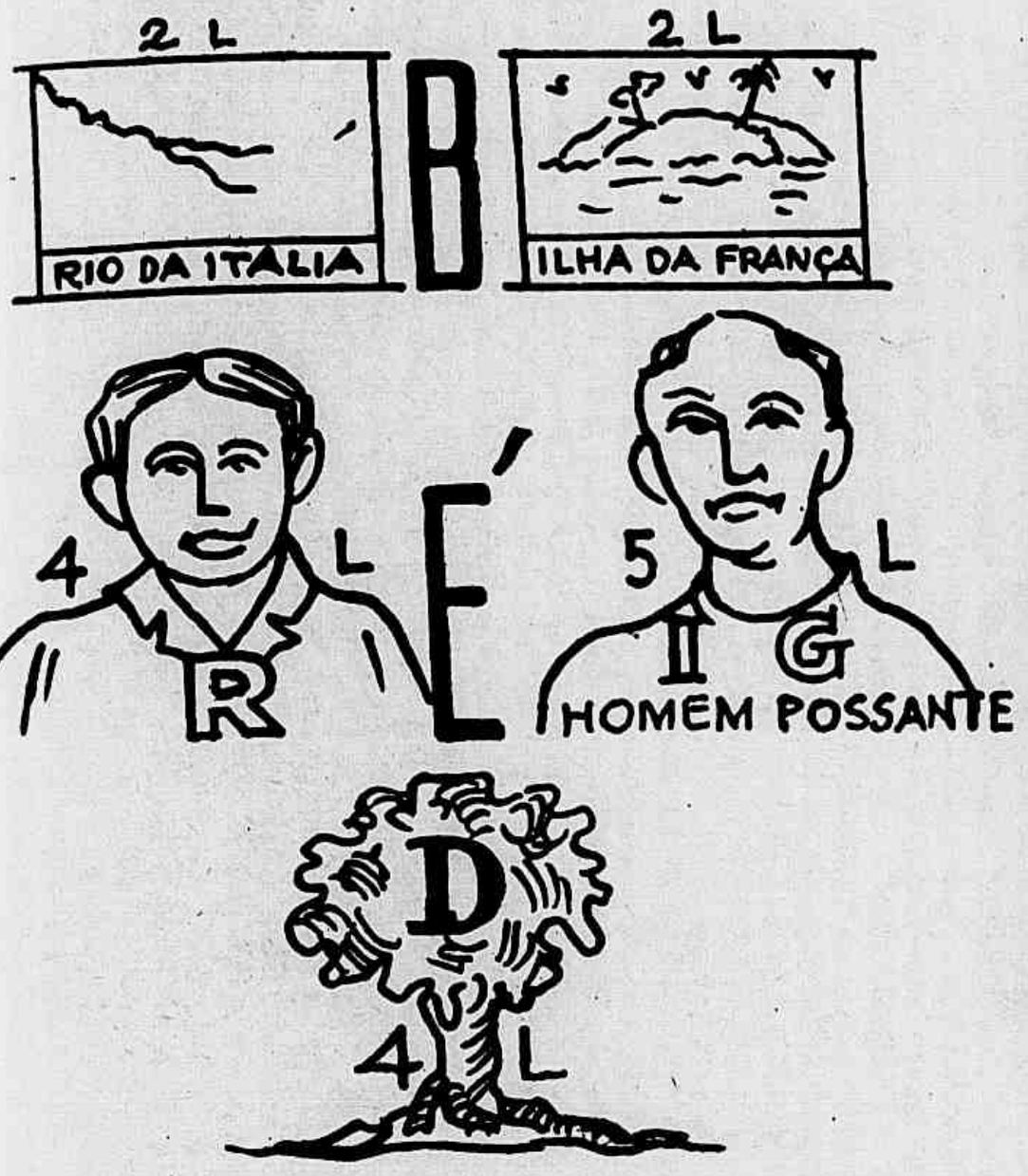
Heron Silpes (Canavieiras, BA)

★

ENIGMA PITORESCO — 50

Dom-Fafe (Rio)

ENIGMA FIGURADO — 51

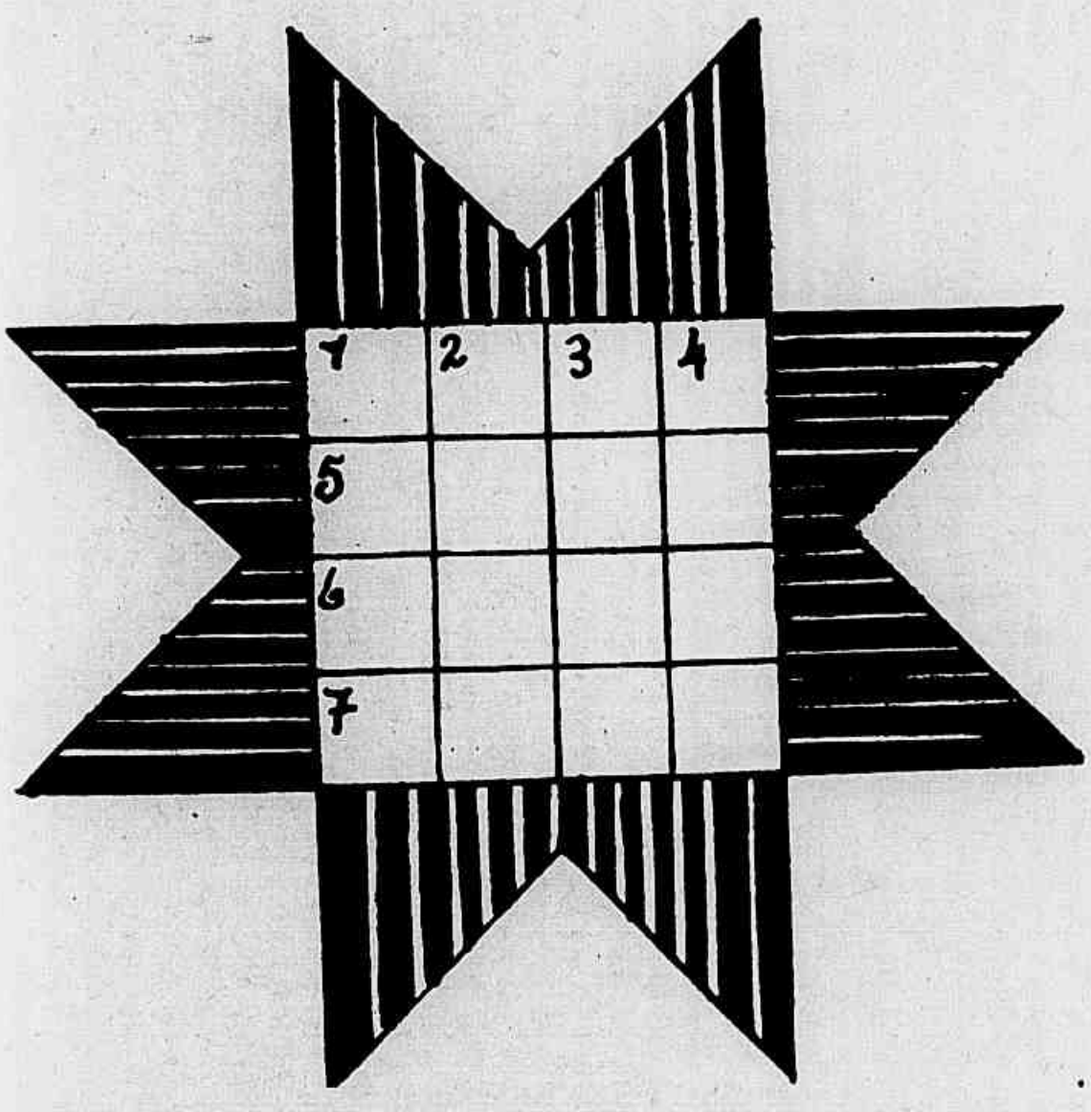


Dr. Lavrud (Rio)

★

PALAVRAS-CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1

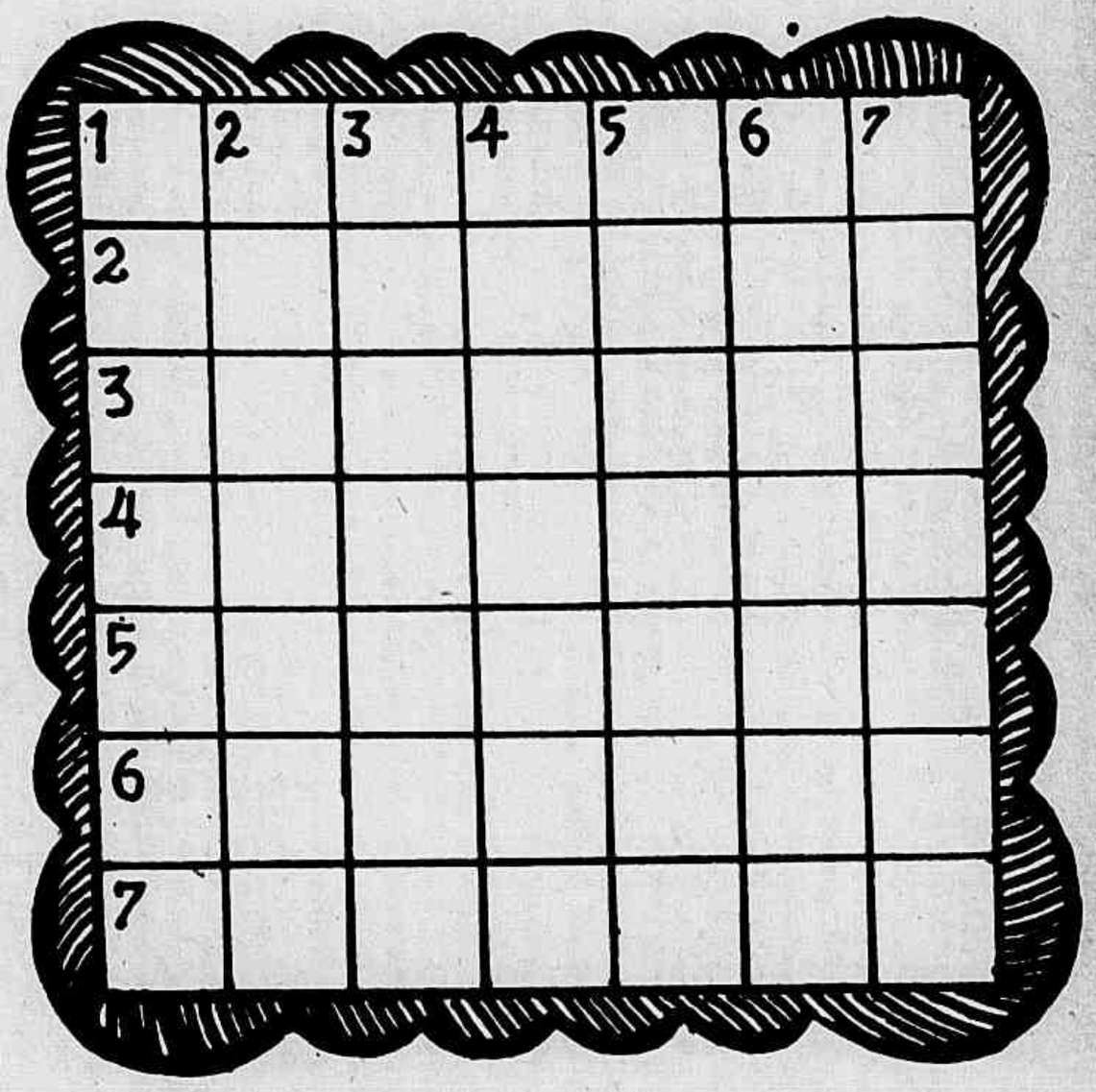


Oswágrio Rodrigues (Sant'Ana do Matos, RN)

Horizontais: 1 — Terra arroteada e própria para a cultura. 5 — Ramalhete. 6 — Agente do ato. 7 — Extraordinário.

Verticais: 1 — Lavrar. 2 — Fiasco. 3 — Afeição profunda. 4 — Correia dupla que sustenta o estribo.

PROBLEMA N.º 2



Plá, CEC (Rio)

Horizontais e verticais: 1 — Abafavas. 2 — Magnificência, pompa. 3 — Retribuíram. 4 — Nortista, cabeça-chata. 5 — Atravessavam. 6 — Acusado. 7 — Adicionamos.

★

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 25 de fevereiro:

Eurico II (Bauru, SP) — O progresso virá com o tempo. Continue remetendo as soluções que conseguir.. Quanto a logogrifos em prosa, não adotamos. Sòmente em versos, originais.

Oswágrio Rodrigues (S. Ana do Matos, RN) — Inscrito. Gratos pela excelente colaboração. O monossilábico de Japiassu está esgotado. O "Almanaque" pode ser pedido diretamente à redação, pelo reembôlso.

Dr. Alcino de Andrade (Souzas, SP) — Anotamos a mudança de seu pseudônimo. Mande colaboração.

Rafinha (P. Alegre, RS) — Queira, por gentileza, enviar-nos seu novo enderêço.

Lao (Rio) — As soluções do 3.º torneio de 1954 foram publicadas no número de julho de 1955.

Seu Gunele (P. Alegre, RS) — Gratos pelos belos trabalhos enviados. Prossiga.

Murilo Cézar (Rio) e **Muniz** (Rio) — Inscritos para todos os efeitos.

El-Principe (Uberaba), **Coringa** (Rio) e **Dropê** (Almada) — Recebemos as listas e os trabalhos. Gratos.

Espartano (Rio) e **Mozart X** (S. Paulo) — Inscritos.

NOTA

Na charada novíssima n.º 92, de autoria de Ronega, em fevereiro, o número de sílabas é "duas-três", tendo sido o engano fàcilmente percebido pela maioria dos decifradores.

CÍRCULO ENIGMÍSTICO CARIOCA

Foi empossada a 3 de março pp. a nova diretoria dessa prestigiosa agremiação, eleita para o biênio 1956-57 em assembléia geral realizada em 28 de janeiro, a qual ficou assim constituída: Presidente, Atenas; vice-presidente, Tutankâmon; secretário-geral, Farmacêutico; 1.º secretário, Al-Aiam; 2.º secretário, Filhote; 1º tesoureiro, Mickey Mouse; 2.º tesoureiro, Edpim; diretor-social, Cecé.

Para o triênio 1956-58 foram eleitos os seguintes membros efetivos do Conselho Consultivo: Buridan, Zelito, João Pestana, Argos, K. Brito, Alô Tropina, Sam e Tonô. Suplentes: Fusinho, Odlanid, Ceres e Py.

Nossos parabéns aos empossados e votos por uma administração profícua em prol das boas causas e do progresso do valoroso grêmio.

UMA ENTREVISTA

Em seu número correspondente à segunda quinzena de dezembro, publicou a "Gazeta Esportiva", de S. Paulo, interessantíssima entrevista concedida por nosso ilustre confrade Dr. Raif Kurban. São páginas dignas de ser lidas. Nelas o consagrado charadista faz, em brilhante retrospecto, a apologia da arte enigmística de que se confessa perpétuo adepto, formulando considerações de ordem geral, historiando, citando, comentando, referindo-se, a certa altura, à sua estréia aos onze anos de idade, com os primeiros trabalhos lançados nesta veterana seção. As fotografias que ilustram o texto dão bem idéia do entusiasmo do entrevistado.

Congratulamo-nos com a "Gazeta Esportiva" por tão oportuna realização.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A Marinha em Revista, com a seção "Édipo na Marinha", sob a direção de Fusinho; O Enigma, de S. Paulo; Artigas, de Montevidéu; Norte Charadista, em sua segunda fase, dirigida por Alvasco; Brasil Enigmista, desta Capital, editada e orientada por Ueniri; Charadismo e Cruzadismo, órgão oficial do C.E.C., em edição especial dedicada à memória do saudoso Lidaci.

"O LINCE"

Recebemos o número 1.271 dessa simpática revista de Juiz de Fora, comemorativa do seu 44.º aniversário, com expressiva dedicatória do confrade Telefone.

Tivemos a grata satisfação de verificar, na seção "Simpósio Charadístico", sob a direção dêsse distinto companheiro, o torneio "Quebra-cabeça", homenagem que nos é dedicada e que sinceramente agradecemos.

DR. LAVRUD EM S. PAULO

Acompanhado de sua exma. espôsa viajou, no comêço do ano, em gôzo de férias, pelo Estado de S. Paulo, o nosso diretor.

Em Santos, foi convidado para presidir a Assembléia Geral do C.E.S. no dia 28 de janeiro. Foi por essa ocasião eleita a nova diretoria daquela agremiação, que assim se constituiu: Presidente, Calpetus; vice-presidente, Cantagalo; 1.º secretário, Berbigão; 2.º secretário, Ferreirinha; 1.º tesoureiro, Persa; 2.º tesoureiro, Otrebla. Vogais: Caçula, Hercomo, Jobac. Conselho Fiscal: Arpetra, Oidaleh e Olin. Houve distribuição de prêmios e finalmente foi rendida especial homenagem a Julião Riminot, nosso antigo colaborador, conferindo-se-lhe o título de sócio honorário.

Em ambiente de franca cordialidade o dr. Lavrud foi muito homenageado, sendo oferecido aos presentes um Pôrto de honra.

Em Campinas, foi o nosso diretor recebido na aprazível vivenda do charadista Danton Toledo de Oliveira, onde teve o prazer de ser visitado por nossos veteranos colaboradores Oicaroh, Durmel e Don Roal, formando hoje os quatro verdadeiros **four de ases**.

DR. LAVRUD

O CASO DOS JARDINS SUSPENSOS

(Continuação da página 51)

— Quero saber como êste objeto foi parar nos «Jardins Suspensos» se você não andou andor por lá. Pense, Elsa!

— Eu... Sim; tem razão! Não o perdi ontem. Ainda esta manhã estava em minha bôlsa. — Deteve-se e acabou por relembrar o que havia ocorrido. — Deve ter caído hoje, quando me perdi nas grutas. Caí e todos os objetos se esparramaram pelo solo; tentei recuperar tudo, mas estava muito escuro... O perfume... Nem sequer pensei nêle. — Calou-se e olhou intrigada para Haney.

— Em que está pensando? — perguntou o policial.

— Em que, quando caí, **não me encontrava nos «Jardins Suspensos»**! Eu estava num local inteiramente desconhecido... em uma região das grutas que ainda não se encontra aberta ao público. **Foi ali onde minha bôlsa caiu!**

Haney fitou Woody e perguntou:

— Isso é possível, Woody? Alguém pode entrar numa gruta que ainda não está explorada?

— Não é possível — disse Woody, lentamente. — Existem várias entradas naturais, que dão acesso a outras cavernas. Mas, por motivo de segurança mandei fechar tôdas elas. Duvido que Elsa haja entrado em alguma região que eu desconheça.

— Pois assim foi, Woody! Estive na mesma gruta em que Powell se perdeu. Êle a descreveu para mim e para Walter.

Voltou-se para o delegado:

— O senhor Haney lembra-se do que eu disse esta noite. Disse que na gruta havia uma concreção com a forma de um leque, um leque aberto. E quando me perdi esta manhã, encontrei o leque. Reconheci-o por causa de sua descrição.

— Neste caso, depois que você saiu, alguém estêve na gruta inexplorada. Alguém que encontrou o objeto e o levou para os «Jardins Suspensos».

— Mas, para que? Por que faria semelhante coisa?

— Não sei — disse Haney. — Pode ser que eu esteja errado. — Afastou-se da moça e aproximou-se da chaminé. Olhou vagamente a lareira vazia e chegou-se novamente ao grupo.

— Bem, todos vocês fiquem aqui a minha espera! — ordenou.

Fêz um sinal a Sandy e ambos entraram no elevador. Desceram.

E todos ficaram silenciosos, nervosos mesmos, aguardando alguma novidade. Wes Gelb vigiava-os, enquanto os minutos corriam.

Passou-se um quarto de hora, antes de que Sandy reaparecesse trazendo as ordens de Haney. O grupo devia ser conduzido imediatamente aos «Jardins Suspensos».

Escoltados pela polícia, entraram no elevador, e mergulharam na terra.

As grutas estavam inundadas de luz. Caminhando em fila indiana ao longo do enorme corredor, passaram pela «Câmara de Ouro» e pelo «Belo Templo», e nada se ouvia além do ruído de seus próprios passos sôbre a rocha úmida, e o suave e rítmico gotejar da água. Finalmente chegaram aos «Jardins Suspensos» e assumiram um aspecto interrogativo diante do delegado. Êste aproximou-se imediatamente de Elsa e, tomando-a pelo braço, conduziu-a ao centro da câmara e fê-la deter-se ante «O Peixe Que Navega a Vela». Depois, sem virar a cabeça, disse:

— Nick, o interruptor está detrás de você. Quer apagar as luzes?

— Não! — Gritou Viviana. — Não, por favor!

Ouviu-se um estalido, e a seção ficou completamente às escuras, a mesma espantosa e mortal escuridão que envolvera Elsa naquela manhã. Ela, embora sabendo que se achava rodeada por muitas pessoas, que era Nick quem, tão perto dela, havia apagado as luzes, voltou a sentir o terror das «Grutas» e estremeceu.

Haney estava a seu lado e, amàvelmente, pediu que ela avançasse.

— «O Peixe Que Navega à Vela» — disse. — Toque nêle, Elsa. Passe a mão.

Elsa estendeu as mãos ràpidamente; seus dedos tocaram na pedra fria e úmida. Depois, passou ambas as mãos pela estriada superfície.

— É a mesma — disse ela. — É a mesma rocha!

— É o **leque**, não é verdade?

— **Sim, sim... Tenho certeza.**

— É o leque no qual você pegou quando andava perdida esta manhã. E é o mesmo que Robert Powell encontrou quando sofreu o acidente. — Murmurou, depois, em voz mais alta.

— Nick, você quer acender a luz?

A câmara iluminou-se resplandentemente, e Elsa ficou a olhar a figura que tinha diante de si. Sim, foi êste o lugar em que estivera quando julgou-se irremediàvelmente perdida, aqui, nos «Jardins Suspensos». E o leque que tanto horror lhe causara, não era mais que a barbatana do peixe. Sim, na realidade não passava de uma barbatana; porém, na escuridão, o vívido contôrno do peixe não existia, era uma pedra plana, e a barbatana parecia um leque, um leque aberto.

Circunvagueou o olhar assombrado pela maravilhosa gruta, recordando as horas de tortura que dentro dela havia passado Robert, e tudo aquilo lhe pareceu um verdadeiro inferno. Tentava, em vão, controlar os calafrios que lhe percorriam o corpo.

— É êste o lugar no qual ficou enterrado... — murmurou. — Onde estêve a ponto de morrer...

Woody se aproximou de Haney com expressão de grande surprêsa.

— Foi para isso que o senhor nos trouxe aqui? Foi isto o que quis mostrar?

— Sim, precisava ter uma certeza. Tinha de saber com segurança que esta foi a gruta onde Robert Powell estêve encerrado.

— E acredita que conseguiu saber? — perguntou Woody. — Sòmente porque Elsa julga ser êste pedaço de rocha o mesmo que Robert descreveu?

— Elsa está certa disto — replicou Haney com voz dura. — Você mesmo ouviu tudo.

Woody voltou-se para Elsa, sorrindo.

— Elsa, você conhece muito bem estas grutas. Sabe quantas formações estranhas nelas existem. São centenas, milhares, Elsa! E simplesmente porque uma pedra desta câmara posui a forma de um leque, isto não quer dizer que seja a mesma em que Robert quase morria soterrado.

— Êle descreveu-a muito bem, Woody! Por isso deve ser a mesma, deve ser a mesma!... Oh, não! Não, Woody, estou errada! Claro que estou errada! — Adiantou-se para o delegado. — O senhor Haney não compreende? Muito antes do acidente, Woody conhecia esta caverna. Sabia como chegar a ela passando pelas outras. Se foi aqui onde o senhor Powell ficou enterrado, Woody podia tê-lo encontrado imediatamente...

Deteve-se, e houve um silêncio de morte dentro da gruta.

Finalmente falou Febe, que estava olhando tràgicamente para seu marido.

— É isso, Woody? Foi assim que aconteceu? Tinha possibilidade de salvar Robert, de retirá-lo imediatamente das cavernas... e não o fêz? Deixou-o aqui durante horas e horas, enquanto os homens escavavam. E sabia que cada minuto passado significava a aproximação da morte... E deixou-o abandonado?

Woody olhava-a transtornado, incapaz de protestar com palavras contra a acusação que lhe faziam, porém, negando com veementes movimentos de cabeça.

— E o próprio Robert, ontem mesmo, tomou conhecimento disto, quando aqui estêve pela última vez. Finalmente êle soube a verdade sôbre a verdadeira conduta de você para com êle.

— Não, Febe... Escute-me...

Febe se afastou do marido.

— Woody assassinou Robert! Era isso o que queria demonstrar o senhor Haney, não é verdade? Foi para isso que descemos, não foi?

— Sim, é o que suponho. E assim aconteceu, não é certo, Woody? Ontem, você encontrou Robert nas grutas. Êle lhe disse o que havia descoberto e você o assassinou.

— Não; o senhor não sabe. Não sabe o que está dizendo! Não se recorda mais do motivo que fêz Robert descer às grutas? Já se esqueceu do encontro? Viu Lola e Nick juntos! O senhor acha que num momento dêsses êle ia pensar num acidente ocorrido há cêrca de seis anos?

— Não, Woody, êle não encontrou aqui nem Nick nem Lola. Haney se aproximou de Viviana e olhou-a frente a frente.

— Senhorita Powell — continuou — não há mais razões para temores. Ninguém mais pode acusá-la de assassinato. E não é possível continuar mentindo. Sei que não ouviu Lola e Nick marcarem encontro. Responda!

— Não! Não ouvi — murmurou Viviana. — Menti.

— Foi você quem chamou Nick por telefone? — continuou o delegado.

— Sim.

— Lola também?

— Não... Lola, não... Tentei falar com ela, mas não foi possível. Não a encontrei.

Haney se aproximou lentamente de Woody Ryan.

— Já sei de tudo, Woody. Robert não encontrou nem Nick nem Lola. Encontrou a verdade sôbre você. Compreendeu que você queria que êle morresse... e soube o motivo. Sim, faz muito tempo que ocorreu o acidente. Por essa ócasião, você ainda não sabia que iam construir a estrada que haveria de converter as grutas numa verdadeira mina de ouro. E julgou que fôsse a única maneira de conseguir dinheiro, porquanto sua mulher iria herdar. Êle veio a tomar conhecimento dêsses fatos sòmente ontem... então, você foi forçado a matá-lo.

— Não — disse Woody — Ouçam-me...

— Elsa — disse Haney — Walter Carr estêve ontem com você, não é verdade? Ouviu a narração de Robert, quando contou como havia ficado aprisionado na caverna e quando descreveu o leque?

— Sim — respondeu Elsa — Walter Carr estava conosco.

— A verdade é que êle tirou suas conclusões, do mesmo modo que eu. E tentou fazer uma **chantage** com você, Woody. Por isso você o matou também.

— Não é verdade! Não é verdade! Porque haveria de assassinar Walter? Não havia razões para matar nênhum dos dois. Suponhamos que o que você disse é verdade. Mesmo que eu tivesse podido salvá-lo imediatamente, e nada houvesse feito para isso. Que poderia fazer êle? Eu não teria cometido crime algum! E depois, não se podia provar nada contra mim!

— Não precisava provar nada, Woody. Para que êle levasse a efeito uma vingança, não havia necessidade de provas. E nem sequer precisava da lei. A estrada que leva às grutas passa por sua propriedade. Se êle mandasse fechar, não haveria meios de entrar nelas pela estrada. E isso representaria o fim das grutas, Woody. Então, você voltaria a ser o que era antes: um simples lavrador, proprietário de um miserável lote de terra na montanha, sem valor e sem qualquer saída... Foi esta a ameaça que êle lhe fêz, não? E por isso o assassinou, para salvar-se, para conservar a sua fortuna.

Woody baixou a cabeça completamente derrotado.

— Está bem. Foi como o senhor disse. Fiquei surpreendido ao ver que Robert descia às grutas e resolvi segui-lo. Quando reconheceu os «Jardins Suspensos», tentei levar na brincadeira. Mas êle compreendeu tudo. E depois... matei-o. Pensei em esconder o cadáver, mas Elsa desceu, e ao ouvi-la chegar comecei a correr para as «Três Bruxas», onde a encontrei. Creio que esta manhã equivocou-se na mesma entrada. Nunca pensei que as coisas terminassem assim. Esperava que tudo se arranjasse no fim. — Encolheu os ombros e acrescentou: — Vamos sair daqui, senhor Haney. Terminemos isso de uma vez.

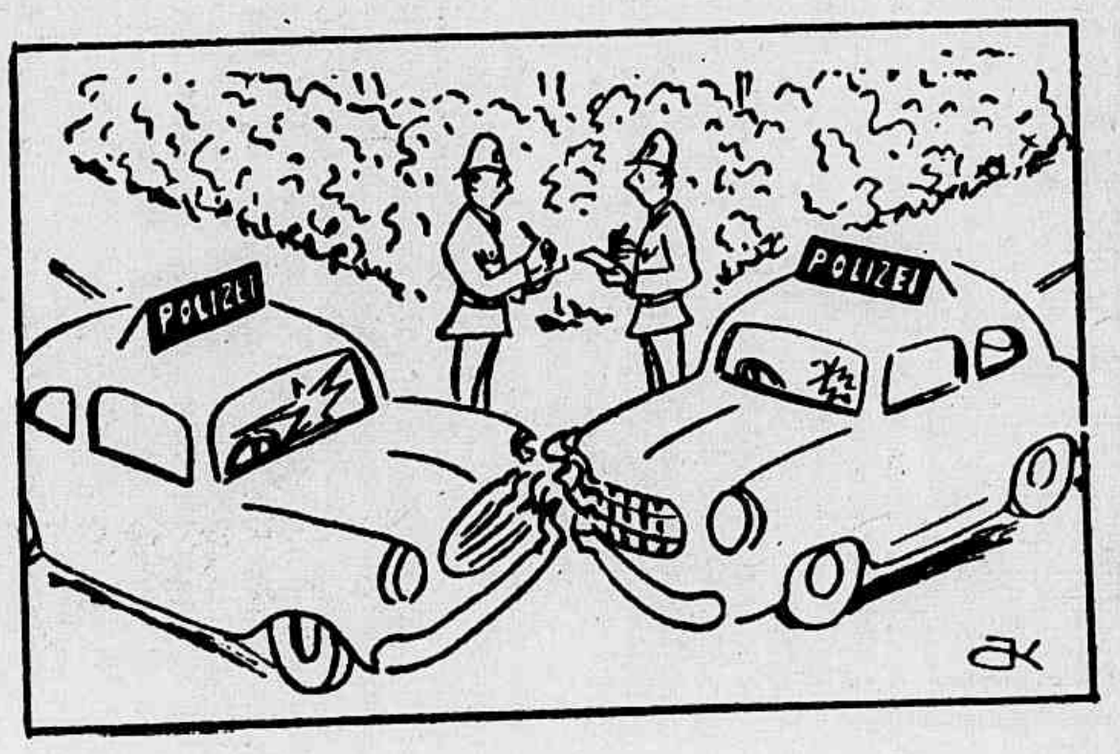
Silenciosos, em triste procissão, começaram a se retirar. Lola Kramer andava sem dizer uma palavra. Elsa ouviu seus passos provocarem ecos no corredor; mas depois, tudo ficou em silêncio. Dirigiu o olhar para os outros. Viviana andava encostada à parede; Febe e Nick pareciam petrificados.

— Viviana — disse, finalmente, Nick — irei levar você em casa.

— Não — disse Febe, fazendo um esfôrço como para despertar. — Eu irei com ela. Nick acompanhará Elsa. Para vocês dois, tudo agora se arranjará muito bem...

— Sim — disse Nick.

E voltando-se para Elsa envolveu-a com os braços. A seguir, de mãos dadas, saíram juntos das cavernas.



EU SEI TUDO

N.º 467 — Ano XXXIX N.º 11 — Abril — 1956

CORRESPONDÊNCIA

Guilhermina de Morais, Malinhota do Vouga, Portugal — Gratos por suas boas palavras. Dificuldades técnicas impedem a realização do que nos pede. Futuramente, talvez...

A. C. Lacel, Av. Brasil 1335, C/Postal 1982 — Campinas, S. Paulo — É nossa intenção prosseguir com essa orientação, oferecendo aos nossos leitores essas leituras instrutivas. No momento temos redator especializado. Anotamos, entretanto, o enderêço que nos forneceu, para um possível interêsse futuro.

Eugênio Tavares Martins, Rua 11 de Junho, 541, Sto. André. Est. de S. Paulo — Tem o amigo muita razão quanto ao primeiro item. Com relação ao segundo, O Mistério das Esferas Vermelhas é prova de que somos favoráveis às novelas fantásticas. De qualquer maneira, somos gratos por seu interêsse.

SUMARIO:

A carta de amor... (conto)	5 a	8
Conselhos de uma quituteira		8
Leitor, você é um milagre!	9 a	10
A grande sacerdotisa (conto)	11 a	17
O cadáver de João Ninguém (episódio real)		18
A Terra chamando Marte (Pode existir vida fora da Terra?)	19 a	22
Êste mundo louco		22
Páginas imortais: A família do presidente		23
Homeopatia: A constituição carbônica	24 a	26
Telescópio eletrônico		26
Sôbre as linhas das mãos		26
Paz doméstica		26
Maravilha da ciência: Os pioneiros da civilização atômica	27 a	34
A morte com meias de sêda (cont.)	35 a	42
Dançar, excelente remédio mental		43
E o almôço?		44
Coisas de Tio Sam		44
O caso dos jardins suspensos (conclusão)	45 a	51
O Sal, Essa Maravilha!	52 a	58
O assassino que tinha consciência (Segredos de Scotland Yard)	59 a	62
Comédia e drama no reino animal da África	63 a	66
O mistério das águas	67 a	72
Nova vacina antivariólica		72
Enxêrto de rins		72
Distraia-se com o seu cérebro	73 e	74
Napoleão e a literatura		73
Sinais de amor verdadeiro		73
Nova luz sôbre a elaboração da matéria orgânica		74
Novo avião de 185 toneladas		74
Para que mais?		74
Neblinas da História: Romance de um príncipe	75 a	82
Como é fácil saber tudo — Dicionário de nomes próprios		83
Como a Palestina se tornou a Terra Santa	84 a	90
Tudo se explica		90
A pupila do rei (romance, 1.º capítulo)	91 a	94
Memento EU SEI TUDO - Fevereiro de 1956		95
Charadas, Quebra-cabeças		113

A CAPA São Jorge, que conta, talvez, com o maior número de devotos entre os brasileiros, tem neste mês a sua festa. Sua história e sua lenda se confundem de tal forma que hoje é impossível distinguir quando finda uma e onde começa outra. De qualquer forma o glorioso santo é amado por todos. A imagem que apresentamos em nossa capa está na sede da Sociedade Carnavalesca dos Tenentes, nesta capital, sendo considerada uma das mais belas existentes na cidade.